Nestor Massena

A IGREJA EM BARBACENA

Achêgas para a sua Cronografia

1952
RIO DE JANEIRO

Apresentação

Publicado pela primeira e única vez em 1952 pela editora do I.B.G.E., hoje praticamente não é possível mais encontrar exemplares desta obra.

Para aqueles que o título pode soar desinteressante, adianto-lhes que autor foi muito além do que o nome de seu livro sugeriu, pois não se limitou a fazer uma cronologia de fatos exclusivamente religiosos. A presente obra traz episódios diversos a respeito da história de nosso Município, notas biográficas daqueles que o autor chamou de "Barbacenenses de Prol" e muitas outras informações curiosas.

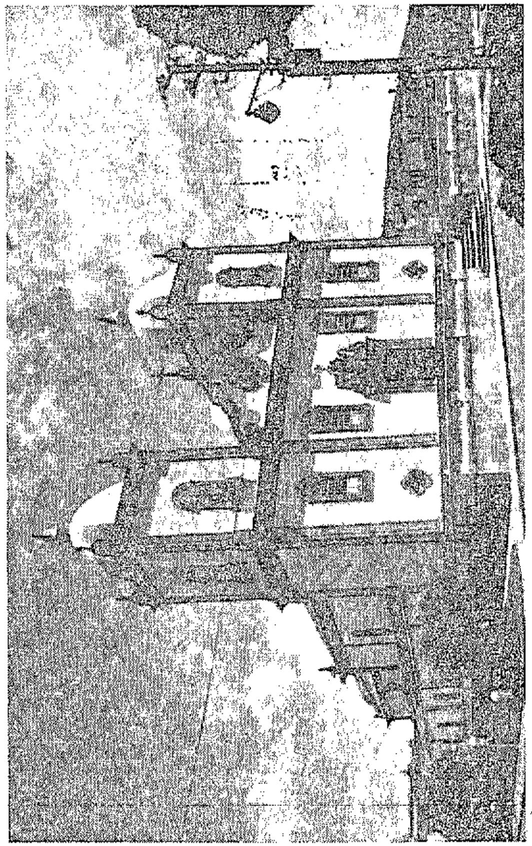
Como se trata de uma rara e valiosa fonte para pesquisas, sua digitalização se justifica como garantia do acesso à educação e cultura, que não pode sofrer uma limitação absoluta pelos Direitos Autorais, principalmente nestes casos em que a edição encontra-se esgotada há tantas décadas e provavelmente nunca mais haverá outra.

Espero que gostem do que encontrarão nas páginas seguintes. Desejo-lhes uma boa leitura.

Barbacena, 07 de dezembro de 2011

Alex Guedes dos Anjos

E-mail: alex.guedesdosanjos@gmail.com



Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

Para atender ao desejo do atual vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade *de Barbacena Cônego* Mario Quintão, *em apêlo por intermédio do Deputado* José Bonifácio, *coordenei os elementos para êste modesto trabalho sôbre* A Igreja em Barbacena, *em comemoração do Primeiro Congresso Regional Mariano reunido nesta cidade no ano corrente.*

Organizado, em cêrca de quinze dias, nos lazeres do árduo exercício das funções de Secretário Geral da Presidência da Câmara dos Deputados, com a invocada colaboração dos meus ilustrados amigos padres Symphronio Augusto de Castro *e* Raul de Azeredo Coutinho, *aos quais agradeço a sua preciosa colaboração, êste volume servirá de base para ulteriores desenvolvimentos pelos que puderem acrescê-lo, ou retificá-lo, e será demonstração de estima à maravilhosa terra de meus ascendentes paternos.*

Dedico a meu pai, que me iniciou no estudo do nosso passado, com perene gratidão e infinita saudade, estas fracas achêgas para a cronografia da sua bela cidade.

Rio, 1951

Nestor Massena

VIGÁRIOS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DE BARBACENA, ORIGINÀRIAMENTE DA IGREJA NOVA DO ARRAIAL DA BORDA DO CAMPO

(Primeira paróquia de Barbacena)

1.°	— Luiz Pereira da Silva	13-1-1726	a	29-1-1727
2.°	— Luiz Antônio de Castello Branco	27-2-1727	a	20-6-1732
3.°	— José de Freitas	27-7-1732	a	7-6-1740
4.°	— José Felipe de Gusmão e Silva	1-2-1741	a	15-7-1741
5.°	— José de Freitas	15-7-1741	a	26-6-1742
5.° a	— Simão Gonçalves de São José, interino	3-7-1742	a	26-6-1743
6.°	— Manoel da Silva Lagoinha	21-7-1743	a	12-8-1746
7.°	— Manoel de Loureiro	17-8-1746	a	28-12-1747
8.°	— Francisco de Almeida Faria	22-1-1748	a	31-3-1748
8.° a	— Manoel Pereira de Azevedo, interino	27-4-1748	a	31-7-1748
9.°	— Antônio Pereira Henriques	17-10-1748	a	9-1-1750
10.°	— Antônio de Lima Soares	19-1-1750	a	3-2-1751
11.°	— Jerônimo da Fonseca Alves	8-2-1751	a	30-6-1752
12.°	— Feliciano Pita de Castro (Primeiro vigário colado. Nomeação 21-1-1785)	3-7-1752 (posse)	a	21-6-1784
12.° a	— Luiz Pereira Gonzaga, interino,	18-7-1769	a	25-7-1772
12.° b	— Dr. João Soares Aranha Brandão, interino	12-11-1769	a	22-1-1771
12.° c	— José Dias dos Santos, interino	8-8-1779	a	
12.° d	— Manoel Antonio de Faria Moreira, interino	21-7-1784	a	10-10-1784
12.° e	— Antonio Monteiro de Souza Galvão, interino	11-1784	a	16-4-1786
13.°	— Agostinho Pita de Castro (Segundo vigário colado. Nomeação 21-1-1785)	16-4-1786 (posse)	a	23-9-1816
13.° a	— Manoel José de Oliveira, interino	23-9-1816	a	27-11-1817
14.°	— José Joaquim Ferreira Armond	27-12-1817	a	1820
15.°	— Antônio Marques de Sampaio (Terceiro vigário colado)	1-1821	a	1839
16.°	— Joaquim Camilo de Brito (Quarto vigário colado)	1839	a	1856
16.° a	— José Joaquim Correia de Almeida, interino	1846	a	1847
16.° b	— José Joaquim Correia de Almeida, interino	12-1856	a	12-1857
17.°	— Jerônimo Gonçalves da Silva Macedo	1857	a	12-1858
18.° a	— José Augusto de Almeida, pro-páraco, interino	1881	a	12-1881
18.° a	— José Augusto de Almeida, pro-páraco, interino	1881	a	12-1881
19.°	— José Augusto Ferreira da Silva	1-1882	a	21-3-1898
19.° a	— José Maria Ferreira Velho, interino (Nomeado não tomou posse)	31-3-1898		

19.º b — Antonio Carlos de Castro, interino ...... e 31-3-1898 a 8-10-1898
19.º c — Silvino Ferreira de Castro, interino (Cumulativamente o 19.º b e o 19.º c) ....
20.º — Marcos José de Oliveira Lopes .... 8-10-1898 a 4-2-1900
20.º a — Antônio Carlos de Castro, pró-vigário, interino .... 4-2-1900 a 5-1901
21.º — Julio José Ferreira (Não tomou posse) ... 5-1901 —
22.º — Antonio Carlos de Castro .... 5-1901 a 8-12-1908
23.º — Francisco Lopes de Araujo, 1.º período .... 8-12-1908 a 8-1918
2.º período .... 19-3-1923 a 3-1932
23.º a — José Custodio Brandão Guedes, interino ... 1917 a 10-1920
23.º b — Raul de Azeredo Coutinho, interino .... 1932 a 9-4-1934
24.º — Raul de Azeredo Coutinho .... 9-4-1934 a 1-5-1942
24.º a — Aristides Clemente Teixeira, interino ..... 1-5-1942 a 4-1943
25.º — José da Silveira Lobo .... 4-1943 a 6-1-1949
25.º a — Cicero Sales, interino .... 10-1948 a 5-1949
26.º — Mario Quintão .... 1949 a

VIGÁRIOS DA PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ

(Segunda paróquia de Barbacena)

1.º — Aristides Clemente Teixeira .... 2-1943 a 2-1944
1.º a — Raul de Azeredo Coutinho, interino .... 2-1944 a 4-1944
2.º — Mauro Faria .... 4-1944 a 4-1947
3.º — Almir Rezende .... 4-1947 a 4-1948
4.º — Lauro Rezende .... 4-1948 a

* * *

COADJUTORES DOS VIGÁRIOS DE BARBACENA

Entre os coadjutores dos vigários da poróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena figuram os seguintes:

Do vigário Feliciano Pita de Castro:

1.º — João Coelho da Rocha .... 1753 a 1762
2.º — Manoel Pereira de Azevedo .... 1757 a 1760
3.º — João Alves Barroso 1762
4.º — Luis Pereira Gonzaga .... 1768 a 1771
5.º — Domingos Rodrigues da Costa .... 1769 a 1772
6.º — José da Costa Oliveira .... 1769 a 1772
7.º — Dr. João Soares Aranha Brandão .... 12-11-1769 a 22-11-1771
8.º — Manoel Antonio de Faria Moreira .... 1770 a 21-6-1784 (data da morte do vigário)

9.º — Francisco da Costa e Abreu .... 1778 a 1779
10.º — José Dias dos Santos .... 8-8-1779 a 9-4-1780

Do vigário Agostinho Pita de Castro:

1.º — Francisco da Costa Abreu .... 1786 a 1789
2.º — Antonio José Rodrigues .... a 13-5-1797
3.º — José de Faria Brum .... a 26-6-1813
4.º — Francisco de Sales Alvares de Azevedo ... a 8-9-1808
5.º — Antonio Rodrigues de Camargo Lobato ... a 1814
6.º — Antonio de Campos Maciel .... a 8-1-1816

Do vigário Antonio Marques de Sampaio:

1.º — Manoel José de Oliveira .... 23-9-1826 a 27-11-1827
2.º — Miguel Francisco da Silva .... 1829 a 1838

Do vigário Joaquim Camilo de Brito (1839-1856):

1.º — João Joaquim Mendes
2.º — José Joaquim de Carvalho
3.º — Joaquim Gonçalves Barbosa
4.º — José Joaquim Correia de Almeida

Do vigário monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro:

1.º — Marcelino José Ferreira .... 1857 a 1858
2.º — Manoel Muniz de Azevedo Coutinho 1859
3.º — João José dos Passos
4.º — José Augusto de Almeida .... 1872 a 1878

Do vigário monsenhor José Augusto Ferreira da Silva:

1.º — Padre Silvino Ferreira de Castro 1888
2.º — Padre Antonio Carlos de Castro

Do vigário Marcos de Oliveira Lopes:

1.º — Padre Silvino Ferreira de Castro .... 1898 a 1900

Do vigário Francisco Lopes de Araujo (1908-1932):

1.º — José Custodio Brandão Guedes
2.º — José Torquato da Rocha Filgueiras
3.º — Horácio Marques da Rocha
4.º — José de Oliveira Barreto
5.º — Aristides Marques da Rocha
6.º — Agostinho Maria Soeiro Pinto
7.º — Galdino Malta
8.º — Randolfo Henriques
9.º — Raul de Azeredo Coutinho
10.º — Raimundo Martins

11.° — Mario Quintão
12.° — Cicero Sales
13.° — Benevenuto de Paula Campos
14.° — Boanerges de Serpa
15.° — José de Freitas Pacis
16.° — Joaquim Araujo

Do vigário Raul de Azeredo Coutinho:
1.° — Agostinho Rezende
2.° — José Grossi
3.° — Lincoln Ramos
4.° — Geraldo Teixeira

Do vigário José de Almeida Lobo:
1.° — José Versiani Veloso

Do vigário Mario Quintão:
1.° — Egidio Reis
2.° — Sebastião Mendes

Do vigário Lauro Rezende (2.ª paróquia):
1.° — Geraldo Rezende

° ° °

Êstes quadros baseiam-se em dados colhidos pelo erudito e sempre lembrado professor Soares Ferreira *nos livros da Matriz de Nossa Senhora da* Piedade *de Barbacena, divulgados na imprensa local, dessa cidade, em dados por nós colhidos na Biblioteca Nacional e, graças à bondade do saudoso* Max Fleiuss, *no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando escrevemos* Barbacenenses de Prol, *e, ainda, no exame dêsses dados pelos reverendos padres* Symphronio Augusto de Castro *e* Raul de Azeredo Coutinho, *que nos fizeram a gentileza, pelo que lhes renovamos sinceros agradecimentos, de corrigir os seus erros e diminuir as suas falhas, de modo a tornar, quanto possível, completa e sem equívoco, a relação dos vigários das atuais duas paróquias de Barbacena com a determinação do período de cada vicariato.*

Ainda há, nestes quadros, falhas e, possìvelmente, erros, que serão, talvez, sanados, futuramente, com dados colhidos no arquivo da diocese de Mariana, dos quais, aliás, já nos servimos, ao elaborá-los, por obsequiosidade, a que somos deveras reconhecidos, do cônego Raimundo Trindade, *por intermédio do padre* Symphronio Augusto de Castro.

N. M.

De 1500 a 1700

Descoberto o Brasil em 22 de abril de 1500, na frota do almirante Pedro Alvares Cabral, que ancorou em Porto Seguro, viajava frei d. Henrique de Coimbra, que celebrou, então, missa nas terras que estavam sendo encontradas. Essas terras ficaram consideradas como pertencentes à Ordem de Cristo e sujeitas, no espiritual, ao vigário de Thomar, em Portugal.

Em 12 de junho de 1514, a Santa Sé expedia bula com a criação do bispado de Funchal, com jurisdição sôbre o Brasil. E, em 1526, o padre Gonçalo Monteiro foi despachado para o Brasil, pelo arcebispado de Lisboa, como vigário.

Em 25 de fevereiro de 1551, separado o Brasil da diocese de Funchal e tornado sufragâneo do arcebispado de Lisboa, foi nomeado o seu primeiro Bispo — Pero Fernandes Sardinha.

Em 1576, a Santa Sé dividiu o Brasil em duas províncias eclesiásticas — a da Bahia e a da prelazia do Rio de Janeiro. Para exercer a jurisdição da prelazia do Rio de Janeiro, foi nomeado o padre Bartolomeu Simões Pereira, cuja posse verificou-se em 1577.

Em 21 de julho de 1674, Fernão Dias Pais partiu, à procura de esmeraldas, de Sant'Ana da Parnaiba, São Paulo, em companhia de seus filhos Garcia Rodrigues Pais, legítimo, e José Dias Pais, natural, tendo atravessado a serra da Mantiqueira e atingido o rio das Mortes e a Borda do Campo, para atingir, após, as cabeceiras do rio das Velhas. Em 1680, Fernão Dias Pais renovou a sua expedição à procura de esmeraldas, tendo falecido, no meiado do ano seguinte, de febre palustre, à margem do rio das Velhas.

Em 1685, Garcia Rodrigues Pais, em companhia de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme e de Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, partiu de São Paulo com destino ao interior de Minas. Em 1698, Garcia Rodrigues Pais e Domingos Rodrigues da Fonseca Leme estabeleceram-se na Borda do Campo. Em 1699, Garcia Rodrigues Pais concluiu o picadão do Caminho Novo até a Borda do Campo, ultimando o caminho até o Paraíba, onde está hoje a cidade de Paraíba do Sul.

Barbacena foi, segundo o professor José Cypriano Soares Ferreira, em *Resumo histórico do Município de Barbacena*, "a princípio, pequena aldeia de índios Purís, formada por padres jesuitas, das bandeiras que por aqui passaram, junto às cabeceiras do Rio das Mortes, no sítio então denominado Borda do Campo. Êsses aborígenes, oriundos da grande nação Tupy, ocupavam a zona do campo desde a Mantiqueira, tendo por vizinhos os Coroados, a leste, nas matas marginais do Rio Pomba, e os Carijós, ao norte, os quais, tendo vindo do sul, se espalharam pelas regiões de Queluz" (hoje Conselheiro Lafaiete e, primitivamente, Conceição dos Carijós) "e Congonhas do Campo".

Ainda segundo o professor Soares Ferreira, no retro-citado trabalho, o arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, de que resultou a cidade de Barbacena, "iniciou-se com a fixação de moradores de fazendas circunvizinhas, que constituiram a primitiva freguezia de Nossa Senhora da Piedade. Os primeiros povoadores dos arredores, pois ainda não havia núcleo de povoação, foram paulistas e portuguezes, os quais, procedendo, em maioria, de Taubaté, transpondo a Mantiqueira pela garganta de Embaú, hoje Cruzeiro, aqui se estabeleceram com suas famílias e escravos, desbravaram êstes sertões e entregaram-se, a princípio, à faina da mineração e, logo depois, à lavoura e à criação, que lhes eram mais rendosas devido à recente abertura do Caminho Novo, também chamado "das partes de São Paulo", ou do Rio Grande".

° ° °

De 1701 a 1750

Em 1702, Garcia Rodrigues Pais saiu de São Sebastião do Rio Abaixo e foi à Borda do Campo. Nesse mesmo ano, determinou êle a construção, sob a administração do seu genro, Manoel de Sá e Figueiredo, da capela de Nossa Senhora do Pilar do Registo Velho.

Em 9 de junho de 1710, foram, por decreto real, expulsos das Minas Gerais todos os padres e frades que não fôssem vigários. Em 1711 (segundo José Bonifacio de Andrada e Silva, no *Jornal do Comércio*, do Rio, de 4 de fevereiro de 1845), começou a edificação da capela da fazenda da Borda do Campo.

Augusto de Lima Junior já descreveu o nascimento de Barbacena. Assim nos narrou o erudito e brilhante escritor o que foi a formação dêste glorioso núcleo de população mineira:

"AS PRIMEIRAS bandeiras que penetraram no território mais tarde denominado de Minas Gerais, depois de vadearem o rio Grande subiram o curso do rio das Mortes até quase às cabeceiras, onde tomaram as margens de um afluente direito, o Caieiro, pelo qual foram ter ao vale do ribeirão de Alberto Dias. Daí em diante, pelos espigões desnudos seguiram pela Ressaca em direção às Gerais, guiados pelos alcantis das montanhas. Começando o povoamento, o rio das Mortes foi logo reconhecido em todo o seu percurso e, como próximo de suas beiras, em direção à Mantiqueira, começavam a elevar-se florestas colossais que se perdiam de vista no horizonte, as terras, a cavaleiro das vertentes do rio famoso, tomaram o nome de "Borda do Campo", porque nelas se distinguia nìtidamente a diversidade natural entre as matas que se mostravam nos grimpos da serra e os campos sem fim do planalto mineiro. Onde chegava um aventureiro e fincava seu rancho de palha, fixando-se no local, para minerar ou negociar, plantando uma roça de milho para vender aos viajantes, erguia-se logo um cruzeiro e em seguida a capelinha com muros de taipa e teto de sapé em cujo altar se colocava a pequena imagem do Santo da devoção que se transportava no surrão viageiro. Êsse costume do passado se conserva em nossos dias e onde navegam tropas com mais de duas marchas levam os tocadores seus padroeiros que penduram nas cobertas onde arrancham. Um dêsses casebres de origem obscura e anônima foi

próximo de um vau do rio das Mortes, em local que ainda hoje se chama de Campolide, pouco distante da atual Colônia Rodrigo Silva. Com a abertura do caminho novo para o Rio de Janeiro, iniciado por Garcia Rodrigues e continuado pelo coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, ganhou a região um notável impulso de povoamento, estabelecendo-se várias fazendas nas encostas dos vales, minerando uns, plantando outros, e todos negociando com os forasteiros que em grande número por ali passavam, vindo ou indo das Minas de Ouro para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Cada fazenda tinha sua ermida e seu capelão.

Gente que nunca faltou nas Minas, nesses tempos remotos, foram frades e padres, que, bem ou mal, deixaram uma obra benemérita de organização e religiosidade nessas populações bárbaras que amavam a Deus de um modo especial, obedecendo às suas leis quando era conveniente a cada um.

Na modesta capelinha de taipa de sebe na encosta do rio das Mortes no lugar de Campolide estava uma pequena imagem de Nossa Senhora da Piedade, em altar modestíssimo que, entretanto, recebeu em 1726 a investidura paroquial, sendo bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio de Guadalupe. Como primeiro vigário empossou-se o padre Luiz Pereira da Silva.

Obscuro, isolado num deserto, separado dos moradores habitando fazendas distantes, o logarejo não prosperou. Outras capelas da região, com igual origem mas melhor situadas, transformaram-se em povoados prósperos, já gozando de regalias paroquiais desde 1712. Eram Santo Antonio da Vila de São José, Nossa Senhora da Conceição dos Prados, Conceição das Congonhas e Alagoa Dourada, filiadas à comarca eclesiástica de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João d'El Rei. A passagem do caminho novo do Rio de Janeiro desviara os anteriores que atravessavam o Campolide. Embora canonicamente fôsse ali a sede da paróquia, a pequena capela de taipa era coisa insignificante diante das outras ermidas da região. Nem o Sacramento ali se encontrava pois o vigário se mudara para o Registro Velho, amedrontado pelos assaltos de índios e quilombolas que já o tinham incomodado. O caminho do Rio de Janeiro varava os terrenos da fazenda do "Passarinho" e vencendo as gargantas por onde hoje corre em parte da Central afastava-se para os lados do "Pau de Barba", descendo e costeando a colina em que está Barbacena, enveredando pelo fundo do vale até a "Caveira de Baixo", atual estação de Sanatório. Caminho pegajoso, cheio de atoleiros onde os animais de carga afundavam até a barriga".

No jornal *Imprensa*, "semanário da Paróquia de Barbacena, com aprovação eclesiástica," publicou o professor José Cipriano Soares Ferreira sôbre A PRIMITIVA PARÓQUIA DE BARBACENA, de 1725 a 1750, êstes dados, que foram redigidos em 30 de agôsto de 1918:

"Mui pouco se conhece hoje da primitiva paróquia de N.S. da Piedade, e ainda muito menos da Igreja Velha, que por mais de um século existiu na fazenda o Registro, e da qual desde muitos anos não existe mais nenhum vestígio, segundo procuramos pessoalmente verificar. Sôbre êste ponto, obscuro por falta de documentos, restam apenas vagas tradições, meio apagadas e de poucos conhecidas, e por felicidade os velhos livros do arquivo da matriz, de onde a custo conseguimos extrair alguns dados para o presente capítulo, completamente inédito.

Em 1725, já era aqui estabelecido à margem do Caminho Velho, com família, escravos e fâmulos, o rico proprietário Antônio de Faria Moreira, que por estar afastado 3 léguas e meia da sede da freguezia, em dezembro dêsse ano dirigiu-se ao Bispo do Rio de Janeiro, solicitando licença para edificar uma capela sob a invocação de N. S. da Ajuda, em sua fazenda, no sítio do Palmital, que depois se chamou do Faria, nome de seu fundador. Posto que não fôsse datada essa petição, conforme o uso da época, levava a informação do Vigário da Vara da Vila de S. José do Rio das Mortes com data de 12 de dezembro de 1725, e teve despacho favorável da cúria eclesiástica a 23 de dezembro, em virtude do qual se lavrou a respectiva provisão episcopal a 30 de dezembro do mesmo ano". (*Imprensa* de 15 de dezembro de 1935).

Na galeria de *Barbacenenses de prol*, por nós organizada, incluímos Antônio de Faria Moreira com estas referências:

"Um dos primeiros, senão talvez, cronològicamente, o primeiro dos barbacenenses de prol, guardados pela tradição, foi Antônio de Faria Moreira. Antônio de Faria Moreira ligou o seu nome à capela erigida no sítio do Palmital, a capela do Faria, que fundou sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda.

Escrevendo sôbre "A primitiva paróquia de Barbacena" e reportando-se a período que se inicia em 1725, o meu saudoso mestre, professor José Cipriano Soares Ferreira assinalou que "muito pouco se conhece hoje da primitiva paróquia de Nossa Senhora da Piedade, e, ainda muito menos, da Igreja Velha, que, por mais de um século, existiu na fazenda do Registro, e da qual, desde muitos anos, não existe mais nenhum vestígio, segundo procuramos pessoalmente verificar", acrescentando que "sôbre êste ponto, obscuro por falta de documentos, restam apenas tradições,

meio apagadas e de poucos conhecidas, e, por felicidade, os velhos livros do arquivo da Matriz, de onde, a custo, conseguimos extrair alguns dados para o presente capítulo, completamente inédito".

A seguir, o professor SOARES FERREIRA informa que "em 1725, já era aqui estabelecido à margem do Caminho Velho, com família, escravos e fâmulos, o rico proprietário ANTONIO DE FARIA MOREIRA, que por estar afastado três léguas e meia da sede da freguezia, em dezembro dêsse ano, dirigiu-se ao bispo do Rio de Janeiro, solicitando licença para edificar uma capela, sob a invocação de N. SENHORA DA AJUDA, em sua fazenda, no sítio do Palmital, que depois se chamou do "FARIA", nome do seu fundador. Posto que não fôsse datada essa petição, conforme o uso da época, levava a informação do vigário da vara da vila de S. JOSÉ do Rio das Mortes, com data de 12 de dezembro de 1715, e teve despacho favorável da cúria eclesiástica, a 23 de dezembro, em virtude do qual se lavrou a respectiva provisão episcopal, a 30 de dezembro do mesmo ano".

ANTONIO DE FARIA MOREIRA deixou, entre outros filhos, o padre MANUEL ANTONIO DE FARIA MOREIRA, capelão do FARIA desde 1770, e 15.º vigário, interino, da freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo, de 21 de julho a outubro de 1784, falecido em Barbacena no ano de 1831".

Ainda no ano de 1725, foi criada, pelo 4.º Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, a freguezia de NOSSA SENHORA DA PIEDADE da Borda do Campo, sendo nomeado seu primeiro vigário o padre LUÍS PEREIRA DA SILVA. A capela da fazenda da Borda do Campo serviu de matriz da freguezia até 1730, quando a sede passou para a capela de Nossa Senhora DO PILAR do Registro Velho.

"Dêsses antigos documentos, que casualmente nos vieram às mãos, os quais já então falavam na "paróquia de N. S. DA PIEDADE da Borda do Campo", seguramente se conclui que a primitiva freguesia de Barbacena foi criada pelo quarto Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, em fins do ano de 1725, o que plenamente é confirmado pelo têrmo de abertura do primeiro livro de óbitos, lavrado na Vila de S. JOSÉ, a 13 de janeiro de 1726, ano em que aparece aqui o primeiro Vigário da Paróquia, o Padre LUÍS PEREIRA DA SILVA, como consta do arquivo da matriz.

A primeira sede provisória da nova freguezia foi a capela da Borda até o ano de 1730 pelo menos, segundo os dizeres do têrmo de visita e inventário, lavrado a 9 de janeiro dêsse ano, pelo Visitador Rv. Dr. MANOEL FREIRE BATALHA; depois ficou servindo de matriz a capela de N. S. do PILAR do Registro Velho, de onde a 27 de novembro de 1748 foi definitivamente transferida para a Igreja Nova, que, embora ainda não terminada, foi benta e entregue ao culto, pelo Vigário de então, o beneficiado ANTÔNIO PEREIRA HENRIQUES.

Desde a visita pastoral do Bispo D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, a 19 de agôsto de 1726, já haviam os paroquianos resolvido construir sua igreja matriz "em sítio conveniente, grandeza proporcionada e decência devida", por serem pequenas as capelas da Borda e do Registo, além de situadas em terreno particular." (SOARES FERREIRA, na *Imprensa* de 1.º de janeiro de 1936)

"Assim, conforme atrás deixamos dito, o Bispo D. Frei GUADALUPE escolheu e marcou então o local da Igreja Nova, nossa atual matriz, cuja edificação teve início a 9 de dezembro de 1743 e só se ultimou em 1764.

Quanto, porém, à mudança da sede provisória da capela da Borda para a do Registro, devia naturalmente obedecer a motivos ponderosos, ou às conveniências particulares do proprietário da Borda, nesse tempo o Cap. MANOEL DIAS DE SÁ, sócio de FRANCISCO DA COSTA e seu sucessor, ou, o que parece mais provável, à maior comodidade dos próprios e já numerosos paroquianos, moradores então em sítios disseminados por esta zona, ainda meio inculta". (SOARES FERREIRA, na *Imprensa* de 6 de janeiro de 1936).

Sôbre o Bispo Dão Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, escrevemos em *Barbacenenses de Prol*:

Segundo escreveu o professor JOSÉ CIPRIANO SOARES FERREIRA, em "*A primitiva paróquia de Barbacena*", de "antigos documentos, que casualmente nos vieram às mãos, os quais já então falavam na paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo", seguramente se conclui que a primitiva freguezia de Barbacena foi criada pelo 4.º Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, em fins do ano de 1725, o que é plenamente confirmado pelo têrmo de abertura do primeiro livro de óbitos lavrado na vila de S. JOSÉ, a 13 de janeiro de 1726, ano em que aparece aqui o primeiro vigário da paróquia, o padre LUÍS PEREIRA DA SILVA, como consta do arquivo da Matriz".

D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, nascido em Amarante, no reino de Portugal, a 27 de setembro de 1672, depois de terminados os estudos que o habilitaram a seguir curso superior, matriculou-se na Universidade de Coimbra, pela qual se bacharelou em cânones, dedicando-se, em seguida, à magistratura ao ser despachado juiz de fora de Trancoso.

D. Frei Antônio de Guadalupe, com invulgar integridade de caráter, não quis prosseguir na magistratura ao ser solicitado por potentado da época para decidir contra o direito questão sujeita à sua jurisdição. Resolveu, por isso, abandonar a toga e ingressar em ordem religiosa, da regra de S. Francisco, na província de Portugal, professando na dos Capuchos, cujo hábito tomou em 24 de março de 1702.

As excepcionais qualidades demonstradas por D. Frei Antônio de Guadalupe no exercício das funções monacais asseguraram-lhe a nomeação de bispo, pelo rei D. João V, no ano de 1722. Em 1725, o papa Benedito VIII o confirmou nessa alta dignidade da igreja, na qual foi sagrado, em Lisboa, a 13 de maio dêsse ano. E a 2 de agôsto dêsse último ano chegou d. Antônio de Guadalupe à sede do bispado do Rio de Janeiro, do qual era o quarto antistite.

Logo depois de empossado na direção da sua diocese, D. Frei Antônio de Guadalupe, vivendo sempre na maior simplicidade e sempre vestindo o seu hábito religioso, começou a percorrê-la, visitando tôdas as suas igrejas, mesmo as mais afastadas, o que fêz em companhia dos frades Antônio de Perusia e Jerônimo. Nessas visitas, que, aliás, repetiu, em 1733 e em 1735, mandava fazer conferências de moral, obrigando os eclesiásticos a assistí-las, ordenava aos religiosos das ordens, existentes nas cidades, não confessar sem ter a aprovação ordinária, e privava de ordens aos que se opunham às suas determinações. Foi por ocasião da sua primeira visita pastoral à sua diocese que D. Frei Antônio de Guadalupe escolheu, a 19 de agôsto de 1726, o sítio onde deveria ser construída nova igreja na freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, destinada a servir-lhe de sede, que era, então, na capela de Nossa Senhora do Pilar, no Registro Velho. Conforme o profesor Soares Ferreira, no seu já citado trabalho, "desde a visita pastoral do bispo D. Frei Antônio da Guadalupe, a 19 de agôsto de 1726, já haviam os paroquianos resolvido construir sua igreja matriz "em sítio conveniente, grandeza proporcionada e decência devida", por serem pequenas as capelas da Borda e do Registro, além de situadas em terreno particular".

Em 1738, o papa Clemente XII nomeou D. Frei Antônio de Guadalupe, pelos reais serviços prestados à igreja, visitador apostólico. Por essa ocasião, reformou êle o Convento de Santo Antônio, na sede do seu bispado, apaziguando velhos dissídios ali reinantes e pondo-lhe ordem e disciplina".

A Luís Pereira da Silva dedicamos estas linhas em *Barbacenenses de prol*:

"Na história de Barbacena há grande número de sacerdotes católicos, alguns de grande projeção na vida nacional. Entre êsses sacerdotes está o primeiro vigário da primitiva freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, padre Luís Pereira da Silva. Essa freguesia, criada, em 1725, pelo D. Frei Antônio de Guadalupe, quarto bispo do Rio de Janeiro, teve por sede provisória, até 1730, (quando a sede passou a ser, como matriz, a capela de N. S. do Pilar do Registro Velho), capela erigida pelo coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme na fazenda da Borda do Campo. É o que se depreende, informa Soares Ferreira, do têrmo de abertura do primeiro livro de óbitos lavrado na Vila de S. José a 13 de janeiro de 1726. O padre Luís Pereira da Silva foi pároco da freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo dessa data até 29 de janeiro de 1827.

A 19 de agôsto de 1726, o bispo Frei D. Antônio de Guadalupe, em primeira visita pastoral à sua diocese, esteve na freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, escolhendo, então, o sítio em que se deveria edificar igreja destinada à sede definitiva dessa freguesia. Só mais tarde, porém, a 9 de dezembro de 1743, foi êsse sítio demarcado e assinalado por cruz de madeira, tendo, então, início a construção da chamada Igreja Nova, sob os riscos de José Fernandes Alpoim, igreja que viria a ser a atual matriz da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, antes paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo".

"Despedindo-se da Igreja Velha, que por tantos anos serviu de matriz, devemos consagrar-lhe algumas notas colhidas nos velhos livros do arquivo paroquial. Segundo o costume daquele tempo, todos os ricos proprietários edificavam capelas junto de suas vivendas, e algumas sólidas e até suntuosas; ainda os menos abastados não deixavam de ter, em suas fazendas, alguma ermida ou simples oratório para suas famílias, fâmulos e escravos.

Assim, em data que não conseguimos apurar, foi construída a capela de Nossa Senhora do Pilar, no Registro Velho, por ordem e a expensas do seu proprietário, o Cap.-mór Garcia Rodrigues Pais Leme, e provàvelmente sob a administração de seu genro Manoel de Sá e Figueiredo, que aí residia". (Soares Ferreira, na *Imprensa* de 6 de janeiro de 1936).

"Edificada ao lado esquerdo da casa era pouco maior que a da Borda: tinha capela-mor e altares laterais, grades, púlpito, porta transversal, côro e alpendre, além do adro em tôrno, que servia de cemitério geral.

Deixando de servir de matriz da vasta freguesia da Borda do Campo, a concorrência de fiéis, de 1784 em diante, naturalmente foi se reduzindo, e a capela do Pilar entrou em fase de rápida decadência; e, se não fôra zelada, como logo foi, pelo seu padroeiro, o novo proprietário do Registro Cel. Manoel Rodrigues, teria talvez ficado de todo abandonada.

Morto o Cel. Rodrigues da Costa, que aí foi sepultado a 17 de dezembro de 1785, continuou a capela sob a administração da viúva, D. Joana Teresa de Jesus, servindo de capelão o Padre Manoel Rodrigues, que aí residiu sempre antes de ser prêso e remetido para Lisboa, como réu da Inconfidência, e depois do seu regresso até a morte, a 19 de janeiro de 1844.

Em 1818, há exatamente um século, visitou essa capela o sábio botânico francês e grande amigo do Brasil, Augusto de Saint-Hilaire, que aí assistiu à recitação do terço da noite, tirado pelo Padre Manoel Rodrigues, no meio de umas trinta pessoas, inclusive os escravos da fazenda". (Soares Ferreira, na *Imprensa* de 26 de janeiro de 1936).

"Mais tarde, o Cap. Francisco Rodrigues da Costa, casado com D. Ana Custódia Engrácia, e o único irmão que sobrevivera ao Padre, faleceu no Registro com 81 anos de idade, e foi o último sepultado dentro da capela do Pilar, a 6 de janeiro de 1851, pois dêsse ano em diante não se encontram mais registros de enterramentos na capela e seu cemitério.

Abandonada e deserta desde então, foi caindo em ruínas e em poucos anos desapareceu por completo a Igreja Velha, sem deixar vestígio algum nem ao menos do cemitério, em que desabrigados repousam até hoje tantos dos primeiros povoadores da antiga paróquia da Borda do Campo.

N. S. do Pilar, um Crucifixo e outras pequenas imagens da extinta capela foram, em tempo, recolhidas à ermida da fazenda, em uma das alcovas da sala, onde as vimos em nossa visita a 4 de março dêste; aí também ainda se conservam o cálice, a pedra d'ara, um missal impresso em Lisboa no ano de 1775, os velhos ornamentos do Padre Manoel Rodrigues; nisso consistem, pois, as únicas relíquias que ainda nos restam da Igreja Velha e do último dos inconfidentes de Minas". (Soares Ferreira, na *Imprensa* de 23 de fevereiro de 1936).

Cabem aqui estas referências a José Rodrigues da Costa, um dos *Barbacenenses de prol*:

"Pertencente à família Rodrigues da Costa, da qual foi fundador, na Borda do Campo, Francisco da Costa, que foi, com Manoel Dias de Sá,

o sucessor do coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, na propriedade da fazenda da Borda do Campo, José Rodrigues da Costa, provàvelmente filho de Francisco da Costa, foi ordenado padre antes da criação do bispado de Mariana, o que leva a crer que o houvesse sido na sede do bispado do Rio de Janeiro.

O padre José Rodrigues da Costa, depois de receber ordens sacerdotais, veiu exercer o sagrado ministério do culto na Borda do Campo, tendo sido contemporâneo do padre Luís Pereira da Silva, que exerceu o vicariato da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo de 13 de janeiro de 1726 a 29 de janeiro de 1727.

À família Rodrigues da Costa pertenceram o padre Domingos Rodrigues da Costa e seu irmão o coronel Manoel Rodrigues da Costa, que foi proprietário da fazenda do Registro Velho e de quem foram filhos o inconfidente padre Manoel Rodrigues da Costa e o capitão Francisco Rodrigues da Costa. Grande é a descendência dos Rodrigues da Costa, não só em Barbacena, como por vários pontos do Estado de Minas e de outras regiões do Brasil".

Em 1724, Domingos Rodrigues da Fonseca Leme vendeu, pelo meio do ano, a fazenda da Borda do Campo a Matias Domingos e Francisco da Costa, retirando-se para São Paulo. Em dezembro de 1725, Antônio de Faria Moreira requereu ao quarto Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio de Guadalupe, licença para edificar capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, no sítio do Palmital, depois chamado do Faria. Em 12 de dezembro do mesmo ano, o vigário da vara da vila de São José do Rio das Mortes informou favoràvelmente o requerimento de Antônio de Faria Moreira e, em 23 de dezembro seguinte, foi o mesmo despachado favoràvelmente.

Em 13 de janeiro de 1726, foi lavrado o têrmo de abertura do primeiro livro de óbitos da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, lavrado na vila de São José do Rio das Mortes, tendo início, então, o vicariato do padre Luís Pereira da Silva, que se prolongou até 29 de janeiro de 1727. Em 19 de agôsto de 1726, teve lugar a escolha do sítio para a construção da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo por Dão Frei Antônio de Guadalupe, o quarto Bispo do Rio de Janeiro, então em visita pastoral à Borda do Campo. Nesse ano, a capela de Nossa Senhora da Piedade do Campolide teve investidura paroquial e resolveram os habitantes da Borda do Campo construir igreja matriz "em sítio conveniente, grandeza proporcionada e decência devida".

Em 29 de janeiro de 1727 cessaram as funções vicariais na igreja nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo do seu primeiro vigário LUÍS PEREIRA DA SILVA, que as exercia desde 13 de janeiro do ano anterior. Em 27 de fevereiro de 1727, começou a exercer as funções vicariais na freguesia da igreja nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo o padre LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO, o segundo vigário da freguesia, cujo vicariato se prolongou até 20 de junho de 1732.

"Em 1735, eram de tal modo precárias as condições da capelinha de Nossa Senhora DA PIEDADE de Campolide", conforme AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR, no seu trabalho retro-citado, "que foi nela suspenso o culto, empenhando-se os moradores da região em erigir um novo templo em melhores condições de local e de arquitetura.

O processo era complicado e moroso. Nem por isso desistiram os fiéis devotos de levantar sua nova matriz que lhes fôsse mais acessível e correspondesse à prosperidade que a todos assistia. Eram as terras do Brasil, "*de domínio pleno jure, pertencentes a Ordem de Cristo, no espiritual, por doações régias feitas ao memorável Infante Mestre e Administrador da dita Ordem cujos auspicatíssimos projetos facilitaram os primeiros descobrimentos e franquearam o passo dos posteriores; e por Bulas Pontifícias que as confirmaram à mesma Ordem tocou pela Mesa dela a faculdade e licença para a ereção de Capelas, na forma do parágrafo oitenta e treis da Mesa da Consciência, de mil seiscentos e oito*".

A lei foi então rigorosamente obedecida como tinha de ser, com a petição dos moradores solicitando a licença para a nova construção, que se devia fazer no local denominado "Caveira de Cima", *campos desertos e inúteis*, onde hoje se encontra, acompanhado o requerimento do risco feito pelo sargento-mór JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM dos pareceres do procurador de Fazenda de Sua Majestade, do Ouvidor, do Governador e do Bispo do Rio de Janeiro. Não sei quanto tempo o papel correu seus trâmites imprescritíveis".

Em *Barbacenenses de prol* coube êste lugar a LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO:

"LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO foi o segundo vigário da freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo, tendo sucedido nessas funções ao padre LUÍS PEREIRA DA SILVA, que serviu de 13 de janeiro de 1726 a 29 de janeiro de 1727. O padre LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO exerceu as funções vicariais de 27 de fevereiro de 1727 a 20 de junho de 1732. Durante o ano de 1727, exerceu funções sacerdotais na freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo o padre MANOEL FERNANDES.

Foi no vicariato do padre LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO que se deu a ida, em 1730, à freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo, do visitador diocesano cônego dr. MANOEL FREIRE BATALHA, natural de Portugal, que foi, no bispado do Rio de Janeiro, 4.º mestre escola – por posse de 2 de junho de 1742 – e 4.º deão do cabido – por apresentação de 21 de fevereiro, provisão de 10 e posse de 13 de julho de 1756, – tendo sido protonotário apostólico e vigário geral da diocese carioca e havendo falecido em 1704".

No ano de 1727, exerceu funções sacerdotais na igreja nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo o padre MANOEL FERNANDES. Em 9 de janeiro de 1730, foi lavrado têrmo de visita e de inventário levantado na capela da fazenda da Borda do Campo pelo visitador diocesano Dr. MANOEL FREIRE BATALHA.

Em 25 de maio de 1730, realizou-se o primeiro enterramento na capela da fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS e, nesse mesmo ano, realizou-se a transferência da matriz da freguesia da capela da fazenda da Borda do Campo para a capela de Nossa Senhora DO PILAR do Registro Velho.

Em 20 de junho de 1732, cessaram as funções vicariais do segundo vigário da freguesia da igreja nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo LUÍS ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO, que, tendo sucedido ao padre LUÍS PEREIRA DA SILVA, foi sucedido pelo terceiro vigário da freguesia, padre JOSÉ DE FREITAS, que tomou posse no dia 27 de julho seguinte deixou o vicariato em 7 de junho de 1740 e foi sucedido, em 8 de janeiro de 1741, pelo quarto vigário da freguesia, padre JOSÉ FELIPE DE GUSMÃO E SILVA, que se empossou em 1 de fevereiro de 1741 e a quem o padre JOSÉ DE FREITAS sucedeu, de novo, como quinto vigário da freguezia, em 15 de julho de 1741, para permanecer no cargo até 26 de junho de 1743. Durante o vicariato do padre JOSÉ DE FREITAS o padre MANOEL VALENTE DE VASCONCELOS foi capelão no Barroso e no FARIA.

Entre os *Barbacenenses de prol*, incluimos JOSÉ DE FREITAS:

"JOSÉ DE FREITAS, natural da freguesia de S. SALVADOR, têrmo de Guimarães, arcebispado de Braga, no reino de Portugal, nasceu do consórcio de JOÃO LOPES e JERÔNIMA DE FREITAS.

O padre JOSÉ DE FREITAS foi, por duas vêzes, vigário da freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo, que é, hoje, a freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE de

Barbacena: foi o terceiro vigário da freguezia, de 27 de julho de 1732 a 7 de junho de 1740, e substituído a 8 de janeiro de 1741, em sucessão ao vigário padre LUIZ ANTÔNIO DE CASTELO BRANCO, sendo sucedido pelo quarto vigário da freguezia, padre JOSÉ FELIPE DE GUSMÃO E SILVA, que se empossou a 1 de fevereiro de 1741 e ao qual, por sua vez, sucedeu, como quinto vigário da freguezia, em 15 de julho de 1741, quando exerceu as funções do encargo até 26 de junho de 1743.

Durante o primeiro vicariato do padre JOSÉ DE FREITAS na nova freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE, nela exerceram funções sacerdotais o padre SIMÃO GONÇALVES DE S. JOSÉ, na capela do FARIA, de novembro de 1733 a julho de 1743, o padre MANOEL MARQUES, na capela do Ribeirão, de 1734 a 1735, o padre MANOEL VALENTE DE VASCONCELOS, nas capelas de ANTÔNIO COSTA NOGUEIRA, no Barroso, e na do FARIA, e o padre AGOSTINHO DE FIGUEIREDO, na sede da freguezia, em 1737. Durante o último vicariato do padre JOSÉ DE FREITAS, o padre SIMÃO GONÇALVES DE SÃO JOSÉ, então capelão da capela do FARIA, funcionou como substituto do vigário, de 3 de abril de 1742 a 26 de julho de 1743, passando, mais tarde, de 1743 a 1746, a capelão da Borda do Campo.

A freguezia de que era vigário o padre JOSÉ DE FREITAS recebeu, em junho de 1742, a visita pastoral de D. Frei JOÃO DA CRUZ, da ordem dos Carmelitas descalços, quinto bispo do Rio de Janeiro, natural de Lisboa e aí sagrado Bispo do Rio de Janeiro, em 5 de fevereiro de 1741, onde permaneceu até 1745, quando renunciou ao bispado, sendo, mais tarde, em janeiro de 1750, confirmado Bispo de Miranda, em Portugal, onde faleceu em 20 de outubro de 1742. Nessa visita, o Bispo do Rio de Janeiro esteve na capela do FARIA e aprovou a edificação da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE no local escolhido pelo seu antecessor e onde ela foi edificada."

De novembro de 1733 a julho de 1743, o padre SIMÃO GONÇALVES DE SÃO JOSÉ foi capelão do FARIA. Em 21 de fevereiro de 1734, foi batisado na fazenda da Borda do Campo MANOEL DIAS DE SÁ, filho do capitão seu homônimo, e de ANA MARIA DOS SANTOS, que se ordenou padre em 21 de março de 1759. Em 1734, nasceu, na freguezia da igreja nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo SILVESTRE DIAS DE SÁ, filho do capitão MANOEL DIAS DE SÁ e ANA MARIA DOS SANTOS, batisado na capela da fazenda da Borda do Campo, em 13 de março de 1735, e ordenado padre pelo primeiro bispo de Mariana, Dão Frei MANOEL DA CRUZ.

Eis como nos referimos, em *Barbacenenses de Prol*, a SILVESTRE DIAS DE SÁ:

"SILVESTRE DIAS DE SÁ, que se ordenou padre, em Mariana, durante o episcopado de D. MANOEL DA CRUZ (1748-1764), primeiro bispo dessa diocese, e exerceu o sacerdócio católico na paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, aí nasceu no ano de 1734, sendo batisado na capela da Borda do Campo a 13 de março de 1735. Era filho do capitão MANOEL DIAS DE SÁ, português, e ANA MARIA DOS SANTOS, natural do Rio de Janeiro, sendo irmão do padre MANOEL DIAS DE SÁ e, pelo lado materno, de MARIA INÁCIA DE OLIVEIRA, casada com o coronel JOSÉ AIRES GOMES.

Por ocasião da devassa sôbre a Conjuração Mineira, em 1789, foi o padre SILVESTRE DIAS DE SÁ referido, em depoimentos, pelo padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA e pelo coronel JOSÉ AIRES GOMES, sendo, por isso, também, ouvido, assim se redigindo as suas declarações:

"Aos dezesete dias do mês de novembro de mil setecentos e oitenta e nove anos, nesta Vila Rica, e nas casas que servem de Quartel à Infantaria da Guarnição desta Capital onde foi vindo o Desembargador PEDRO JOSÉ DE ARAÚJO SALDANHA, Ouvidor Geral desta Comarca, junto comigo Escrivão ao diante nomeado; e, tendo aí, pelo dito Ministro sido perguntadas debaixo de juramento as testemunhas, cujos nomes, naturalidades, ofícios, ditos e costumes são os que ao diante se seguem, eu o Bacharel JOSÉ CAETANO CESAR MANITTI, Escrivão nomeado, o escrevi.

O Padre SILVESTRE DIAS DE SÁ, natural da Freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, residente na mesma Paragem, que vive de suas Ordens, idade de cinqüenta e cinco anos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro dêles, em que pôs sua mão direita sub cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade do que soubesse e lhe fôsse perguntado e, recebido por êle o dito juramento, assi mo prometeu cumprir, como lhe era encarregado.

E perguntado êle testemunha pelo referimento, que nele fez tanto o Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, como o Coronel JOSÉ AIRES GOMES, na acareação e confrontação, a que entre êles se procedeu, como consta do respectivo auto, que lhe foi lido; disse, que haverá mais de um ano, segundo sua lembrança, que achando-se êle testemunha na fazenda de seu cunhado, o coronel JOSÉ AIRES GOMES, na Borda do Campo, e de viagem para a outra, que o mesmo Coronel tem na Mantiqueira, aí chegara o Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, e informado do destino dêle testemunha e dito seu cunhado, se juntou também para ir em companhia de ambos, sem que porém se recorde para onde o mesmo Padre se dirigia; e partindo todos

foram conversando pelo caminho sôbre os Regimentos, dizendo aquêle José Lopes, que o dêle Coronel José Aires não estava fardado, e pronto como o de Joaquim Silvério; ao que lhe respondeu, que estimava não ter obrigado os soldados a essa despesa, porquanto o Excelentíssimo Senhor Visconde General trazia agora ordem para os reformar, e reduzir ao estado antigo; e quando se carecesse de algum auxílio, e houvessem de marchar, que levaria homens, e não fardas; ao que tornou aquêle Padre — e se viessem os Franceses ao Rio de Janeiro e fôsse a sua fôrça maior do que a dos Portuguêses, meu Compadre havia de ir, também como Coronel; e que faria em tal ocasião? Ao que lhe respondeu, — que havia de dar até a última pinga de sangue pela sua Soberana; e a isto tornou o dito Padre — pois eu, se lá me achasse, não sei o que faria, temendo a morte, porque a vida é amável. E mais não se passou; e declara êle testemunha ter-se praticado esta conversação, pouco mais ou menos, entre a Serra e o Calheiros; e que se houve mais alguma conversa entre aqueles dois, Padre José Lopes e Coronel José Aires, nem foi diante dêle testemunha, nem de tal se recorda, ou tem notícia; e menos se persuade, que aquelas palavras proferidas pelo mencionado padre, da forma que as proferiu, contixessem malícia alguma. E mais não disse e aos costumes disse ser cunhado do Coronel José Aires Gomes. E sendo-lhe lido todo o seu juramento pelo achar conforme o assinou e eu, o Bacharel José Caetano César Moniti, o escrevi. (aa.) — Sald.ª — Silvestre Dias de Sá".

O padre Silvestre Dias de Sá faleceu a 30 de agôsto de 1794, sendo sepultado na capela da fazenda da Borda do Campo."

No ano de 1734, fundou-se a capela de São José do Ribeirão de Alberto Dias, cujo primeiro capelão foi o padre Manoel Marques, de 1734 a 1735. Nesse ano de 1735, foi suspenso o culto na capelinha de Nossa Senhora da Piedade do Campolide.

Em 1737, o padre Agostinho de Figueiredo exerceu funções sacerdotais na freguezia da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo. No ano seguinte, de 1738, foi requerida licença para ereção da igreja nova para Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo na "Caveira de Cima", com o risco do sargento-mor José Fernandes Pinto Alpoim.

Em 1739, nasceu, na fazenda do Ribeirão de Alberto Dias, José Lopes de Oliveira, filho do coronel seu homônimo e Bernardina Caetana do Sacramento Gonçalves, que foi padre e participou da Inconfidência Mineira. Em 1741, o padre Manoel de Loureiro foi capelão de Nossa Senhora da Ajuda do sítio do Palmital, depois conhecida por capela do Faria.

Em junho de 1742, D. Frei João da Cruz, quinto Bispo do Rio de Janeiro, realizou visita pastoral à freguezia da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, tendo estado, também, na capela do Faria. De 3 de julho de 1742 a 26 de junho de 1743, o padre Simão Gonçalves de São José, capelão do Faria, funcionou como substituto do vigário da paróquia da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo padre José de Freitas.

Escrevemos em *Barbacenenses de Prol*, sôbre Dão Frei João da Cruz:

"D. Frei João da Cruz, que no século se chamou D. João Salgado de Castilhos, quinto bispo do Rio de Janeiro, foi quem concedeu licença, em junho de 1742, quando quinto vigário da paróquia o padre José de Freitas, para a edificação da atual matriz de Barbacena, no sítio, anteriormente escolhido por D. Frei Antônio de Guadalupe, quarto bispo do Rio de Janeiro, na sua primeira visita pastoral à diocese, que então dirigia, em 19 de agôsto de 1726. Em virtude da licença concedida por D. Frei João da Cruz, quinto bispo do Rio de Janeiro, o padre Manoel da Silva Lagoinha, sexto vigário da paróquia, fez demarcar o terreno destinado à nova igreja, nele erguendo, em 9 de dezembro de 1743, cruz de madeira.

D. Frei João da Cruz nasceu em Lisboa, no ano de 1694, vestiu o hábito de carmelita descalço, em 1713, e professou nessa ordem, em 1714. Tendo sido nomeado bispo do Rio de Janeiro, e como tal sagrado em Lisboa a 5 de fevereiro de 1741, renunciou êsse bispado, em 1745. Em 1750, foi dirigir D. Frei João da Cruz o bispado de Miranda, em Portugal, na província de Trás os Montes, sôbre o rio Douro, bispado êsse que foi, mais tarde, anexado ao de Bragança. D. Frei João da Cruz faleceu como bispo de Miranda, em 20 de outubro de 1756.

Era D. Frei João da Cruz em extremo rigoroso como antístite, a ponto de provocar reações: em Minas, em 1743 (na época, portanto, em que se demarcou o sítio para a ereção da igreja nova da Borda do Campo, isto é, a matriz de Barbacena), o povo, ao que rezam as crônicas do tempo, irritado com as suas exigências, retirou, para que não repicassem à sua passagem, os badalos dos sinos; e, em Miranda, as religiosas saíram do claustro e, com a cruz alçada, foram se queixar ao governador dos excessivos rigores do Bispo."

Em 21 de julho de 1743, tiveram início as funções vicariais do sexto vigário da paróquia da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, padre Manoel da Silva Lagoinha, durante cujo vicariato foram os padres Manoel Gomes Ribeiro e José Vieira de Paiva capelães respectivamente na fazenda da Borda do Campo e na fazenda

do Ribeirão de ALBERTO DIAS. O padre SIMÃO GONÇALVES DE SÃO JOSÉ, que era, então, capelão do FARIA, passou, em julho de 1743, a capelão da fazenda da Borda do Campo, tendo-o sido até 1746. Em 9 de dezembro de 1743, o vigário MANOEL DA SILVA LAGOINHA fez erguer cruz de madeira no local destinado à igreja nova do arraial da Borda do Campo, tendo, também, início, então, a construção da igreja.

MANOEL DA SILVA LAGOINHA foi assim incluído por nós em *Barbacenenses de prol*:

"Em sua primeira visita pastoral à freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, a 19 de agôsto de 1726, D. Frei ANTÔNIO DE GUADALUPE, quarto bispo do Rio de Janeiro, escolheu sítio onde deveria ser construída nova igreja, que ficou sendo chamada Igreja Nova, para sede da freguezia, que era então a capela de Nossa Senhora DO PILAR do Registro Velho. Êsse local foi assinalado, a 9 de dezembro de 1743, com cruz de madeira, pelo vigário padre MANOEL DA SILVA LAGOINHA, iniciando-se aí, logo, com licença do bispo Frei D. JOÃO DA CRUZ, as obras da Igreja de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, a atual Matriz de Barbacena. Terminadas as primeiras obras, foi a Igreja Nova entregue ao culto, em 17 de novembro de 1748, mas só em 1764 ultimou-se a sua construção.

O padre MANOEL DA SILVA LAGOINHA foi o sexto vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, sucedendo ao padre JOSÉ DE FREITAS, cabendo-lhe as funções vicariais de 21 de julho de 1743 a 12 de agôsto de 1746. Sob o paroquiato do padre MANOEL DA SILVA LAGOINHA nela funcionaram como capelães o padre MARCOS GOMES RIBEIRO, na fazenda da Borda do Campo, e o padre JOSÉ VIEIRA DE PAIVA, na fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS.

Em 6 de dezembro de 1745, pela Bula *Candor Lucis Aeterna*, o papa BENEDITO XIV criou o bispado de Mariana, desmembrado do do Rio de Janeiro. Em 12 de agôsto de 1746, terminou o vicariato do padre MANOEL DA SILVA LAGOINHA na paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, tendo-lhe sucedido, a 17 de agôsto imediato, o padre MANOEL DE LOUREIRO, que foi assim o sétimo vigário da freguezia, e exerceu essas funções até 28 de dezembro de 1747.

Em 28 de dezembro de 1747, terminou o vicariato do padre MANOEL DE LOUREIRO na freguezia da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, sucedendo-lhe, em 22 de janeiro de 1748, o oitavo vigário da freguezia, padre FRANCISCO ALMEIDA FARIA.

Em *Barbacenenses de prol*, assim figura o padre FRANCISCO ALMEIDA FARIA:

"FRANCISCO ALMEIDA FARIA, que foi padre, exerceu as funções paroquiais da freguezia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, de que foi o oitavo vigário, de 22 de janeiro a 31 de março de 1748, em sucessão ao padre MANOEL DE LOUREIRO, que exerceu essas funções de 17 de agôsto de 1746 até 28 de dezembro de 1747 e foi, antes, de 1741 a 1745, capelão da capela de Nossa Senhora da AJUDA do sítio de Palmital, conhecida por capela do FARIA, em homenagem ao seu fundador, ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA.

O padre FRANCISCO ALMEIDA FARIA teve como substituto, desde 27 de abril de 1748, permanecendo nessa situação até 31 de julho dêsse ano, o padre MANOEL PEREIRA DE AZEVEDO. Durante o vicariato do padre FRANCISCO ALMEIDA FARIA foram capelães das capelas da fazenda da Borda o padre MANOEL ALVES, da do FARIA e o padre MANOEL GONÇALVES VIANA (que o foi, mais tarde, da da fazenda da Borda, de janeiro de 1750 a fevereiro de 1751) e da do Ribeirão o padre MANOEL AFONSO.

Em 27 de abril de 1748, assumiu a direção da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo o padre MANOEL PEREIRA DE AZEVEDO. Em 10 de setembro de 1748, GOMES FREIRE DE ANDRADE, em viagem pela Vila Rica, chegou ao sítio da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo e convocou os principais moradores da região para, em reunião na casa de MANOEL LOPES DE OLIVEIRA, escolher-se o local da nova igreja.

Cabem aqui as referências por nós feitas, em *Barbacenenses de Prol*, a JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM:

"JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM, cujo nome se prende ao de Barbacena por ser o autor do projeto da sua igreja matriz, quando aí esteve, no então sítio da Igreja Nova da Borda do Campo, na companhia de GOMES FREIRE DE ANDRADE, no mês de setembro de 1748, aí não nasceu: teria nascido, em 1698, na Colônia do Sacramento, então sob o regime português, segundo anotação de JOSÉ ARTUR MONTENEGRO à edição, de 1900, do *Uruguai* (com u), de JOSÉ BASILIO DA GAMA, feita em Porto Alegre. A êsse respeito anotou RODOLFO GARCIA a edição do *Uraguai* (com a), mandada fazer pela Academia Brasileira de Letras, comemorativa do segundo centenário do nascimento do seu autor:

"J. ARTUR MONTENEGRO, em sua edição do Uruguai, página 77, afirma que JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOYM nasceu na Colônia do Sacramento em 1698. Entretanto, nesse ano e nos anteriores até 1695, nenhum JOSÉ

consta do "Traslado de assentos da Colonia do Sacramento" (1690-1707), feito em 1714 pelo coadjutor IGNACIO RODRIGUES DE FIGUEIREDO, sendo Cura da Sé o P. BARTHOLOMEU FRANÇA, fls. 137-191 v. do livro 3.º da Sé do Rio de Janeiro, conforme verificou o erudito pesquisador AURÉLIO PÔRTO. Sòmente em 19 de abril de 1695 aparece o assento de batismo de JOSÉ, filho de MANUEL FERNANDES REIS e MARIA ANTÔNIA, do qual foram padrinhos o capitão MANOEL DE PAIVA SOUTO MAIOR e MARIA DE OLIVEIRA. Presumivelmente, será esse batizando o futuro brigadeiro JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOYM".

AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR trouxe, porém, eficiente contribuição à solução do problema da naturalidade de JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOYM, assinalando e corrigindo os enganos com que foi, até então, considerado, escrevendo:

"No livro da Chancelaria da Ordem de Cristo, onde se registraram as habitações da Ordem, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, encontram-se fartas informações sôbre o ilustre ALPOYM, que retificam e completam quanto se lê linhas atrás. Nos livros 170, fls. 183, 393, e seguintes, no Livro da Ordem M-5-D-6, podemos, pelos lançamentos que neles se encontram, reconstituir quase tôda a vida de ALPOYM e restabelecer sua verdadeira genealogia e lugar de seu nascimento."

Por êsses livros, acrescentou AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR, "se verifica que JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM nasceu em Viana do Minho, (hoje Viana do Castelo), sendo filho de VASCO FERNANDES DE LIMA, tendo assentado praça no batalhão de infantaria da mesma Vila, onde começou seus estudos de engenheiro na Academia Militar de Viana, sendo seu professor, seu tio, o sargento-mór com exercício de engenheiro, MANUEL PINTO VILA LOBOS. Terminados que foram seus primeiros estudos, foi mandado prosseguí-los em Lisboa, onde os concluiu, sendo destacado para o Rio de Janeiro em 1713, com as funções de ajudante de capitão, com exercício de engenheiro, até 1729, quando foi designado para ir ao Porto tirar a planta do Rio Douro e respectiva barra, para projetar uma melhor segurança para as embarcações. Demorou ALPOIM tres mêses nesses trabalhos, findos os quais, foi nomeado lente substituto da Academia de Viana, sendo em 1735 designado ajudante de engenheiro da Província do Alentejo, funções que exercitou durante um ano.

Em 1736, foi nomeado capitão engenheiro das fortificações da mesma Província, tendo sua séde na praça de Almeida, sob a direção superior do engenheiro-mór do Reino, MANOEL DE AZEVEDO FORTES, famoso autor do *Engenheiro Português*, obra em dois volumes em que os conhecimentos de engenharia e artilharia da época são apresentados com grande profi-

ciência. Teve, aí, o capitão ALPOIM, o encargo de projetar e dirigir as construções de igrejas, casas e armazens, que pouco antes tinham sido devorados por um grande incêndio, desempenhando-se do encargo com o melhor êxito e confirmando a boa suposição que dele já se fazia. Comandava, então, a praça de Almeida, o general D. BRAZ BALTHAZAR DA SILVEIRA, que o tinha em grande conta, conforme os elogios que se leem no Livro de Cartas Patentes (Torre do Tombo). Deu-lhe, êsse general, um encargo, no qual teria ALPOIM de empregar, não só admirável astúcia, como desenvolver uma excepcional capacidade profissional, dependendo dela a segurança da ameaçada fronteira de Portugal com a Espanha. Estavam os espanhóis construindo no vale de Lamela, fronteiro às linhas de Almeida, o forte do Fiel, ameaça que demandava precauções que, preliminarmente, exigiam um conhecimento completo dessa fortificação, obtendo-se minuciosa planta dela. Disfarçou-se ALPOIM como um mendigo da pior espécie e, metendo-se no meio dos que alí trabalhavam, militares e paisanos, viu quanto era mister ver e traçou do forte do Fiel uma planta completa, que foi enviada ao Rei, que elogiou a capacidade e astúcia de ALPOIM (Livro de Patentes).

Mal acabava ALPOIM de realizar façanha tão arriscada e difícil e outra, não menos pesada, lhe cometia o seu general. Do lado de Espanha, movia-se em direção da praça de Alcântara numeroso trem de artilharia. Era necessário apurar o número, o calibre e a qualidade das peças que se mandavam às praças espanholas de onde partiriam prováveis ataques às portuguesas. ALPOIM transformou-se novamente em camponez maltrapilho e, com tais habilidades se houve, mas com mão menos audácia e perigos, que conseguiu averiguar tudo com louvável precisão.

Na iminência de novos golpes espanhóis, que tais sinais pressagiavam, foi determinado ao engenheiro-mór, AZEVEDO FORTES, e ao capitão ALPOIM, que corressem as praças da Província do Alentejo, pondo-as em condições de enfrentar esses ataques que se criam iminentes. ALPOIM tudo examinou e reparou com grande presteza, recolhendo-se depois prestamente à praça de Almeida, empregando-se nas obras de fortificação que se estavam ampliando, e ensinando os soldados artilheiros a atirar, não só com as peças existentes, como com as de bombas, pondo em execução e preparando gente para o emprego das peças de amiudar tiros, canhões que hoje chamaríamos de tiro rápido, o que na época fôra grande avanço na artilharia.

Passada a ameaça, foi mandado recolher a Lisboa em 1738, depois de muito elogiado e, nesse mesmo ano, nomeou-o D. JOÃO V, sargento-mór do novo batalhão de artilharia, que se acabava de criar no Rio de Janeiro, para onde partiu, imediatamente, ALPOIM. Chegando ao Rio de Janeiro,

assumiu Alpoim, além dos trabalhos de seu corpo, mais os de lente da Aula de Fortificação e Artilharia, desempenhando-se de tôdas essas funções com grandes resultados, que foram manifestados, sobretudo, no aproveitamento de numerosos discípulos que teve nos primeiros dois anos. Nessa mesma ocasião, dava Alpoim mostras de seu gênio inventivo, reformando o sistema das carretas para as peças de amiudar (canhões leves e transportáveis que acabavam de ser introduzidos), sendo sua nova forma mais cômoda e resistente.

Para qualquer coisa que demandasse iniciativa pronta e habilidade, Alpoim dava remédio. Tendo arribado ao Rio de Janeiro duas fragatas inglesas desarvoradas, carecendo de grandes e radicais reparos, não havendo embarcação de suficientes dimensões que as pudesse querenar (isto é, deitar o navio de lado para remendar e calafetar), desenhou e construiu Alpoim uma máquina para êsse feito e que, depois, muito se usou para todos os navios necessitados e ficou de uso geral. Dirigiu, ainda, a reparação de uma fragata francesa, *N. S. das Mercês,* do comando do coronel Pierre Pont, que, em caminho da Índia, arribára ao pôrto do Rio de Janeiro em precárias condições.

Em 1750, foi José Fernandes Pinto Alpoim nomeado Mestre de Campo General do Rio de Janeiro, do terço Novo, pôsto êsse vago por morte de Pedro de Azambuja Ribeiro, continuando, entretanto, com os encargos de engenheiro.

Teve o brigadeiro Alpoim tres filhos, não constando dos processos o nome de sua mulher. Foram êles: d. Maria Mayor de Alpoim, d. Antônia Mayor de Alpoim e Vasco Fernandes de Alpoim."

A êsses preciosos dados sôbre José Fernandes Pinto Alpoim convém acrescentar outros, anteriormente divulgados, que os não contradizem, mas os elucidam, desenvolvem, completam, ou acrescentam.

É assim que, em 1738, tendo o govêrno reformado a aula de fortificação estabelecida no Rio de Janeiro em 1699, acrescendo à aula de artilharia a de "fogos artificiais", nomeou para regê-la o sargento-mór, a êsse pôsto promovido por ordem régia dessa mesma data, José Fernandes Pinto Alpoim, de quem foi substituto e sucessor Eusébio Antônio Ribeiro, a ambos sucedendo Antônio Joaquim de Oliveira, que veiu do reino com o cadete Antônio Pimentel, conforme provisão de 18 de setembro de 1766. Ainda em 1738, concedeu o govêrno terreno aos capuchinhos italianos para construirem no Rio, a expensas do erário régio, a sua residência, no local em que se acha, hoje, o quartel da rua Evaristo da Veiga, sendo as obras, sob o plano de Alpoim, projetadas e encetadas

naquele mesmo ano e concluidas em 1742, sendo a sua inauguração realizada com a presença do autor.

"Em 1735", segundo Vieira Fazenda, em *O Brigadeiro Alpoim,* na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* LXXII, parte 2.ª, 54, "estava Gomes Freire em Minas. Na cidade de Vila Rica não havia residência decente para os governadores. Freire mandou fazer um sobrado por 20.000 cruzados, por cima da Casa da Moeda. Regressando ao Rio de Janeiro, suspendeu-se a obra por motivos que não vêm a propósito. Voltando em 38, julgou levar por deante o seu projeto. Mandou subir para Minas Alpoim e cometeu-lhe a empreza de dar o plano do novo edifício." "Alpoim deu, em 13 de junho de 41, as bases ou apontamento para os diversos arrematantes, que deviam, pois, executar o plano por êle desenhado." "Em 29 de agôsto de 42, Gomes Freire dá ao govêrno parte do que praticara. Pela carta de 16 de março de 1743, a metrópole mandou o seu *placet.*" Em carta, de 10 de outubro de 1746, informa o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, que, "na capitania das Minas, Alpoim fundamentou, erigiu, enobreceu e como doutíssimo engenheiro fortificou outro palácio, em Vila Rica, para o seguro descanço do Govêrno e tribunais daquele domínio."

Em 1742, foi lançada, pelo Bispo D. Frei João da Cruz, a segunda pedra fundamental do Convento da Ajuda, sendo a planta riscada por Alpoim, segundo memória de Frei Manoel de Nossa Senhora do Monte do Carmo, com vasto quadrilatero de 800 pés, tendo nos ângulos quatro torreões. Em 1743, José Fernandes Pinto Alpoim acompanhou o governador Gomes Freire de Andrade a Minas Gerais, com êle se demorando no sítio da Igreja Nova da Borda do Campo, como se chamara, então, Barbacena, seguindo, depois, ambos, para Vila Rica.

Por ordem régia de 1744, foi mandada assentar na ilha das Cobras "máquina de querenar os mais corpulentos navios, vencendo com as regras da estática as fôrças da matéria, diminue o pêso da matéria", etc., máquina denominada "Paixão", localisada onde se acha a porta do dique Guanabara. Provisão de 12 de abril de 1747 mandou o governador do Rio de Janeiro informar "o requerimento do coronel Alpoim, que pretendia, para poder manter duas filhas freiras, se lhe desse por seis anos o rendimento da máquina que fez na ilha das Cobras para carenar navios" (Publicações do Arquivo Nacional, V, 1.º, 488). Em 1873, Garcez Palha, em memória publicada no *Jornal do Comércio,* registra o encontro, na excavação no local, de duas grandes manilhas pertencentes a essa máquina.

Por ordem régia de 23 de setembro de 1745, foi José Fernandes Pinto Alpoim promovido a tenente de Mestre de Campo General.

Os Arcos da Carioca foram levantados sob a imediata inspeção de Alpoim. Por provisão de 1745, o govêrno mandou estranhar o procedimento do então sargento-mór Alpoim por não ter ido medir a pedraria vinda de Lisbôa para obra da Carioca, conforme lhe ordenara o Provedor da Fazenda Real.

Em 10 de outubro de 1746, o mestre de campo André Ribeiro Coutinho escreveu de Alpoym que "delineou, repartiu e condecorou um palácio nesta cidade para distintiva residência dos governadores desta Capitania." Êste palácio se construiu onde se achava a Casa da Moeda, edificada no local em que se encontravam, antes, as casas do provedor da Fazenda Pedro de Souza Pereira, compradas para êsse fim. Hoje, acha-se aí sediada a Repartição dos Telégrafos.

Em 6 de julho de 1747, segundo as *Publicações do Arquivo Público Nacional,* (ou 6 de maio, segundo a *Revista do Instituto Histórico,* XLXII), o govêrno proibiu a publicação, no Rio de Janeiro, do *Exame de Bombeiros,* de autoria do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que obtivera licença de impressão do Santo Ofício, a 16 e 18 de março, do Ordinário, a 6 e 10 de abril, e do Paço, a 18 de abril daquêle ano. Devido aquela proibição, o livro apareceu com a indicação de haver sido impresso em Madrid, em 1748, "en la oficina de Martinezab", que, na opinião de Moreira de Azevedo, deveria se escrever "Martinez Abad." Apezar dessa indicação, José Carlos Rodrigues procurou demonstrar haver sido o trabalho impresso no Rio de Janeiro, na mesma oficina (segundo declarou acreditar, em conseqüência da opinião do padre mestre Galanti, José Vieira Fazenda, que interroga si ela não funcionou nas lojas da própria casa de Bobadela, de Antônio Izidoro da Fonseca), na qual se imprimiu, também, em 1 de janeiro de 1747, a *Relação da Entrada do Bispo do Desterro,* escrita pelo magistrado dr. Luiz Antônio Rozado da Cunha, muito religioso, publicação essa também proibida de ser impressa, mas que já o estava quando chegou ao Rio a proibição. Aliás, nas estampas II e IX do livro aparece o nome do gravador Chaves, que deveria ser português. Segundo Vieira Fazenda, era comum a concessão de licença para determinada publicação e a sua revogação logo após. Quando chegou ao Rio a revogação da licença para a impressão do *Exame de Bombeiros* já estaria êle impresso, admitindo-se, assim, que, com o consentimento de Gomes Freire, amigo de Alpoim, se lhe substituisse a página do rôsto, afim de dar-se a sua impressão como se houvera sido feita em Madrid.

Sôbre fontes projetadas, em 1749, por Alpoim, para o Rio de Janeiro, alegou o govêrno de Lisbôa que "o risco de Alpoim, além de não ser de tão bom gôsto como de poderá fazer nesta Côrte, é de obra muito mais miuda do que convém para uso dos negros, que brevemente a destruirão"

Lacaille, astrônomo, que esteve no Rio de Janeiro em 1752, informou ser desenho de Alpoim o chafariz do centro da praça 15 de novembro mandado construir pelo Conde de Bobadela e que foi mais tarde modificado e removido por ordem de Lins de Vasconcelos.

Em 19 de fevereiro de 1752, Alpoim acompanhou ao Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, então lente da Escola Militar, a bordo da náu *Lampadosa,* em viagem à Colônia do Sacramento, regressando, ambos, ao Rio, em 20 de abril de 1859, tendo êle militado com glória, como artilheiro, ao lado do seu chefe, conforme se verifica da correspondência de Gomes Freire, do *Diário da Expedição,* escrito pelo capitão Jacinto Rodriguez da Cunha, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* XVI, e das notas de José Artur Montenegro ao *Uraguai,* de José Basilio da Gama, editado em Pelotas, no ano de 1900.

Por carta régia de 4 de novembro de 1758, estabeleceu-se que, no caso do falecimento do Conde de Bobadela, a sua via de sucessão ao govêrno se faria por D. Frei Antônio do Desterro, pelo chanceler Castelo Branco e pelo brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, tendo-se mudado por morte de Gomes Freire, a 1 de janeiro de 1763, o bispo para a casa dos governadores e realizado o govêrno com os seus dois referidos companheiros, até 19 de outubro, quando chegou e tomou posse do govêrno o Conde da Cunha, que escolheu Castelo Branco e o tenente de Mestre de Campo General Alpoim para adjuntos ao despacho dos negócios do Estado, deliberação essa aprovada pela ordem régia de 31 de janeiro de 1765.

A 21 de agôsto de 1760 foi José Fernandes Pinto Alpoim promovido a brigadeiro.

De 1761 a 1763, serviu o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim como provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, prestando nesse pôsto os mais assinalados serviços aos pobres, aos desamparados, aos órfãos desvalidos e aos enjeitados. Em 3 de abril de 1763, autenticava êle a admissão aí de seu próprio filho, José Fernandes.

Em carta de 22 de julho de 1766, o govêrno louvou o Conde da Cunha pela prisão dos que tomaram parte em sedição chefiada por José Pereira de Castro, da qual participou o filho do brigadeiro Alpoim de

nome VASCO, que, vindo do sul, faleceu em naufrágio. Também de outro filho do brigadeiro ALPOIM, seu homônimo, oficial, queixou-se amargamente o CONDE DA CUNHA, escrevendo que o não queria para ajudante de ordens e que, tendo ido a Portugal buscar uma irmã para casar-se com JOAQUIM JOSÉ RIBEIRO ali se demorara mais do que o permitido, infringindo as regras da disciplina.

Segundo informa AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR, o pai de JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM era natural de Correlha, têrmo de Barcelos, Portugal, filho de ANTÔNIO GONÇALVES TAMARETOS, tendo sido ajudante da artilharia, gentilhomem dela, capitão e sargento-mór com exercício de engenheiro, profesor em Viana e sargento-mór de Entre Douro e Minho, falecendo em 1738, em Viana.

"JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM", ainda informa AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR, "fez as plantas de várias fortalezas e edifícios públicos no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, onde sobressaem a Casa Forte, residência dos governadores e Cofre dos Reais Quintos, a planta para a cidade de Mariana, que foi a primeira do Brasil traçada com ruas retas e praças retangulares, segundo os preceitos modernos, a nova Casa da Câmara e Cadeia de Vila Rica, cujo desenho foi ligeiramente modificado por RIBEIRO GUIMARÃES, e várias igrejas e capelas, cujos riscos se encontram no Arquivo da Mesa da Consciência e Ordens em Lisboa. Entre as igrejas de planta riscada por ALPOIM, uma das mais características do alentejano é a matriz de Barbacena. Chafarizes, pontes, quartéis, em todos os setores da engenharia civil ou militar, os trabalhos do brigadeiro ALPOIM são testemunhos de sua competência profissional e de sua infatigável operosidade.

Nos livros da Ordem de Cristo, na Tôrre do Tombo, nos Códices de Papéis Avulsos do Arquivo da Ajuda, no da Mesa da Consciência e Ordens que, conforme já divulguei, se encontram no Ministério das Finanças em Lisboa, e, no da Casa da Moeda, existem fartos documentos sôbre a vida e a obra do ilustre ALPOIM, que é um dos maiores e mais beneméritos servidores do Brasil colonial."

O brigadeiro JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM faleceu no ano de 1770, com a idade de 78 anos, segundo JOSÉ ARTUR MONTENEGRO. Si, porém, êle houver nascido em 1698, como o próprio MONTENEGRO admite, teria falecido, naquela data, com 72 anos.

De JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM escreveu JOSÉ CARLOS RODRIGUES que "ALPOIM não tem sido honrado por nós, como merece; os seus importantes e variados trabalhos em nossa Pátria dão-lhe direito ao reconhecimento da sua História." Na verdade, porém, pagando, aliás dívida de

gratidão, pois foi ALPOIM quem o matriculou no Colégio dos Jesuítas, levou-o a cursar as aulas do seminário de S. José e o fez seguir e matricular em Coimbra, JOSÉ BASILIO DA GAMA o exaltou no *Uraguai*:

"VÊS O GRANDE ALPOIM, ÊSTE O PRIMEIRO
QUE ENTRE NÓS ENSINOU POR QUE CAMINHO
SE ELEVA AOS CÉUS A CURVA E GRAVE BOMBA,
PRENHE DE FOGO E COM QUE FORÇA DO ALTO
ABATE OS TETOS DA CIDADE E LANÇA
DO RÔTO SEIO, ENVOLTA EM FUMO, A MORTE."

Foi de muita gentileza para conosco o Reverendo Padre RAUL DE AZEREDO COUTINHO ao nos enviar estas letras sôbre o retro-transcrito trabalho relativo a JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOIM:

"Barbacena, 3 de Novembro de 1944

Prezado conterraneo NESTOR MASSENA

Saudações.

Venho agradecer-lhe pelo recorte do jornal, que teve a bondade de me remeter, contendo a biografia do brigadeiro JOSÉ FERNANDES PINTO ALPOYM, cujo nome está ligado à história religiosa de Barbacena.

Li com prazer o seu artigo sôbre a pessoa ilustre de ALPOYM, e admirei também o gênio e a grande cultura deste. Embora afastado das lides paroquiais há dois anos e meio, interessou-me saber, segundo diz em seu artigo, que o brigadeiro colaborou para os fundamentos de nossa Freguezia, fornecendo a planta para a construção de nossa Matriz, mas logo uma dúvida surgiu-me na mente quanto ao ano (1748) que o amigo aponta como o da confecção da planta. Fui consultar a minha coleção da fôlha "Imprensa", em que o preclaro e saudoso prof. SOARES FERREIRA publicou uma série de artigos sôbre as origens de Paróquias de Barbacena. E como o estimado conterrâneo é um estudioso e competente arquivista, vou transcrever os trechos que se referem à nossa questão: 1) "Desde a visita pastoral do Bispo D. FREI ANTONIO DE GUADALUPE, a 19 de Agôsto de 1726, já haviam os paroquianos resolvido construir sua igreja Matriz em sítio conveniente, grandeza proporcionada e decência devida, por serem pequenas as capelas da Borda e do Registro, além de situadas em terreno particular." (Cf. Barbacena; Notas históricas; A primitiva Paróquia; 1725-1750; J. SOARES FERREIRA; em "Imprensa" n.º 56). Ainda – 2) "Assim, conforme atrás deixamos dito, o Bispo D. FREI GUADALUPE escolheu e marcou então o local da Igreja Nova, nossa atual matriz, cuja edificação teve início a 9 de Dezembro de 1743 e só se ultimou em 1764. Quanto, porém, à mudança da séde provisória etc." (Cf. ibidem; em "Imprensa" n.º 57). Mais êste documento: 3) "5.º Padre JOSÉ DE FREITAS, 2.ª vez (vigário), de 15 de Junho de 1741 até 26 de Junho de 1743. Era português, natural da freguezia de S. Salvador ... Visitando pessoalmente esta freguezia e suas capelas filiais, estêve no FARIA a 29 de

Junho de 1742, como consta do respectivo têrmo aí lavrado; dentre as providências por êle tomadas ou aprovadas, figura a da edificação da Igreja Nova no local já indicado pelo seu antecessor" (Cf. *Barbacena; Notas históricas; Vigários da antiga Poróquia;* 1725-1750; J. C. Soares Ferreira; em *"Imprensa"*, n.º 70). 4) "6.º. Padre Manoel da Silva Lagoinha, de 21 de Julho de 1743 até 12 de Agôsto de 1746. Foi êle que, a 9 de Dezembro de 1743, assinalou, em presença de muitos dos seus paroquianos, com uma cruz de madeira, o local da nossa Matriz, no mesmo sítio escolhido por D. Frei Guadalupe em 1726, iniciando assim a almejada construção da Igreja Nova, que só ficou termina em 1764, como em seu lugar já registramos". Ainda no mesmo artigo: 5) "9.º. O Beneficiado Padre Antonio Pereira Henriques, de 17 de Outubro de 1748 até 19 de Janeiro de 1750. Foi êle que, a 27 de Novembro de 1748, benzeu a Igreja Nova, colocou as imagens nos altares e disse a primeira missa em Barbacena, para onde transladou a fábrica, que até então se achava na capela do PILAR no Registro: foi, pois, o último vigário da Igreja Velha, e o primeiro da Igreja Nova, em cujos registros deixou burilada a página inicial e brilhante dos anais barbacenenses. O nome do Padre Antonio Pereira etc." (Cf. ibidem; em *"Imprensa"*, n.º 72).

Estas interessantes notas históricas foram extraídas dos livros da nossa Matriz, graças à paciência beneditina do prof. Soares Ferreira, e de algumas vagas tradições, como êste mesmo declara.

Como, porém, conciliar a data de 1748 (em que, segundo Augusto de Lima Junior, o brigadeiro teria traçado a planta da futura Matriz de Barbacena) e a de 1743 (em que, segundo o exposto, já se teriam iniciado as obras)? Seria um estudo interessante e de grande valor histórico para a história religiosa de Barbacena, e problema, cuja solução talvez não fôsse tão difícil ao conterrâneo amgio resolver com outros documentos importantes.

Em todo o caso, até que se conheça um documento mais elucidativo, poderíamos desta maneira conciliar as duas datas: em 1743 se teria começado a construção do templo (foi ultimado sòmente em 1764) e em 1748 se teria terminado a primeira parte ou abside, havendo então a bênção de inauguração e Missa; nessa ocasião (1748), solicitada do brigadeiro a planta, que serviu para completar o templo, êste teria sido ultimado em 1764 com as suas torres. E' a solução que me parece mais provável. A título de curiosidade, acrescento que sòmente na última metade do século passado é que Monsenhor João Gonçalves conseguiu terminar as obras da Sacristia.

Renovando meus cordiais cumprimentos e saudações,

sou *in* C. J. serv. obr. e am.

a) Pe. Raul de A. Coutinho".

Em 15 de novembro de 1748, Dom Frei Manoel da Cruz, primeiro Bispo de Mariana, expediu Provisão mandando entregar ao culto a igreja nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, cuja capela-mór ficou concluída em 27 de novembro seguinte, sendo ela entregue ao culto e designada matriz da freguezia com bênção pelo nono vigário beneficiado Antônio Pereira Henriques e trasladamento da fábrica, que se achava na capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho. Nesse mesmo ano, os padres Manoel Alves, Manoel Gonçalves Viana e Manoel Afonso foram capelães, respectivamente, das capelas da fazenda da Borda do Campo, do Faria e do Ribeirão.

Eis como em *Barbacenenses de Prol* recordamos a figura de Antônio Pereira Henriques:

"Antes de ultimada a construção da atual igreja de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, em 1764, foi ela pela provisão de 15 de novembro de 1748, de Frei D. Manoel da Cruz, primeiro bispo de Mariana, cuja diocese acabava de ser creada, entregue ao culto, a 27 de dezembro dêsse ano, pelo então nono vigário beneficiado da paróquia — padre Antônio Pereira Henriques. Simultâneamente com a entrega ao culto da nova igreja, depois de benta pelo seu vigário, foi ela erigida em matriz da paróquia em lugar da capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho.

Em 1750, o padre Antônio Pereira Henriques se propoz a outros benefícios vagos, não declarando, em sua petição de que benefício era proprietário, mas pleiteando, então, o de Conceição de Antônio Dias, em Vila Rica.

Além dêsses dados, outros não foram encontrados, a respeito do padre Antônio Pereira Henriques, pelo Cônego Raimundo Trindade, nos arquivos da diocese de Mariana; mas o professor Soares Ferreira, nos seus preciosos estudos sôbre *A primitiva paróquia de Barbacena,* assim os aditou na *Imprensa,* de Barbacena, n.º 72, de 3 de maio de 1936, ao referir-se ao novo vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, "o Beneficiado Padre Antônio Pereira Henriques, de 17 de outubro de 1748 até 19 de janeiro de 1750":

"Foi êle quem, a 27 de Novembro de 1748, benzeu a Igreja Nova, colocou as imagens nos altares e disse a primeira missa em Barbacena, para onde transladou a fábrica, que até então se achava na capela do Pilar no Registro; foi, pois, o último Vigário da Igreja Velha, e o primeiro da Igreja Nova, em cujos registros deixou burilada a página inicial e brilhante dos anais barbacenenses.

O nome do Padre Antônio Pereira Henriques, com que encerramos a série dos vigários da antiga paróquia da Piedade da Borda do Campo, ainda figurou na expedição que, no govêrno do intrépido e ativo Capitão-General Luiz Diogo Lobo da Silva (1763-68), se formou, sob às ordens do Mestre de Campo Inácio Pamplona, afim de penetrar e se estabelecer nos sertões do Campo Grande e além da serra da Marcela, na picada de Goiás.

Dessa companhia de colonos, formada de "pessoas idôneas e gente de valor", que se propuzeram a devassar a referida zona ainda inculta e despovoada, faziam parte José Alves Diniz, Afonso Lamounier, José Fernandes de Lima, Inácio Bernardes de Souza e outros. Como capelão seguiu o padre Antônio Pereira Henriques, para o qual, como diz o Dr. Diogo de Vasconcelos, se passou em Mariana a provisão de Vigário na Vara, com poderes de consagrar as igrejas que fossem levantadas nas nossas longínquas regiões da Oeste de Minas. (V. *História Média de Minas Gerais*)".

São de Augusto de Lima Júnior êstes dados sôbre a Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo:

"Em 27 de novembro de 1748 tinha pronta, apenas, a capela-mór e, mesmo assim, foi consagrada pela premência de Sacramento aos vizinhos que estavam fazendo grandes sacrifícios para a desobriga e mais deveres religiosos. Feita de taipa de pilão, bastante rústica, ficava inteiramente isolada no alto dêsses campos.

Nem o próprio vigário podia habitar junto dela porque não tinha onde, nem tão pouco conservar Sacramento. Os moradores reclamaram, de direito, a fundação de um arraial em tôrno da igreja. "Arraial" é festa de igreja.

Por autonomásia passou às casas onde se hospedavam os fregueses para participar das solenidades religiosas. Morando cada um em suas fazenda e minerações, aos sábados vinham à tarde para suas casas junto da igreja afim de assistirem no domingo à missa e fazerem depois seus negócios. De acôrdo com o costume, tratando-se de lugar deserto, requereram os paroquianos provisão régia para fazerem arraial e obtiveram por intermédio do despacho de Gomes Freire de Andrade que então governava a Capitania. Êsse despacho é de nove de maio de mil setecentos e quarenta e sete e por êle foi mandado um engenheiro para efetuar *a demarcação do espaço para o arraial, determinando o sítio das casas e das ruas com reflexão ao que podia aumentar-se a dita povoação e que examinando os títulos do posuidor informasse com seu parecer se devia ser remunerado e qual devia ser a remuneração.*

Foi afixado ainda um edital convocando os moradores para fazerem junta e se manifestarem sôbre a matéria. Note-se como em pleno regime colonial não se dispensava a audiência do povo, nas matérias de seu interêsse. Em viagem para Vila Rica chegou Gomes Freire de Andrade ao sítio da Igreja Nova em dez de setembro de 1748 e mandou avisar aos habitantes que os receberia na casa de Manoel de Oliveira Lopes onde se hospedava. Foram efetivamente ter ali encôntro com Gomes Freire os principais da terra, Antônio da Costa Nogueira, Jacob Dias de Carvalho, João Calheiros de Araújo, Tomás da Silva, João da Silva Pereira, João de Faria, Manoel Ferreira Valente, José Pinto Reys e Estevam dos Reys Motta. Andavam, porém, em brigas e demandas uns com os outros por vários motivos e entre êles a escolha do local para a igreja. O mais velhaco fôra, porém, Estevam dos Reys, manhoso e espertalhão. Fazendo-se neutro na contenda, quando as divergências crepitavam na escolha do local, fôra êle quem sugerira, como solução conciliatória, que a nova igreja se fizesse na "Caveira de Cima", por serem terras sem dono, estéreis e pedregosas. Logo que veio, porém, a autorização régia, correu a Vila Rica e requereu subrepticiamente uma sesmaria que abrangia o terreno da igreja. Agora procurava explorar a situação em seu proveito. Demandavam com êle os demais e irritados uns com os outros não chegaram a acôrdo sôbre o caso do arraial. Estevam dos Reys, alegando sua propriedade às terras onde se pretendia elevar o arraial, increpava os demais de não terem informado devidamente à coroa tal fato. O falso era porém justamente êle como se viu. Fez-se, porém, na presença de Gomes Freire, o mais magnânimo e generoso. Dava as terras para o povoado sem indenização, exigindo, porém, que nenhum morador pudesse ter "logeas ou casas de comércio", reservando para si o monopólio de comércio e de estalajadeiro. Queria ainda que os outros que fizessem casa assinassem um termo em que se obrigassem a "desocupá-las e largá-las os donos em todo o tempo em que fizessem prejuízo a êle Estevam dos Reys". Gomes Freire teve neste caso uma conduta incrível. Concordou com a exigência absurda de Estevam e baixou provisão. A notícia espalhou-se como um raio e, no dia seguinte pela manhã, quando ainda o Governador descansava na fazenda de Manoel Lopes, lá ia ter numerosa deputação dos moradores da região.

Fizeram ver a Gomes Freire que não aceitavam aquelas condições por serem "contra o bem público ficarem sem logeas e vendas, obrigando-os ao arbítrio de preço e qualidade ao tal Estevam dos Reys".

Gomes Freire, irritado com tudo aquilo, deixou o caso em suspenso, prosseguindo viagem para Vila Rica. Continuou a igreja em "lugar deserto com grande perigo de ser roubada e o grande descômodo de não ter o pároco acomodação para acudir os Sacramentos", etc., etc. Era o lugar *"medonho com gentios e salteadores e negros fugidos, cada qual pior de falta de consciência"*, diziam em representação ao Rei. Sòmente em 1735, o Rei resolveu o caso em favor dos moradores. Da representação constam já nomes de muita gente abastada como os seguintes, troncos de famílias ilustres mineiras: Francisco da Costa, capitão Antônio Marques de

Morais, capitão Manoel Lopes de Oliveira, sargento-mór Manuel Rodrigues Pereira, José Lopes de Oliveira, capitão Antônio Vital de Medeiros, João de Araújo, Francisco Gonçalves, etc.

Estevam dos Reys perdeu a partida e não lhe foi confirmada a sesmaria na parte relativa aos terrenos da "Caveira de Cima". (Augusto de Lima Júnior, obra citada).

Em janeiro de 1750, teve lugar a posse do décimo vigário da freguezia da igreja nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, padre Antônio de Lima Soares, que assim figura em *Barbacenenses de Prol*:

"Antônio de Lima Soares foi o décimo vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo, de 20 de janeiro de 1750 a 3 de fevereiro de 1751, estando, então, à frente da diocese de Mariana o seu primeiro bispo (1748-1764), D. Frei Manoel da Cruz. Por ocasião dêsse paroquiato, foram capelães: os padres João Lopes de Oliveira e Manoel Alves, da fazenda da Borda do Campo; o padre Manoel Gonçalves Viana, da fazenda do Faria; e o padre Manoel Afonso, da fazenda do Ribeirão de Alberto Dias.

Em tôrno da Igreja Nova formou-se povoação, desenvolvida, pouco a pouco, e transformada em arraial, chamado arraial da Igreja Nova, que cresceu, devido, sobretudo, à sua posição, ligando o Caminho Novo das Minas Gerais, recém-aberto por Garcia Rodrigues Paes, ao Caminho Velho, que se dirigia para Goiás e Mato Grosso. Só em 1764 ultimou-se a construção dessa igreja.

A paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo foi confirmada pela consulta da Meza de Consciência e Ordem de 30 de outubro de 1750 e pela resolução de Sua Magestade de 3 de novembro dêsse mesmo ano."

De janeiro de 1750 a 3 de fevereiro de 1751, foram capelães na fazenda da Borda do Campo os padres João Lopes de Oliveira, Manoel Alves e Manoel Gonçalves Viana.

Em *Barbacenenses de Prol* dedicamos estas linhas a João Lopes de Oliveira:

"João Lopes de Oliveira pertence, como indica seu nome de família, Lopes de Oliveira, à família dos irmãos Manoel Joaquim Lopes de Oliveira, José Lopes de Oliveira e Francisco Lopes de Oliveira, naturais da freguezia de Santa Maria de Olival, do bispado do Pôrto, no reino do Portugal, que, nos primeiros lustros do século XVIII, estabeleceram-se, como sesmeiros, na freguezia da Borda do Campo, na comarca do Rio das Mortes. João Lopes de Oliveira era, provàvelmente, irmão dêsses Lopes de Oliveira, filhos de Manoel Lopes de Oliveira e Izabel Fernandes, naturais e residentes na referida freguezia de Santa Maria de Olival.

É certo que enquanto Manoel Joaquim se dedicou, apenas, à agricultura e à creação e José e Francisco foram, também, militares, João Lopes de Oliveira dedicou-se à carreira eclesiástica, ordenando-se padre. E, estabelecido, como os outros Lopes de Oliveira, na Borda do Campo, o padre João Lopes de Oliveira foi capelão da fazenda da Borda do Campo, durante o vicariato do padre Antônio de Lima Soares na paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo, de janeiro de 1750 a 3 de fevereiro de 1751, isso tendo ocorrido durante o episcopado, na diocese de Mariana, do seu primeiro bispo, D. Frei Manoel da Cruz, que esteve na sua direção de 1748 e 1764.

Por essa ocasião, era proprietário da fazenda da Borda do Campo o tenente-coronel Manoel Lopes de Oliveira, pai de Maria Inácia de Oliveira, que se casou com José Aires Gomes, que foi sucessor de seu sogro como proprietário da Fazenda da Borda do Campo depois da morte de seu irmão Francisco Gomes Martins, deixando viúva, Clara Maria de Oliveira Martins, que foi, depois, freira.

Ao padre João Lopes de Oliveira sucedeu como capelão, na fazenda da Borda do Campo, ainda no vicariato do padre Antônio de Lima Soares, o padre Manoel Alves. Um dos últimos encarregados de atos religiosos na capela da fazenda da Borda do Campo que ainda existe convenientemente zelada, achando-se nela sepultadas várias pessoas, entre as quais, e tendo-o sido mais recentemente, o comendador Feliciano Coelho Duarte e sua mulher Constança Emídia de Lima Duarte, comendador Francisco de Paula Lima, capitão José Manoel de Miranda e sua mulher Maria Henriqueta Duarte de Miranda, Filomena Duarte Barbosa de Castilho e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, foi o Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida.

"Foi, sob o paroquiato dêsses dois vigários, (Antônio de Lima Soares e Antônio Pereira Henriques) que a freguezia de N. S. da Piedade da Borda do Campo, até então simples curato, de instituição episcopal, foi criada pelo govêrno da metrópole pelo alvará de Sua Magestade, de 3 de novembro de 1750, em virtude da Consulta da Mesa de Consciência e Ordem, de 30 de Outubro dêsse mesmo ano. Pouco mais tarde teve ela a natureza de colativa (benefício perpétuo), pelo alvará de 16 de Janeiro de 1752.

Como se sabe, a criação das freguezias era uma das prerrogativas do Padroado, de que então gosavam os reis de Portugal, como Gran-mestres da Ordem de Cristo, o que não poucas vêzes deu causa a sérios conflitos entre os dois poderes, civil e eclesiástico."

Ainda no ano de 1750, foi criada a freguezia de Santa Rita e foi fundada a capela da Conceição de Ibitipoca; a 30 de outubro, houve confirmação da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo em consulta da Mesa de Consciência e Ordem, o que foi homologado em resolução real de 3 de novembro, ficando, assim, elevado à paróquia o curato episcopal de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo.

Entre os *Barbacenenses de Prol* incluímos Clara Maria de Oliveira:

"Registra-se, na história da freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo Lide, depois paróquia da Igreja Nova da Borda do Campo, uma personagem com o nome de Clara Maria, que se tornou freira e foi madre, filha de José Lopes de Oliveira, o primeiro dêsse nome, e de Bernardina Caetana do Sacramento Gonçalves, irmã, portanto, do coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, de José Lopes de Oliveira, o segundo dêsse nome, padre, e de Ana Quitéria Joaquina de Oliveira, que se casou com o coronel Luiz Alves de Freitas Belo. Depara-se, porém, na mesma história, o nome de Clara Maria, senhora casada com Francisco Gomes Martins, irmão do coronel José Aires Gomes, que teria sido, ainda, nora de Manoel Lopes de Oliveira, o pai de Maria Inácia de Oliveira, casada com o coronel José Aires Gomes.

Para que essa Clara Maria houvesse sido nora de Manoel Lopes de Oliveira te-lo-ia sido em primeiras núpcias. E para que seja uma mesma personagem ela e a freira Clara Maria seria mister que essa freira houvesse professado na sua ordem após a segunda viuvez, depois, portanto, do falecimento de Francisco Gomes Martins.

A segunda Clara Maria foi, ao que parece, viúva de duas núpcias, a primeira com filho de Manoel Lopes de Oliveira e a segunda de Francisco Gomes Martins. Falecem-me, no entretanto, até êste momento, elementos para identificá-la como sendo a filha de José Lopes de Oliveira, que se tornou freira."

De 1751 a 1800

De 8 de fevereiro de 1751, o padre Jerônimo da Fonseca Alves foi, até 30 de junho de 1752, o undécimo vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo. Em 4 de março de 1751, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo resolveu, de acôrdo com o vigário, padre Jerônimo da Fonseca Alves, derrubar as tôrres de taipa da igreja para construir outra de pedra e cal, o que só mais tarde foi executado. Em 3 de novembro de 1751, foi criada, por carta régia, a paróquia perpétua e a vigararia colada de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo. Nesse mesmo ano, nasceu Manoel Inácio Barbosa Lage, batisado a 17 de outubro.

Em 16 de janeiro de 1752, foi, por alvará, dada a natureza colativa, isto é, de benefício perpétuo, à paróquia de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo. Carta régia de 23 de janeiro de 1752 apresentou e colou o benefício de primeiro vigário da freguesia de Nossa Senhora do arraial da Igreja de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo ao padre Feliciano Pita de Castro, o décimo segundo dos vigários da paróquia. Em 30 de junho de 1752 terminou o vicariato do padre Jerônimo da Fonseca Alves, undécimo vigário da paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo.

Colocamos em *Barbacenenses de Prol* Jerônimo da Fonseca Alves com estas referências:

"Jerônimo da Fonseca Alves foi o undécimo vigário da freguesia de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Igreja Nova da Borda do Campo, de 8 de fevereiro de 1751 a 30 de junho de 1752.

O professor Soares Ferreira, escrevendo sôbre os párocos da atual paróquia de Barbacena, registrou que "as últimas obras da Igreja Nova e os temporais haviam causado sérios estragos nas tintas do corpo da igreja, principalmente sôbre o côro, onde um lanço de parede ameaçava ruina. A irmandade do Santíssimo Sacramento, de acôrdo com o vigário padre Jerônimo da Fonseca Alves, em mesa reunida a 14 de março de 1751, deliberou por tudo em têrmos, afim de sustar o perigo eminente, julgando conveniente desmanchar as tôrres de taipa, o que só mais tarde

conseguiram executar, substituindo-as pelas atuais de pedra, mais altas e proporcionadas com o aumento feito no corpo da igreja".

Aludindo ao vicariato dos padres ANTÔNIO DE LIMA SOARES e JERÔNIMO DA FONSECA ALVES, o primeiro 10.º vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Igreja Nova da Borda do Campo, de janeiro de 1750 a 3 de fevereiro de 1751, "o último 11.º vigário dessa paróquia, escreveu o professor SOARES FERREIRA sôbre *A primitiva paróquia de Barbacena*, na *Imprensa* de 18 de fevereiro de 1840".

Em 3 de julho de 1752, empossou-se o padre FELICIANO PITA DE CASTRO na direção da paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo.

Em 1753, foi, por carta régia, revogada a sesmaria de concessão a ESTEVAM DOS REIS MOTA, de terreiros juntos à Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo.

"As primeiras casas da atual cidade de Barbacena em tôrno de sua igreja foram", segundo AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR, na sua já citada obra, "construídas no ano de 1753 e autorizadas pela decisão de 15 de maio dêsse ano. Chamava-se agora a localidade: "Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo", e estava sob a jurisdição civil da Vila de São José, atual cidade de TIRADENTES. A precariedade da construção de taipa não resistiu por muito tempo".

Do ano de 1753 ao de 1762, o padre JOÃO COELHO DA ROCHA foi coadjutor do vigário FELICIANO PITA DE CASTRO na paróquia da Igreja Nova de NOSSA SENHORA DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo. Em 15 de maio de 1752, foi assentada a decisão de autorizar a construção das primeiras casas no "arraial da Igreja Nova de NOSSA SENHORA DA PIEDADE da Borda do Campo, sob a jurisdição civil da vila de S. JOSÉ" (hoje cidade de TIRADENTES).

Em 29 de setembro de 1754, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de NOSSA SENHORA DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo deliberou assoalhar as suas coxias e a capela-mor, pondo-lhe sepulturas para os irmãos provedores, forrar o sacrário de sêda e por-lhe novo pavilhão. Nesse ano de 1754 nasceu (em CONCEIÇÃO de Ibitipoca, ou em Campo Alegre dos Carijós) o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA.

Em 18 de janeiro de 1756, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Nova de NOSSA SENHORA DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo deliberou a construção do frontespício e das torres de pedra da igreja, aumentando as paredes mestras e reparando estragos da capela-mor. Em 9 de maio dêsse mesmo ano, o mestre pedreiro MANOEL ALVES

PEREIRA arrematou a construção das obras planejadas na Igreja Nova de NOSSA SENHORA DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo.

Em 20 de março de 1757, ordenou-se padre, em Mariana, no episcopado do primeiro bispo da diocese, Dão Frei MANOEL DA CRUZ, JOSÉ DIAS DE CARVALHO, natural da Borda do Campo. Em 10 de abril do mesmo ano, nasceu FRANCISCO VIDAL BARBOSA, que veiu a se ordenar padre. De 1757 a 1760, o padre JOÃO ALVES BARROSO foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE do arraial da Borda do Campo, padre FELICIANO PITA DE CASTRO.

É um dos *Barbacenenses de Prol*, conforme entre êles o incluímos, JOSÉ DIAS DE CARVALHO:

"O nome de JOSÉ DIAS DE CARVALHO denota as suas ligações de sangue com ALBERTO DIAS DE CARVALHO, português, casado em São Paulo, e dos primeiros que demandaram a Borda do Campo, aí se estabelecendo, no comêço do século XVIII, residindo no sítio do Cará, onde faleceu, em 1731, depois de haver fundado a Fazenda do Ribeirão, o ribeirão a que ligou o seu nome — ribeirão de ALBERTO DIAS.

Também se acha ligado a essa família JACOB DIAS DE CARVALHO, um dos principais da Borda do Campo quando por aí passou, em 1748, o governador GOMES FREIRE DE ANDRADE, e os convocou para reunião, que teve lugar em casa de MANOEL LOPES DE OLIVEIRA, destinada a assentar o local do arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE, arraial de que resultaria, mais tarde, a vila e hoje cidade de Barbacena.

JOSÉ DIAS DE CARVALHO nasceu em Barbacena, onde fêz os seus primeiros estudos para se matricular, após, no seminário da séde da diocese de Mariana, cujo curso teológico concluiu, durante o episcopado do seu primeiro bispo, D. Frei MANOEL DA CRUZ, episcopado êsse que se prolongou de 1748 a 1764.

JOSÉ DIAS DE CARVALHO ordenou-se padre em 20 de março de 1757, tendo exercido o sacerdócio católico na terra do seu nascimento".

Entre os *Barbacenenses de Prol*, incluímos o segundo JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, assim ali referido:

"JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, segundo dêsse nome, era filho do seu homônimo coronel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, e de BERNARDINA CAETANA DO SACRAMENTO GONÇALVES, sendo irmão do coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES, de d. ANA QUITÉRIA, casada com o coronel LUÍS ALVES DE FREITAS BELLO, e tio de D. BERNARDINA QUITÉRIA, casada com o coronel JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS, o delator da Conjuração Mineira de 1789. JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA nasceu no município de Barbacena, em 1739, na

fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS, próxima à estação de ALFREDO VASCONCELOS da Estrada de Ferro Central do Brasil.

JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA ordenou-se padre pelo seminário de Mariana, quando a diocese era dirigida pelo seu primeiro bispo, D. Frei MANOEL DA CRUZ (bispo de 1748 a 1764), e participou da Inconfidência Mineira, tendo sido, prêso, juntamente com o seu irmão coronel, FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES, por ordem do Visconde de Barbacena, por JOAQUIM PEDRO DE SOUSA CÂMARA, moço fidalgo da casa de Sua Majestade e sargento-mor de auxiliares da câmara do Rio das Mortes, natural de Vila Viçosa, e submetido a interrogatórios a 22 de maio, 17 e 18 de junho de 1790 e 14 de setembro de 1791, e sendo exilados, êsse para Bié, na África, e aquêle para Lisboa, onde faleceram, o primeiro an Tôrre de São Julião, em 1795.

Da inquirição, a 17 de junho de 1789, do padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, o vigésimo terceiro inquerido, foi redigido o seguinte depoimento:

"O Reverendo Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, natural da Freguesia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo, que vive das suas Ordens, residente no Arraial da Igreja Nova, de idade de cincoenta anos, testemunha, a quem o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro dêles, em que pôs sua mão direita, subcargo do qual lhe encarregou, que com boa e sã consciência jurasse a verdade do que soubesse e lhe fôsse perguntado, o que assim prometeu fazer, como lhe estava encarregado.

E perguntado êle testemunha pelo conteudo no Auto desta Devassa, que todo lhe foi lido, que a primeira vêz, que ouviu falar em levante foi no mês de setembro do ano passado ao Coronel JOSÉ AYRES GOMES, o qual lhe contou, que se esperava no Rio de Janeiro uma Armada Francêsa, e que muitos moradores do Rio de Janeiro estavam de ânimo a seguir aquêle partido francês sem porém lhe declarar os nomes e que isto mesmo já sabia o Excelentíssimo Senhor Visconde, porém, que êle dito AYRES protestara ser fiel; e quanto a estas Minas ouviu êle testemunha nos princípios do mês de março do ano presente ao Coronel JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS, que estava para nelas se fazer um levante, entrando muitas pessoas nêle; e que pôsto êle dito Coronel fôsse de Portugal estava pronto para o seguir, porquanto bem podia ser esta terra um Império pelas riquezas, que tinha; e principiando a nomear os confederados, apenas lhe ouviu êle testemunha falar ao Desembargador GONZAGA, quando pondo as mãos na cabeça nem ouviu, nem quiz ouvir mais nada, e se lhe tornou, que isso era o que êle queria para não pagar o que estava devendo à Fazenda Real, dizendo-lhe

que logo viesse denunciar; e entende êle testemunha, que assim o fêz, porquanto vindo aquêle JOAQUIM SILVÉRIO logo à Cachoeira, onde se achava o Excelentíssimo Senhor General, voltou assegurando a êle testemunha, que já não havia Derrama, pois que tinha contado a sua Excelência umas tantas cousas, que êle — entupira — mandando escrever às Câmaras, e suspendendo tudo; do que veiu a concluir êle testemunha haver-se o dito denunciado como lhe recomendara; mas passados alguns dias foi o mesmo SILVÉRIO despedir-se dêle testemunha, dizendo-lhe, que ia para o Rio de Janeiro buscar uma carta do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei para o Desembargador Intendente, e Procurador da Real Fazenda; porém êle testemunha não acreditou semelhante cousa, muito mais acrescentando êle, que o Excelentíssimo Senhor Visconde o aconselhara para isso mesmo; e escrevera ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei; antes assim se persuadiu êle testemunha, que o mesmo JOAQUIM SILVÉRIO tinha com efeito denunciado o premeditado levante nestas Minas ao Senhor General, e ia fazer o mesmo no Rio ao Senhor Vice-Rei, e isto pelas antecedencias, que expressadas ficam, e assim o escreveu êle testemunha, em resposta a uma carta de seu irmão o Coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES, mandando-lhe perguntar se sabia a causa por que ia ao Rio o dito Coronel JOAQUIM SILVÉRIO, porquanto vogava pelas Vilas uma notícia, de que êle tinha ido correr uma parada; e êste mesmo pensamento descobriu êle testemunha ao Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA.

Declara mais: que indo êle testemunha na segunda semana depois da Páscoa à Ponta do Morro, à casa de seu irmão dito Coronel FRANCISCO ANTÔNIO, eis aí chegou em uma tarde o Vigário de São José CARLOS CORRÊA DE TOLEDO e, depois de conversar em um quarto com o dito seu irmão, êste se retirou, e pediu a êle testemunha fôsse entreter o Vigário; e fazendo-o assim, entrou para onde êle estava, e, principiando a conversar, o achou melancólico e pensativo; o que deu causa a perguntar-lhe — o que tinha ? Ao que respondeu o dito Vigário, que estavam acabadas suas idéias; porque JOAQUIM SILVÉRIO tinha ido denunciar o levante, que se intentava fazer; contando-lhe que estava delineado erigir-se uma república; ao que repugnou êle testemunha dizendo — que tal não se poderia conseguir, porque não havia gente, armas, mantimentos e outros gêneros indispensáveis; e que por consequência os mesmos do levante em breve tempo se haveriam de entregar; ao que êle Vigário respondeu, que o mais que duraria a guerra seriam três anos; e que entretanto se unia o Rio de Janeiro e São Paulo; e se passaria como pudesse ser, servindo-se do sol do sertão; que unido o Rio e São Paulo havia muita gente, e que, quando os Ameri-

canos Inglêses sacudiram o jugo, tinham menos armas e que contudo resistiram até se conseguir a liberdade; do que êle testemunha ficou por extremo escandalizado e muito mais de lhe dizer aquêle Vigário, que tinha muitos companheiros de caráter, e povo; e falando êle testemunha ao depois com o dito seu irmão perguntando-lhe êste, o que praticara com êle o Vigário, lhe respondeu, que estivera armando castelos; e que se não fôra a Religião lhe faria alguma desfeita. Declara mais êle testemunha, que mandando-o chamar depois disto à sua casa o dito seu irmão Coronel, lhe contou que aquêle JOAQUIM SILVÉRIO os tinha a ambos denunciado, e ao Padre FRANCISCO VIDAL; em o mesmo dia de tarde sairam ambos à caça, e no caminho encontraram-se ao Sargento-mor LUÍS VÁS DE TOLEDO PIZA, irmão do referido Vigário, com quem o dito seu ismão conversou um pouco de tempo, sem que êle testemunha, por ficar mais distante, ouvisse o que tratavam; só sim percebeu dizer aquêle LUÍS VÁS no fim – olhe, a mim não me hão de pegar. – No dia seguinte, que era domingo, tornou o mesmo seu irmão a pedir-lhe, que o acompanhasse, e saindo ambos ao romper do dia, demandando a paragem, a que chamam Atrás da Serra, onde encontraram o dito Vigário; e dizendo-lhe o dito seu irmão – Que é isto meu Vigário? De Santo Cristo ao peito? Já vai de viagem? – lhe respondeu o Vigário – Não sei o que sucederá; e apartando-se um pouco do caminho, conversaram por pequeno espaço, e se despediu aquêle Vigário dizendo – Já larguei a Vila de São José por uma vez; e tornaram ambos para casa. Declara finalmente êle testemunha que seu cunhado LUÍS ALVES, Coronel de Auxiliares, lhe dissera, que quando o Alferes JOAQUIM JOSÉ passara para o Rio de Janeiro pretendeu falar-lhe na sua fazenda do Ribeirão, e, achando-se então doente, não lhe poude falar; ao que instou o dito Alferes, que sempre de madrugada lhe queria dizer a Deus; e com efeito batendo-lhe de madrugada à porta, e entrando lhe disse que ia para o Rio com idéia de tirar umas águas, que se conseguisse lhe haviam de render por ano vinte mil cruzados, e querendo adiantar a conversa a diferente assunto, êle Coronel LUÍS ALVES lhe fêz sinal, que ali estava sua mulher na cama, e então o dito alferes se despediu. Declara finalmente, que, depois, da prisão do dito JOAQUIM SILVÉRIO, um ANTÔNIO DE OLIVEIRA PINTO, da Cidade do Rio de Janeiro, mandou dizer vocalmente por um próprio, que viera para cima, ao Coronel LUÍS ALVES, que socegasse; que as cousas lhe não pareciam tão feias a respeito da prisão de JOAQUIM SILVÉRIO; porque fazendo-se apreensão em seus bens depois de prêso, se mandaram outra vez entregar a seu Procurador. E mais não disse, nem os costumes, digo, e declara mais êle testemunha, que logo que foi prêso

o TIRADENTES e JOAQUIM SILVÉRIO ouvia contar geralmente aos viandantes, ser aquelas prisões por levante, que se queria fazer nestas Minas; e que aquêle TIRADENTES andara buscando pelas livraria uns livros, que tratavam do levante dos Inglêses; e que os Oficiais do Piquete daquela Cidade do Rio de Janeiro diziam, que vinham buscar a Minas uns homens grandes; donde ouvia êle testemunha discorrer, que eram o Tenente FRANCISCO DE PAULA, o Coronel ALVARENGA, o Desembargador GONZAGA, e outros. E mais não disse, e quantos aos costumes disse ser irmão do Coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES, e assinou com o dito Ministro, lido o seu juramento e eu o Bacharel JOSÉ CAETANO CESAR MANITTI, Escrivão nomeado, o escrevi. (aa) SALDANHA. – JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA".

O padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA foi inquirido, novamente em 22 de maio e em 17 de junho de 1790, lavrados, então, longamente os seus "juramentos".

Inquirido, em vinte e dois de maio de 1790, o Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, foi lavrado êste – "Auto de perguntas feitas ao Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA.

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, e setecentos, e noventa aos vinte, e dois dias do mês de Maio nesta Vila Rica em a Cadeia Pública dela onde veiu o Desembargador PEDRO JOSÉ DE ARAÚJO SALDANHA, Ouvidor Geral desta Comarca, junto consigo Escrivão ao diante nomeado para efeito de se fazerem perguntas Judiciais ao Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, que se achava prêso incomunicável na mesma Cadeia; e sendo aí, logo o dito Ministro o mandou vir à sua presença, e lhe fêz as perguntas seguintes.

Foi perguntado êle Respondente, como se chamava; donde era natural, a sua residência, ofício, e idade.

Respondeu, que se chamava JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, Presbítero do hábito de São Pedro; natural da freguesia da Borda do Campo dêste Bispado de Mariana, residente no Arraial da Igreja Nova, que vivia do uso de suas ordens, de idade de cincoenta anos.

Foi mais perguntado se sabe, ou suspeita o motivo da sua prisão?

Respondeu, que tendo-lhe dito seu Irmão o Coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES, que o Coronel JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS tinha denunciado a êle Respondente, ao mesmo FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA, e a um seu Primo por sabedor de uma sublevação, que se projetava nestas Minas, não obstante, que procedesse com falsidade, sempre êle Respondente se ocultou, e por esta razão se persuade ter sido prêso, e declara, que aquêle seu Primo, também denunciado como dito fica, era o Padre

Francisco Vidal; e sabendo também êle Respondente, que o mesmo Denunciante dito Coronel Joaquim Silvério dos Reis tinha sido prêso no Rio de Janeiro muito mais receou logo, que também o fôsse êle Respondente, tendo sido um dos denunciados; e por isso cuidou logo, como era natural de se recatar, e pôr em cautela.

E perguntado, que motivos tinha aquêle seu Irmão dito Coronel Francisco Antônio de Oliveira para saber, ou suspeitar a expressada denúncia?

Respondeu, que o mesmo seu Irmão dito Coronel lhe contara que tendo ido a Cachoeira visitar a Sua Excelência, êste lhe dissera, que Deus o trazia ali, porque do contrário estava perdido; porquanto Joaquim Silvério dos Reis ali o fôra denunciar de ter parte em um levante que estava para se praticar nestas Minas e também a um seu Irmão Padre José Lopes, que é êle Respondente, e a um seu Primo o Padre Francisco Vidal, e que tendo o dito Coronel ido ao Ribeirão de Alberto Dias, onde residia o mesmo Joaquim Silvério, achando-se também ali nessa ocasião êle Respondente, e aquêle seu Primo o Padre Francisco Vidal, o referido Joaquim Silvério entrou a queixar-se amargamente das repetidas Cartas, que tinha da Junta da Fazenda Real, para concorrer com os devidos pagamentos; ao que acudira o dito Irmão dêle Respondente o Coronel Francisco Antônio batendo-lhe no hombro, e dizendo-lhe — Deixa estar meu Joaquim Silvério, que breve te hás de ver livre da Fazenda Real — ao que também acrescentara êle Respondente — apelar para a queima dos Livros — dizendo ùltimamente aquêle dito Padre Francisco Vidal — Quanto mais depressa melhor.

E perguntado, se o referido tinha passado na verdade, ou se em alguma parte era falso?

Respondeu, que à exceção de se ter êle Respondente achado, e aquêle dito seu Primo Francisco Vidal no Ribeirão, quando ali chegou o referido seu Irmão Francisco Antônio, tudo o mais é falso.

E instado, que é totalmente inverosímil, que o dito Joaquim Silvério denunciasse logo falsamente a todos três, quando se não aponta razão de inimizade notória entre aquêle Denunciante e Denunciados.

Respondeu, que o dito Joaquim Silvério não se unia bem com o Irmão dêle Respondente por falta do pagamento de umas fazendas, que lhe tinha vendido, tanto assim que naquele dia em que o dito Francisco Antônio o fôra procurar ao Ribeirão era com o destino ou de ser satisfeito, ou de retratar a venda; e sôbre êste objeto se irritaram gravemente, e só disso se tratou até a noite; e é tanta verdade o referido, que nem o mesmo Joaquim Silvério jantou com êle à mesma mesa.

E perguntado mais, se além do referido Coronel Francisco Antônio, ouviu êle Respondente falar a mais alguém no referido levante, e o que no mesmo projetava fazer, e quais eram os Confederados? Respondeu, que além, do que ouvira dizer a seu Irmão, lhe tinha relatado o Excelentíssimo Senhor General; ouviu falar no dito levante ao mesmo Coronel Joaquim Silvério dos Reis; e ao Vigário de São José do Rio das Mortes Carlos Corrêa Toledo do modo, e pela formalidade, que êle depôs, e jurou já na Devassa, em que foi testemunha.

E perguntado, se além do que êle Respondente havia já deposto naquele seu juramento, como acaba de referir, e que todo lhe foi outra vez lido por mim Escrivão neste mesmo ato, tinha mais alguma cousa, que declarar, ou acrescentar.

Respondeu, que nada mais lhe lembra, que possa agora referir; e que em tudo, e por tudo, se reporta ao dito seu juramento.

Foi mais perguntado, se êle Respondente sabia de certeza, ou ainda presuntivamente, que seu Irmão o Coronel Francisco Antônio de Oliveira fôsse um dos Confederados para aquela sublevação, ou que ao menos tivesse alguma maior notícia?

Respondeu, que nem teve jamais certeza, nem razão de presumir que o dito seu Irmão fôsse um daqueles Confederados, nem ainda, que de tal projeto tivesse conhecimento.

E instado, que fica inverosimel esta sua negativa, porquanto tendo relatado no seu juramento prestado na Devassa, a que se referiu, o encontro, que lhe sucedera com aquêle Vigário de São José, as expressões, que lhe ouvira; e havendo por duas vêzes acompanhado a seu Irmão dito Coronel Francisco Antônio, que se afastava a comunicar particularmente aquêle Vigário; supostas tôdas estas circunstâncias é bem natural, que êle Respondente discorresse e viesse a concluir, que também seu Irmão era entrado no mesmo empenho, e projeto; ou que pelo menos tinha plena notícia dêle.

Respondeu, que não obstante tudo o expendido, nunca teve noção alguma de que seu Irmão soubesse de tal; antes presumiu, que aquelas sortidas se encaminhavam a avisar o dito Vigário, por ser também um dos denunciados pelo referido Joaquim Silvério.

E instado, que diga a verdade, que maliciosamente disfarça em suas respostas; pois consta que dando-lhe notícia da Sublevação projetada um dos Confederados, êle Respondente mostrou repugnância em ouvir tratar de semelhante objeto; mas declarando-lhe o mesmo, que também se lhe tinha falado e que, por isso sabia perfeitamente, que seu Irmão o Coronel

Francisco Antônio de Oliveira estava pronto para o mesmo fim; e que desta forma não podia ter escrúpulo, ou repugnância alguma de o ouvir, e contar-lhe também o que sabia neste particular; do que tudo capacitado êle Respondente, depois de exagerar a delicadeza de semelhante matéria, e suas funestas consequências, lhe contou como aquêle seu Irmão fôra convidado para êste efeito?

Respondeu, que tal se não tinha passado; e que tudo o referido era pura falsidade.

E instado, que tanto é verdade, o que acima se refere, que êle mesmo Respondente contou mais, que tendo sido seu Irmão primeiramente convidado por um sujeito, repugnou entrar naquela sedição; mas que sendo depois falado por outro de maior respeito aquiescera, e ficara disposto para seguir aquêle partido?

Respondeu, que do mesmo modo é tudo falso, nem êle Respondente teve tal conversação jamais com pessoa alguma.

E instado mais, que falta à verdade negando pertinazmente todos os referidos fatos, quando até consta, que êle Respondente refletira ao mesmo sujeito, que receava muito, que se rompesse o segredo da projetada Sublevação, antes de ter efeito; por andar empenhado nela o Alferes Joaquim José por alcunha o Tiradentes; e com tanta devassidão, e leveza, que encontrando na Vila de São José na rua ao Sargento-mor Antônio da Fonseca Pestana, sem ter dêle conhecimento maior o entrou a seduzir, e convidar para o dito levante, o qual Pestana se indignou contra êle, e querendo ir denunciá-lo, certo sujeito o desviou, e removeu disso.

Respondeu, que é certo haver-lhe contado seu Irmão o Coronel Francisco Antônio, que aquêle Sargento-mor Pestana lhe tinha dito, que encontrando-o na Vila de São José o referido Tiradentes o convidara com o maior descaramento para um levante, e que êle Pestana partira com êle, e estava indeciso, se o fôsse denunciar, ao que o dito seu Irmão dito Coronel lhe respondera — que aquêle Oficial era um louco, e que não fizesse caso de tal — e isto mesmo é também certo haver êle Respondente contado ao Coronel Joaquim Silvério, quando êste lhe tocou em semelhante materia, como já declarou no seu juramento na Devassa, a que se refere; e por motivo dêste despropósito, com que se conduzia o dito Alferes Joaquim José é que êle Respondente ponderou ao mesmo Joaquim Silvério, que se havia tudo saber, e que se fôsse denunciar.

E instado mais, que tanto é doloso, e falso no que tem resspondido, que achando-se em Domingo de Páscoa no ano preterito, e seu Irmão Francisco Antônio, e seu Primo o Padre Francisco Vidal todos em casa

de Joaquim dos Reis, e queixando-se êste, de que o Excelentíssimo Senhor General o apertara em extremo pelos pagamentos da Fazenda Real, lhe batera no hombro aquêle Coronel Francisco Antônio dizendo — Quando te verás livre da Real Fazenda? — ao que respondeu o dito Padre Vidal — talvez que cêdo. — E perguntando-lhe o mesmo Joaquim Silvério — porque diz isso? — acudira o mesmo Padre proferindo estas palavras — Estou esperando certa cousa — e êle Respondente, que estava cheirando uma flôr dera uma pequena risada, como quem entendia, o que o dito Vidal queria dizer naquelas suas respostas; do que tudo se segue, que êle Respondente tinha pleno conhecimento de quanto se projetava a respeito da referida sublevação, e até mesmo das Pessoas dos Confederados; o que deve agora declarar com tôda a singeleza?

Respondeu que tudo é falso; e tal se não passou.

E por ora lhe não fêz o dito Ministro mais perguntas algumas, as quais tôdas, e suas respostas, foram lidas novamente por mim Escrivão a êle Respondente, que pelas achar fielmente escritas e em tudo verdadeiras as ratificava; e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos pelo mesmo Ministro em um livro dêles em que o Respondente pôs sua mão direita pelo que respeitava a terceiro, debaixo do mesmo declarou ter dito em tudo a verdade pura; e mandou o dito Desembargador Ouvidor concluir êste Auto, em que se assinou com o Respondente. E eu o Bacharel José Caetano Cesar Manitte Escrivão por Comissão, que o escrevi, e assinei. — Saldanha. — José Caetano Cesar Manitti. — José Lopes de Oliveira".

Aos 17 de junho de 1890, de inquirição que lhe foi feita foi lavrado êste — "Auto de perguntas feitas ao Padre José Lopes de Oliveira.

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa anos aos dezessete dias do mês de junho do dito ano nesta Cidade do Rio de Janeiro e Fortaleza da Ilha das Cobras onde foi vindo o Desembargador José Pedro Machado Coelho Tôrres Juiz nomeado para esta Devassa comigo Escrivão das apelações e agravos desta Relação Manoel da Costa Couto que sirvo no impedimento do Ouvidor atual Escrivão desta Devassa Marcelino Pereira Cleto para efeito de se proceder perguntas ao Réu Padre José Lopes de Oliveira que se acha prêso em custódia nesta mesma Fortaleza e sendo aí foi mandado vir à sua presença ao dito Padre José Lopes de Oliveira e vindo se lhe fêz as perguntas seguintes e fiz êste têrmo eu Manoel da Costa Couto, que o escrevi.

E sendo perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural que idade tinha se era casado ou solteiro, e se tinha algumas Ordens.

Respondeu que se chamava José Lopes de Oliveira filho de José Lopes de Oliveira e de sua mãe Bernardina Caetana do Sacramento, de idade de cincoenta anos, natural da freguesia da Piedade da Borda do Campo de Minas Gerais, que era Presbítero do hábito de São Pedro e usava de suas ordens e vendo-lhe o alto da cabeça se achava tonsurada com corôa aberta.

E sendo-lhe mais perguntado quem o tinha prendido e se sabia a causa da sua prisão.

Respondeu que êle mesmo Respondente se tinha ido entregar à prisão porque tendo-lhe dito primeiramente seu Irmão o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes que o coronel Joaquim Silvério dos Reis tinha vindo denunciar ao Ilmo. e Exmo. Visconde de Barbacena Governador e Capitão General de Minas não só ao dito Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes mas também a êle Respondente, e a um seu Primo o Padre Francisco Vidal morador no sítio do Juiz de Fora dizendo que o dito Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes no dia da primeira oitava da Páscoa do ano de mil setecentos e oitenta e nove em casa do coronel Luís Alves lhe disse que cêdo o havia de pôr livre da Fazenda Real e que êle Respondente dissera as palavras seguintes: — apelar para a queima dos livros — e que o Primo dêle Respondente o Padre Francisco Vidal lhe dissera — quanto mais cedo melhor — e como êle Respondente viu pelas notícias que tinham chegado do Rio de Janeiro que o mesmo Denunciante Joaquim Silvério dos Reis se achava prêso nele, assentou que muito mais se deviam esperar presos os Denunciados e por isso se resolveu a ocultar-se porém depois de andar assim oculto cousa de um mês se resolveu a ir pessoalmente entregar-se ao Excelentíssimo Governador e êle Respondente mostrar, que se achava sem culpa.

E sendo-lhe perguntado de que modo disse que tinha sabido seu Irmão Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes da denúncia que dera Joaquim Silvério dos Reis: e porque modo se atribuiu a culpa às palavras que o Respondente profere.

Respondeu que o dito seu Irmão Coronel Francisco Antônio de Oliveira lhe dissera que sabia da denúncia por lho ter dito o Excelentíssimo Visconde de Barbacena Governador de Minas, a quem o dito Coronel Francisco Antônio fôra visitar à Cachoeira quinze dias pouco mais ou menos antes do Espírito Santo, e tendo falado a respeito de Joaquim Silvério contando uma cousas que tinha ouvido dizer respeitantes a levante ao que o dito Excelentíssimo Governador dissera — que fôra Deus que lá o levara porque do contrário estaria êle perdido porque Joaquim Silvério o tinha ido denunciar na forma que já êle Respondente tem exposto — e que êste era o modo por que o sabia, e que as palavras se atribuiam a que o dito Joaquim Silvério dos Reis ficaria livre da Fazenda Real sem pagar o que devia por se intentar um levante e que então se haviam de queimar os livros em que constavam as dívidas. E sendo perguntado se com efeito êle Respondente tinha dito aquelas palavras — de apelar para a queima dos livros e as mais as outras relatadas.

Respondeu que nem êle nem os mais disseram tais palavras e que naquela ocasião em que o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes veiu a casa do Coronel Luís Alves aonde estava o Coronel Joaquim Silvério, êle Respondente, e o dito Padre Francisco Vidal não se tratou outra cousa senão a pretenção que o dito Francisco Antônio de Oliveira Lopes tinha de que o Coronel Joaquim Silvério dos Reis ou lhe pagasse umas fazendas que lhe tinha comprado ou desmancharia o ajuste de contrato da venda sôbre o que altercaram muito por último se ajustaram em pagar os pagamentos vencidos dizendo o mesmo Joaquim Silvério dos Reis que se tivesse poder de aumentar a Ladainha poria — do Coronel Francisco Antônio — *libera nos Domine* — o que se mostra o enfado que havia entre êles bem contrário à promessa de o pôr livre da Fazenda Real.

E sendo perguntado se fora da ocasião referida houve alguma outra em que êle Respondente dissesse e os mais as palavras mencionadas e se êle Respondente sabia que havia levante ou tinha sôbre isso ouvido alguma cousa o que tudo deve declarar com miudeza.

Respondeu que em nenhuma ocasião se juntaram dizendo as palavras de que dizem os denunciaram e que enquanto ao levante a primeira vez que ouviu falar nêle foi na segunda semana da Quaresma ao Coronel Joaquim Silvério dos Reis nas Casas do Ribeirão o qual lhe disse contando como por novidade que estava para haver um levante nas Minas dizendo que entravam nêle o Desembargador Tomaz Antônio Gonzaga e o Coronel Ignácio José Alvarenga e que suposto êle Joaquim Silvério era de Portugal estava pronto para entrar nêle e querendo referir alguns sujeitos mais que entravam êle Respondente não quiz ouvir e lhe disse, que era o que êle Joaquim Silvério queria para ficar livre da Fazenda Real e que fôsse denunciar logo ao Excelentíssimo Visconde Governador porque êle Respondente se recordava ter já ouvido dizer que o Alferes

JOAQUIM JOSÉ o TIRADENTES tinha falado naquela matéria ao Sargento-Mor PESTANA a quem êle Respondente não sabe bem o nome, e que não merecendo aquela notícia até então atenção alguma agora pelo dito dêle Coronel JOAQUIM SILVÉRIO achava êle Respondente, que era necessário dizer-se que a notícia não se devia reputar fabulosa ùltimamente ouviu falar na mesma matéria ao Vigário da Vila de São José CARLOS CORRÊA DE TOLEDO em casa do Irmão dêle Respondente o Coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA onde êle Respondente foi nos princípios de maio de mil setecentos e oitenta e nove e achando-se aí chegou o dito Vigário e depois de conversar com o dito seu Irmão êste se recolheu para o interior da casa e disse a êle Respondente que fôsse entreter conversação ao mesmo Vigário o que êle Respondente executou e entrando para a sala achou ao referido Vigário passeando em ar de aflição e perguntando-lhe êle Respondente o que tinha à fôrça de algumas instâncias lhe respondeu dizendo que estavam acabadas as suas idéias porque se não podia fazer uma República, que êles pretendiam se fizesse sem lhe declarar quem eram os mais sócios, e que o negócio estava divulgado por se dizer que JOAQUIM SILVÉRIO o tinha declarado em cujo temor êle intentava embarcar-se para Lisboa por aqueles dois mêses e que fora disto nada mais ouvira êle Respondente a respeito do levante.

E sendo instado que dissesse a verdade porque havia de saber muito mais do que tinha declarado e deve dizer tudo com a maior individuação declarando tôdas as pessoas que não só eram entradas que davam favor ajuda ou conselho mas até ao que tinham notícia do mesmo levante.

Respondeu que tem dito a verdade do que sabia e que fora do que tem declarado nada mais sabia.

E por ora êle Desembargador lhe não fêz mais perguntas dando estas perguntas por concluídas deferindo o juramento dos Santos Evangelhos em um livro dêles sôbre que declarou a respeito de terceiro: e sendo-lhe lidas estas perguntas as achou estar na verdade ao que havia respondido de que tudo fiz êste auto que assinou com êle Ministro e o Tabelião José DOS SANTOS RODRIGUES, de que tudo dou fé que a elas assistiu depois de lhe serem lidas e as achar estarem conformes e assinarem e eu MANOEL DA COSTA COUTO que o escrevi e assinei. — TORRES. — MANOEL DA COSTA COUTO. — JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA. — JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES E ARAUJO".

Atestando, em 25 de fevereiro de 1791, qual o dia em que, pela primeira vez, lhe delatou JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS a Conjuração Mineira, acrescentou o VISCONDE DE BARBACENA:

"Também atesto que é verdade ter-me contado o referido JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS na segunda vez acima declarada quando veiu chamado à minha residência, que tendo-se queixado na presença do coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES do apêrto que eu lhe fazia pelos pagamentos devidos à Real Fazenda, êle dissera batendo-lhe no ombro — deixa estar que brevemente te hás de ver livre dêsse flagelo — e que isto se passara diante do Padre FRANCISCO VIDAL BARBOSA e do Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, entre os quais notara alguns sinais de inteligência; e assim o participei também ao Senhor Vice-Rei LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA em carta de onze de maio de mil setecentos e oitenta e nove: mas não me lembro das mais circunstâncias referidas pelo mesmo Padre JOSÉ LOPES no Auto das perguntas que se lhe fizeram; antes estou certo que tratei o dito Coronel irmão dêle com muita desconfiança e cautela na ocasião em que me entregou a afetada Denúncia ou representação que está na Devassa e que algum leve exame que então lhe fiz a respeito daquele fato foi muito disfarçado, sem declaração das formais palavras, e mostrando que o intento desta averiguação era contra o sobredito JOAQUIM SILVÉRIO, a quem êle FRANCISCO DE OLIVEIRA LOPES imputava então tôda a culpa e maldade. — VISCONDE DE BARBACENA".

DOM DUARTE LEOPOLDO, arcebispo de São Paulo, em *O clero e a independência*, registra que "o padre LOPES DE OLIVEIRA foi o primeiro a tombar, vencido pela adversidade, que o atirara às masmorras de São Julião. Aí faleceu, ralado de angústias e sofrimentos, após quatro anos de cárcere". Com efeito, o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA faleceu na tôrre de São Julião, no ano de 1795.

Em 18 de março de 1759, por iniciativa do vigário padre FELICIANO PITA DE CASTRO, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, de que era provedor o capitão MANOEL RODRIGUES DA COSTA, resolveu reconstruir a Igreja, de acôrdo com o risco do sargento-mor JOSÉ FERNANDES ALPOIM, com a substituição do frontespício de taipa por outro de pedra e cal e a construção de torres com mais seis palmos de altura e com mais um palmo de largura nos sineiros.

Em 21 de setembro de 1761, ordenou-se padre em Mariana, no episcopado do primeiro Bispo da diocese, Dão Frei MANOEL DA CRUZ, LOURENÇO PINTO BARBOSA, natural da Borda do Campo. Em 24 de setembro de 1762, ordenou-se padre em Mariana, no episcopado do primeiro Bispo da diocese, Dão Frei MANOEL DA CRUZ, DOMINGOS RODRIGUES BARBOSA, natural da Borda do Campo.

Em 1763, foram levantados em pedra, com a despesa de dezoito mil cruzados, o frontespício e as torres da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, tendo a execução da finta, para ultimação das obras, sôbre os moradores do arraial, rendido trinta mil cruzados.

Em 1764, ultimadas as obras da Igreja de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, foi a Igreja reintregue ao culto. Em 16 de junho dêsse ano foram aceitas as obras realizadas e pagos os empreiteiros. Nesse ano, a freguesia de Santa RITA passou a filial da de NOSSA SENHORA DA PIEDADE da Borda do Campo.

"As últimas obras da Igreja Nova e os temporais haviam causado sérios estragos nas tintas do corpo da igreja, principalmente sôbre o côro, onde um lanço de parede ameaçava ruína. A irmandade do SS. Sacramento, de acôrdo com o Vigário JERÔNIMO DA FONSECA ALVES, em mesa reunida a 14 de março de 1751, deliberou pôr tudo em têrmos, a fim de sustar o perigo iminente, julgando conveniente desmanchar as tôrres de taipa, o que só mais tarde conseguiram executar, substituindo-as pelas atuais de pedra, mais altas e proporcionadas com o aumento feito no corpo da igreja.

Animada a Irmandade com a vinda de um Vigário efetivo, deliberou em reunião de 29 de setembro de 1754 mandar assoalhar as coxias e a capela-mor, pondo-lhe sepulturas para os irmãos provedores, segundo o costume e os privilégios da época, forrar o sacrário de sêda e por-lhe novo pavilhão, de acôrdo com as prescrições litúrgicas.

A 18 de janeiro de 1756, dispondo então de suficientes recursos que havia adrede reunido, deliberou a mesa que se construíssem o frontespício e as duas tôrres de pedra, por se achar mui arruinada a frontaria, aumentando as paredes mestras da igreja e reparando os estragos da capela-mor, além de outras providências econômicas, enquanto não ultimassem a Igreja e sua ornamentação condizente com a majestade do culto.

A 9 de maio de 1756, foi a obra arrematada pelo mestre pedreiro MANOEL ALVES PEREIRA por 5:600$000 e mais 50 oitavas de ouro para os couros da condução da cal, que devia ser tôda fornecida pela Irmandade à porta do fôrno, com as seguintes condições: — prazo de três anos, acréscimo de 20 palmos mais ou menos para a frente, tôda a obra e tôrres de pedra, com mais dois palmos por cima das sineiras sôbre os da planta, os zimbórios de tijolo com seu fecho de pedra e varões para as esferas.

A 18 de março de 1759, sob a provedoria do Capitão MANOEL RODRIGUES DA COSTA, achando as tôrres baixas, resolveu aumentar-lhes mais seis palmos sôbre a altura da planta, e às sineiras mais um palmo de largura para receber maiores sinos, o que alterou o orçamento do contrato anterior.

Finalmente, a 16 de junho de 1764, o Tenente Coronel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, pelo arrematante, que estava ausente, recebeu da Irmandade a quantia de 6:040$000, ficando esta então quite e aceitando a obra, de acôrdo com o parecer dos peritos nomeados, ANTÔNIO FRANCISCO e BENTO MOREIRA, os quais, procedendo à necessária vistoria, a deram por bem acabada e perfeita.

Assim, em 1764, sob o paroquiato do Reverendo FELICIANO PITTA DE CASTRO, se concluiu a Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE, cuja morosa edificação custou só em dinheiro, além das menores despesas de preços não especificado e de alguns materiais fornecidos, a soma de 13:750$000 e mais 50 oitavas de ouro, quantia bastante avultada em relação àquele tempo". (SOARES FERREIRA, em *Imprensa* de 3 de março de 1940).

Em 1767, construiu-se, no sítio do LACERDA, a ermida de Nosso Senhor Bom JESUS de Matosinhos. De 1768 a 1771, o padre LUÍS PEREIRA GONZAGA foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, padre FELICIANO PITA DE CASTRO.

De 1769 a 1772, foram os padres JOSÉ DA COSTA OLIVEIRA e DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA coadjutores do vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo, padre FELICIANO PITA DE CASTRO.

Um dos *Barbacenenses de Prol*, DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA foi por nós assim incluído nessa galeria:

"DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA, natural do município de Barbacena, onde nasceu na então freguesia de Conceição dos Carijós, que assim se denominava então a localidade que foi, depois, Queluz e é, hoje, a cidade de Conselheiro LAFAIETE, em homenagem ao seu grande filho, o notável jurisconsulto e político Conselheiro LAFAIETE RODRIGUES PEREIRA, é irmão do coronel MANOEL RODRIGUES DA COSTA, que foi proprietário da fazenda do Registro Velho sendo, assim, tio, pelo lado paterno, do padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA.

Como seu sobrinho MANOEL, DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA fêz o curso de seminário de Mariana para receber ordens sacras, o que fêz, em 24 de setembro de 1762, no episcopado do primeiro bispo da diocese marianense, D. Frei MANOEL DA CRUZ (1748 a 1764), tornando-se sacerdote da religião católica. Exerceu o padre DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA as funções sacerdotais, tendo sido coadjutor, de 1769 a 1771, do vigário da freguesia da Nossa Senhora da PIEDADE da Igreja Nova da Borda do Campo

padre Feliciano Pita de Castro, que regeu a paróquia, como seu vigário, de 3 de julho de 1752 a 21 de junho de 1784, e do reverendo dr. João Soares Aranha Brandão, que aí exerceu funções vicariais, de 12 de novembro de 1769 a 22 de janeiro de 1771, na ausência do vigário efetivo.

Nos arquivos da diocese de Mariana se encontram dados sôbre Manoel Rodrigues da Costa, padre, natural de São Miguel das Marinhas, no arcebispado de Braga, reino de Portugal, filho de Miguel Rodrigues da Costa e de Inácia Pires, que foi compatriotado na referida diocese e ordenado na sua sede em 24 de setembro de 1762".

Em 18 de julho de 1769, o padre Feliciano Pita de Castro, vigário da paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo ausentou-se dela. De 1770 a 21 de junho de 1784, data da morte do vigário padre Feliciano Pita de Castro, foi o padre Manoel Antônio de Faria Moreira, nascido no sítio do Faria, seu coadjutor na paróquia de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo. Em 1770, faleceu José Fernandes Pinto Alpoim, a quem se deveu o risco da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo.

Em 25 de julho de 1772, regressou à paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, de que era vigário e de que se ausentara em 18 de julho de 1769, o padre Feliciano Pita de Castro. Em 1773, êsse vigário fêz testamento, nomeando testamenteiro o padre Manoel Antônio de Faria Moreira, seu coadjutor.

No ano de 1774, negros escravos construíram a capela de Nossa Senhora do Rosário, no arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, em área de 245,50 metros quadrados.

Em 29 de junho de 1777, nasceu, na fazenda dos Moinhos, na Borda do Campo, Francisco Antônio Ferreira Armond, batisado, a 6 de julho seguinte, na capela de Nossa Senhora da Cachoeira, filial da freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, que viria a ordenar-se padre no episcopado do quarto Bispo de Mariana, D. Frei Cipriano. Ainda nesse ano de 1777, nasceu, no arraial da Borda do Campo, José de Sousa Lima, que veiu a se ordenar padre em Mariana, no episcopado do 3.º Bispo da diocese.

Um dos *Barbacenenses de Prol*, Francisco Antônio Ferreira Armond mereceu de nossa parte êste registro como tal:

"Francisco Antônio Ferreira Armond — que, aliás, assinava Armonde, — natural de Barbacena, filho do alferes Francisco Ferreira Armond, também natural de Barbacena, e de Felizarda Maria Francisca de Assis, natural de Simão Pereira, nasceu a 29 de junho de 1777, na Fazenda dos Moinhos, tendo sido batisado, a 6 de julho seguinte, na capela de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, filial da Borda do Campo.

Francisco Antônio Ferreira Armond era neto, pelo lado paterno, de Francisco Ferreira Armond, natural de São Sebastião da ilha Terceira, no bispado de Angra do Heroismo, e de Ângela Carmelo, também natural dêsse mesmo lugar, sendo neto, pelo lado materno, do capitão Francisco Gonçalves Lage, natural de Simão Pereira, e de Teodora Maria da Conceição, natural do Engenho do Mato. Era, assim, Francisco Antônio Ferreira Armond irmão germano do padre José Joaquim Ferreira Armond, de Marcelino José, Antônio José, Camila, Lino, Mariano e Flávio Armond, e sobrinho pelo lado materno, do padre Manoel Inácio de Barbosa Lage.

Francisco Antônio Ferreira Armond ordenou-se padre e exerceu o sacerdócio na paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo e, depois, de Barbacena. Teria êle se ordenado sacerdote em Mariana? Te-lo-ia sido em sede vacante? É o que ainda não conseguimos elucidar. Presumimos, porém, se tinha êle ordenado na diocese marianense, quando à sua frente o seu quinto bispo, D. Frei Cipriano, cujo episcopado se prolongou de 1798 a 1817".

De 1778 a 1789, foi o padre Francisco da Costa e Abreu coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo padre Feliciano Pita de Castro e de 7 de agôsto de 1779 a 9 de abril de 1780 exerceu idênticas funções o padre José Dias dos Santos. Em 25 de maio de 1782 ordenou-se padre, em Mariana, no episcopado do quarto Bispo da diocese, D. Frei Domingos da Encarnação de Pontenel, Francisco Vidal de Barbosa, natural da Borda do Campo.

Assim figurou entre os *Barbacenenses de Prol* Francisco Vidal de Barbosa:

"Francisco Vidal de Barbosa (filho do capitão Antônio Vidal Lage, natural de São Mamede, têrmo de Monterei, bispado de Orense, reino de Portugal, filho de Afonso Vidal, nascido em São Salvador de Sabuzedo, do mesmo referido bispado, e de Ana de Campos, natural de Vila Fria, comarca de Chaves, e de Teresa Maria de Jesus, natural de Irajá, freguesia do bispado do Rio de Janeiro, filha de Domingos Gonçalves Chaves, natural de São João da Corveira, arcebispado de Braga, no reino de Portugal, e de Micaela dos Anjos Coutinho, natural da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, no bispado do Rio de Janeiro), era irmão do dr. Domingos Vidal de Barbosa, e do brigadeiro José Vidal de

BARBOSA e do alferes MANOEL VIDAL LAGE. Nasceu FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA a 10 de abril de 1757, sendo, pois, o mais velho da irmandade, na freguesia da Borda do Campo, sendo batisado, a 3 de maio do mesmo ano, na capela de Santo Antônio da freguesia denominada, na época, de Nossa Senhora da GLÓRIA do Caminho Novo, da capitania das Minas Gerais, caminho do Rio de Janeiro, (depois denominada SIMÃO PEREIRA e, no caminho do Rio de Janeiro, (depois denominada SIMÃO PEREIRA e, atualmente, distrito de SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, no município de Juiz de Fora) pelo padre JERÔNIMO DE MACEDO CRUZ, com licença especial do padre SIMÃO RIBEIRO, residindo, com os seus irmãos, na Fazenda de Juiz de Fora, então pertencente ao município da Barbacena.

FRANCISCO VIDAL BARBOSA ordenou-se padre, no seminário de Mariana, em 25 de maio de 1782, quando se achava à frente da diocese de Mariana o seu quarto bispo, D. Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, e exerceu o sacerdócio na região onde nasceu. Em 1789, ao se abrir a devassa sôbre a Conjuração Mineira, foi a segunda testemunha a ser inquerida, no dia 16 de junho, tendo sido o seu depoimento assim redigido:

"O Padre FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA, natural da Freguesia de Nossa Senhora da GLÓRIA, chamada do Caminho Novo, Comarca do Rio das Mortes, Bispado de Mariana, morador na Fazenda denominada de Juiz de Fora, que vive de suas ordens, de idade de trinta e dois anos, testemunha, a que o dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em um livro deles, em que pôs a sua mão direita, sob cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade do que soubesse, e lhe fôsse perguntado, o que assim prometeu fazer, como lhe era encarregado.

E perguntado êle testemunha pelo conteúdo do Auto desta Devassa, que todo lhe foi lido, disse, que sabe por ouvir dizer, sem que se lembre a quem, e depois da prisão do Alferes JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, no Rio de Janeiro, que DOMINGOS PÉRES, homem do Caminho, havia dito que o mesmo Alferes encontrando-o naquela Cidade, e perguntando-lhe, que gêneros conduzia para estas Minas, lhe recomendou, e aconselhou, que trouxesse bem pólvora, e sal, que era o que de mais cá se carecia, e que o mesmo tinha dito a outras várias pessoas da mesma Cidade. E mais não disse, nem dos costumes, e depois de lido o juramento, assinou com o dito Ministro e eu JOSÉ CAETANO CESAR MANITTI Escrivão nomeado, o escrevi. (aa) SALDANHA — Pe. FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA".

Atestando, em 25 de fevereiro de 1781, qual o dia em que, pela primeira vêz, JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS lhe delatou a Conjuração Mineira, acrescentou o Visconde de Barbacena que "é verdade ter-me contado o referido JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS na segunda vêz acima declarada quando veiu chamado à minha residência, que tendo-se queixado na presença do coronel FRANCISCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOPES do apêrto que eu lhe fazia pelos pagamentos devidos à Real Fazenda, êle dissera batendo-lhe no ombro — deixa estar que brevemente te hás de ver livre dêsse flagelo — e que isto se passara diante do Padre FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA e do Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, entre os quais notara alguns sinais de inteligência".

Segundo pensa BASÍLIO DE MAGALHÃES, em recente publicação sôbre a *História do Brasil*, os VIDAL DE BARBOSA não tinham LAGE no nome, que lhe foi acrescido por SACRAMENTO BLAKE no seu *Dicionário Biobibliográfico*, ao registrar o nome de DOMINGOS VIDAL DE BARBOSA. Com efeito, não usavam êles o sobrenome de LAGE, como se vê nos depoimentos de DOMINGOS VIDAL e de FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA nas devassas da Conjuração Mineira, decorrendo, porém, o acréscimo do sobrenome LAGE aos seus nomes do fato de ser o pai deles ANTÔNIO VIDAL LAGE. Aliás, no volume II, página 1.083, § 6.º, da *Arquidiocese Marianense*, encontra-se o nome do Padre FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA LAGE, assinalando-se ser êle irmão de DOMINGOS VIDAL DE BARBOSA LAGE.

Em 1782, tinha o arraial da Igreja Nova de NOSSA SENHORA DA PIEDADE da Borda do Campo oitenta casas e pretendia desligar-se da Vila de São José para ter pelourinho e justiça própria, o que sòmente se havia de realizar pelo alvará de 14 de agôsto de 1791 com o nome de "Barbacena", tirado da vila portuguêsa do Alentejo de que era titular LUÍS ANTÔNIO FURTADO DE MEDONÇA que governava Minas ao tempo.

Em 31 de junho de 1784, faleceu o primeiro vigário colado, desde 3 de julho de 1752, da paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE do arraial da Borda do Campo, padre FELICIANO PITA DE CASTRO, cujos ofícios fúnebres, com dezoito sacerdotes, foram dirigidos pelo seu coadjutor padre MANOEL ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA. No dia 23 subseqüente foi êle sepultado na matriz da paróquia. Em 31 de julho de 1784, deu-se a posse do padre MANOEL ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA como vigário interino da paróquia.

Colocamos, com as referências seguintes, entre os *Barbacenenses de Prol* o padre FELICIANO PITTA DE CASTRO:

"FELICIANO PITTA DE CASTRO nasceu no solar de seus pais, na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Vila de Caminha, comarca de Valença, província do Minho e Arcebispado de Braga, no reino de Portugal, sendo filho legítimo de INÁCIO PITA LEITE e de D. ISABEL ANTÔNIA DE CASTRO, fidalgos da casa real.

Aos dezessete anos, professou FELICIANO PITA DE CASTRO na Ordem Beneditina, da qual saiu por autorização em Breve Pontifício, conferindo-lhe o rei D. JOSÉ II o benefício de primeiro vigário da freguesia de Nossa Senhora da PIEDADE do arraial da Igreja Nova da Borda do Campo, apresentado e colado pela carta régia de 23 de janeiro de 1752. Tendo assumido a direção da paróquia, a 3 de julho de 1752, o padre FELICIANO PITA DE CASTRO nela se conservou até o seu falecimento.

O professor SOARES FERREIRA, em notas históricas sôbre os párocos da atual paróquia de Barbacena, escreveu sôbre a sua matriz:

"Animada a Irmandade (do Santíssimo Sacramento) com a vinda de seu vigário efetivo (o padre FELICIANO PITA DE CASTRO), deliberou, em reunião de 29 de setembro de 1754, mandar assoalhar as coxias e a capela-mor, pondo-lhe sepulturas para os irmãos provedores, segundo os costumes e os privilégios da época, forrar o sacrário de sêda e por-lhe novo pavilhão, de acôrdo com as prescrições litúrgicas.

A 18 de janeiro de 1756, dispondo então de suficientes recursos, que havia adrede reunido, deliberou a mesa que se construíssem o frontespício e as duas tôrres de pedra, por se achar mui arruinada a frontaria, aumentando as paredes mestras da igreja, e reparando os estragos da capela mor, além de outras providências econômicas, enquanto não ultimassem a Igreja e sua ornamentação condizente com a magestade do culto.

A 9 de maio de 1756, foi a obra arrematada pelo mestre pedreiro MANOEL ALVES PEREIRA por 5:600$000 e mais 50 oitavas de ouro para os couros da condução da cal, que devia ser fornecida pela Irmandade à porta do fôrno, com as seguintes condições: — praso de três anos; acréscimo de vinte palmos, mais ou menos, para a frente; tôda a obra e tôrres, de pedra, com mais dois palmos, por cima das sineiras, sôbre os da planta; os zimbórios de tijolo com seus fechos de pedra e varões para as esferas.

Finalmente, a 16 de junho de 1764, o tenente coronel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, pelo arrematante, que estava ausente, recebeu da Irmandade a quantia de 6:040$000, ficando esta então quite e aceitando a obra, de acôrdo com o parecer dos peritos nomeados, ANTÔNIO FRANCISCO e BENTO MOREIRA, os quais, procedendo à necessária vistoria, a deram por bem acabada e perfeita.

Assim, em 1764, sob o paroquiato do reverendo FELICIANO PITA DE CASTRO, se concluiu a Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE, cuja morosa edificação custou, só em dinheiro, além das menores despesas, de preço não especificado, e de alguns materiais fornecidos, a soma de 13:750$000 e mais 50 oitavas de ouro, quantia bastante avultada em relação àquele tempo."

Escreveu AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR: "A precariedade da construção de taipa não resistiu por muito tempo. Em 1759, o vigário, padre FELICIANO PITA DE CASTRO, meteu mãos à obra para realizar a construção definitiva segundo o risco de ALPOIM. *Assistido* pelo provedor e mais irmãos devotos do Santíssimo Sacramento, o decidido vigário conseguiu levantar de pedra e cal o frontespício e tôrres, despendendo dezoito mil e tantos cruzados de esmolas. Em 1763, era o que havia da atual igreja. O resto da construção custou ainda trinta mil cruzados, que foram obtidos por execução de finta lançada sôbre os moradores "mais sumíticos, que eram justamente os mais ricos", conforme consta de representação do vigário".

De 18 de julho de 1769 a 25 de julho de 1772 — quando foram seus coadjutores os padres LUÍS PEREIRA GONZAGA (1768 a 1771) e DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA (1769 a 1772) — não se encontra o nome do padre FELICIANO PITA DE CASTRO nos livros de assentamentos da matriz da paróquia, presumindo, por isso, o professor SOARES FERREIRA haver estado êle, então, ausente, em Portugal.

Durante o vicariato do padre FELICIANO PITA DE CASTRO na paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo, teve êle por coadjutores — o padre JOÃO COELHO DA ROCHA, de 1753 a 1762; o padre MANOEL PEREIRA DE AZEVEDO, de 1757 a 1760; o padre JOÃO ALVES BARROSO, em 1762; o padre LUÍS PEREIRA GONZAGA, em 1768 a 1771; o padre DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA, tio, pelo lado paterno, do padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, de 1769 a 1772; o padre JOSÉ DA COSTA OLIVEIRA, de 1769 a 1772; de 1770 à data de sua morte, o padre MANOEL ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA, capelão da fazenda do FARIA; o padre FRANCISCO DA COSTA E ABREU, de 1778 a 1779; o vigário JOSÉ DIAS DOS SANTOS, de 8 de agôsto de 1779 a 9 de abril de 1780; e o padre ANTÔNIO MOREIRA DE FARIA, capelão da capela do sítio do Palmital, denominada do FARIA.

Em 1773, fêz o padre FELICIANO PITA DE CASTRO testamento, sendo testamenteiros os padres ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA, capelão da fazenda do FARIA, e MANOEL FERREIRA COELHO, deixando quatro mil cruzados para as obras da matriz e quatrocentos mil réis para a sua sacristia.

O padre FELICIANO PITA DE CASTRO faleceu a 21 de junho de 1784, sendo sepultado, no dia 23, na matriz, com solenes ofícios e missa de corpo presente, em que oficiaram dezoito sacerdotes, sob a direção do padre MANOEL ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA e do vigário da vila de São JOSÉ d'el-Rei. Bem mereceu êle dos seus paroquianos as homenagens que, assim,

lhe prestaram, pois que a êle se deveu a conclusão das obras da Igreja Nova da Borda do Campo, no arraial que viria a ser a cidade de Barbacena. De novembro de 1784 a 16 de abril de 1786 exerceu, interinamente, as funções de vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Borda do Campo o padre ANTÔNIO MONTEIRO DE SOUSA GALVÃO.

Em 21 de janeiro de 1785, no episcopado de Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, quarto Bispo de Mariana, carta régia de d. MARIA I apresentou o sacerdote do hábito de São Pedro padre Dão AGOSTINHO PITA DE CASTRO, natural de Caminha, no arcebispado de Braga, em Portugal, para segundo vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE do arraial da Borda do Campo, que foi o seu décimo terceiro vigário. Em 19 de fevereiro dêsse ano ordenou-se padre, em Mariana, sendo Bispo da diocese Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, JOÃO DE ALMEIDA RAMOS, natural do arraial da Borda do Campo.

Em 16 de abril do ano de 1786 realizou-se a posse do padre D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO como vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE do arraial da Borda do Campo. Em 25 de março de 1785, foi batisado na Borda do Campo ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAÚJO, filho do cirurgião mor LUÍS RODRIGUES DE ARAUJO e de JOAQUINA MARIA DE ASSUNÇÃO, que foi ordenado padre, em Mariana, quando quarto Bispo da diocese Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO PONTEVEL.

Colocamos entre os *Barbacenenses de Prol* o padre ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAUJO, com estas informações:

"ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAÚJO, o segundo dêsse nome homônimo de seu avô, que foi casado com BENTA DE OLIVEIRA ARAÚJO, ambos portuguêses, naturais da freguesia de Santa EULALIA de Loureira, comarca de Barcelos, arcebispado de Braga, no reino de Portugal, nasceu na Borda do Campo, sendo filho de cirurgião-mor LUÍS RODRIGUES DE ARAÚJO e de JOAQUINA MARIA DE ASSUNÇÃO, ambos naturais, também, da Borda do Campo, e sendo, portanto, irmão de ELIAS RODRIGUES DE ARAÚJO, do padre FRANCISCO RODRIGUES DE ARAÚJO, de JOAQUIM RODRIGUES DE ARAÚJO, de LUÍS RODRIGUES DE ARAÚJO MASSENA, de ANA RODRIGUES DE ARAÚJO, de FLORIANA RODRIGUES DE ARAÚJO, de INÁCIA RODRIGUES DE ARAÚJO, de INÁCIA RODRIGUES DE ARAÚJO e de MARIA INÁCIA RODRIGUES DE ARAÚJO.

ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAÚJO foi batisado a 25 de Março de 1785 pelo vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Igreja Nova do arraial da Borda do Campo Dom AGOSTINHO PITA DE CASTRO.

ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAÚJO matriculou-se no seminário de Mariana acrescentando a seu nome o de LOBATO e aí ordenou-se padre, tendo exercido o sacerdócio religioso na sua terra natal, onde faleceu".

Em 17 de dezembro, ainda do ano de 1785, ordenou-se padre, em Mariana, sendo Bispo da diocese Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, FRANCISCO PEREIRA DA CUNHA, natural da Borda do Campo. E ainda em 1785, nasceu no arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND, que viria a ordenar-se padre, em Mariana, a 20 de dezembro de 1805, quando no episcopado o seu quinto Bispo, Dão Frei CIPRIANO, padre que veiu a ser vigário encomendado da paróquia do seu nascimento.

Em 7 de abril de 1786, foi, por sentença de Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, colado vigário da paróquia de NOSSA SENHORA DA PIEDADE do arraial da Borda do Campo D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO, de quem foi, então, coadjutor o padre JOSÉ DIAS DOS SANTOS.

Em 1787, erigiu-se a capela de Santo ANTÔNIO de Ibertioga. Em 1788, foi construída a ermida de Nossa Senhora da Conceição de Pouso Alegre. Em 21 de maio de 1789, o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA celebrou, pela última vêz, missa na capela do Ribeirão de ALBERTO DIAS, tendo-se retirado, a 28 do mesmo mês, do arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo em consequência da delação da Inconfidência Mineira. Em 12 de junho de 1789, o padre FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA depôs na devassa sôbre a Inconfidência Mineira, o mesmo tendo feito, a 16 de junho seguinte, o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA. Em 30 de junho dêsse mesmo ano, o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA foi à fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS conferenciar com o coronel LUÍS ALVES DE FREITAS BELO, que o fêz conduzir à presença do VISCONDE DE BARBACENA, a quem pediu que o ouvisse. Em 17 de novembro, o padre SILVESTRE DIAS DE SÁ depôs na devassa sôbre a Inconfidência Mineira. Ainda nesse ano de 1789, fundou-se a capela de Nossa Senhora MÃE DOS HOMENS de Bom Jardim.

Em 20 de março de 1790, ordenou-se, no Seminário de Mariana, sendo quarto Bispo da diocese Dão Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, o padre MANOEL FERNANDES DA SILVA, que exerceu o sacerdócio em Barbacena. Em 14 de setembro de 1791, realizou-se o último depoimento do padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA na devassa sôbre a Inconfidência Mineira.

Imprensa de Barbacena ainda publicou:

"Reatando hoje, depois de longa interrupção, a lista em ordem cronológica dos Vigários de Barbacena, trataremos dos últimos que, embora

já funcionassem na Igreja Nova, fecham a série dos da primitiva paróquia, de instituição episcopal.

Dois anos depois que aqui se fixou na Igreja Nova a sede da paróquia da PIEDADE da Borda do Campo, transferida da capela de Nossa Senhora DO PILAR do Registro Velho em 1748, foi que se deu a sua criação régia.

Com a edificação da Igreja Nova, morosa em virtude das contendas que lhe sobrevieram, e só mais tarde concluída em 1764, foi-se ao mesmo tempo aumentando o arraial formado em tôrno dela, o qual por isso desde então até a nova denominação que recebeu a Vila criada a 14 de agôsto de 1791, ficou sendo chamado Arraial da Igreja Nova, como se vê no mapa das quatro Comarcas das Capitanias de Minas Gerais.

Os primeiros habitantes, que aqui se estabeleceram desde o início da construção da Igreja, tomaram posse do terreno e levantaram suas primeiras casas, a última das quais há pouco desapareceu com a recente edificação da Casa paroquial.

Assim, pois, foi a atual Matriz a célula mater da cidade de Barbacena, que, dominando o planalto da Mantiqueira com o seu vasto horizonte cheio de luz e de poentes deslumbrantes, tem sido poèticamente cognominada a "Bela Princeza do Campo".

Em 19 de abril de 1792, foram condenados à morte pela sua co-participação na Inconfidência Mineira, os padres JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES e MANOEL RODRIGUES DA COSTA. Em 20 de abril de 1792, foi comutada a pena de morte dêsses conjurados pela de degredo, tendo êsses condenados partido, a 24 de junho seguinte, para Lisboa, a bordo da fragata *Golfinho*. Em 15 de maio de 1794, o Visconde de Barbacena assinou provisão com licença ao padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA para demandar a Fazenda Real para o efeito de poder haver certa quantia que lhe ficou devendo JOSÉ AIRES GOMES, cujos bens foram apreendidos para o fisco e câmara real, tendo o autor perdido a ação. Em 16 de julho de 1794, o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA citou sua irmã MARIA FERREIRA DE OLIVEIRA "para poder haver certa quantia que lhe ficou devendo seu finado marido JOSÉ AIRES GOMES". Ainda em 1794, foi construída a ermida de Nosso Senhor Bom Jesus de Bom Jardim do Rio Grande.

Em 5 de setembro de 1797, LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO, filho de LUÍS ALVES DE FREITAS BELO, da fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS, foi compatriotado no Seminário de Mariana, sendo 4.º Bispo da diocese D. Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, sendo, depois, em 15 de setembro, habilitado *de generibus et moribus*.

LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO figurou na nossa galeria dos *Barbacenenses de prol* nestes têrmos:

"Filho do coronel LUÍS ALVES DE FREITAS BELO (que foi proprietário das fazendas da Caveira de Baixo, da Mutuca e do Ribeirão de ALBERTO DIAS, tôdas na paróquia da Igreja Nova de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo e a primeira com terrenos dentro da sesmaria de uma légua do patrimônio inicial da vila de Barbacena), e de ANA QUITÉRIA JOAQUINA DE OLIVEIRA, filha do coronel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA (que foi dos desbravadores do sertão de Minas, da Borda do Campo às vertentes da Serra da Mantiqueira, e construiu a fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS), e de BERNARDINA CAETANA DO SACRAMENTO, LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO nasceu, segundo uns na Paraíba do Sul, onde foi batisado, a 6 de junho de 1775, e, segundo outros, na fazenda do Ribeirão de ALBERTO DIAS, que se acha localizada nas proximidades da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil denominada ALFREDO VASCONCELOS e é, hoje, propriedade do italiano PEDRO BIANCHETTI, no último quartel do século XVIII. Era êle, portanto, neto, pelo lado paterno, de ANTÔNIO FRANCISCO BELO e de MARIANA DOMINGUES, sobrinho dos inconfidentes coronel FRANCISCO ANTÔNIO LOPES DE OLIVEIRA e padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA BELO, do brigadeiro JOSÉ MARIANO DE OLIVEIRA BELO, de MARIANA CÂNDIDA DE OLIVEIRA BELO, de BERNARDINA DE OLIVEIRA BELO e de ANA DE OLIVEIRA BELO, tendo sido, ainda, cunhado do coronel JOAQUIM SILVÉRIO DOS REIS, que foi casado com sua irmã BERNARDINA. Teve êle por padrinho de batismo Dom LUÍS DE ALMEIDA PORTUGAL SOARES E ALARCÃO EÇA MELO E SILVA MASCARENHAS, Marquês do Lavradio.

LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO foi compatriotado (incardinado) no seminário de Mariana, por sentença de 5 de setembro de 1797, e habilitado *de genere et moribus*, por sentença de 15 do mesmo mês (após o episcopado do quinto diretor dessa diocese, o bispo D. Frei CIPRIANO, que esteve à frente de sua direção de 1798 a 1817), quando *séde vacante* o bispado, tendo recebido o subdiaconato e ordenado presbítero em São Paulo. Coube ao padre LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO realizar, a 7 de novembro de 1801, no oratório da casa do coronel MANOEL ALVES DA FONSECA COSTA, avô do noivo (casa situada no alto da Lapa, no bairro da Glória, freguesia da Candelária, na cidade do Rio de Janeiro), o casamento do então tenente FRANCISCO DE LIMA E SILVA com sua irmã MARIANA CÂNDIDA DE OLIVEIRA BELO, casamento de que resultou o nascimento de LUÍS ALVES DE LIMA E SILVA, o DUQUE DE CAXIAS, proclamado "o maior soldado do Brasil".

Em 8 de abril de 1798, foi batisado na vila do Serro do Príncipe Justiniano da Cunha Pereira, que viria a ser padre, com exercício de funções sacerdotais em Barbacena, onde redigiu o jornal *O Paraibuna*.

Em 11 de outubro de 1789, faleceu o padre Manoel Dias de Sá, ordenado em Mariana, em 21 de março de 1759, no episcopado do primeiro Bispo da diocese Dão Frei Manoel da Cruz, natural êsse padre da fazenda da Borda do Campo, em cuja capela foi sepultado. Em 1800, foi fundada a capela de Nossa Senhora Sant'Ana da Boa Vista.

A Manoel Dias de Sá dedicamos, em *Barbacenenses de Prol*, estas linhas:

"Manoel Dias de Sá, filho do capitão Manoel Dias de Sá, português, e de Ana Maria dos Santos, natural do Rio de Janeiro, nasceu no município de Barbacena, na fazenda da Borda do Campo, então de propriedade de seus pais, em cuja capela foi batisado, a 21 de fevereiro de 1734. Era Manoel Dias de Sá irmão, mais velho, de Silvestre Dias de Sá, que, também, nasceu, em 1734, e foi batisado, em 13 de março de 1735, na fazenda da Borda do Campo. Era, ainda, Manoel Dias de Sá meio irmão, pelo lado materno, de Maria Inácia de Oliveira, casada com o coronel José Aires Gomes.

Manoel Dias de Sá ordenou-se padre no seminário de Mariana, em 21 de março de 1759, quando dirigia a diocese o seu primeiro bispo, Frei D. Manoel da Cruz, que permaneceu nessa dignidade de 1748 a 1764.

O padre Manoel Dias de Sá exerceu o sacerdócio na terra do seu nascimento, onde faleceu a 11 de outubro de 1799, sendo sepultado na capela da fazenda da Borda do Campo".

* * *

De 1801 a 1850

Em 4 de janeiro de 1804, o bacharel e padre José Lopes de Oliveira, natural da Borda do Campo, filho do coronel Manoel Lopes de Oliveira e de Ana Maria dos Santos, em testamento feito no Pôrto, em Portugal, instituiu sua universal herdeira sua irmã Maria Inácia de Oliveira, viúva de José Aires Gomes. Em de setembro dêsse mesmo ano, faleceu o testador, no Porto, e, em 29 de março de 1805, abriu-se, em Barbacena, o testamento.

Ao terceiro José Lopes de Oliveira, segundo padre dêsse nome, assim nos referimos em *Barbacenenses de Prol*:

"José Lopes de Oliveira, natural da freguesia da Borda do Campo, vila de Barbacena, era filho do coronel Manoel Lopes de Oliveira, que foi proprietário da fazenda da Borda do Campo e a vendeu a Francisco Gomes Martins. Era José Lopes de Oliveira neto paterno de João Lopes e Maria de Oliveira e materno de Manoel Lopes e Isabel Fernandes, bisneto paterno de Cosme Fernandes e Maria Fernandes, irmão de Maria Inácia de Oliveira e, por isso, cunhado do coronel José Aires Gomes.

No livro de assentamentos do coronel José Aires Gomes, cujo original é de propriedade do embaixador José Bonifácio de Andrada e Silva, se declara, sôbre a Borda do Campo, que "a Fazenda era do Tenente Coronel Manoel Lopes de Oliveira, que a vendeu ao dito Francisco Gomes Martins para se pagar aos seus credores e herdeiros, que eram e são ("hera e hé, no original) o Doutor José Lopes de Oliveira e a minha mulher D. Maria Inácia de Oliveira dos bens do dito Manoel Lopes", acrescentando: "Eu José Aires Gomes só fiz pagamento, do que constar da escritura que me passou D. Clara Maria, viúva do dito Francisco Gomes Martins, salvo êrro, de trinta mil cruzados, o que (deve) constar da mesma escritura". Conclui assim o coronel José Aires Gomes êsse assentamento: "Para desencargo de minha consciência, declaro que a Fazenda está por pagar, e o herdeiro a reivindicará se quiser, e se rematar em praça pode requerer a Sua Majestade para haver a si a Fazenda, porque Francisco Gomes não pagou a primeira escritura, que eu sempre tive êste receio que o dito Doutor José Lopes como herdeiro viesse con-

tender comigo para tirar a Fazenda e as sesmarias, que tudo entrou na dita compra".

Em 16 de julho de 1794, foi requerida a citação de d.ª MARIA INÁCIA DE OLIVEIRA na ação que lhe propôs o padre (não se alude aqui a doutor, presumindo-se, pois, que o A. fôsse, a um tempo, bacharel e padre) JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, "para poder haver certa quantia que lhe ficou devendo seu finado marido JOSÉ AIRES GOMES".

O libelo dessa ação foi assim redigido: "Diz como A. o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA SANTOS contra o Desembargador Procurador do Fisco pelos bens confiscados a JOSÉ AIRES GOMES e contra a mulher dêste D. MARIA INÁCIA DE OLIVEIRA: P. — e consta de certidão inclusa haver o Pai do A. feito o patrimônio para se ordenar o mesmo A. em uma morada de casas térreas com seu quintal, páteo, uma olaria de telha, um pomar de árvores de espinho com bananal e água dentro, sitas no Arraial de Borda do Campo, hoje Vila de Barbacena, partindo de uma parte com casas de JOÃO DE FREITAS e de outra com MANUEL TEIXEIRA e bem assim em quatro escravos PEDRO e FELIPE, Nação Benguela, FRANCISCO, Congo e CAETANO, Rebolo. — P. — que achando-se feito o referido patrimônio se ausentou o A. para Portugal, aonde se acha assistindo na Cidade do Porto, e nesta sua ausência foram parar os ditos bens ao casal de JOSÉ AIRES e da Ré aonde ficaram com outros por venda, que dêles fizera ao dito FRANCISCO GOMES MARTINS. — P. — que sendo os bens sobreditos patrimoniais do A., a êle pertencentes *jure dominii*, não podiam jamais ser vendidos por pessoa alguma sem crime e sem nulidade. — P. — que a referida morada de casas e mais pertences, que se acham em poder dos Réus, e bem assim os dois escravos FRANCISCO e CAETANO, são os próprios compreendidos na sobredita certidão em que foi o patrimônio feito ao A. — P. — serem falecidos os outros dois escravos FELIPE e PEDRO, no que não há dúvida. — P. — ser o A. pessoa de muita verdade que não costuma pedir cousa alguma que se lhe não deva. — P. — ter sido JOSÉ AIRES GOMES condenado em perda de metade de seus bens para o Fisco e Câmara Real, sendo portanto o Procurador Fiscal pessoa competente para responder a esta ação. — P. — que em consequência devem os Réus ser condenados a abrir mão dos referidos bens entregando-os ao A. com os jornais da lide contestada em diante que se liquidarem e nas custas. P. R. do Libelo de Reivindicação e protesta juntar documentos e pede depoimento da R. e que não continui nesta causa enquanto se não mostrar certidão de citação da mesma R.".

Tendo o Autor perdido, na primeira instância, essa ação, que se processou no fôro de Vila Rica de Nossa Senhora DO PILAR de Ouro Preto,

interpôs recurso, que parece haver deixado deserto, não se julgando, por isso, para o Tribunal de Relação da Real Fazenda e Fisco da Cidade de São SEBASTIÃO do Rio de Janeiro. (Dr. EDGARD RIBAS CARNEIRO, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 3 de novembro de 1935, pág. 6, *Um processo cível de 1794*).

Em testamento datado da cidade do Porto, reino de Portugal, em 4 de janeiro de 1804, e aberto em Barbacena aos 29 de março de 1805, assim dispôs o bacharel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA: "Declaro que não tenho herdeiros ascendentes nem descendentes e por isso instituo por minha universal herdeira a minha irmã Dona MARIA INÁCIA DE OLIVEIRA, viúva de JOSÉ AIRES GOMES, moradora na freguesia da Borda do Campo e sendo falecida os seus filhos e netos".

O confronto entre êsse testamento e a propositura da ação retro referida parece indicar que essa ação teve por objetivo, apenas, defender os interêsses de família contra os da Fazenda Real, procurando resguardar da sua voracidade o maior número possível dos bens por ela sequestrados a JOSÉ AIRES GOMES, conseqüentemente à sua condenação como participante na Conjuração Mineira.

Em 19 de fevereiro de 1785, ordenou-se padre, provàvelmente em Mariana, quando Bispo da Diocese D. Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO PONTEVEL, que o foi de 1779 a 1793, o barbacenense JOÃO DE ALMEIDA RAMOS.

Em 6 de setembro de 1805, faleceu, em Barbacena, o padre ANTÔNIO DA SILVA SANTOS, irmão de TIRADENTES. Em 21 de dezembro dêsse ano, ordenou-se padre, em Mariana, quando quinto bispo da diocese Dão Frei CIPRIANO, o barbacenense JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND.

Incluímos em *Barbacenenses de Prol* o padre ANTÔNIO DA SILVA DOS SANTOS, a quem dedicamos estas referências:

"ANTÔNIO DA SILVA DOS SANTOS, que na vida de seminário assinava, também, ANTÔNIO PEREIRA DOS SANTOS, filho de DOMINGOS DA SILVA DOS SANTOS e de d. ANTÔNIA DA ENCARNAÇÃO XAVIER, era, portanto, irmão do alferes JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER, o TIRADENTES, e do padre DOMINGOS DA SILVA XAVIER, sendo neto, pelo lado paterno, de ANDRÉ DA SILVA e de D. MARIANA DA MOTA, e, pelo lado materno, de DOMINGOS XAVIER FRANCISCO e de d. MARIA DE OLIVEIRA COLOSA.

ANTÔNIO DA SILVA DOS SANTOS nasceu na freguesia de Nossa Senhora DO PILAR, da cidade de S. João d'el-Rei, sendo batisado, a 5 de abril de 1745, na capela de Santa RITA do Rio Abaixo.

Antônio da Silva dos Santos ordenou-se padre e exerceu as funções sacerdotais, primeiro em S. João d'el-Rei, depois, em 1789, como capelão de Nossa Senhora da Ressaca, filial da freguesia de Prados, e, em 1794, como vice-comissário dessa mesma capela; e, mais tarde, no município de Barbacena, onde passou a residir na fazenda do Castelo de Nossa Senhora da Ajuda, de sua propriedade.

O padre Antônio da Silva dos Santos era filho de Domingos da Silva dos Santos e de Antônia da Encarnação Xavier, sendo o segundo dos irmãos de José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, dos quais era irmão primogênito o padre Domingos da Silva Xavier.

Domingos da Silva dos Santos era filho de André da Silva e de Mariana da Mota, de Coduzoso, na freguesia de Santo André, canto de Nossa Senhora de Oliveira, têrmo da Vila Nova de Frecheiro de Bastos, no reino de Portugal.

Antônia da Encarnação Xavier era filha de Domingos Xavier Fernandes, natural de Pousada, freguesia de S. Tiago da Cruz, têrmo de Barcelos, arcebispado de Braga, em Portugal, e de Maria de Oliveira Colosa, natural da cidade de São Paulo".

O casal Domingos da Silva dos Santos e Antônia da Encarnação Xavier moravam na freguesia da Vila de S. José do Rio das Mortes e no sítio do Pombal, no Rio Abaixo, têrmo da Vila de S. José d'el-Rei, sítio em que nasceram e foram criados Tiradentes e os seus irmãos padres.

A 26 de março de 1803, fêz o padre Antônio da Silva dos Santos testamento, datado da fazenda do Castelo de Nossa Senhora da Ajuda, constituindo seus testamenteiros – primeiro, seu sobrinho guarda-mor Domingos Gonçalves de Carvalho; segundo, o reverendo Severino José da Silva Moira; terceiro, seu sobrinho Felisberto Gonçalves da Silva; e, quarto, seu compadre Antônio de Utra Nicácio, morador na fazenda dos Gerais, no município de Barbacena. Nesse testamento declarou ser proprietário e possuidor do sítio do Castelo, no alto da serra da Mantiqueira, aplicação de Nossa Senhora dos Remédios, freguesia da vila de Barbacena.

Entre os legados do testamento do padre Antônio da Silva dos Santos figuraram noventa mil réis para a ajuda das obras de Nossa Senhora da Piedade da vila de Barbacena e vinte mil réis para a ajuda das obras de Nossa Senhora da Boa Morte da mesma vila.

O padre Antônio da Silva dos Santos faleceu, em Barbacena, a 6 de setembro de 1805, sendo o seu testamento aberto, no dia seguinte, pelo

vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena D. Agostinho Pita de Castro".

Em 1807, fundou-se a capela de Nossa Senhora Sant'Ana do Barroso. Em 8 de setembro de 1808, faleceu o padre Francisco de Sales Álvares de Azevedo, que exerceu funções sacerdotais na paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. Nesse ano, o padre Manoel Rodrigues da Costa apresentou ao Conde de Linhares planos de grandes melhoramentos no Brasil. Ainda nesse ano, foram fundadas as capelas de Nossa Senhora dos Remédios dos Brejaúbas, de Nossa Senhora Sant'Ana de Garambés, de Nossa Senhora das Dôres do Rio do Peixe e de Nosso Senhor dos Passos do Rio Preto e de Quilombo.

Em 1809, fundou-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Barbacena com a finalidade de manter o culto externo e a devoção do Rosário de Nossa Senhora. Em 16 de julho de 1810, ordenou-se padre em Mariana, sendo quinto Bispo da diocese Dão Frei Cipriano, José Joaquim de Carvalho, natural da Borda do Campo, e que veiu a exercer o sacerdócio em Barbacena.

Em 12 de janeiro de 1812, batisou-se, no distrito de Santa Rita de Ibitipoca, do município de Barbacena, José Pedro Bemfica, que alí nasceu, foi padre, participou da revolução liberal de 1842, foi suplente de Deputado à Assembléia Geral Legislativa do Império e foi Deputado à Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais.

Em 12 de junho de 1813, foi ordenado padre, em Mariana, no episcopado do seu quinto Bispo, Dão Frei Cipriano, o barbacenense José Ferreira Campos. Em 26 de junho dêsse ano, faleceu, em Barbacena, onde exercia o sacerdócio, o padre Manoel Valente de Vasconcelos. Nesse mesmo ano, nasceu, em Congonhas do Campo, Joaquim Camilo de Brito, que viria a ser padre, vigário de Barbacena, revolucionário de 1842 e propagandista da República. E, ainda nesse ano, fundou-se a capela de Nossa Senhora das Oliveiras de Tôrres.

"Vastíssima era então a freguesia da Piedade da vila de Barbacena, que chegou a contar grande número de capelas filiais, algumas muito distantes da matriz, além de várias ermidas ou oratórios semi-públicos existentes nas principais fazendas de sua circunscrição.

Posteriormente algumas dessas capelas passaram a sede de novas freguesias, sendo outras, restauradas, ou transladadas, como se deu com a de Santa Rita, que, de Antiga freguesia, em 1750 passou a filial, e em 1832 foi restaurada, ficando-lhe anexas a da Conceição de Ibitipoca, anterior-

mente de natureza colativa, as do Quilombo, ROSÁRIO e Rio do Peixe, desligadas da de Barbacena.

Eram capelas filiais da paróquia de Barbacena, segundo se encontram nos livros do arquivo paroquial dessa época, as da Senhora do ROSÁRIO, construída em 1774, São FRANCISCO, que foi demolida, e BOA MORTE, a primitiva, na sede da vila; PIEDADE da Borda, a mais antiga e até hoje zelosamente conservada, a qual serviu de matriz provisória de 1726 a 1730; Senhora DO PILAR do Registro, que até 1748 serviu de matriz e caiu em ruínas depois da morte do inconfidente Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, a 19 de janeiro de 1844 e da de seu último irmão FRANCISCO RODRIGUES DA COSTA, que falecendo a 6 de janeiro de 1851 nela foi sepultado; Senhora DA AJUDA, no sítio do FARIA, desde sua fundação em 1726 até hoje; Senhora DO ROSÁRIO e SÃO JOSÉ do Ribeirão de ALBERTO DIAS (ALFREDO VASCONCELOS), desde sua fundação em 1734, a qual teve diversos capelães, o primeiro o inconfidente Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA e o último o Padre MARCELINO RIBEIRO MENDES, falecido em 1846; Senhora DO ROSÁRIO do Curral Novo, uma das mais antigas, próxima de Sítio; CONCEIÇÃO de Ibitipoca, desde 1750 até 1818; STA. RITA, a 9 léguas da Matriz; Santo ANTÔNIO de Bertioga (Ibertioga), em 1787, a 6 léguas; Senhora MÃE DOS HOMENS, no sítio do Bom Jardim, 1789; SANT'ANA da Boa Vista, de 1789 a 1800; Snhora dos REMÉDIOS das Brejaúbas, 1808, distante 15 léguas; SANT' ANA do Barroso, m 1807; SANT'ANA do Garambéo, em 1808; DÔRES do Rio Peixe(Lima Duarte), 1808, distante 17 léguas; Quilombo, depois União e atual cidade de Bias Fortes, a 11 léguas; Senhora da OLIVEIRA dos Tôrres, em 1813; Senhor DOS PASSOS do Rio Preto, depois cidade, em 1808, distante 10 léguas da matriz de Barbacena.

As principais ermidas ou oratórios semi-públicos, eram, então, as da Senhora da AJUDA do Castelo, no alto da serra de Remédios, propriedade e residência do irmão de Tiradentes, Padre ANTÔNIO DA SILVA DOS SANTOS, que aí faleceu a 6 de dezembro de 1805 e, transportado para Barbacena, foi no dia seguinte sepultado na matriz; SANT'ANA, na fazenda dos Moinhos, uma das mais antigas e propriedade do Alferes FRANCISCO FERREIRA ARMOND, chefe da importante família ARMOND; Senhora do CARMO, a mais antiga, que se conserva ainda no bairro da Boa Vista desta cidade, na fazenda da Caveira de Baixo; Bom JESUS de Matosinhos, no sítio do LACERDA, em 1767; CONCEIÇÃO do Pouso Alegre, de 1788 a 1791; Santo ANTÔNIO do Rio Grande do Bom Jardim e Bom JESUS do Bom Jardim do Rio Grande, em 1794.

Em 1808 encontram-se mais as seguintes ermidas: CARMO do Bom Retiro, Santa RITA da Tapera, Santo ANTÔNIO do Rio Peixe, SANT'ANA do BANDEIRA, DÔRES da Lavrinha, São FRANCISCO DE PAULA da Conquista, São SEBASTIÃO do Engenho, CARMO da Cachoeira, São DOMINGOS da Bocaina e S. José do arraial de Ilhéos.

É possível que algumas das mencionadas já tenham desaparecido". (*Imprensa* de 7 de abril de 1940).

Em 13 de fevereiro de 1814, nasceu, na vila de Tamanduá (depois Itapecirica), no oeste da província de Minas Gerais, JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA SILVA, batisado a 19 de março seguinte, que veiu a ser padre, monsenhor, vigário de Barbacena e deputado à Assembléia Legislativa da Província de Minas Gerais. Em 1815, segundo RICHARD FRANCIS BURTON, construiu-se a igreja de Nossa Senhora DA BOA MORTE de Barbacena.

Em 8 de janeiro de 1816, faleceu o padre ANTÔNIO DE CAMPOS MACIEL, que exerceu funções sacerdotais em Barbacena. Em 23 de setembro dêsse mesmo ano, faleceu, em Barbacena, o padre D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO, que foi o segundo vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, e o seu décimo terceiro vigário, sucedendo-lhe, interinamente, nesse vicariato, o padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA, décimo quarto vigário da paróquia. De 27 de dezembro de 1817 a 1820, foi o padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND o décimo quarto vigário, encomendado, da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Brabacena.

AGOSTINHO PITA DE CASTRO é um dos *Barbacenenses de Prol*:

"O segundo Vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda de Campo foi o padre AGOSTINHO PITA DE CASTRO.

D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO nasceu no solar de seus pais BRAZ PITA LEITE e MARIA JOSEFA DE CASTRO, fidalgos da casa real – na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da vila de Caminha, comarca de Valença, província do Minho e arcebispado de Braga, no reino de Portugal.

D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO ordenou-se sacerdote, com o hábito de S. Pedro e, por morte de D. FELICIANO PITA DE CASTRO, o primeiro vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo, falecido em 21 de junho de 1784, foi apresentado para sucedê-lo por carta da rainha D. MARIA I de 21 de janeiro de 1795, sendo colado por Dom Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO PONTEVEL, quarto bispo de Mariana, de 1779 a 1783, por sentença de 7 de abril de 1786, e tendo tomado posse em 16 de abril seguinte. No vicariato de D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO na paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo nela ser-

viram, como coadjutores ou como capelães, êstes sacerdotes: o padre FRANCISCO DA COSTA ABREU, desde 1786 a 1789; o padre MANOEL DIAS DE SÁ, como capelão na fazenda da Borda do Campo, em 1787: o padre ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES, português, falecido em 13 de maio de 1797; o padre português JOSÉ DE FARIA BRUM, falecido em Barbacena, em 26 de Junho de 1813, e o padre ANTÔNIO VICENTE DE ALMADA, também português, como capelão da capela de Nosso Senhor dos Passos do Rio Preto; o padre MANOEL VALENTE DE VASCONCELOS, português, falecido em 4 de agôsto de 1813 e sepultado na capela de S. DOMINGOS de Bocaina; o padre FRANCISCO DE SALES ÁLVARES DE AZEVEDO, natural de São João d'el-Rei, ordenado em Roma e falecido em 8 de setembro de 1808; o padre ANTÔNIO RODRIGUES DE ARAÚJO LOBATO, em 1814; o padre ANTÔNIO DE CAMPOS MACIEL, falecido em 8 de janeiro de 1816; e o padre JOSÉ DIAS DOS SANTOS, falecido em 26 de dezembro de 1818.

Durante o paroquiato de D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO na Igreja Nova de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo foram construídas na freguesia as seguintes capelas: Santo ANTÔNIO de Bertioga (depois Ibertioga), em 1787, a seis léguas de distância da Matriz; Nossa Senhora MÃE DOS HOMENS, no sítio do Bom Jardim, em 1789; Nossa Senhora SANT'ANA da Boa Vista, de 1789 a 1800; Nossa Senhora DOS REMÉDIOS dos Brejaúbas, distante quinze léguas da Matriz, em 1808; Nossa Senhora SANT'ANA do Barroso, em 1807; Nossa Senhora SANT'ANA do Garambéo, em 1808; Nossa Senhora DAS DÔRES do Rio do Peixe (depois Lima Duarte), distante dezessete léguas da Matriz, em 1808; Nosso Senhor DOS PASSOS do Rio Preto, distante dez léguas da Matriz, em 1808; a do Quilombo, depois União e, hoje, cidade de Bias Fortes, a onze léguas da Matriz, de 1809 a 1813; e Nossa Senhora DA OLIVEIRA dos TÔRRES, em 1813.

Segundo o professor JOSÉ CIPRIANO SOARES FERREIRA, em *"A primitiva paróquia de Barbacena"*, eram estas as principais ermidas, ou oratórios semi-públicos, existentes na paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, durante o vicariato de D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO: Nossa Senhora DA AJUDA do Castelo, no alto da serra de Remédios, na propriedade e residência do padre ANTÔNIO DA SILVA SANTOS, irmão de JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER, O TIRADENTES; Nossa Senhora SANT'ANA, na fazenda dos Moinhos, de propriedade da família ARMOND; Nossa Senhora do CARMO, na fazenda da Caveira de Baixo, no atual bairro da Boa Vista da cidade de Barbacena; Nosso Senhor Bom JESUS de Matozinhos, no sítio do LACERDA, desde 1767; Nossa Senhora da CONCEIÇÃO do Pouso Alegre, construída de 1788 a 1791; Santo ANTÔNIO do Rio Grande do Bom Jardim e Nosso Senhor Bom JESUS do Bom Jardim do Rio Grande, construídas em 1794.

Em 1808, encontram-se as seguintes: Nossa Senhora DO CARMO do Bom Retiro, Santa RITA da Tapera, Santo ANTÔNIO do Rio do Peixe, SANT'ANA do Bandeira, Nossa Senhora DAS DÔRES da Lavrinha, São FRANCISCO DE PAULA da Conquista, São SEBASTIÃO do Engenho, Nossa Senhora DO CARMO da Cachoeira, SÃO DOMINGOS da Bocaina e São José do arraial de Ilhéus. Ao registrar estas informações, acrescentou o professor SOARES FERREIRA ser "possível que algumas das mencionadas já tenham desaparecido".

O vigário D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO, em testamento de 7 de janeiro de 1815, deixou seis a sete mil cruzados em dinheiro e mais quatro anos de congruas vencidas em 31 de dezembro de 1814 a seu sobrinho ANTÔNIO PITA DE CASTRO "como justa recompensa da longa e boa companhia que sempre me fêz e ao excessivo trabalho que tem tido nos meus negócios e arranjos". O vigário D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO faleceu, em Barbacena, em 23 de setembro de 1816. Sucederam-no, como vigário interino da freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, o padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA, que era seu coadjutor, permanecendo no exercício dessas funções até novembro de 1817, e, como vigário encomendado, de 27 de dezembro de 1817 a 1820, o padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND. Pouco tempo depois, no seguinte ano de 1821, tomou posse o terceiro vigário colado da paróquia, o cônego ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO.

Como se vê, foi longo de mais de trinta anos o vicariato de D. AGOSTINHO PITA DE CASTRO na paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo e, depois, de Barbacena, de 16 de abril de 1786 a 23 de setembro de 1816. Não foi, porém, apenas longo êsse vicariato, sendo-o, ainda, profícuo e brilhante e devendo-lhe, por isso, a terra barbacenense as homenagens de apreço que nunca regateou aos que a serviram com dedicação e carinho.

Em 26 de dezembro de 1818, faleceu, em Barbacena, o padre JOSÉ DIAS DOS SANTOS, que foi vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Igreja Nova da Borda do Campo de 8 de agôsto de 1779 a 9 de abril de 1780.

Dos *Barbacenenses de Prol* é JOSÉ DIAS DOS SANTOS:

"12.º Vigário — e o primeiro colado — da freguesia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, o reverendo FELICIANO PITA DE CASTRO ausentou-se durante algum tempo, da paróquia, parecendo ter ido visitar a terra natal, em Portugal. Por essa ocasião, exerceu, como seu substituto, as

funções de vigário da paróquia, de 8 de agôsto de 1779 a 9 de abril de 1780, o padre José Dias dos Santos. Foi, assim, o padre José Dias dos Santos o 14.º vigário da freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo.

Posteriormente, foi o padre José Dias dos Santos coadjutor do segundo vigário colado da paróquia, D. Agostinho Pita de Castro, que exerceu o vicariato de 16 de abril de 1786 a 23 de setembro de 1816.

O padre José Dias dos Santos faleceu em Barbacena em 26 de dezembro de 1818, sendo sepultado na igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade".

Em 4 de setembro de 1820, nasceu, em Barbacena, José Joaquim Correia de Almeida, que viria a ser o Padre-Mestre Correia de Almeida, o maior satírico brasileiro,ordenado padre no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, em 3 de março de 1844, pelo bispo titular de Anemuria D. Antônio de Arrabida, com letras dimissórias do Cabido de Mariana, onde havia prestado exames sinodais. No comêço do ano de 1821, o padre Antônio Marques de Sampaio tomou posse de vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, da qual foi o décimo quinto vigário, e o terceiro colado, até 1839.

Em 15 de maio de 1821, nasceu, no distrito de Santa Rita de Ibitipoca, município de Barbacena, Joaquim Antônio de Andrade Bemfica, que veiu a ser padre, ordenado no Rio de Janeiro, em 21 de dezembro de 1843, por Dão Antônio de Arrabida, bispo titular de Anemuria.

Em 11 de fevereiro de 1822, o padre Manoel Rodrigues da Costa hospedou, no Registro Velho, o conselheiro Francisco de Paula Barbosa, que excursionou pela província de Minas Gerais trabalhando pela causa da independência do Brasil e que lhe pediu promover representação a favor da independência, o que foi feito, sendo a mesma entregue ao príncipe D. Pedro, quando passou, pouco depois por Barbacena com destino a Ouro Preto. Em dezembro dêsse ano, o padre Manoel Rodrigues da Costa foi condecorado por D. Pedro I cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, por ocasião da criação dessa Ordem. Nesse ano de 1822, nasceu João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que viria a ser o 23.º vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

Em 20 de setembro de 1823, o padre Manoel Rodrigues da Costa assinou, como membro de Comissão de Colonização Civilização e Catequese da Assembléia Constituinte e Legislativa do Império, dois pareceres que foram lidos na sessão de 23 de setembro da Assembléia. No mês de setembro, o padre Manoel Rodrigues da Costa ocupou a tribuna da Assembléia Constituinte e Legislativa do Império, falando sôbre a organização nacional.

Em 23 de fevereiro de 1824, faleceu, em Barbacena, o padre José Ferreira de Sousa, que exerceu funções eclesiásticas na paróquia. Em 3 de maio dêsse ano, ordenou-se padre, em Mariana, sendo sexto Bispo da diocese D. Frei José da Trindade, Justiniano da Cunha Pereira, redator do primeiro jornal editado em Barbacena, de 1836, a 1839, sob a orientação de Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Em 26 de fevereiro de 1825, ordenou-se padre, em Mariana, no episcopado do sexto Bispo da diocese, Dão Frei José da Trindade, o barbacenense Francisco Mendes Linhares. Em maio de 1826, o padre Manoel Rodrigues da Costa tomou posse na Assembléia Geral Legislativa do Império como Deputado pela província de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, tendo sido eleito suplente de Deputado pela província de Minas Gerais, o padre Antônio Marques de Sampaio, vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, foi convocado para exercer o mandato devido à escolha do Deputado Dr. Antônio Gonçalves Gomide para o Senado do Império como representante da província de Minas. Ainda nesse ano, o padre Manoel José de Oliveira foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre Antônio Marques de Sampaio.

De 1829 a 1838, o padre Miguel Francisco da Silva foi auxiliar do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre Antônio Marques de Sampaio. Ainda em 1829, Joaquim Camilo de Brito, que viria a ser décimo sexto vigário, o quarto colado, da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, matriculou-se no liceu de Congonhas do Campo.

Em 1.º de janeiro de 1831, faleceu, em Barbacena, o padre Manoel Antônio de Faria Moreira, filho do fundador da capela do Faria, Antônio de Faria Moreira, de quem o sítio do Palmital herdou o nome de Faria.

Entre os *Barbacenenses de Prol* está Manoel Antônio de Faria Moreira, a quem assim nos referimos:

"Manoel Antônio de Faria Moreira teve, em sua época, destaque assinalado entre os que residiam em Barbacena. Rico proprietário do sítio do Palmital, hoje do Faria, de que foi fundador o seu progenitor, Antônio de Faria Moreira, sendo, também, o seu capelão, Manoel Antônio de Faria Moreira foi o fundador da Capela da Ajuda, à margem do Caminho Velho de S. José d'el Rei. Segundo o padre Symphronio Augusto de

Castro, o padre Antônio de Faria Moreira nasceu no próprio sítio do Faria.

Foi o padre Manoel Antônio de Faria Moreira ordenado, presumìvelmente, em Mariana, durante o episcopado, que se prolongou até 1779, do terceiro bispo dessa diocese. Em 1773, foi o padre Manoel Antônio de Faria Moreira testamenteiro do vigário padre Feliciano Pita de Castro, do qual foi coadjutor, desde 1770 até a data da morte dêsse vigário, a 21 de junho de 1774, quando dirigiu os seus ofícios fúnebres solenes, nos quais participaram dezoito sacerdotes. De 21 de junho a outubro de 1784 foi o padre Manoel Antônio de Faria Moreira vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo.

Em 8 de outubro de 1820, o padre Manoel Antônio de Faria Moreira batisou o depois padre José Joaquim Correia de Almeida e, em 11 de fevereiro de 1822, foi dos sinatários da representação da municipalidade de Barbacena ao príncipe regente D. Pedro para que fundasse o Império do Brasil, tendo Barbacena por capital.

O padre Manoel Antônio de Faria Moreira faleceu em Barbacena no ano de 1831".

Segundo Richard Francis Burton, em *Viagem aos planaltos do Brasil*, 1868, faleceu no ano de 1831, morto pelo destacamento que o perseguiu na sua fuga da prisão, o padre Joaquim Arruda, um dos chefes da quadrilha de salteadores do caminho novo, no alto da serra da Mantiqueira.

Ao "Chefe Guimarães" assim nos reportamos em *Barbacenenses de Prol*:

"No voluptuoso livro de Conceição Jardim sôbre *Barbacena* se lê que, em 1785, "as façanhas por demais trágicas da célebre quadrilha da Mantiqueira infestavam o Caminho Novo, no alto da serra, tornando-o, realmente, perigoso e, por isso, um tanto abandonado.

Foi o Coronel José Aires Gomes encarregado pelo Governador da Capitania — D. Rodrigo José de Menezes — de descobrir, perseguir e prender os terríveis salteadores, que inspiravam romances capazes de rivalizar com os dos filmes americanos dos nossos dias.

Neste momento, surge a figura simpática do Alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes — que foi o auxiliar de José Aires Gomes no arriscado empreendimento. Conseguiram juntos, depois de várias diligências e de minuciosas batidas, pelas matas, que eram, naqueles tempos, espessas, e, portanto, ótimos esconderijos, descobrir corpos de vítimas e também prender vários celerados e cúmplices, que foram enviados, debaixo de segura escolta, para Vila Rica, onde receberam o devido castigo".

Em *Viagem aos planaltos do Brasil*, 1868, escreveu Richard Francis Burton, no capítulo V, *De Juiz de Fora a Barbacena*, sôbre o assunto aqui referido:

"A palavra Mantiqueira também escrita e pronunciada *Mantiguira*, ainda não foi interpretada. É geralmente traduzida como *ladroeira*, e supõe-se que seja uma gíria local. Alguns derivam-na de *manta*, capa de lã, e, em sentido figurado, *ardil*, *trapaça*. No início da primeira metade do século corrente era um nome terrível como ainda são os de Apenino e Abruzos. Os antigos viajantes estão cheio de lendas sôbre os seus bandidos, e os tropeiros ainda tremem ao ouvir as narrações em tôrno do fogo do acampamento. Os bandidos costumavam laçar suas vítimas e atirar os cadáveres, devidamente despojados dos diamantes e da areia aurífera, nos mais fundos desfiladeiros e barrancos. Diz uma tradição que um dêsses cemitérios foi revelado por uma árvore de crescimento muito rápido e que ostentava um selim como se fôra um fruto. O guarda asseverou-me que quando se construiu a nova estrada encontraram-se tesouros em vários lugares. As maltas mais famosas nos últimos anos eram chefiadas por um célebre "Chefe Guimarães", português "altamente respeitável" de Barbacena. Mais ou menos em 1825, êle e o seu amigo íntimo, o cigano Pedro Espanhol, morreram na cadeia. Outro personagem na tragédia foi o Padre Joaquim Arruda, homem rico e bem relacionado nesta parte da província. O *fidus Achates*, que estava sempre ao lado dêsse Fra Diavolo, era um Joaquim Alves Saião Beijú, geralmente chamado *Cigano* Beijú (beijú é um bôlo feito de farinha de mandioca).

O reverendo Arruda (*Ruta graveolens*?) acabou mal, em 1831, após cêrca de sete anos de próspera vilania. Auxiliado pelos seus ciganos, fugiu da prisão, escondeu-se numa caverna perto de S. José do Paraíba, e foi morto à bala pelo destacamento que o perseguia.

A Mantiqueira está agora despojada dos seus terrores, e os seus píncaros de azul nitente são lindos de se apreciar".

Em 1832, foi restaurada a freguesia de Santa Rita, sendo-lhe anexados as da Conceição da Ibitipoca, anteriormente de natureza colativa, Quilombo, Rosário e Rio do Peixe, desligados da de Barbacena.

Em março de 1833, José Augusto Ferreira da Silva, que foi, depois vigário de Barbacena, então aluno do liceu de Congonhas do Campo, agregou-se como corneteiro a batalhão de guardas nacionais, que por ali passou, destinado a combater revolução em Ouro Preto. Em 19 de maio seguinte, êle regressou a Congonhas do Campo. Em 1834, o professor

público na cidade de Barbacena João Ribeiro Guimarães foi substituído pelo padre Manoel Fernandes da Silva.

Entre os *Barbacenenses de Prol* assim incluimos o padre Manoel Fernandes da Silva:

"O padre Manoel Fernandes da Silva, que residiu em Barbacena, tendo se ordenado no seminário de Mariana, em 20 de março de 1790, quando bispo da diocese D. Frei Domingos da Encarnação de Pontevel, foi, ao que consta das atas dos seus trabalhos administrativos, o primeiro capelão, aliás sem incumbência oficial da autoridade eclesiástica, da capela de Nossa Senhora do Rosário de Barbacena, construída em 1774, e na qual foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, com a finalidade de manter o culto externo e a devoção ao Rosário de Nossa Senhora, no ano de 1809, e erigida por ordem de el-rei o senhor Dom João VI, em 1810, segundo se lê na aprovação do respectivo compromisso, que se encontra em livro guardado no arquivo da igreja.

O padre Manoel Fernandes da Silva era substituto do professor efetivo das aulas de primeiras letras João Ribeiro Guimarães, tendo sido representado pelo suplente de fiscal da Câmara Municipal José Balbino da Silveira ao presidente da mesma Câmara José Gomes Pereira D'Alvim, em 13 de janeiro de 1835, sôbre aquelas aulas, "em estado, como é público, fixadas, porque obtendo João Ribeiro Guimarães, mestre das primeiras letras, licença para alguns dias, se fizera substituir pelo padre Manoel Fernandes, e a ninguém jamais é oculto que findas as férias ainda se não abriu a Aula por ausência do professor, a cujo exemplo se tem comportado a professôra encarregada das alunas". O juiz de paz, padre José Joaquim Ferreira Armonde, informou a representação, confirmando-a. O presidente da Câmara nomeou comissão, composta de Marcelino José Ferreira, o padre José Joaquim Ferreira Armond e Miguel Francisco da Silva, para apurar o que se continha na representação, tendo essa comissão concluído pela culpabilidade da acusada. A Câmara Municipal representou, a 15 de janeiro, ao presidente da província, Antônio Paulino Limpo de Abreu, contra a professôra e êsse presidente determinou ao juiz de paz padre José Joaquim Ferreira Armonde instaurasse processo para a fixação da culpalidade da acusada, que foi suspensa das suas funções. Julgado êsse processo, em júri, foi a acusada condenada, por maioria de votos, sendo, porém, submetida, depois a novo júri, presidido por Francisco de Paula Cerqueira Leite, o primeiro juiz da comarca de Paraibuna, com sede em Barbacena, júri que absolveu a professôra por unanimidade, pondo-se, assim, têrmo à questão.

No *Jornal de Barbacena*, em seu número 858, de 1932, lê-se sob a epígrafe *Tradições da Igreja do Rosário*, esta narrativa, em que se alude ao padre Manoel Fernandes da Silva:

"Um fato que hoje imos registrar, no entanto, nós o não colhemos dos alfarrabios, que temos diante dos olhos. Bebemo-lo na *tradição oral*. E quem no-lo narrou foi um homem de bem, acima de toda exceção, qual o fôra o saudosissimo padre-mestre Corrêa de Almeida, *tradição viva* das coisas antigas de Barbacena, das quais dava sempre notícia segura e veraz, com discreção e graça.

Dos labios do padre-poeta colhemos algumas coisas dos pristinos tempos da vestuta VILA e da velha CIDADE, que com razão se ufana de haver sido berço e tumulo do insigne bardo satirico.

No que toca à capela do Rosário, lembramo-nos de que, uma feita êle nos disse mais ou menos o seguinte:

"O sr. não sabe que a igreja do Rosário era uma *capela de negros*. Foram *os escravos* que, com licença dos *senhores*, construiram aquilo ali.

No tempo da força, os justiçados eram depois sepultados no cemiterio do Rosário. Naquela chacara do Michel era o MORRO DA FORCA. O condenado à morte, no dia da execução, que se fazia quasi sempre de manhã cedo, era recebido na porta do Rosário pela Irmandade dos *negros*, todos de opa. O capelão era o padre Manoel, que ainda conheci muito. Logo que entrava na capela o condenado, o padre começava a missa. Depois da missa, davam marmelada e vinho ao sentenciado, que seguia para a forca ao lado do capelão, rezando, rezando ... Os sinos tocavam a finados até terminar a execução, quasi sempre assistida por muita gente, que acudia de toda a parte. A Irmandade do Rosário trazia depois o cadaver do enforcado para o cemiterio.

O Imperador acabou com isso mais tarde. E fez bem. Aqui mesmo foi enforcado um sujeito, que depois se soube que estava inocente do crime, que lhe atribuiram. Ainda ha descendentes de gente envolvida nesse erro judiciario ..."

Nossa memória reproduz aqui, com a possível fidelidade, as palavras do padre-mestre, de quem com viva saudade nos recordamos sempre.

A chácara do Michel é hoje o Manicômio Judiciário".

Em 28 de março de 1835, José Augusto Ferreira da Silva, que viria a ser vigário de Barbacena, recebeu ordens menores em Mariana, no episcopado do sexto Bispo da diocese Dão Frei José da Santíssima Trindade. Em 4 de abril de 1835, ordenou-se padre, em Mariana, sendo sexto Bispo

da diocese Dão Frei José da Santíssima Trindade, o barbacenense José Pedro da Silva Bemfica, natural de Santa Rita de Ibitipoca, o qual, em 19 de maio seguinte, foi provisionado no cargo de secretário do bispado de Mariana, funções que exerceu até 1864. Em 7 de setembro de 1835, o vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena Antônio Marques de Sampaio foi eleito vereador à Câmara Municipal de Barbacena. Nesse mesmo ano, o padre José Joaquim Ferreira Armond foi juiz de paz de Barbacena.

Em 1836, fundou-se, em Barbacena, sob a redação do padre Justiniano da Cunha Pereira, o seu primeiro jornal, *O Paraibuna*, assim denominada a comarca de que, então, fazia parte o município de Barbacena, obedecendo o jornal à orientação de Bernardo Pereira de Vasconcelos e em oposição ao cônego Diogo Antônio Feijó. Sôbre o padre Justiniano da Cunha Pereira escreveu Nestor Massena em *Barbacenenses de Prol*:

"Teve destacada atuação na vida política de Barbacena o padre Justiniano da Cunha Pereira, que redigiu o primeiro jornal editado nessa cidade. *O Paraibuna* foi, com efeito, o primeiro jornal que se editou em Barbacena, de 1836 a 1839, e ao qual sucedeu o *O Eco da Razão*, dirigido, de 1840 a 1842, pelo Dr. Camilo Maria Ferreira, mais tarde Conde de Prados, orgão do partido liberal. *O Paraibuna* teve como redator o padre Justiniano da Cunha Pereira, obedecendo à orientação de Bernardo Pereira de Vasconcelos, de quem publicava, como lema, estas palavras: "Os homens passam, passam as circunstâncias; mas os princípios subsistem, Deus louvado, a despeito das intrigas, a despeito das paixões, e em tôdas as lutas saem triunfantes e sabem vingar-se dos ultrajes que lhes irrogam a má fé, a ambição ou a ignorância".

Há na Biblioteca Nacional alguns números de *O Paraibuna* dos anos de 1838 e 1839 – o primeiro dêles, o n.º 143, de 30 de março de 1838, e o último, o n.º 210, de 10 de dezembro de 1839. *O Paraibuna*, segundo se lê nesses números, era impresso, em março de 1838, na "Tipografia do Paraibuna, rua Direita n.º 135"; em maio de 1838, na "Tipografia do Paraibuna, rua Direita n.º 31"; de setembro a dezembro de 1839, na "Tipografia do Paraibuna, largo da Câmara, n.º 15".

Os números de *O Paraibuna* existentes na Biblioteca Nacional têm palmo e meio de comprimento por um palmo de largura, apresentando todos, inicialmente, esta indicação: "Subscreve-se para esta fôlha em casa do sr. João Gualberto Teixeira de Carvalho, e do sr. José Bento da Costa Azedias, a 24.000 por três meses; e sairá nas terças e sextas". Custava o número avulso 80 réis, sendo de publicação bi-hebdomadária.

Em geral, só havia no jornal artigos sôbre a política geral, ou provincial, predominando as transcrições dos jornais do Rio.

Há dúvida sôbre o nome do padre Justiniano da Cunha Pereira, assim registrado por Xavier da Veiga em *A imprensa em Minas Gerais*, de vez que êle aparece – se não é êste o nome de outro padre – nos registros da Arquidiocese de Mariana com o nome de Justiniano Pereira da Cunha, sendo natural da vila do Serro do Príncipe, filho de pais incognitos – exposto, – batizado a 8 de abril de 1798 e ordenado padre em 3 de março de 1824, no seminário de Mariana, por Dom Frei José da Santíssima Trindade, sexto Bispo dessa diocese".

Em 2 de fevereiro de 1837, José Augusto Ferreira da Silva, que viria a ser vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, recebeu ordens de diacono na matriz da freguesia do São Salvador do Mundo de Guaratiba, no Rio de Janeiro. Em março dêsse ano, a lei provincial mineira n.º 7 criou duas cadeiras de instrução secundária na vila de Barbacena, sendo uma de latim e poética tanto da língua latina como da vernácula, para a qual foi designado o padre José Joaquim Correia de Almeida.

Em 1838, faleceu, em Barbacena, o padre Domingo Pinto Vieira, que foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre Antônio Marques de Sampaio. Em 1839, ordenou-se padre, na então Côrte do Rio de Janeiro, Joaquim Camilo de Brito, que viria a ser vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. Durante o paroquiato do Cônego Antônio Marques de Sampaio, de 1821 a 1839, foram seus auxiliares os seguintes padres, residentes em Barbacena: José Ferreira de Sousa, falecido a 23 de fevereiro de 1824, Agostinho Vidal Pinheiro, falecido em 1834, Domingos Pinto Vieira, falecido em 1838, Manoel Fernandes d'Assunção, falecido em 1838, Manoel Francisco da Silva, natural de Prados, de 1829 a 38, que foi vigário da Vara desta comarca eclesiástica, faleceu a 4 de março de 1850, foi encomendado por oito sacerdotes e sepultado na Matriz.

Em 1840, faleceu o padre João Joaquim Mendes, que foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, padre Joaquim Camilo de Brito.

Em 27 de novembro de 1841, nasceu, em Barbacena, José Maria Ferreira Velho, que viria a ser padre e monsenhor, teria a iniciativa da fundação do Asilo de Órfãos Maria Rosa e exerceria, interinamente, o vicariato da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. Nesse ano,

José Joaquim Correia de Almeida, depois padre, iniciou o ensino de latim em Barbacena.

Em 10 de junho de 1842, realizou-se na matriz de Barbacena *Te Deum* para marcar o início da revolução liberal, presente, entre os chefes da revolução, o cônego José Antônio Marinho. O depois padre José Joaquim Correia de Almeida fêz a impressão da proclamação do chefe da revolução José Feliciano Pinto Coelho da Cunha.

Em 4 de novembro de 1842, Justiniano José da Rocha, em carta ao juiz de direito de Barbacena Firmino Rodrigues Silva informou estar se esforçando para fazer Bispo o cônego Antônio Marques de Sampaio, ex-vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, muito embora não contasse, para isso, com a boa vontade do conselheiro Paulino Soares de Sousa. Em 26 de dezembro do mesmo ano, faleceu, na Campanha, sul de Minas, o padre barbacenense José de Sousa Lima, que ali, entre outras iniciativas úteis, realizou a fundição de tipos de imprensa.

Dos *Barbacenenses de prol*, José de Sousa Lima é dos de grande relêvo:

"Merece ser incluído entre as figuras do clero cuja memória Barbacena reverência de modo particular a do padre José de Sousa Lima. O padre José de Sousa Lima, natural de Barbacena, faleceu e sepultou-se na Campanha, de cuja paróquia era vigário, com 65 anos de idade, a 26 de dezembro de 1842, tendo, pois, nascido em 1777.

O padre José de Sousa Lima deve ter sido ordenado no seminário de Mariana, provàvelmente durante o episcopado de D. Frei Cipriano, que foi o quinto bispo da diocese, dirigindo-a de 1798 a 1817. Essa presunção decorre da data do seu nascimento, em 1777.

Dêle escreveu Xavier da Veiga em *"A Imprensa em Minas Gerais"* (1807-1897): "Coube à cidade da Campanha, vila nesse tempo, ser a oitava localidade mineira que fêz da imprensa fator da própria civilização, que dali irradiou para diversas cidades sul-mineiras, tôdas erguidas em seu antigo município e aviventadas ao benéfico influxo de suas honrosas tradições.

O primeiro órgão da imprensa local, a um tempo eco e guia do sentimento popular esclarecido, foi a "Opinião Campanhense", fundada e redigida por Bernardo Jacinto da Veiga, que iniciou a sua publicação a 7 de abril de 1832, comemorando o primeiro aniversário da revolução gloriosa que firmou a independência e a liberdade nacional.

Convém consignar-se aqui que anteriormente fundara tipografia na Campanha o vigário José de Sousa Lima, que na mesma ocasião montou nessa cidade uma fundição de tipos".

Descrevendo a personalidade dêsse ilustre barbacenense, Xavier da Veiga, anotou a respeito: "Homem laborioso, de vistas largas e empreendedor. Além do que fica referido e de ter promovido a fundação de uma biblioteca, deve-se-lhe a iniciativa das culturas da vinha e do chá na Campanha, donde passaram para municípios circunvizinhos, convencido de que grande riqueza e prosperidade viriam com elas para a ubérrima região sul-mineira".

Xavier da Veiga ainda escreveu, nas *"Efemérides Mineiras"*:

"26 de dezembro de 1842

Falece na cidade da Campanha, na idade de 65 anos, o vigário José de Sousa Lima, natural de Barbacena, porém ali residente desde muitos anos.

Da geração do seu tempo, foi um dos homens mais esclarecidos e mais úteis, não só da Campanha como de tôda a província.

O vigário Sousa Lima foi naquela cidade o iniciador da cultura vidreira e do chá, e a primeira delas, que tem ali atualmente grande incremento, derivou mais tarde da Campanha para outros municípios do Sul de Minas, desenvolvendo-se vantajosamente e prometendo futuro auspiciosíssimo à indústria vinícola.

Homem de vistas largas, instruído, ativo e trabalhador, o vigário José de Sousa Lima assinalou-se igualmente por outras iniciativas úteis: tratou de fundar na Campanha uma biblioteca e ali montou uma tipografia, a segunda que apareceu no sul de Minas, pouco após o estabelecimento da primeira, em Pouso Alegre, pelo padre José Bento Leite Ferreira de Mello.

Àquela tipografia anexou o vigário Lima uma fundição de tipos, empreendimento difícil naquela época e que êle realizou só por estímulo de sua vontade esclarecida e perseverante.

Foi um inteligente e respeitável operário do progresso material e moral do sul de Minas. A recordação disto constitui elogio a que êle fêz jús pelos próprios esforços, eficazes para o adiantamento social".

Ainda no ano de 1842, foi anexada a cadeira de instrução secundária de francês e noções de geografia e história, regida pelo dr. Pedro Vitor Renault de Sierck, à de latim e poética latina e vernácula, ficando ambas sob a regência de José Joaquim Correia de Almeida, depois padre.

Ainda, também, no ano de 1842, prêso, no arraial de Desterro do Melo, por haver querido confessar moribundo perseguido pela polícia, o padre MANOEL AFONSO DINIZ, ao que narrou o cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO, "foi posto em um cavalo, com as pernas amarradas por baixo da barriga do animal, que, sem freio, era tirado pelo cabresto por um guarda; e assim entrou na cidade de Barbacena, em cuja cadeia permaneceu por meses, sem que jamais se lhe pudesse formar culpa".

Foi assim que nos referimos, em *Barbacenenses de Prol*, ao padre MANOEL AFONSO DINIZ:

"Sacerdote que tem o seu nome ligado à revolução de 1842, tendo sido recolhido prêso à cadeia de Barbacena, é o padre MANOEL AFONSO DINIZ, natural de Mariana, sendo seu pai de Sabará e sua mãe de ANTÔNIO DIAS ABAIXO, a quem o Cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO assim se refere na *História do movimento político que teve lugar no ano de 1842* na província de minas Gerais: "No Distrito do Mello, município do Piranga, fôra barbaramente assassinado FRANCISCO ANTÔNIO D'OLIVEIRA, por ordem do delegado DOMINGOS JAIME. Êste delegado, para satisfazer a vingança dum seu amigo, mandou uma escolta de trinta soldados, comandados pelo tenente ANTERO, prender FRANCISCO ANTÔNIO e ao padre MANOEL AFONSO DINIZ, recomendando na ordem, que dera por escrito, que atirassem sôbre aquêle que pretendesse fugir. Com efeito, foi FRANCISCO ANTÔNIO cercado em sua roça, e como deitasse a correr pela margem de um rio, descarregaram-lhe um tiro, que o não alcançou, imediatamente dois, e o infeliz caiu traspassado de outras tantas balas. Arrastado para a estrada, lutando já com as ânsias da morte, vinha casualmente pela mesma estrada o padre AFONSO, a quem o infeliz pediu pelo amor de Deus que o ouvisse de confissão; o padre querendo satisfazer a êsse ato de religião e de caridade, pediu ao comandante que fizesse um mais largo circulo com a fôrça, para que êle pudesse ouvir de confissão ao moribundo; o comandante, porém, empunhando uma pistola, diz-lhe que nem êle padre estava nas circunstâncias de administrar aquêle Sacramento, nem o moribundo de o receber, pois que eram rebeldes, os quais deviam ser confessados pelas balas. A resposta do sacerdote foi digna de um ministro da religião, apesar dos tigres, que o cercavam; teve êle a fortaleza de retorquir ao bárbaro comandante pela seguinte enérgica maneira: — "Pois bem, deixai-me aplicar aquilo que o meu estado me ordena e as circunstâncias do moribundo reclamam, e aplicai depois sôbre mim o que vos aprouver". Apesar disso, o infeliz morreu sem confessar, e o padre foi posto em um cavalo, com as pernas amarradas por baixo da barriga do animal, que, sem freio, era tirado pelo cabresto por um guarda; e assim entrou na cidade de Barbacena, em cuja cadeia permaneceu por mêses, sem que jamais se lhe pudesse formar culpa".

Ainda em 1842, o padre JOÃO MARIANO DE CERQUEIRA LEITE, pronunciado como revolucionário, recolheu-se à prisão na cadeia de Barbacena para recorrer do despacho de pronúncia, no que foi atendido pelo juiz de paz SILVESTRE PACHECO DE CASTRO.

Eis como nos referimos, em *Barbacenenses de Prol*, ao padre JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE:

"Filho de JOSÉ DE CERQUEIRA LEITE e de ANA MARIA DA FONSECA, que, no fim do século XVIII, vieram estabelecer-se no município de Barbacena, à margem do rio Paraibuna, na fazenda da *Rocinha Negra*, JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE era irmão dos magistrados FRANCISCO DE PAULA CERQUEIRA LEITE e PEDRO DE ALCÂNTARA CERQUEIRA LEITE e do agricultor ILDEFONSO CERQUEIRA LEITE.

JOÃO MARCIANO CERQUEIRA LEITE fêz o curso eclesiástico do seminário de Mariana, onde se ordenou padre. Depois de tomar ordens sacras, foi o padre JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE residir na propriedade de seus pais. Em 1842, foi êle acusado de haver participado do movimento revolucionário deflagrado a 10 de junho de 1842, sendo processado no fôro de Barbacena. Tendo sido pronunciado por êsse crime, achando-se no Rio de Janeiro, recolheu-se o padre JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE para recorrer do despacho de pronúncia, o que fêz, à prisão na cadeia de Barbacena. Atendido o recurso pelo juiz de paz SILVESTRE PACHECO DE CASTRO, tendo funcionado no processo LUÍS CARLOS DA ROCHA, como juiz municipal e delegado, foi o padre JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE declarado livre de pena e culpa".

Em 21 de dezembro de 1843, ordenou-se padre, no Rio de Janeiro, perante Dom Frei ANTÔNIO DE ARRABIDA, Bispo titular de Anemuria, JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA, natural de Santa RITA de Ibitipoca, município de Barbacena.

Em 19 de janeiro de 1844, faleceu o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, que foi sepultado na matriz da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena. Em 3 de março dêsse ano, foi JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, natural de Barbacena, ordenado presbítero na Côrte do Rio de Janeiro, por dom Frei ANTÔNIO DE ARRABIDA, bispo titular de Anemuria.

Dos *Barbacenenses de Prol* é esta a figura do padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA:

" O Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, filho do Coronel MANOEL RODRIGUES DA COSTA e de JOANA TERESA DE JESUS, que sobreviveu a seu marido, nasceu em 1754, em Campo Alegre dos Carijós, na comarca do Rio das Mortes, têrmo da vila de S. JOSÉ e freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Carijós (segundo RICHARD F. BURTON, em *Viagens aos planaltos do Brasil*, 1866, A. D. DE PASCUAL denominava, em 1792, a Barbacena primitiva da Freguesia dos Carijós). Segundo o cônego RAIMUNDO TRINDADE, na Arquidiocese de Mariana, o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA nasceu em CONCEIÇÃO de Ibitipoca.

O padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA era sobrinho, pelo lado paterno, do padre DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA, que serviu como coadjutor do primeiro vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo, padre FELICIANO PITA DE CASTRO, de 1769 a 1771.

O padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA deve ter-se ordenado no seminário de Mariana, durante o episcopado, que se prolongou até 1779, do terceiro bispo da diocese. Estabeleceu-se o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA em Barbacena, no Registro Velho, antes chamado Registro da Borda e estabelecido pelo Coronel DOMINGOS RODRIGUES DA FONSECA LEME, como cobrador das entradas e provedor dos quintos, em cuja capela de Nossa Senhora do PILAR, que servira de matriz da freguesia de Nossa Senhora da PIEDADE da Borda do Campo, oficiava. Essa capela foi abandonada, após a morte do padre MANOEL RODRIGES DA COSTA, desaparecendo as suas ruínas no meiado do século passado. Na fazenda do Registro Velho ainda se conservam a imagem de N. S. do PILAR, o missal e os paramentos usados pelo padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA.

O padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, residente no Registro Velho, tomou parte na Conjuração de Minas Gerais, em 1789, sofrendo menos do que os seus cúmplices, graças ao seu caráter sacerdotal.

Na inquirição da devassa então realizada foi êste, em 16 de junho de 1789, na cadeia de Vila Rica, o depoimento do padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, o vigésimo segundo dos inquiridos:

"O Reverendo Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, natural da Freguesia de Carijós, Comarca do Rio das Mortes, residente na Freguesia de Nossa Senhora DA PIEDADE da Borda do Campo, que vive de suas fazendas, de idade de trinta e cinco anos, testemunha a quem êle dito Ministro deferiu o juramento dos Santos Evangelhos, em um livro dêles, em que pôs sua

mão direita, sub cargo do qual lhe encarregou jurasse a verdade do que soubesse e lhe fôsse perguntado, o que assim prometeu cumprir como lhe estava encarregado.

E perguntado êle testemunha pelo conteúdo no Auto desta Devassa, que todo lhe foi lido, disse, que pouco mais ou menos pelo tempo em que tinha chegado a esta Capitania o Excelentíssimo Senhor General, lhe falara em certa ocasião o Alferes do Regimento pago JOAQUIM JOSÉ DA SILVA, por alcunha o TIRADENTES, queixando-se-lhe amargamente dos Governadores destas Minas, que se achavam assoladas e que já se faziam intoleráveis os seus despotismos; referindo mais particularmente as suas queixas ao Excelentíssimo Senhor LUÍS DA CUNHA MENEZES; acrescentando, que vinham aqui enriquecer, e os seus criados, e que êste país podia ser um Império; e que, se achasse quem o ajudasse, havia de pô-lo livre da sujeição da Europa; encarecendo as suas produções, maiormente do ouro, e diamantes; ao que lhe respondeu êle testemunha, observando a soltura com que o dito Alferes falava, que semelhante cousas nem pensar se deviam; e que por êste motivo conhecendo a amizade que tinha o dito TIRADENTES com o Coronel JOSÉ AYRES, êle testemunha o procurou, e lhe perguntou se havia já conversado com aquêle TIRADENTES e ouvido as suas liberdades, e, respondendo-lhe o dito Coronel, que já sabia disso e que o Senhor Visconde também o sabia, porque lho tinha contado êle AIRES, se admirou êle testemunha dizendo — e o Senhor Visconde não providencia isso? — ao que lhe tornou o mesmo Coronel acenando com a cabeça — a seu tempo. Depois, porém, que se fizeram as prisões do dito TIRADENTES, JOAQUIM SILVÉRIO, Desembargador GONZAGA, e os mais, é que êle testemunha tem ouvido geralmente falar de um levante, que se premeditava; e lhe ocorre, que passando o Coronel JOAQUIM SILVÉRIO por casa dêle testemunha em certa ocasião, lhe contara, que esteve para se lançar a Derrama; porém que êle conversando com sua Excelência neste ponto, ponderando-lhe o estado da terra, e outras circunstâncias, que lhe não declarou, fêz com que o mesmo Senhor mudasse de parecer e sobrestasse naquele procedimento; depois do que, passando o mesmo SILVÉRIO por casa também dêle testemunha, lhe contou, que se dirigia para o Rio de Janeiro, a buscar uma carta de proteção do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei para o Doutor Intendente e Procurador da Real Fazenda, e que isso mesmo lhe mencionara o Senhor Visconde, o que êle testemunha não acreditou, antes juntando as notícias, e passagens referidas, assentou consigo, que a ida daquele JOAQUIM SILVÉRIO ao Rio tinha muito diferentes fins, cuja idéia comunicou êle testemunha ao Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA a quem o

mesmo SILVÉRIO tinha também comunicado todo o referido, e ambos convieram no mesmo juízo. Declara mais êle testemunha, que quando foi a última vêz, que o dito Alferes passou para o Rio de Janeiro, transitando por sua casa, lhe referiu incidentemente, que ia para a cidade do Rio de Janeiro a certa dependência de umas águas, sôbre que lhe mostrou uns despachos; e que ao mesmo tempo ia também cuidar naquele negócio, em que lhe tinha tocado, quando viera para cima, relativo a liberdade da América, ao que lhe respondeu êle testemunha, que o Demônio o andava tentando a fazer algumas desordens, que lhe haviam de custar a cabeça; também está certo que ainda antes das prisões ouviu dizer, sem se lembrar de quem, que o Coronel ALVARENGA sabia daquela desordem. E mais não disse, nem dos costumes, e sendo lido o seu depoimento o assinou com o dito Ministro, e eu Bacharel JOSÉ CAETANO CESAR MANITTI, Escrivão nomeado, o escrevi. (aa) SALDANHA — MANOEL ROIZ DA COSTA".

A 24 de junho de 1792. partiu do Rio de Janeiro para Lisboa a fragata *Golfinho,* conduzindo alguns dos condenados da Inconfidência Mineira; o cônego LUÍS VIEIRA, o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA e outros eclesiásticos, e com êles DOMINGOS VIDAL DE BARBOSA, JOSÉ DE REZENDE COSTA (pai e filho) e JOÃO DIAS DA MOTTA. Êstes últimos foram remetidos para a ilha de São Tiago de Cabo Frio, ficando presos, em Lisboa, os eclesiásticos, na Tôrre de São Julião da Barra. Pôsto em liberdade, regressou o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA ao Brasil, a Barbacena, entregando-se, então, a estudos econômicos e industriais, fundando uma fábrica de tecidos e consagrando-se à plantação de vinhas. Em 1808, o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA apresentou ao CONDE DE LINHARES planos de grandes melhoramentos para o Brasil.

Visitando, em 1818, Minas Gerais, escreveu SAINT-HILAIRE:

"Tinham-me falado do proprietário de Registro Velho, o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA como de agricultor notável; e, de volta da minha viagem, fui visitá-lo. Estava então no seu oratório, ocupado em rezar as preces da tarde em meio a uma trintena de pessoas, na maioria negros e negras, e tomei lugar entre os assistentes. Justamente nesse momento todos se prosternaram, e o sacerdote se pôs a recitar, em honra de JESUS CRISTO, ladainhas que indicavam o número de bofetadas e chicotadas que recebeu, das gotas de sangue que correram de suas chagas, e até das lágrimas que derramou pelos nossos pecados. A cada artigo das litanias, a capela vibrava com o ruído das bofetadas que se aplicavam os presentes, e todos respondiam *Louvado seja Deus*. Quando as ladainhas terminaram, cantaram-se em honra à Virgem algumas orações, ao som do violão, e em

seguida todos se retiraram. Saudei o Sr. MANOEL RODRIGUES à porta da capela; fêz-me entrar em sua casa, e respondeu as minhas perguntas com bastante complacência. Disse-me que, tendo passado algum tempo em Portugal, de lá trouxera máquinas próprias para tecer o linho e fazer diversos outros tecidos; que convidara todos a virem ver essas máquinas e a construir outras semelhantes, mas que ninguém se aproveitou dêsse oferecimento; que tinha inùtilmente dado parte ao govêrno dos seus projetos de incrementar, na província das Minas, as artes úteis; não recebera nem resposta nem estímulo. Todavia o Sr. MANOEL RODRIGUES continuou fazendo uso dos seus mistéres para êle próprio e os moradores de sua casa. Estava vestido de um estofo de trama, fabricado em sua casa com a lã de suas ovelhas, e me mostrou uma peça de tela fina e bastante regular, feita com linho recolhido em suas terras. Já sabia que começara a cultivar com êxito o linho na comarca do Rio das Mortes; o Sr. MANOEL RODRIGUES confirmou-me a informação, e disse-me que essa cultura tivera sempre ótimos resultados, e que tôdas as épocas do ano se prestavam igualmente a ela; mas acrescentou que a tinham quase que completamente abandonado, porque é muito mais trabalhosa do que a do algodoeiro. Os que plantam o linho escavam a terra, adubam-na, semeiam os grãos, e fazem, ao cabo de três meses, uma excelente colheita. Admirar-se-ão, sem dúvida, de que o govêrno não procure encorajar uma cultura tão vantajosa; mas como poderia preocupar-se em tornar mais comum um vegetal exótico, se se despreza inteiramente uma multidão de plantas indígenas cujas fibras flexíveis e resistentes podem ser tão ùtilmente empregadas no fabrico de cordoalhas e tecidos, tais como as *embaúbas* (*cecropica*), os *tucum e macaúbas* (*palmeiras*), a *pita* (*agave vivipara*), várias *maloaceas,* diversas *anonaceas,* etc., plantas de que os selvagens sabem tirar maior partido que os próprios portuguêses ?"

Foi o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA signatário da representação da Câmara Municipal de Barbacena, em 11 de fevereiro de 1822, à Sua Alteza Real o Príncipe D. PEDRO, concitando-o à fundação do Império do Brasil, estabelecendo a sua capital em Barbacena. Ao ser instituída, em Dezembro de 1822, a Ordem Imperial do Cruzeiro, foi condecorado como Cavaleiro o "Padre MANOEL RODRIGUES de Barbacena".

"Ocupado vivamente no aumento e prosperidade da sua pátria", escreveu ROCHA POMBO, na sua *História do Brasil,* sôbre o Padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, "examinou em Lisboa as fábricas, para as introduzir no Brasil; conseguiu trazer consigo um fabricante de panos e um vinhateiro; estabeleceu uma fábrica daqueles, e plantação de oliveiras e vinhas;

as suas pequenas fôrças, e circunstâncias do tempo, e o nenhum auxílio do govêrno a tão louváveis empresas, as fizeram abortar; ofereceu ao Conde de Linhares planos sôbre melhoramentos de estradas, povoações de sertões e navegação de rios. Com o regresso do Sr. D. João VI a Portugal, unido ao Visconde de Caeté, foi um dos ardentes promotores da nossa independência em Minas Gerais, pelas quais foi eleito deputado para a assembléia geral constituinte, e para a legislatura de 1826, de que requereu e obteve dispensa da Câmara, em razão de suas moléstias, e idade avançada.

As suas virtudes e qualidades lhe mereceram sempre o maior apreço e estima do Sr. D. Pedro I, o qual por alguns dias se demorou com a imperatriz na sua fazenda do Registro, na última viagem a Minas Gerais, condecorando-o com as ordens de Cristo e do Cruzeiro e a dignidade de cônego honorário da capela imperial".

Eleito, em 1823, membro da Assembléia Constituinte Brasileira, foi depois, em 1826, o Padre Manoel Rodrigues da Costa eleito para a primeira Assembléia Legislativa do Império. Em *O clero e a independência*, Dão Duarte Leopoldo, arcebispo de São Paulo, reportando-se ao Padre Manoel Rodrigues da Costa, assinala que "nimbado pela aureola dos confessores da liberdade, trinta e quatro anos mais tarde voltava à Cadeia Velha o prisioneiro da Inconfidência, a legislar para a pátria livre e independente".

Sôbre os debates relativos à liberdade religiosa na nossa primeira constituinte, registra Eugênio Vilhena de Morais, em *O patriotismo e o clero no Brasil*, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo IC, volume 153, páginas 139 e 140, o discurso de Maciel da Costa, representante de Minas, defendendo o ponto de vista católico, acrescentando:

"Maciel não está só. Um seu colega de representação por Minas sai a mostrar, em discussão não menos eloquente, o que seria ver-se erguer no Brasil *altar contra altar*.

Merece que se lhe decline por inteiro o nome dêsse orador na sessão de 8 de outubro de 1823: Padre Manoel Rodrigues da Costa.

Ali, na Cadeia Velha, onde ora legislava, como representante da Nação, passara êle, 31 anos havia, de grilhões nos pés, a noite dos Inconfidentes, na chamada sala do Oratório. Em seguida, 10 anos de destêrro e martírio num convento de Portugal não o tinham feito esquecer o antigo sonho. De volta, retirado em Minas, em meio às suas vinhas e às suas oliveiras, trabalhara com afinco pela causa da independência juntamente com o Visconde de Caeté, e obtivera a valiosa adesão da Câmara Municipal de Barbacena.

Padre Rodrigues da Costa, José da Silva Lisboa, encarnam bem essas duas figuras, a alma da Pátria naquele cenáculo de representantes".

Participando do movimento revolucionário de 1842, sendo na casa de sua residência, no Registro Velho, que se assentou a deflagração de 10 de junho daquele ano, escrevia, nessa data, a seguinte carta ao Imperador D. Pedro II:

"Senhor — Um velho carregado de anos, e que tem sido testemunha presencial dos mais notáveis acontecimentos, que desde o século passado tem tido lugar no país, e em todos êles tem tomado alguma parte, um antigo sincero e desinteressado amigo dos Augustos Pais de V. M. I., comparece hoje perante o Trono de V. M. I., não como êsses que o avaliam só pelas graças que dêle recebem, mas como um cidadão amigo do seu país e fiel ao seu Monarca.

A Província aonde eu nasci, Senhor, vejo-a em uma agitação que me assusta, o povo corre às armas, e todos dizem que vêm defender sua liberdade, e quando considero alguns atos dos Ministros de V. M. I. de que neste meu retiro tenho tido conhecimento, não posso deixar de lastimar que homens imprudentes, que causaram as desgraças do Brasil, promovendo por iguais imprudências a desastrosa revolução de 7 de abril de 1831, não estejam ensinados pela experiência, e promovam hoje calamidades novas para nossa Pátria.

Senhor, a última vêz em que o Augusto Pai de V. M. I. honrou com sua presença esta Província me fêz a honra que nunca me esquecerá de ser meu hóspede; minutos depois de sua chegada a esta casa, despediu êle a sua guarda com estas palavras, que gravadas no meu coração, serão com êle encerradas no sepulcro que bem depressa se me há de abrir: "Não preciso de guarda; bem guardado estou eu na casa de um verdadeiro amigo". Oh! êle sabia que eu o era, e Deus conhece que não sou menos de V. M. I.. Na sua volta de Ouro Preto, repetiu-me o Augusto Pai de V. M. I. a mesma honra e ao despedir-se abraçou-me; e me disse: "Padre Manoel Rodrigues, adeus, até o outro mundo". Banhado em lágrimas, perguntei-lhe se não era possível evitar as apreensões que o cercavam; êle chorou também, não me respondeu, e nos separamos, e separamo-nos para sempre.

Quantas angustias, quantas aflições, quantas lágrimas dirigi a Deus pela sorte dos Jovens Órfãos que o meu Monarca e amigo confiara à Nação Brasileira, só Deus o pode medir! Julguei passados êsses dias de tristeza quando, em 1840, vi que a nação inteira aplaudia o ter V. M. I. entrado

no exercício dos direitos que lhe transmitira, ainda tão menino, seu Magnânimo e generoso Pai.

Feliz de mim, Senhor, se, em dias dêsse ano, Deus julgasse cheia e a quebrasse a medida de meus dias! Entretanto a Providência me reservou para ser agora testemunha de cenas que me despedaçam a alma. Será possível, senhor, que entre os antigos amigos de Vosso Pai, e os homens que em diversas circunstâncias teem mostrado amor sincero ao Vosso Trono, não se encontram alguns que Vos aconselhem a necessidade de fazer cessar um sistema de Govêrno fundado no interêsse de poucos, e que tem lançado a população em um cáos d'angústia e de temores?

Não estou habilitado, Senhor, para julgar da política do dia; assevero, porém, a V. M. I. que alguns atos do Ministério, que a meu conhecimento teem chegado, são próprios para promoverem a desordem e bem fundados temores. Como é, Senhor, que se suspendem Câmaras Municipais por haverem depositado aos pés do Trono do seu Monarca suas súplicas? Alguns outros fatos existem sôbre os quais convinha que V. M. I. tomasse conselho de pessoas tementes a Deus, e amigas sinceras de V. M. I..

Nesta cidade acaba de aparecer uma revolução; os seus autores asseveram, e eu os acredito, que nenhumas intenções têm que contrárias sejam aos interêsses públicos, e aos de V. M. I.; e me parece que tudo se acabará se V. M. I., chamando para seu Conselho homens como os de que falei acima, procurem êstes estabelecer um sistema de govêrno que tenha por base a paz e a conciliação entre todos os Brasileiros.

As circunstâncias urgem, Senhor, e enquanto a pedra pode parar não a deixe V. M. I. ir ao primeiro impulso que se lhe der. Estou velho, e atormenta-me a idéia de que morrerei deixando os meus patrícios a se despedaçarem, quando com tão pouco se poderia firmar entre êles a paz e a união.

Beija respeitosamente a mão de V. M. I., como súdito leal e respeitador, o Padre Manoel Rodrigues da Costa".

Esta carta, de que foi portador José Furtado Placiano Pizza, afim de fazê-la chegar ao seu destinatário, por intermédio dos marqueses de Itanhaem e de Barbacena, foi apreendida, no Rio Preto, pelas fôrças governamentais, que lhe deram sumiço, só vindo a ser conhecida, mais tarde, através da "*História do Movimento Revolucionário*" do Cônego José Antônio Marinho.

O Padre Manoel Rodrigues da Costa faleceu a 19 de janeiro de 1844, sendo os seus restos mortais inhumados na igreja matriz de Barbacena, em

terra que os guarda, avaramente, orgulhosa da personalidade dêsse cidadão eminente, por tantos títulos notáveil e digno do aprêço dos seus pósteros. Quando, por ocasião da trasladação das cinzas dos inconfidentes mineiros, trazidos da África por Augusto de Lima Júnior, cuja iniciativa, nesse sentido, mereceu o amparo oficial, pretendeu-se reunir àquelas cinzas as do padre Manoel Rodrigues da Costa; mas Barbacena, ciosa das glórias dos seus filhos e dos que a elegeram para nela viver, preferiu não encontrar o túmulo do padre Manoel Rodrigues da Costa a ter de consentir na perda da posse dos seus últimos restos, que hão de dormir eternamente nas terras do planalto de Minas, que, ao alto da serra de Mantiqueira, tanto se aproximam dos céus, dos nossos céus azulados, dos nossos céus puríssimos, dos nossos céus divinos por natureza e magnificamente e maravilhosamente divinos".

Ao ser inaugurado, em Ouro Preto, pelo Presidente da República, o Museu da Inconfidência, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dirigiu-se, em 12-8-44, ao Dr. Bias Fortes, no sentido de verificar a possibilidade de serem adquiridos do Sr. Marcelino Pimentel, conceituado comerciante em Dr. Sá Fortes, no distrito da cidade e atual proprietário da tradicional Fazenda do Registro Velho, os paramentos e demais peças de uso do Padre Manoel Rodrigues da Costa, que se encontravam na Ermida outrora construída pelo ilustre Inconfidente e ainda ali conservados.

S. Excia. determinou, incontinente, a um de seus auxiliares, que entrasse em entendimento com o Sr. Marcelino Pimentel, sôbre o assunto em questão. Êste cavalheiro prontificou-se, independente de qualquer remuneração, a contribuir para o enriquecimento do "Museu dos Inconfidentes", doando-lhe 48 peças de grande valor histórico que, posteriormente, pelo Rvdmo. Padre José da Silveira Lobo, Vigário da Paróquia de N. S. da Piedade, foram classificados, segundo a sua espécie, em paramentos, ornamentos, pertences do altar e objetos devocionais usados pelo Inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa, conforme relação abaixo:

Três manustérgios
Um corporal
Uma pala de corporal
Dois sanguinhos
Três amitos
Um cingulo
Quatro bôlsas
Quatro palas
Uma alva

Duas toalhas de altar
Quatro manípulos
Duas estolas
Dois véus de cálice
Um véu de Sacrário
Duas casulas
Um frontal
Dois docéis de altar (5 peças)

Uma cortina
Dois tapetes de supedâneo
Um matelete
Uma aquifera para ofertório
Um pedaço de galheta e
Três pedaços de terços.

Tão logo o "Patrimônio Histórico" teve conhecimento do bom êxito da missão confiada ao Dr. Bias Fortes, determinou a um de seus funcionários conduzir, pessoalmente, e com os cuidados devidos, para o Distrito Federal, tão apreciadas relíquias.

Como sabemos, D. Pedro I, reconhecendo os magníficos serviços do Padre Manoel Rodrigues da Costa à causa de nossa Independência política, condecorou-o com as Ordens de Cristo e do Cruzeiro, dando-lhe, ainda, as honras de Cônego honorário da Capela Imperial.

S. Excia. Revma. que, no dizer do historiador Macedo, era um "varão de espírito fulguroso, de vontade forte e de coração patriótico, foi dos Inconfidentes de 1789, o último a desaparecer do cenário da vida".

Em carta de 11 de novembro de 1944, o Reverendo Padre Raul de Azeredo Coutinho teve a gentileza de informar-nos:

"Há tempos, o amigo publicou uma notícia sôbre o inconfidente Pe. Manoel Rodrigues. A título de curiosidade, vou transcrever a certidão de óbito (que, me parece, não chegou ao seu conhecimento, e que publiquei na "Imprensa" (n.º 118, 11 de abril de 1937): "Cônego M. Rodrigues da Costa. Matriz. Aos 20 de janeiro de 1844, sepultou-se dentro desta Matriz, em Sepultura do SSmo. por ser irmão.

O Cônego M. Roiz. da Costa br. maior de 96 anos, munido de todos os sacramentos; fêz-se-lhe exequias solenes à que assistiram oito sacerdotes, as Irmandades do SSmo., Almas, Boa Morte, Rosário, Passos; foi encomendado por mim. O Vig.º Joaquim Camillo de Britto".

Tenho um cartão, dirigido ao sr. Geraldo da Silva Moreira pelo Dr. Vicente Racioppi, do Instituto Histórico de Ouro Preto, na ocasião em que pretenderam retirar da nossa Matriz os despojos do P. M. Rodrigues; diz assim: "Ao bom amigo G. da Silva Moreira o (impresso)" Dr. Vicente de Andrade Racioppi Advogado Diretor do Instituto Histórico de Ouro Preto Inspetor Federal do Ensino" abraça e acusa o recebimento de "Imprensa", com as interessantes notas sôbre o inconfidente P. M. Roiz. da Costa e o criterioso gesto do Vigário, que não quiz pôr na urna ossos duvidosos. O mesmo escrúpulo não houve aqui referente a Marília ... etc". Êste cartão data de Ouro Preto, 9-8-938".

Cabe aqui a transcrição desta carta:

"Barbacena, 28 de março de 1944.

Caro am.º dr. Nestor Massena,

Affectuoso saudar.

Apreciei immenso seu bello escripto, que appareceu publicado no "Jornal do Commercio", de 19 deste mês, sobre o historico padre Manoel Rodrigues da Costa.

Considero este seu trabalho um dos melhores que lhe têm cahido da penna magnifica. Dou-lhe calorosos parabens. Exhumando do olvido documentos que põem, definitivamente, em accentuado relevo personagens, de que com sobeja razão se ufana Barbacena, seu bello espirito cada vez mais se faz credor da admiração e da gratidão de todos nós e da dos amantes de nossas glorias idas. Muito bem!

— Envio-lhe a certidão do registro de obtio do padre Manoel Rodrigues da Costa, que teve aqui funeraes solemnissimos. Obtive-a do generoso padre Silveira Lobo, nosso parocho actual. Mais de uma vez o inolvidável padre Corrêa de Almeida me fallou a mim do enterro de Manoel Rodrigues da Costa. E me dizia entre commovido: "eu tive a honra de segurar uma das alças do caixão mortuario do Manoel Rodrigues". E isto consta do trabalho bio-bibliographico, que de Corrêa de Almeida fez Soares Ferreira. (Ver revista "RENASCENÇA", n.º 29 do anno III — julho de 1906 — pag. 40).

O notavel Vigario Britto, que assigna o registro de obito, dizia a respeito do Manoel Rodrigues: "tive a fortuna de privar com elle durante cinco annos e o triste consolo de testemunhar seu derradeiro suspiro e de cerrar-lhe as palpebras". ("RENASCENÇA", n.º e pag. cits.)

— Manoel Rodrigues da Costa está sepultado na Capella do Sacramento da Matriz. Não se pode achar-lhe a sepultura, porque no parochiato do santo Monsenhor José Augusto, todo o pavimento da Matriz foi ladrilhado, de modo que desappareceram os numeros das campas.

— Quantos nomes illustres e indeslembraveis: — Manoel Rodrigues, Vigario Brito, Corrêa de Almeida, José Augusto, Soares Ferreira... Qualquer delles, em vida, poderia ter empregado aquillo de Ovidio:

"Me tamen extincto, fama superstes erit." (Ov. — *Tristes* — III)

"Depois da morte, terei fama imperecivel".

— Um abraço do velho am.º

a) P. Symphronio de Castro"

Em 13 de abril de 1845, ordenou-se padre, em Mariana, sendo, então, sétimo Bispo da diocese Dão Antônio Ferreira Viçoso, João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que viria a ser monsenhor e o vigéssimo terceiro vigário de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

Em 9 de fevereiro de 1846, nasceu, na França, Catarina Amélia Boisseau, a irmã Paula, fundadora do Colégio da Imaculada Conceição, em Barbacena. Em 15 de fevereiro dêsse ano, faleceu, na Côrte do Rio

de Janeiro, o cônego ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO, antigo vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena e Deputado à Assembléia Geral Legislativa do Império pela província de Minas Gerais.

Dos *Barbacenenses de Prol* é ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO um dos de grande destaque:

"ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO nasceu em Santa Catarina, a 26 de novembro de 1763. Foi êle filho do licenciado MANOEL MARQUES DE S. PAYO, fidalgo, de Evora, no reino de Portugal, e de HELENA DA CRUZ PORTEL e enteado de d. CLEMÊNCIA MARIA DE JESUS, filha de JOSÉ MENDES REIS e de d. MARIA RITA DE JESUS, com quem seu pai convolou segundas nupcias em Santa Catarina, para onde veiu nomeado Ouvidor, em 7 de março de 1762. Os MENDES REIS eram aparentados com d. BARTOLOMEU MENDES REIS, que foi nomeado, não se tendo empossado, ficando em Lisboa, bispo da diocese de Mariana.

Tendo falecido, a 23 de setembro de 1816, o segundo vigário colado da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, D. AGOSTINHO PITTA DE CASTRO, foi nomeado seu sucessor o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO, que só veiu assumir a sua direção mais tarde, em 1821. No interregno decorrido entre a morte de D. AGOSTINHO PITTA DE CASTRO e o paroquiato do padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO exerceram as funções de vigário, interino, desta paróquia o padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA, coadjutor, de 23 de setembro de 1816 a 27 de novembro de 1817, e de vigário encomendado, o padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND, natural de Barbacena, irmão do coronel MARCELINO JOSÉ FERREIRA ARMOND, primeiro BARÃO DE PITANGUI, de 27 de dezembro de 1817 a 1820.

Em 8 de outubro de 1820, foi JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA batisado pelo padre ANTONIO DE FARIA MOREIRA.

O padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO recebeu a direção da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena das mãos do padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND no começo do ano de 1821. No livro de assentamentos da Irmandade de Nossa Senhora DA BOA MORTE consta que êle se fêz seu irmão em 30 de outubro de 1821. Em meiados de 1839, resignou o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO a direção da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, nela o sucedendo o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO.

Foram auxiliares do cônego ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO, como vigário da paróquia de Nosas Senhora da PIEDADE de Barbacena, os seguintes sacerdotes: padre JOSÉ FERREIRA DE SOUSA, falecido em 23 de fevereiro de 1824; padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA, seu coadjutor em 1826, falecido em 1848; padre AGOSTINHO VIDAL PINHEIRO, falecido em 1834; padre DOMINGOS PINTO VIEIRA, falecido em 1838; padre MANOEL FRANCISCO DE SOUSA GUERRA, em 1822 e de 1827 a 1829; e padre MIGUEL FRANCISCO DA SILVA, de 1829 a 1838. Êsse último, natural de Prados, foi vigário da vara desta comarca eclesiástica e faleceu em 4 de março de 1850, sendo sepultado na igreja matriz com pomposos funerais em que oficiaram oito sacerdotes.

O padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO teve relevante atuação política em Barbacena e na província de Minas, sendo paladino da independência do Brasil, à qual se dedicou, juntamente com o padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, com grande entusiasmo. Em 1826, foi o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO eleito suplente de deputado à primeira legislatura da Assembléia Geral Legislativa do Império, exercendo o mandato, de 1826 a 1829, por ter sido o dr. ANTÔNIO GONÇALVES GOMIDE nomeado senador, em abril de 1826, ao se organizar o Senado do Império.

Era, em 1835, o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO vereador à Câmara Muncipal de Barbacena. A 15 de janeiro dêsse ano, foi um dos sinatários de representação ao presidente da província, ANTÔNIO PAULINO LIMPO DE ABREU (Visconde de Abaeté) contra a professôra pública ANA JOAQUINA DE OLIVEIRA MAFRA, representação essa que decisão judicial considerou improcedente.

Em 1840, foi o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO eleito para a terceira legislatura da Assembléia Provincial de Minas Gerais. Foi o padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO eleito, em 1841, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 4 de novembro de 1842, JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA escrevia, da Côrte, a FIRMINO RODRIGUES DA SILVA, então Juiz de Direito de Barbacena, uma carta, que se encontra no arquivo dêsse magistrado e agora pertencente a seu neto CIPRIANO LAGE E SILVA, na qual se depara êste excerto relativo ao padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO:

"O ANTÔNIO JOAQUIM vai te arranjar a prata de que careces e o rapé que pedes, e o SAMPAIO te mandará. A propósito de SAMPAIO: para ti e para mim seria ótimo que o fizessem bispo dessa diocese; para consegui-lo forcejo, mas não sei que obstáculo veda a boa vontade de PAULINO! Dize-me, em confidência, se êle gosa de boa reputação por lá, porque nesse caso vou sustentá-lo pela imprensa que tem a vantagem de descobrir os obstáculos ocultos e de desfazê-los".

Pela Constituição do Império, artigo 102, n.º II, era das "principais atribuições" do Imperador, como chefe do poder executivo, "nomear bispos, e prover os benefícios eclesiásticos".

O padre ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO faleceu na Côrte, a 15 de fevereiro de 1846.

Barbacena guarda com o melhor carinho a memória dêsse seu benemérito servidor".

Em 15 de abril de 1846, o padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND fêz testamento e instituiu único herdeiro o seu irmão ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA ARMOND. Nesse ano, o vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO foi Deputado à sexta legislatura da Assembléia Provincial de Minas Gerais, em 1846 e 1847. Durante o exercício do seu mandato de Deputado, foi o cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO substituído, como pro-pároco, nas funções de vigário, pelo padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, que foi aprovado, por essa época, em concurso de latim, em Ouro Preto, e confirmado na regência da respectiva cadeira, em Barbacena. Ainda nesse ano de 1846, faleceram, em Barbacena, os padres JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO, natural do arraial da Borda do Campo, e MARCELINO RIBEIRO MENDES, que foi o último capelão de São José do Ribeirão de ALBERTO DIAS, ambos sepultados na matriz de Barbacena.

Eis como figura em *Barbacenenses de Prol* o padre JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO:

"Conquanto seja muito comum, entre os portuguêses, como nome de família, o de CARVALHO, parece que os primeiros CARVALHO da Borda do Campo se ligam, por descendência direta, a ALBERTO DIAS DE CARVALHO, que aí aportou, vindo de São Paulo, onde se casara, ainda no século XVII, explorando o ribeirão a que ligou o seu nome, fundando a fazenda do Ribeirão (ribeirão de ALBERTO DIAS) e aí residindo e falecendo, em 1731, no sítio do Cará.

De ALBERTO DIAS DE CARVALHO devem descender JACOB DIAS DE CARVALHO, que era dos principais na Borda do Campo, quando o governador GOMES FREIRE DE ANDRADE, em trânsito para Vila Rica, ali esteve, em 1748, e os convocou para a escolha do local do arraial da Igreja Nova da Borda do Campo, tendo por orago Nossa Senhora da PIEDADE, escolha essa assentada na reunião presidida pelo dito governador na casa de MANOEL LOPES DE OLIVEIRA, e JOSÉ DIAS DE CARVALHO, nascido na Borda do Campo e ordenado sacerdote em Mariana, a 20 de março de 1757, sob o episcopado do primeiro bispo da diocese, D. Frei MANOEL DA CRUZ, que esteve à frente da diocese de 1748 a 1764.

JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO, nascido no município de Barbacena, descende, provàvelmente, dos DIAS DE CARVALHO. Êle dedicou-se à carreira

eclesiástica, tendo se matriculado no seminário de Mariana, no qual se ordenou padre em 16 de julho de 1810, quando se achava na direção da diocese o seu quinto bispo, D. Frei CIPRIANO, que foi bispo de 1798 a 1817.

O padre JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO exerceu o sacerdócio em Barbacena, onde faleceu no ano de 1846, quando o vicariato da paróquia estava com o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO. O padre JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO foi sepultado na igreja matriz de Barbacena".

Em 14 de maio de 1848, foi ordenado padre, em Mariana, quando sétimo bispo da diocese Dão ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO, que viria a ser, de 1857 a dezembro de 1858, o vigésimo segundo vigário, encomendado, da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena. Nesse ano, faleceu em Barbacena, durante o vicariato do cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO, o padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA, que foi coadjutor, em 1826, do vigário da paróquia cônego ANTÔNIO MARQUES DE SAMPAIO.

Em *Barbacenenses de Prol* mereceu-nos o padre MANOEL JOSÉ DE OLIVEIRA êstes conceitos:

"O nome OLIVEIRA, aliás, muito comum em Portugal e no Brasil, pertence a várias famílias, de troncos diferentes. Natural, portanto, que êle figure copiosamente na nossa história, podendo-se, sem grande esfôrço, lembrar estas personagens com êsse nome:

ANTÔNIO DE OLIVEIRA, capitão-mor na vila de São Vicente, em 1542, deu a Santo André, fundada por JOÃO RAMALHO, os fóros de Vila, em 8 de setembro de 1553; DIOGO LUÍS DE OLIVEIRA, governador da Bahia, ordenou entrada, em 1628, por FRANCISCO DIAS D'ÁVILA, o velho; ALBERTO DE OLIVEIRA e RAFAEL DE OLIVEIRA, o moço, de São Paulo, participaram da expedição de ANTÔNIO RAPOSO TAVARES contra os estabelecimentos jesuíticos no sul, em 1636; BENTO RODRIGUES DE OLIVEIRA, cabo de leva contra os tupinambás, no Amazonas; MANOEL JOÃO DE OLIVEIRA, capitão-mor, descobriu, entre 1678 e 1688, o Ibituroi, desde o Serro Frio até a Cavada Velha; ANTÔNIO VAZ DE OLIVEIRA descobriu veieiros de ouro e ouro de grupiara no morro de Carapicú, São Paulo, em 1680; FRANCISCO DE OLIVEIRA, fazendeiro no São Francisco, recebeu, em 7 de outubro de 1681, terras do Parnaguá, entre as cabeceiras do Paraim até a barra desse no Gurupeia; JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA descobriu, em 1691, com VICENTE LOPES, que foi o portador desta notícia para São Paulo, as minas de ouro de Itaverava; ANTÔNIO DIAS DE OLIVEIRA, comandando leva taubateana, descobriu Ouro Preto, a 24 de junho de 1698, (segundo DIOGO DE VASCONCELOS), ou de 1699 (segundo BENTO FERNANDES), ligando o seu nome ao bairro de

Antônio Dias, naquela cidade; Manoel de Castro Oliveira deu início à construção de fortificações na barra de Santos, em 1715, interrompendo-a em 1717; Francisco Sutil de Oliveira, capitão, foi mandado por D. Rodrigo Cesar de Menezes, de 1721, em inspeção às minas de Cuiabá; Diogo Alves de Oliveira foi nomeado, em 16 de dezembro de 1722, pelo vice-rei do Brasil D. Vasco Fernandes de Menezes, "governador das povoações do São Francisco até o Camindé"; João d'Oliveira foi afortunado minerador de ouro em S. João d'el-Rei, em 1730; Antônio Simões de Oliveira, capitão, foi primeiro proprietário do sítio de Jatobá, no sertão do rio Pardo, ao norte de Minas, em 1732; Inácio Correia de Oliveira expulsou os jesuitas espanhoes do Solimões; Bento Paes de Oliveira, tendo organizado, por incumbência de D. Luís de Mascarenhas, expedição para descobrir minas de ouro em Goiás, explorou as regiões dos rios do Sono, Urussuí, Balsas, Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno; Leonardo de Oliveira, morador em Mato Grosso, desceu, em 1742, o Tapajós, até a missão de S. José.

Não sei se Manoel José de Oliveira nasceu em Barbacena, ou mesmo em Minas Gerais. Presumo ter êle se ordenado padre no seminário de Mariana, quando à frente do episcopado dessa diocese se encontrava o seu quinto bispo, D. Frei Cipriano, cujo período episcopal se dilatou de 1798 a 1816.

É certo, porém, que o padre Manoel José de Oliveira exerceu os misteres do seu sacerdócio na paróquia de Nossa Senhora da Piedade da vila de Barbacena, da qual foi vigário, interinamente, de 23 de setembro de 1816, após a morte do vigário padre D. Agostinho Pita de Castro, até 27 de novembro de 1817, enquanto não se empossou do vicariato o padre Antônio Marques de Sampaio, sucessor efetivo, no comêço de 1821, daquele vigário Pita de Castro.

Depois que o padre Antônio Marques de Sampaio assumiu a direção da paróquia de Nossa Senhora da Piedade da vila de Barbacena, o padre Manoel José de Oliveira foi, em 1826, seu coadjutor, durante o episcopado do sexto bispo da diocese de Mariana, D. Frei José da Trindade, que aí permaneceu de 1820 a 1835.

Faleceu o padre Manoel José de Oliveira em Barbacena no ano de 1848, quando ocupava a direção da diocese marianense o seu sétimo bispo, D. Antônio Ferreira Viçoso, que o foi de 1844 a 1875, e quando vigário da freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena o padre Joaquim Camilo de Brito".

Em 5 de maio de 1849, foi ordenado padre, em Mariana, quando sétimo Bispo da diocese Dão Antônio Ferreira Viçoso, Marcelino José Ferreira, natural de Barbacena.

Sendo um dos *Barbacenenses de Prol*, Marcelino José Ferreira ingressou assim nessa galeria:

"Até êste momento não possuimos os dados genealógicos de Marcelino José Ferreira, natural de Barbacena, que se ordenou padre no seminário de Mariana a 5 de maio de 1849, sendo bispo da diocese o saudoso d. Antônio Ferreira Viçoso, o sétimo bispo da diocese, de 1844 a 1875. Acreditamos, porém, pertencer Marcelino José Ferreira à família Armond, não só porque vários dos membros dela — a começar pelo Conde de Prados, Camilo Maria Ferreira — suprimiram o sobrenome Armond, como por haver nela outro Marcelino José Ferreira, com o sobrenome Armond, o primeiro Barão de Pitangui.

O padre Marcelino José Ferreira, além de ministro da religião, dedicou-se ao ensino, tendo fundado com o padre João Ferreira de Castro, em Barbacena, o Colégio Providência, que teve a sua sede onde depois funcionaram o Colégio Abílio, o Ginásio de Barbacena, o Internato do Ginásio Mineiro, o Colégio Militar de Barbacena e, atualmente, a Escola Estadual. Nesse colégio estudaram humanidades vários rapazes que tiveram grande projeção na vida de Barbacena, do Estado de Minas e até do Brasil.

O padre Marcelino José Ferreira foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que esteve à frente dos negócios paroquiais de dezembro de 1857 a 15 de março de 1880".

Em 7 de setembro de 1849, faleceu no Curral Novo (depois Sítio e, posteriormente, Bias Fortes), em cuja capela foi sepultado, o padre José Joaquim Ferreira Armond.

Eis como tem lugar entre os *Barbacenenses de Prol* o padre José Joaquim Ferreira Armond:

"Filho de Francisco Ferreira Armond, português, natural da ilha da Madeira, descendente de franceses, que veiu para o Brasil, aqui se casando e constituindo família, José Joaquim Ferreira Armond nasceu em Barbacena, em 1786, sendo irmão de Antônio José Ferreira Armond, Flávio Ferreira Armond, Honório Ferreira Armond e Marcelino José Ferreira Armond, que foi o primeiro Barão de Pitangui.

José Joaquim Ferreira Armond, depois de feitos os seus primeiros estudos na terra do seu nascimento, dedicou-se à carreira sacerdotal, tendo

seguido para Mariana, onde cursou o seminário diocesano, no qual se ordenou, recebendo as ordens sacras do bispo D. Frei Cipriano de S. José, a 21 de dezembro de 1805.

Depois de ordenado padre, José Joaquim Ferreira Armond veio exercer as funções de ministro do culto católico na paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. Aí exerceu o padre José Joaquim Ferreira Armond o vicariato encomendado, de 27 de dezembro de 1817 a 1820, em sucessão ao padre Manoel José de Oliveira e tendo por sucessor o cônego Antônio Marques de Sampaio.

Em 1835 era o padre José Joaquim Ferreira Armond juiz de paz da cidade de Barbacena. Nessa qualidade, informou, confirmando-a, a representação do suplente de fiscal da Câmara Municipal José Balbino da Silveira ao presidente da mesma Câmara, José Gomes Pereira d'Alvim, contra a professôra da aula pública de primeiras letras Ana Joaquina de Oliveira Mafra, acusando-a de abandono do lugar. Fêz parte, com Marcelino José Ferreira e Miguel Francisco da Silva da comissão incumbida de realizar inquérito sôbre a representação e que concluiu tratar-se de "prevaricação" da professora. Coube-lhe, por ordem do presidente da província, Antônio Paulino Limpo de Abreu, instaurar processo contra a professora, o que fêz, sendo ela, então, condenada pelo júri, sendo, porém, absolvida, por novo júri, presidido por Francisco de Paula Cerqueira Leite, no qual funcionou como promotor público Joaquim Rodrigues de Araújo e Oliveira.

No seu testamento, de 15 de abril de 1846, declarou o padre José Joaquim Ferreira Armond ser maior de sessenta anos e deixar como único herdeiro seu irmão Antônio José Ferreira Armond.

Faleceu o padre José Joaquim Ferreira Armond a 7 de setembro de 1849, sendo sepultado na capela do Curral Novo, depois Sítio e, posteriormente, Bias Fortes, distrito do município de Barbacena".

Em 17 de janeiro de 1850, faleceu, em Barbacena, o coronel Marcelino José Ferreira Armond, primeiro Barão de Pitangui, sepultado na matriz de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena à entrada e ao lado esquerdo do corpo principal da igreja, onde se construiu, mais tarde, o seu mausoleu. Em 4 de março de 1850, faleceu, em Barbacena, o padre Miguel Francisco da Silva, que foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena cônego Antônio Marques de Sampaio e foi, depois, vigário da vara da comarca eclesiástica de Barbacena, com pomposos funerais, sepultado na matriz da paróquia.

Ao padre Miguel Francisco da Silva assim nos referimos em *Barbacenenses de Prol*:

"Miguel Francisco da Silva, natural da província de Minas Gerais, nasceu em Prados. Ordenado padre, foi vigário da vara da comarca eclesiástica de Barbacena e auxiliar do vigário dessa paróquia Antônio Marques de Sampaio, de 1829 a 1838.

Era, em 1835, o padre Miguel Francisco da Silva membro da Câmara Municipal de Barbacena. Constituiu, então, com o vereador Marcelino José Ferreira e o padre José Joaquim Ferreira Armond, comissão incumbida de averiguar representação contra a professora Ana Joaquina de Oliveira Mafra, acusada de desidiosa no exercício das suas funções de magistério, por não comparecer à aula vários dias, tendo a comissão admitido a procedência da representação. Assinou representação da Câmara ao presidente da província, Antônio Paulino Limpo de Abreu, contra a dita professora. Mais tarde, após longo e rumoroso processo, foi essa professora absolvida da acusação que se lhe fêz, comprovado que, sendo de exemplar passado, de grande correção de conduta, só por doença se vira constrangida a não comparecer à escola onde lecionava, não lhe tendo permitido o seu estado de saúde fazer, no momento, comunicações, a quem de direito, sôbre o seu justo impedimento para o trabalho professoral.

O padre Miguel Francisco da Silva faleceu em Barbacena, em 4 de março de 1850, tendo pomposos funerais, nos quais oficiaram oito sacerdotes, sendo sepultado na igreja matriz da paróquia".

* * *

De 1851 a 1900

Em 6 de janeiro de 1851, faleceu, no Registro Velho, o capitão Francisco Rodrigues da Costa, que foi a última pessoa sepultada, ali, na capela de Nossa Senhora do Pilar.

Em *Barbacenenses de Prol*, escrevemos sôbre Francisco Rodrigues da Costa:

"Filho do coronel Manoel Rodrigues da Costa e de Joana Teresa de Jesus e irmão do padre Manoel Rodrigues da Costa, o capitão Francisco Rodrigues da Costa nasceu no ano de 1770, sendo, portanto, mais moço do que o seu irmão sacerdote.

Foi o capitão Francisco Rodrigues da Costa casado com Ana Custódia Engracia, tendo vivido no Registro Velho, onde faleceu a 6 de janeiro de 1851, aos 81 anos de idade, sendo o último corpo inhumado dentro da capela de Nossa Senhora do Pilar, que serviu de matriz da freguesia desde o ano de 1730, quando foi para aí transferida da capela da fazenda da Borda do Campo, até 27 de novembro de 1748, quando foi definitivamente sediada na Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, que é, hoje, a Igreja Matriz da cidade de Barbacena.

Escrevendo sôbre *A primitiva paróquia de Barbacena*, o professor Soares Ferreira assim se referiu ao capitão Francisco Rodrigues da Costa:

"O capitão Francisco Rodrigues da Costa, casado com d. Ana Custódia Engracia, e o único irmão que sobrevivera ao padre" (Manoel Rodrigues da Costa, falecido em 19 de janeiro de 1844), "faleceu no Registro com 81 anos de idade, e foi o último sepultado dentro da capela do Pilar, a 6 de janeiro de 1851, pois dêsse ano em diante não se encontram mais registros de enterramentos na capela e no seu cemitério.

Abandonada e deserta desde então, foi caindo em ruínas e em poucos anos desapareceu por completo a Igreja Velha, sem deixar vestígio algum, nem ao menos do cemitério, em que desabrigados repousam, até hoje, tantos dos primeiros povoadores da antiga paróquia da Borda do Campo.

Nossa Senhora do Pilar, um crucifixo e outras pequenas imagens da extinta capela foram, em tempo, recolhidos à ermida da fazenda, em uma

das alcovas da sala, onde os vimos em nossa visita a 4 de março dêste (1935); aí, também, ainda se conservam o cálice, a pedra d'ara, um missal impresso em Lisboa no ano de 1775, os velhos ornamentos do padre Manoel Rodrigues; nisso consistem, pois, as únicas relíquias que ainda nos restam da Igreja Velha e do último dos inconfidentes de Minas".

Posteriormente, em 1944, foram as relíquias da capela de Nossa Senhora do Pilar transferidas, sob os auspícios da diretoria do patrimônio histórico da país, sob a esclerecida direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, para o Museu dos Inconfidentes, em Ouro Preto, onde agora se encontram".

Sôbre a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte escreveu, em 1922, o professor José Cipriano Soares Ferreira:

"Não podiam, de certo, ficar por muito tempo suspensas as obras da nova igreja; demolida que foi a capela velha, era mistér concluir-se o atual templo, se bem que não tenha até hoje recebido a última de mão.

Com efeito, os mesários reunidos a 14 de março de 1851, sob a presidência do Rv. Vigário Joaquim Camilo de Brito, resolveram acabar as obras, contratando o mestre carpinteiro Manoel Rodrigues da Trindade, com a diária de 2$500, para fazer as cimalhas, o côro com três arcadas, modelado pelo da Matriz, os caixilhos das janelas da frente, o soalho, as grades, a porta principal e as laterais. A 1.º de setembro dêsse mesmo ano, recebeu êle 948$580 pelos trabalhos já executados sob sua direção".

Em 10 de janeiro de 1852, faleceu, em Barbacena, um dos *Barbacenenses de Prol*, a quem assim já nos referimos:

"Antônio José Ferreira Armond, filho de Francisco Armond, foi o terceiro dos irmãos Armond — Marcelino, Honório, Antônio, Camila, Lino e Mariano, — sendo ainda, irmão, por parte apenas de pai, do padre José Joaquim Honório, de Flávio Armond e de D. Ana Quitéria Umbelina.

Antônio José Ferreira Armond nasceu no município de Barbacena, no Distrito de Bias Fortes, na fazenda dos Moinhos, segundo Richard F. Burton, a 7, e segundo Soares Ferreira, a 11 de março de 1798. Tio do dr. Camilo Maria Ferreira, filho natural de seu irmão Marcelino, foi dêle padrinho, sendo o mesmo batisado na matriz da paróquia de Prados.

Antônio José Ferreira Armond herdou fortuna deixada por seu irmão padre José Joaquim Armond, falecido a 6 de setembro de 1849, e que o instituiu, por testamento de 15 de abril de 1846, seu universal herdeiro.

Foi êle caridoso para com os pobres e fêz vários donativos às igrejas de Barbacena, tendo contribuído, em 1849, com 800$000, mais da metade do custo, para a aquisição da imagem de Nossa Senhora DA PIEDADE, padroeira da paróquia barbacenense.

ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA ARMOND, em seu testamento, deixou, à instância do dr. CAMILO MARIA FERREIRA, quase tôda a sua fortuna, computada em duzentos contos de réis, para a fundação da Santa Casa de Barbacena, dotando-a de vinte contos em dinheiro, vinte e quatro contos em bens e a fazenda de Ponte Nova. O testador nomeou testamenteiro o Dr. CAMILO MARIA FERREIRA, que organizou, sob a presidência do vigário JOAQUIM CAMILLO DE BRITO, a irmandade de Santo Antônio, à qual confiou a direção do hospital, construído sob a orientação do testamenteiro, que o inaugurou a 1 de janeiro de 1858. Deixou, ainda, o testador legado de três contos de réis para a feitura dos altares da igreja de Nossa Senhora DA BOA MORTE.

RICHARD FRANCIS BURTON escreveu, no capítulo VII, *Barbacena* das *Viagens aos planaltos do Brasil*, em 1868: "O último edifício público que visitamos foi o Hospital de Misericórdia, num frio recanto ao norte da cidade. Á entrada está a seguinte inscrição:

"*Pauperis infirmi sit in ore* ANTONIUS ARMOND. *Et pius, et magnus vir, pater egregius*".

Latim esquesito, mas bem intencionado! Tôda honra ao Sr. ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA ARMOND (nascido a 7 de março de 1798, falecido em 1852), que, em cinco anos, construiu a capelinha de Santo Antônio e o estabelecimento de caridade, ao qual deixou 12.000 libras, uma fazenda e quatorze escravos".

ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA ARMOND faleceu em Barbacena, a 10 de janeiro de 1852, achando-se sepultados os seus restos mortais na capela de Santo Antônio da Casa de Caridade fundada graças à sua fortuna".

"Autorizada pela mesa de 17 de abril de 1852 a compra de um sino de 40 arrobas, para a Igreja da Boa Morte", escreveu o professor SOARES FERREIRA, em 1922, fêz-se a encomenda por intermédio do Dr. CAMILO ARMOND, a quem foi pago a 26 de agôsto de 1853 o respectivo custo de 890$540; colado no ano seguinte na tôrre do lado da rua, infelizmente se estragou há cêrca de quatro anos, mas em breve vai ser refundido a expensas de alguns devotos: sua falta tem sido geralmente lamentada".

Em 20 de junho de 1852, foram organizados, em assembléia realizada na igreja matriz de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, os Estatutos, ou Compromisso, da Irmandade de Santo ANTÔNIO para dirigir a Santa

Casa de Misericórdia de Barbacena. Em setembro dêsse ano, em Baependi, onde se encontrava a passeio, escreveu o Padre-Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA *A cidade de Barbacena*, "altiva Barbacena, erguida Capitólio inacessível aos botes de ridículos mandões".

Em 20 de janeiro de 1853, portaria episcopal de Dão ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, Bispo da diocese de Mariana, aprovou o compromisso de 20 de junho ao ano anterior da Irmandade de Santo ANTÔNIO de Santa Santa Casa de Barbacena. Em 13 de março dêste ano, faleceu, na Côrte do Rio de Janeiro, o cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO, antigo deputado, provincial e geral, e um dos chefes e o historiador da revolução liberal de Minas, em 1842, quando esteve em Barbacena como participante do movimento revolucionário.

Incluimos entre os *Barbacenenses de Prol* JOSÉ ANTÔNIO MARINHO:

"Figura do mais vultoso relêvo no movimento revolucionário de 1842, deflagrado em Barbacena, onde se encontrou em junho daquele ano, e o seu XENOFONTE, descrevendo-o com paixão, mas evidenciando os nobres propósitos que inspiraram os que participaram dessa jornado cívica, o cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO teve sempre, na *História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais*, as mais generosas expressões para com a nossa cidade e os seus filhos envolvidos no movimento. Êle se fêz, assim, credor da gratidão desta cidade e dos seus filhos, que reverenciam a memória do intrépido batalhador com o melhor reconhecimento e a maior gratidão.

Tomamos de empréstimo a J. RODRIGUES DE ALMEIDA, no prefácio à segunda e recente edição da *História do movimento político*, do cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO, os dados relativos à sua vida.

"Natural do pitoresco povoado Brejo Salgado, hoje denominado Cônego MARINHO, distrito do município de Januária, nas margens do rio São Francisco, Estado de Minas, nasceu JOSÉ ANTÔNIO MARINHO aos 7 de outubro de 1803. Foram seus pais os humildes lavradores ANTÔNIO JOSÉ MARINHO e d. MARIA ESCOLÁSTICA DE JESUS. Incumbiu-se de ensinar-lhe as primeiras letras o seu avô materno.

Revelando-se portador de privilegiado talento, muito embora tivesse contra si o preconceito da côr, um fazendeiro abastado, seu padrinho, mandou-o estudar no seminário de Olinda, Pernambuco.

A cultura intelectual despertou cêdo em MARINHO os elevados sentimentos patrióticos e as questões políticas que agitavam o Brasil, após o grito do Ipiranga, fizeram que um grupo de pernambucanos sonhasse com a Confederação do Equador. MARINHO abandona o seminário e faz-se sol-

dado revolucionário; porém, fracassada aquela revolução, o jovem aventureiro teve que fugir e enfrentar escabrosas dificuldades para poder se manter e regressar a Minas. Foi refugiar-se na cidade da Barra, exercendo a profissão de professor primário, pois seu protetor havia morrido.

Sua vida se transformou. Os influxos do coração dominaram então a alma, e o amor fêz que êle visse nos olhos de uma moça a mais encantadora esperança mundana. Mas, se a musa do poeta embriagava-se em fagueiras ilusões, essa paixão não foi correspondida. Reassumindo o domínio de si mesmo, MARINHO resolve dedicar-se de todo o coração ao sacerdócio da religião católica. Voltou para o seminário e foi continuar seus estudos no Caraça. Em 24 de fevereiro de 1829, recebeu as ordens de presbítero.

Lecionou filosofia em Ouro Preto e Congonhas, foi delegado do Círculo Literário, diretor do Colégio de S. JOÃO D'el Rei, pregador imperial em 1840, camareiro secreto do PIO IX, em 1847, e cura do S.S. Sacramento da Sé do Rio de Janeiro, onde ainda mais se notabilizou como perfeito pregador da igreja católica.

Na vida política, para a qual cedo revelou acendrada vocação, a sua atuação foi a de um benemérito propulsor da causa pública.

Caráter independente, moral rígida, e orador sacro de intuição encantadora, fêz-se também provisionado perante os tribunais da justiça forense, amparando os oprimidos, os infelizes transviados, e fiscalizando com sua palavra sensata o sacrário da justiça.

Eleito deputado à primeira Assembléia Provincial de 1835-1836, à de 1837-1838 e à de 1842, a sua atuação foi brilhantíssima, e, parlamentar eloqüente, se impôs pelo vigor do raciocínio, pela concisão das idéias. Tendo sido também eleito à Assembléia Geral de 1842, foi essa dissolvida. O partido liberal teve no Cônego MARINHO um dos mais sinceros apóstolos, correligionário político que não vacilou ante as coveniências pessoais.

Como jornalista emérito revelou êle capacidade admirável, tendo redigido o periódico *Americano*, de São João d'el-Rei, e, depois, em 1847, o *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro. Foi também comendador do hábito de CRISTO e teve honras de Monsenhor".

Como membro da Assembléia Provincial de 1842, convocada por JOSÉ FELICIANO PINTO COELHO, quando aclamado, em Barbacena, presidente da província, foi o cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO dos seus treze membros presentes, a 17 de julho daquele ano, em S. João d'el-Rei, e autor da indicação então aprovada, assim como da mensagem enviada àquele presidente, nestes têrmos uma e outra:

"Indico que os Deputados presentes se dirijam em deputação ao Presidente interino da Província para fazer-lhe ver que não é possível a reunião da Assembléia Provincial, e assegurar-lhe a sua franca, leal e decidida cooperação e aprovação a todos os atos que tem praticado e houver de praticar para salvar a Constituição e o Trono. Paço da Assembléia Provincial de Minas, em S. JOÃO d'el-Rei, 17 de julho de 1842. — O deputado Cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO".

"Ilm.º e Exm.º Sr. — Os Deputados da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, reunidos em sessão preparatória nesta cidade, faltariam a si e à briosa província que os elegeu se nesta ocasião solene em que mineiros se erguem para repelir de seus pulsos as algemas do absolutismo deixassem de manifestar perante V. Ex. os sentimentos de que se acham possuídos.

Tomando a resolução, enérgica e patriótica, de anuir aos votos da municipalidade e do povo heróico de Barbacena, V.Ex. associou seu nome ao daqueles cidadãos distintos, que, em eras anteriores, sacrificando o repouso, vida e fortuna, se encarregaram de libertar o Brasil do jugo extrangeiro, em tempos mais remotos, e dos ferros do despotismo colonial, em nossos dias. Qual seria, Exm.º Sr., o resultado da glória dos VIEIRA e das fadigas dos anciões da independência se V .Exa. bem como, noutras províncias, cidadãos igualmente prestantes se não empenhassem na emprêsa gloriosa de guiar as falanges constitucionais contra filhos degenerados, que ousaram pôr mão sacrílega na arca santa da liberdade constitucional? A circunstância era sem dúvida difícil, mas o patriotismo de V.Ex. abstraiu dos embaraços, e a gratidão dos coevos acompanhará o nome de V.Ex. à posteridade.

Procurando rodear-se da representação provincial e consultar seu voto nesta conjuntura delicada, V.Exa. deu uma prova manifesta da sua confiança na opinião pública e demonstrou qual a diferença de um govêrno constitucional do dos regulos, que, pondo em coação o nosso inocente monarca, ousam dispersar os representantes do povo, e, tanto nos atos da administração geral, como nos da provincial, patenteiam a resolução decidida de assumir o poder legislativo, já decretando novas leis sem ser ouvida a Assembléia Geral, já cobrando impostos sem orçamento provincial.

Os mineiros sabem apreciar esta diferença, que tanto honra o govêrno interino; mas, Exm.º Sr., conhecem também as dificuldades da posição inteiramente excepcional, em que nos achamos, e o assenso da província aos atos do Govêrno de V.Exa. não pode ser duvidoso. Como órgãos, pois,

de nossos constituintes, não hesitamos em afiançar a V.Exa. nossa adesão franca e decidida ao movimento constitucional do dia 10 de junho: é conhecida a opinião dos Deputados efetivos, que são constrangidos a não comparecer na presente sessão extraordinária, e sem dúvida que todos a acompanharam unanimes os abaixo assinados para agradecer a V. Exa. a resolução heróica que tomou a 10 de junho, e oferecer ao Govêrno interino a coadjuvação do seu voto, sua pessoa e bens, para levar-se a efeito a restauração da Constituição do Império, rasgada por essa lei de sangue, que a facção absolutista se atreveu a promulgar. Logo, porém, que cessem os embaraços que retardam a reunião dos Deputados de Minas, V.Exa. deve contar que todos se apressarão a vir ratificar êste voto dos abaixo assinados.

Continue V.Exa. na emprêsa gloriosa, que encetou em Barbacena, esmague os traidores, que, abusando da nossa generosidade, ousam chamar para o seio de sua pátria as falanges absolutistas; redobre-se a energia de V.Exa., fazendo desenvolver os imensos recursos que os patriotas de tôda a província põem à disposição de V.Exa., e o resultado será impreterivelmente o triunfo completo das instituições livres e do trono constitucional, desembaraçado dêsse nevoeiro asiático, com que cortezãos hipócritas o querem obscurecer.

Deus guarde a V.Exa..

Paço da Assembléia Legislativa Provincial, aos 17 de julho de 1842.

Ilm.º e Exm.º Sr. José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, presidente interino da província de Minas Gerais.

José Antônio Marinho. — Antônio Fernandes Moreira. — Manoel de Melo Franco. — Francisco d'Assis e Almeida. — Francisco José de Araújo e Oliveira. — José Cristiano Garção Stockler. — Maximiano José de Brito Lambert. — João Capistrano de Macedo e Alckmin. — Felisberto Rodrigues Milagres. — Manoel José dos Santos. — Teófilo Benedito Otoni. — Antônio Joaquim de Oliveira Pena".

Ocultando-se à prisão após a derrota de Santa Luzia, Teófilo Otoni estranhou essa sua atitude, a que Marinho replicou: "Mais vale ser magro no mato do que gordo na bôca do gato". Apresentando-se, depois, à justiça, foi julgado pelo júri de Piranga, tendo êle mesmo se defendido brilhantemente. Dada a anistia, em 1844, foi eleito novamente para a Assembléia Geral de 1845 a 1849, onde exerceu fecunda atividade na defesa dos interêsses públicos, pois os seus discursos são vivos atestados de sua incontestável atividade.

Serviçal e caridoso, a todos atendia com desinteressado cavalheirismo. Fundou êle e dirigiu, na Côrte, o Colégio Marinho. Morreu pobre, vítima de febre amarela, em 13 de março de 1853, sendo sepultado no cemitério de S. João Batista, no Rio de Janeiro".

O dr. Moreira de Azevedo, na sua *Memória* sôbre o *Movimento político de Minas Gerais em 1842*, lida no Instituto Histórico, quase 50 anos após êsses acontecimentos, apesar de conservador zeloso, realçou a modéstia do Cônego Marinho e referiu-se com precisão sôbre êste trabalho histórico como sendo mnucioso e completo, assim dizendo:

"Retirando-se para a fazenda de S. Gonçalo, tornou-se o Padre José Antônio Marinho o Xenofonte da revolução. Pacificada a província, entregou-se à justiça pública e, no juri de Piranga foi absolvido, proferindo êle próprio a sua defesa. Tratou de descrever, para levar à posteridade, o movimento revolucionário, que o tivera em suas fileiras, mas saiu-lhe excessivo da pena o amargor contra o govêrno nesse trabalho, compreendido ainda nos dias em que ainda estavam recentes os ódios, vivas as emoções, e eram todos testemunhos de semelhante fato. Tratando-se de acontecimentos ainda palpitantes e graves, desvairou-o a paixão política e mostrou-se exagerado em suas apreciações históricas; mas é minucioso e completo na relação dos fatos e, se omitiu seus próprios serviços e sacrifícios, não perdeu ocasião, como diz Teófilo Otoni, de pôr em relêvo a mais pequena circunstância, que pudesse enobrecer o caráter de seus amigos".

O cônego José Antônio Marinho foi, como se vê, cidadão às direitas e sacerdote digno. Minas Gerais se honra com a sua memória. O país lhe deveu uma atividade patriótica e fecunda. Foi êle vexilário das liberdades públicas e a sua atuação pode servir de paradigma aos que amam à pátria e, nela, a liberdade".

A 31 de julho de 1853 fez-se o pagamento de 200$000, pelo consêrto de órgão da Igreja da Boa Morte, a Anacleto Maurício Nunes Lisboa e Carlos Antônio de Almeida, sendo êste a 13 de janeiro de 1854 contratado organista por 30$000 anuais, para tocar nas missas e nas demais solenidades do costume.

Em 1854, o Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida publicou o primeiro dos sete volumes de suas *Satiras e epigramas*. Em 1855, José Lourenço Baeta foi provedor da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, de Barbacena. Neste mesmo ano, faleceu o padre Joaquim Gonçalves Barbosa, que foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre Joaquim Camilo de Brito.

Escreveu o professor SOARES FERREIRA *que* "o ano de 1855 foi de maior movimento, pelas várias medidas tomadas pela mesa administrativa da Igreja DA BOA MORTE, sob a presidência do Vigário BRITO. A 15 de janeiro, mandou comprar o relógio pelo preço de 300$000; concertado mais tarde, em 1867, por LUÍS MATILLE, durante muitos anos funcionou êsse regulador público, o primeiro que teve Barbacena, sob a vigilante guarda do seu conservador, CAMILO JOSÉ DE CASTRO, desde então contratado com a gratificação anual de 40$000. Hoje, infelizmente, parado e mudo, parece não ter mais concêrto; e espera outro que o venha substituir, o que será de grande utilidade.

A 7 de julho dêsse mesmo ano, o tesoureiro MANOEL ANTÔNIO DA SILVA ESQUINA foi autorizado pela mesa a mandar fazer a planta do retábulo do altar-mor; e, na mesma sessão, ficou resolvido que se começasse a obra de pedra do consistório do lado do Evangelho, a partir do ângulo da tôrre, "tendo-se em vista que sôbre essas paredes se devem para o futuro construir tribunas", como diz a respectiva ata. Dessa obra foi encarregado o oficial de pedraria MANOEL GOMES TEIXEIRA, que, ao terminá-la em 1861, recebeu a última prestação de 908$960, perfazendo o total de 2:418$960, não incluindo o material e os auxiliares.

Ainda em 1855, a 25 de outubro, resolveu a Irmandade tratar da loteria que lhe fôra concedida pela lei mineira n.º 292, de 26 de março de 1846, ficando incumbido o Procurador JOSÉ LOURENÇO BAETA de promover sua extração; julgamos, porém, que essa loteria não chegou a correr, por não constar a entrada do seu produto nas contas dêsse e dos anos seguintes.

Para auxiliar o pagamento das despesas, acordaram os mesários na reunião de 8 de setembro de 1857, sob a presidência do Pe. Mestre CORRÊA DE ALMEIDA, então Vigário interino, a venda de uma pequena casa no Pau de Barbas, tendo já o Procurador JOSÉ CÂNDIDO PEREIRA obtido a necessária licença da autoridade eclesiástica; comprou-a por 110$ o Dr. ANTÔNIO AUGUSTO DA SILVA CANEDO. Estas e outras particularidades, que havemos registrado, embora pareçam insignificantes, fornecem seguros elementos para se desfazerem boatos sem fundamento sôbre a legìtimidade da posse de casas e terrenos, que outr'ora pertenceram à Igreja DA BOA MORTE".

Em 1856, o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO resignou a direção da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, de que era vigário colado, retirou-se da política e foi viver em fazenda de sua propriedade na Sapucaia de Minas, sucedendo-o no vicariato o padre JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO, seu décimo sétimo vigário.

Dos *Barbacenenses de Prol* é JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO um dêles:

"JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO, ordenado padre, em Mariana, a 14 de maio de 1848, pelo bispo D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, sétimo diretor da diocese marianense (1844-1875), foi o 22.º vigário encomendado da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, de 1857 a 1858, durante o episcopado daquele antístite.

Sucedeu o padre JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO no vicariato da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena ao padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO, que, desgostoso da política, resignou a paróquia e retirou-se de Barbacena, em 1856, para a sua fazenda na Sapucaia de Minas, onde faleceu em 16 de abril de 1892, tendo estado em Barbacena, pela última vez, em excursão de propaganda republicana, em companhia dos drs. BARATA RIBEIRO e LEAL DA CUNHA, em janeiro de 1889.

Ao padre JERÔNIMO GONÇALVES DA SILVA MACEDO sucedeu, no vicariato da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, o seu 23.º vigário encomendado monsenhor JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO, nomeado em dezembro de 1857".

Em 22 de abril de 1857, foi apresentado chantre da catedral de Mariana por carta imperial, na vaga do cônego ANTÔNIO JOSÉ RIBEIRO o padre JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA, natural de Barbacena. Em 3 de maio dêste ano, foi ordenado padre, no seminário de Mariana pelo Bispo D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, o padre MARCOS JOSÉ DE OLIVEIRA, que viria a ser vigário de Barbacena. Em 5 de maio dêste ano, o cônego JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA foi colado chantre da catedral de Mariana. Em dezembro dêste ano, teve lugar a posse do vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena padre JOÃO GONÇALVES DA SILVA MACEDO, que foi o décimo oitavo vigário da paróquia, e do qual foi coadjutor o padre JOÃO JOSÉ DOS PASSOS. O padre JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA, natural de SANTA RITA de Ibitipoca, município de Barbacena, secretário do bispado de Mariana, foi eleito suplente de deputado para a décima legislatura da Assembléia Geral Legislativa do Império e, ainda neste ano, o Padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA exerceu, interinamente, as funções de vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena.

Em 1.º de janeiro de 1858, verificou-se a inauguração oficial da Santa Casa de Barbacena. Neste ano, o padre MARCELINO JOSÉ FERREIRA foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, monsenhor JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO. O cônego JOSÉ

PEDRO DA SILVA BEMFICA, natural de Santa RITA de Ibitipoca, município de Barbacena, secretário do bispado de Mariana, foi eleito deputado à décima segunda legislatura da Assembléia Provincial de Minas Gerais.

Em 1859, o padre MANOEL MUNIZ DE AZEVEDO COUTINHO foi coadjutor do vigário da Paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena monsenhor JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO. Em 12 de outubro dêste ano, nasceu, em Mariana, o professor JOSÉ CIPRIANO SOARES FERREIRA, que foi historiador da terra, da gente e das cousas de Barbacena e a quem se deve a maioria das indicações sôbre a vida eclesiástica desta cidade.

Em 14 de março de 1861, o cônego JOAQUIM DE ANDRADE BEMFICA, natural de Santa RITA de Ibitipoca, município de Barbacena, foi nomeado provisor e vigário geral do bispado marianense. Em 18 de junho seguinte, foi êle apresentado por carta imperial secretário interino do mesmo bispado, lugar onde foi colado, em 29 de agôsto, na vaga do arcipreste FRANCISCO RODRIGUES DE PAULA. Em 24 de dezembro de 1861 êste cônego deixou os cargos de provisor e vigário do bispado marianense.

Em 12 de fevereiro de 1863, tomou ordens sacerdotais, em Mariana, no episcopado do seu sétimo Bispo, Dão ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, o padre GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ, natural de Barbacena, onde viria residir e onde faleceu.

Assim nos referimos, em *Barbacenenses de Prol*, a GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ:

"GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ era natural do município de Barbacena, onde nasceu no meiado do século XIX. Depois de realizar estudos primários na sua terra natal, êle foi para Mariana, em cujo seminário se matriculou para realizar o curso teológico, quando à frente da diocese se achava o seu sétimo bispo, d. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, cujo episcopado se prolongou de 1844 a 1875. GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ tomou ordens sacerdotais a 12 de fevereiro de 1863.

Exerceu o padre GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ as funções de sacerdote da religião católica em Barbacena, onde o conheci, com lenço preto a envolver-lhe o rosto por ter, na expressão popular, o queixo caido, fumando sempre charutos e frequentando o Club dos Esplenéticos, onde era parceiro frequente das mesas de *pocker*.

Nunca tive oportunidade de entreter conversação com o já então cônego GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ, que, aliás, gozava a fama de ser homem inteligente, de boa palestra, espirituoso e sempre bem humorado".

Em 7 de novembro dêste ano de 1863, realizou-se a benção do cemitério da igreja de Nossa Senhora DA BOA MORTE de Barbacena pelo vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE monsenhor JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO. Em 9 de novembro seguinte, foi celebrada a primeira missa na capelinha do cemitério, sendo oficiante o vigário da paróquia, sendo nesse dia enterrada no cemitério a primeira pessoa, escrava de CUSTÓDIO JOSÉ DE CARVALHO.

Em 19 de junho de 1864, foi ordenado padre, em Mariana, pelo sétimo Bispo da diocese Dão ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, o barbacenense JOSÉ MARIA FERREIRA VELHO, que viria a ser monsenhor e a quem se deve a iniciativa de fundação do Asilo de Órfãos MARIA ROSA, em Barbacena. Em 15 de novembro de 1864, o cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA, natural de Santa RITA de Ibitipoca, no município de Barbacena, foi reeleito deputado para a décima quinta legislatura da Assembléia Legislativa da província de Minas Gerais.

Em 11 de novembro de 1866, nasceu, em Barbacena, ANTÔNIO CARLOS DE CASTRO, filho de JOÃO BEBIANO DE CASTRO, que viria a ser padre, monsenhor e vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena.

Em 1.º de dezembro dêste ano, faleceu, em Mariana, o secretário do bispado cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA, natural de Santa RITA de Ibitipoca, no município de Barbacena.

Consideramos como um dos *Barbacenenses de Prol* JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA:

"JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA, filho de PEDRO DIAS DA SILVA e D. ANA TERESA DE JESUS, nasceu no município de Barbacena no distrito de Santa RITA de Ibitipoca, tendo sido batizado a 12 de janeiro de 1812.

Tendo feito o curso do Seminário de Mariana, JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA aí se ordenou, a 4 de abril de 1835, oficiando em sua sagração o sexto Bispo da diocese D. Frei JOSÉ DA SANTÍSSIMA TRINDADE. Assumiu êle, então, o cargo de secretário do bispado, para o qual foi provisionado a 19 de maio daquele ano, nele permanecendo até 1864. Foi JOSÉ PEDRO BEMFICA cônego honorário da catedral de Mariana.

Ingressando na política e filiando-se ao partido liberal, o cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA adquiriu sólido prestígio, narrando o Cônego JOSÉ ANÔNIO MARINHO, na *História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais*, que "na cidade de Mariana foram lançados na cadeia, entre outros cidadãos, o presidente da Câmara Municipal MANOEL FRANCISCO DAMASCENO, o vereador Padre Mestre JOSÉ DE SOUSA ROUSSIN (e êste foi pôsto em enxovia), o secretário do bispado

padre BEMFICA, e a êste fez o delegado de polícia marchar a pé para a cadeia de Ouro Preto, bem como o padre JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA SILVA, os quais, tendo prontos os seus cavalos, foram, contudo, obrigados a marchar a pé, e assim entraram na capital da província, no meio da numerosa escolta de pedestres, que lhes não pouparam insultos. O padre BEMFICA para tranquilizar o govêrno a seu respeito, logo que apareceu o movimento, passou-se para a casa do vigário capitular para oferecer aquêle fiador à sua conduta; mas o chefe de polícia, que desde muito pretendia encartar um seu sobrinho, não quiz perder a ocasião da facilitar essa pretensão, fozendo-o passar por um desordeiro".

Mais tarde, em 1857, o cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA foi eleito suplente de deputado da 10.ª legislatura da Assembléia Geral do Império, sendo, depois, eleito e reeleito deputado à Assembléia Provincial de Minas, nas 12.ª 13.ª 15.ª e 16.ª legislaturas, iniciadas em 1858 1861, 1864 e 1867.

O cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA faleceu em Mariana, em 1.º de dezembro de 1866".

Em 1867, LUÍS MATILDE consertou o relógio da igreja da Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena, que foi, por muitos anos, desde 1855, o único relógio público da cidade, tendo por conservador, com a gratificação anual de 400$000, CAMILO JOSÉ DE CASTRO. O cônego JOAQUIM PEDRO DA SILVA BEMFICA, que foi, neste ano, reeleito deputado à décima sexta legislatura da Assembléia da Província de Minas Gerais, faleceu na cidade de Mariana.

Entre os *Barbacenenses de Prol* está JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA:

"JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA, filho de ANTÔNIO DE ANDRADE e de d. LUÍSA HIPÓLITA CASSIANA, nasceu no município de Barbacena, no distrito de Santa RITA de Ibitipoca, sendo batizado a 15 de maio de 1821.

Tendo ingressado no Seminário de Mariana, JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA foi, com as dimissórias do Cabido dessa diocese, ordenar-se no Rio de Janeiro, a 21 de dezembro de 1843. Na sua sagração oficiou D. Frei ANTÔNIO DA ARRABIDA, titular de Anemuria. A sagração realizou-se no Convento de Santo ANTÔNIO, com licença do bispo capelão-mor D. MANOEL DO MONTE RODRIGUES DE ARAÚJO, CONDE DE IRAJÁ.

JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA foi capelão da catedral de Mariana e, em 1856, propôs-se à cadeira de chantre, sendo apresentado por carta imperial de 22 de abril de 1857 e colado, a 5 de maio seguinte, na vaga do cônego ANTÔNIO JOSÉ RIBEIRO BHERING. Foi, após, o cônego JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA secretário interino do bispado,

tendo sido apresentado, por carta imperial de 18 de junho de 1861, na vaga do arcipreste FRANCISCO RODRIGUES DE PAULA, sendo colado a 29 de agôsto seguinte. Exerceu, ainda, o cônego JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA, que era mais conhecido, abreviadamente, como cônego JOAQUIM BEMFICA, os cargos de provisor e vigário geral do bispado, para os quais foi provisionado a 14 de março de 1861, servindo até 24 de dezembro do mesmo ano.

O cônego JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BEMFICA faleceu na cidade de Mariana, em 1867".

Em 15 de outubro de 1869, nasceu, em Passagem de Mariana, TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA, filho de JOSÉ LUCIANO SILVA e BRIGIDA CÂNDIDA DE JESUS, que viria a ser padre e professor de inglês, no Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena, cidade em que exerceu funções sacerdotais. Em 1870, a irmã PAULA BOISSEAU, fundadora do Colégio da Imaculada Conceição de Barbacena, entrou para a comunidade de São VICENTE DE PAULA.

Em 1871, a Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da BOA MORTE de Barbacena tratou da feitura do altar-mór da Igreja, que veiu a ser construído pelo arquiteto PRATICO CESARE.

A êsse respeito escreveu o professor SOARES FERREIRA:

"Em 1871, a mesa de 11 de novembro, sob a presidência do Vigário Cônego JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO, tratou da fatura do altar-mór, sendo empresário ANTÔNIO FERNANDES RAMOS, que apresentou a planta com o orçamento de 6:000$, sem o material; sendo ela aprovada com algumas modificações, lavrou-se o contrato que, por circunstâncias advindas, foi pouco depois declarado sem efeito. O altar-mór atual, trabalho de talha simples, porém elegante, cuja mão de obra custou 7.000$, foi feito pelo arquiteto PRATICO CESARE, com quem se contratou, dando a Irmandade todo o material, que importou em cêrca de 1:500$.

Os dous altares laterais, de Sant'Ana e Senhora do Parto, obedecendo ao mesmo traçado, ficaram em 3:400$; e tôda a obra se ultimou em 1877.

Para êsse avultado dispêndio concorreram as seguintes contribuições: legado de ANTÔNIO ARMOND, entregue pelo VISCONDE DE PRADOS, 3.000$; do Coronel LINO ARMOND, entregue pelo Tenente Cel. ANTÔNIO TEIXEIRA DE CARVALHO, 2:000$; do Coronel FELICIANO COELHO DUARTE, pelo Cônego JOÃO GONÇALVES, 1:000$; do Coronel CARLOS DE SÁ FORTES, entregue por seu filho, o Coronel MANOEL MARIA DE SÁ FORTES, 400$; esmolas dadas: pelo BARÃO DE CATAGUAZES, 1:000$; pelo Padre JOAQUIM CONÇALVES BARBOSA, 890$; pelo Com. FRANCISCO FERREIRA DE ASSIS FONSECA, 200$; pelo

Capitão PATRÍCIO DA SILVA MOURA por sua mulher, D. MARIA ROSA, depois Baronesa, 200$; pelo Dezemb. PEDRO DE ALCÂNTARA CERQUEIRA LEITE, posteriormente BARÃO DE S. JOÃO NEPOMUCENO, Coronel FRANCISCO LIBANIO DE SÁ FORTES, JOAQUIM TEIXEIRA DE ABREU, Capitão JOSÉ MARCIANO S. BRANDÃO, D. CAMILA DE ASSIS REZENDE, D. MARIA THEODORA FERREIRA e D. PORPHYRIA HELIODORA DE S. MAGALHÃES, 100$ cada um: total 9:390$000".

Em 5 de maio de 1872, foi ordenado padre, em Mariana, no episcopado do seu sétimo Bispo Dão ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, natural de Barbacena. De 1872 a 1881, o padre JOSÉ MARIA FERREIRA VELHO, depois monsenhor, foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena.

Em 6 de janeiro de 1874, os padres JOÃO FERREIRA DE CASTRO e MARCELINO JOSÉ FERREIRA inauguraram, em Barbacena, o Colégio Providência, no edifício em que funcionavam, posteriormente, o Colégio Abílio, o Ginásio de Barbacena, o Internato do Ginasio Mineiro, o Colégio Militar de Barbacena, a Escola Estadual e onde se encontra, hoje, a Escola de Cadetes da Aeronáutica.

Tendo falecido em 11 de abril de 1874, cabem aqui estas referências a um dos mais notáveis *Barbacenenses de prol*:

"HONÓRIO AUGUSTO JOSÉ FERREIRA ARMOND, filho do coronel MARCELINO JOSÉ FERREIRA ARMOND, nasceu em Barbacena a 24 de outubro de 1819. Depois de iniciar os seus estudos na sua cidade natal, matriculou-se, em 1828, no Liceu de Congonhas do Campo, dirigido pelos padres lazaristas tendo, porém, concluído o curso de humanidades, no Seminário de Mariana. Ao mesmo tempo que seu irmão, por parte de pai, CAMILO, ia para Paris, estudar medicina, HONÓRIO foi enviado para Roma, onde frequentou o Colégio Pio Latino, o que fez a conselho de D. VIÇOSO, bispo de Mariana.

Desistindo de concluir a carreira eclesiástica, regressou HONÓRIO AUGUSTO JOSÉ FERREIRA ARMOND ao Brasil, tendo, por essa ocasião, adquirido, em Paris, por 2:800000, quatro ricos paineis, a que fez referências RICHARD F. BURTON, em *Viagens aos planaltos do Brasil*, para a igreja Matriz de Barbacena, e que nela ainda se encontram.

HONÓRIO AUGUSTO JOSÉ FERREIRA ARMOND casou-se com sua prima d. MARIA JOSÉ, filha de MARIANO JOSÉ ARMOND e da BARONEZA DE SANT' ANNA, de que foi homônima, sendo essa mãe e aquela irmã do comendador MARIANO PROCÓPIO FERREIRA LAGE.

Historiando a revolução de 1842, em Minas, escreveu o cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO, na *História do movimento político que no ano de 1842*

teve lugar na província de Minas Gerais — que "fizeram parte do exército legal, além de outros muitos, escravos de MARCELINO ARMOND, de JOSÉ FERREIRA MARTINS e de HONÓRIO JOSÉ FERREIRA, sendo raro o dia em que não apareciam êsses soldados, declarando às autoridades *que se vinham oferecer ao serviço do rei e que seus senhores eram rebeldes*. O coronel FREITAS, e depois dêle o general BARÃO DE CAXIAS, horrorizados com o desenvolvimento espantoso da infernal idéia, adotaram o expediente de mandar surrar pùblicamente os pretos cativos, que eram reclamados por seus senhores e entregá-los a êstes; todavia continuaram a fazer parte do exército legal muitos pretos cativos, aos quais deu-se o ímpio e perigoso direito de irem combater contra seus Senhores que se achavam na acampamento insurgente; e muitos dêsses de Guiné, depois de assolarem e devastarem a província de Minas, saqueando o que era de seus senhores, lá foram fazer parte do exército legal no Rio Grande do Sul. Muitos outros, depois de haverem combatido denodadamente em Santa Luzia, foram restituídos ao batalhão, que os reclamava, em grave detrimento da moral e da fôrça pública. Além dos escravos de HONÓRIO ARMOND e outros, que o coronel FREITAS e general BARÃO DE CAXIAS, depois de surrados, mandaram entregar a seus senhores, foi, depois do combate de Santa Luzia, DOMINGOS NOVAIS arrancar do destacamento de Barbacena um escravo seu, de nome Pai MANOEL, que lhe foi entregue com a farda do batalhão 8".

Com o falecimento do coronel MARCELINO JOSÉ FERREIRA ARMOND, em 17 de janeiro de 1851, sucedeu-o no título de primeiro BARÃO DE PITANGUI, como segundo dêsse título o seu filho HONÓRIO AUGUSTO JOSÉ FERREIRA ARMOND, que foi deputado à Assembléia Legislativa da Província de Minas, de 1860 a 1861, sua 13.ª legislatura e, além do baronato, em que sucedeu a seu pai era, também, Grã-Cruz da Ordem de São GREGÓRIO MAGNO, com que foi condecorado pelo PAPA.

Na capítulo VII, Barbacena, das *Viagens aos planaltos do Brasil*, escreveu o inglês RICHARD FRANCIS BURTON, descrevendo a igreja Matriz, em 1868: "A arcada que conduz ao altar mór ostenta um candelabro de prata massiça que vale 120 libras, dádiva do devoto BARÃO DE PITANGUI. A cortina do altar-mór tem uma cruz preta sôbre um pano mortuário de sêda e lã, valendo 100 libras; foi dado pelo filho do Barão. As toalhas do altar foram bordadas pelas irmãs do BARÃO. Há também uma boa estátua de mármore italiano, representando um anjo da guarda em adoração e mandado colocar pelo BARÃO em memória de seu pai, e que custou 360 libras". BURTON assinala que "na última geração, o BARÃO DE PITANGUI fez no comércio uma fortuna de 400.000 libras".

Honório Augusto José Ferreira Armond faleceu, em 11 de abril de 1874, em fazenda de propriedade de sua irmã, Baroneza de Juiz de Fora, no município dêsse nome, no distrito de Sant'Ana do Deserto. Os seus restos mortais foram trasladados para o cemitério da Boa Morte, em Barbacena, onde sua viúva, que lhe sobreviveu, até 1886, e seus filhos lhe erigiram belo cenotáfio em mármore.

Honório Augusto José Ferreira Armond é avô do atual príncipe dos poetas mineiros — Honório Armond".

Em 19 de março de 1876, nasceu, em Pará de Minas, Francisco Lopes de Araújo, que viria a ser padre, monsenhor e vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. Em 1877, Maria Rosa Alexandrina de Macedo, que seria, mais tarde, Baroneza Maria Rosa, fez contribuição em dinheiro para a ultimação das obras dos altares laterais da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena dedicados a Nossa Senhora Sant'Ana e Nossa Senhora do Parto.

Em 11 de maio de 1879, foi ordenado padre, em Mariana, pelo oitavo bispo da diocese, Dão Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, Silvino Ferreira de Castro, natural de Barbacena. Em 15 de março de 1880, faleceu, em Barbacena, o vigário da sua paróquia, monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que foi sepultado na igreja matriz, debaixo do arco cruzeiro, ao lado do altar de Santo Antônio. Neste ano de 1870, a Baroneza de São João Nepomuceno doou a quantia de dois contos de réis para as obras da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena.

De João Gonçalves de Oliveira Ribeiro escrevemos em *Barbacenenses de Prol*:

"João Gonçalves de Oliveira Ribeiro era natural da província de Minas Gerais, onde nasceu em 1822. Com decidida vocação sacerdotal, ingressou no Seminário de Mariana, cujo curso eclesiástico terminou em 1845, sendo ordenado padre pelo bispo D. Viçoso, em 13 de abril dêsse ano.

O padre João Gonçalves de Oliveira Ribeiro foi, depois de ordenado, vigário encomendado da freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, na qual se empossou em dezembro de 1857, em sucessão ao padre Jerônimo Gonçalves da Silva Macedo, como seu 23.º vigário encomendado.

Foi deveras eficiente a administração da paróquia barbacenense pelo padre João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que nela conquistou as honras de monsenhor. Deve-se-lhe a terminação das obras da sacristia da matriz, a benção, a 7 de novembro de 1863, da capelinha do cemitério da Boa Morte e, no dia seguinte, a dêsse cemitério, que substituiu o do adro da matriz, resando, no dia. 9, a primeira missa aí celebrada, sendo a primeira pessoa enterrada na necropole, nesse dia, uma escrava de Custódio José de Carvalho.

Em 1871, a mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sob a presidência do vigário Cônego João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, tratou da fatura do altar mór da igreja da Boa Morte. Apresentou-se como empresário das mesmas Antônio Fernandes Ramos, que apresentou a respectiva planta, acompanhada de orçamento das despesas, na importância de 6:000$000 (seis contos de réis), sem o material. Aprovada a planta, com modificações, lavrou-se contrato para a construção, contrato êsse considerado, pouco depois, sem efeito. Posteriormente foi construído o atual altar mór, simples e elegante, pelo arquiteto Pratico Cesare, custando à Irmandade 8:500$000(oito contos e quinhentos mil réis), sendo 1:500$000 (um conto e quinhentos mil réis) de material e 7:000$000 (sete contos de réis) de mão de obra. Os dois altares laterais, de Sant'Ana e Nossa Senhora do Parto, obedecendo ao mesmo traçado, ultimaram-se em 1877 e custaram 3:400$000 (três contos e quatrocentos mil réis).

Foram coadjutores de monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, como vigário da paróquia de Barbacena, — o padre Manoel Muniz de Azevedo Coutinho, em 1859, o padre Marcelino José Ferreira e o padre João José dos Passos.

Monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, que deu o nome a uma das ruas da cidade de Barbacena, e cujo retrato a óleo se encontra na sacristia da sua matriz, faleceu a 15 de março de1880, sendo sepultado na igreja matriz, debaixo do arco cruzeiro, ao lado do altar de Santo Antônio, sucedendo-o no vicariato da paróquia monsenhor José Augusto Ferreira da Silva.

No interregno entre os vicariatos de monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro e de monsenhor José Augusto Ferreira da Silva exerceu, como pro-praoco, as funções de vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena o padre José Augusto de Almeida.

Em 1922, escreveu o professor Soares Ferreira sôbre a Igreja da Boa Morte.

"Vítima muitas vêzes das faiscas elétricas por sua altitude, a igreja da Boa Morte tem sofrido vários estragos: à tardinha de 30 de abril de 1880, caiu-lhe um raio que, penetrando pela tôrre do lado do Evangelho,

apenas levou pelos ares pedaços das portas, não mais encontrados, sem maiores prejuízos, como depois sucedeu em 1915 e 1920; mas o que caiu a 19 de janeiro de 1881, estragou a tôrre do lado da Epístola, as paredes do frontispício, o côro, derribando cimalhas e lascando o tapa-vento; e tais foram as ruínas, que chegaram a desanimar a todos que pesarosos as contemplaram.

Graças, porém, à generosidade da Baroneza de S. João Nepomuceno, que logo fez o donativo de 2:000$, do Barão de S. Geraldo e Antônio Cesarino, que deram 100$ cada um, além de outras esmolas, se fizeram nesse mesmo ano os concertos e a limpesa de todo o templo. Essas obras, que foram executadas com presteza e notável economia, sob a direção do Sr. Antônio Alves Alonso, importaram apenas em 2:548$770.

Data dêsse tempo o belo soalho do corpo da igreja, todo de frisos de pinho de Riga, feito a expensas do Coronel Agostinho Fortunato Monteiro da Silva.

Ainda em 1881 sofreu a igreja outros prejuízos, pois arrombaram-na na noite de 27 para 28 de março, na ocasião em que aqui se achava hospedado pelo Conselheiro Visconde de Lima Duarte o Imperador D. Pedro II, em sua excursão por Minas; levaram os ladrões três corôas de prata, quatro resplandores das imagens, um cálice e outros objetos que reputaram de valor, inclusive os metais de dous lustres que quebraram: só a prata foi calculada em mais de 300 oitavas.

Alguns dêsses objetos foram logo substituídos pelas seguintes ofertas: uma corôa de filigrama de prata com 22 oitavas, para a Senhora da Assumpção, pelo Coronel Antônio Teixeira de Carvalho; um lustre, o do arco cruzeiro, pela Baroneza de Juiz de Fora; outro, o do corpo da igreja, pelo Dr. Francisco de Assis Pacheco Penna; e um cálice, pelo Sr. Joaquim Vidal Leite Ribeiro, Barão de Itamarandiba.

Na noite de 28 de julho de 1882, foi ainda vítima de outro assalto, sendo arrombado o Sacrário e varejadas tôdas as gavetas; nada, porém, encontraram de valor, à exceção da sagrada pyxide e dous cálices, que dessa vez não quiseram levar. Estas últimas particularidades deixou-as apontadas o falecido Antônio Marques de Faria, a quem com inteira justiça a mesa administrativa conferiu o título de "irmão benemérito", pelo seu grande zêlo e considerável dedicação, como consta da ata de 13 de outubro de 1878".

Em 10 de abril de 1881, ordenou-se, em Mariana, no episcopado do sétimo Bispo da diocese Dão Antônio Ferreira Viçoso, José Bernardino Otaviano Dias, que exerceu funções sacerdotais em Barbacena. De 1881 a 1898 foi monsenhor José Augusto Ferreira da Silva o décimo nono vigário de Barbacena. No ano de 1881, o padre José Augusto de Almeida foi, como pró-paroco, vigário interino da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. O Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida deu à publicidade, em 1881, a *República dos tolos*.

Em 5 de novembro de 1882, foi ordenado padre, em Mariana, pelo oitavo Bispo da diocese, Dão Antônio Carlos de Sá e Benevides, João Pio de Sousa Reis, que residiu, por longo tempo, em Barbacena, onde foi professor e reitor do Internato do Ginásio Mineiro. Em dezembro dêste ano, o Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida enviou ao dr. Alexandre José Teixeira de Melo, diretor da Biblioteca Nacional, na Côrte do Rio de Janeiro, o manuscrito da *Notícia da cidade de Barbacena e seu município,* que valeu ao seu autor ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na *Notícia da cidade de Barbacena e seu município,* escreveu, em 1883, o Padre José Joaquim Correia de Almeida.

"O orago da matriz de Barbacena é a Senhora da Piedade, e desde a fundação da paróquia (cuja sede a princípio era no Registro-velho, distante uma légua) só se contam quatro párocos colados, que são: Feliciano Pita de Castro, D. Agostinho Pita de Castro (fidalgos portuguêses, que felizmente não pertenciam à família dos Pitas de que fala Diniz no poema Hissope), Antônio Marques de Sampaio (riograndense do sul), e Joaquim Camilo de Brito (um dos ilustres rebeldes prêsos e algemados depois da disputada vitória de Santa Luzia), o qual parece ter feito renúncia da paróquia e reside hoje na proximidade de Sapucai, tendo ùltimamente anunciado que acrescentava um *t* ao apelido Brito, para declinar de si a honra de um hábito de Cristo concedido a indivíduo de nome idêntico".

Em 17 de janeiro de 1884, foi criada a paróquia de Sant'Ana do Barroso por ato de Dão Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, oitavo Bispo da diocese. Em 10 de fevereiro de 1884, tomou posse perante o vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, monsenhor José Augusto Ferreira de Almeida, o primeiro vigário da Freguesia de Sant'Ana do Barroso padre João José dos Passos.

Em 1885, assumiu a direção do Asilo de Órfãos Maria Rosa, fundado pela Baroneza Maria Rosa, por iniciativa de monsenhor José Maria Ferreira Velho, a sua primeira diretora irmã Deygin, da comunidade de São Vicente de Paula. Em 2 de maio de 1886, foi ordenado padre, em Mariana, pelo oitavo Bispo da diocese, Dão Antônio Correia de Sá e Benevides, o barbacenense Antônio Paulino Pereira Lima, natural do Ribeirão

do ALBERTO DIAS. Em 4 de novembro de 1887, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA enviou carta ao dr. CAMILO MARIA FERREIRA DA FONSECA em que exaltou a personalidade do dr. CAMILO FERREIRA, CONDE DE PRADOS.

Em 1887, apareceu o segundo volume dos *Sonetos e sonetinhos* do Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. Em 6 de maio de 1888, a Mesa Administrativa da Santa Casa de Barbacena celebrou contrato com as Irmãs de Caridade de São VICENTE DE PAULA para a sua administração. Ainda neste ano, a irmã PAULA BOISSEAU foi designada superiora da Santa Casa de Barbacena e o padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, tendo presidido a bênção da colônia RODRIGO SILVA por ocasião de sua instalação a 15 de abril dêste ano.

Em janeiro de 1889, o cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO veiu a Barbacena em propaganda republicana, acompanhado do dr. CÂNDIDO BARATA RIBEIRO e de LEAL DA CUNHA, realizando conferência no Club Republicano, presidido por HENRIQUE AUGUSTO DE OLIVEIRA DINIZ. Ainda neste ano, sôbre a mensagem de ANTÔNIO AUGUSTO DE LIMA, propondo a mudança da capital do Estado de Minas para onde, atualmente, se acha, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA escreveu versos, glosando conceito de DIOGO DE VASCONCELOS de que "conforme está provado por estudos, os curraleiros são todos papudos" — denominados curraleiros os naturais de Curral d'el-Rei, hoje Belo Horizonte.

Em 12 de fevereiro de 1891, foi o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS nomeado pelo govêrno do Estado para reger a cadeira de latim e grego do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Em 21 de março de 1891, faleceu em Barbacena D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, que assim figura entre os *Barbacenenses de Prol*:

"D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, natural da Bahia, onde nasceu a 7 de agôsto de 1830, sendo seu progenitor JOSÉ JOAQUIM DE MACEDO COSTA, ligou o seu nome a Barbacena por ter nela falecido, a 21 de março de 1891, no edifício onde funcionou o Congresso do Estado, instalado a 22 de novembro de 1893, por ocasião de deliberar sôbre a mudança da capital de Minas, onde se instalou, por ocasião de sua fundação, a Escola Normal local, e onde se acha, hoje, o edifício da agência do Banco do Brasil, defronte do jardim que orna a praça dos ANDRADAS.

Tendo D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA estudado no seminário arquiepiscopal de São SALVADOR, foi concluir os estudos no de São SUPLÍCIO, em Paris, onde, em 1855, recebeu, na igreja paroquial, a tonsura, conferida

pelo arcebispo MARLOT, e, em 1857, as ordens sacras. Doutorou-se, após, canônicamente, "in utroque jure", no liceu de São APOLINÁRIO, em Roma. De volta ao Brasil, em 1860, foi nomeado bispo da diocese do Pará, sendo como tal sagrado no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1861, pelo internúncio apostólico.

Grande foi a projeção de D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA em todo o país pelo relêvo que deu à questão religiosa de 1873 a 1875, em que se empenhou, juntamente com D. Frei VITAL DE OLIVEIRA, bispo de Pernambuco, com o govêrno imperial, batendo-se pela insubordinação do poder espiritual ao temporal, o que determinou o seu processo e consequentes condenação a quatro anos de prisão e encarceramento na ilha das Cobras, de onde o retirou o perdão de D. PEDRO II.

O poder espiritual precedeu a existência à do poder temporal. Mesmo antes de manifestar-se o caráter gregário do homem, êle devia ter a sua crença. E, antes de constituir o poder — para a coerção em prol da sociedade, afim de tornar eficiente o direito, — deveria o homem ter a solidariedade na crença e obedecido, nesse sentido, aos mais experimentados.

A verdade é que com a noção do Estado, a mais primitiva, se depara a noção da religião. E, na constituição do Estado primitivo, oriental, a religião foi o fundamento essencial. Primitivamente, o príncipe era o "sacerdos magnus", com o poder espiritual e o poder temporal.

Com o decorrer dos tempos, as noções indistintas de religião e de poder foram se distinguindo, ainda que reunidas, para a direção dos povos. E assim teria ocorrido até que a primeira dissenção religiosa-política determinou a creação mosaica do Estado judeu. Já aí as noções distintas do poder espiritual e do poder temporal se encontram caracterizadas. E no Estado teocrático egípcio se paralelisa o espiritual, organizado em poder, à teocracia mosaica, que vem a ser, depois de SAMUEL, o Estado teocrático judaico, poder temporal aliado ao espiritual.

O cristianismo é, originàriamente, apenas, um movimento espiritual. Êle se expande, êle cresce, êle ganha fôrça e se transforma em poder temporal, poder que herdou do mundo romano, preservando-o, para a civilização, do tripudio dos bárbaros, que dominaram o ocidente.

Quando o mundo ocidental começou a surgir do cáos, determinado pelas invasões dos bárbaros, o espiritual e o temporal, aí, começaram a se redistinguir, tendendo à caracterização cada vez mais nítida dos dois poderes. Era natural que o poder espiritual da Igreja cristã, a quem o mundo ocidental devera o inestimável serviço de resguardar o que se salvou da

civilização e da cultura, que os bárbaros fizeram submergir, não cedesse de pronto, à restauração do poder temporal independente do dela, sem lhe dever subordinação, a êle igual. Daí as lutas que, durante séculos, o mundo assistiu — de príncipes e papas — até se chegar ao regimen da completa separação de poderes, não se intrometendo um no diagrama da ação do outro, senão quando o interêsse comum o aconselha.

É vasta a produção literária de D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA. Êle escreveu, além de poesias, publicadas no periódico *Noticiador Católico*: — *Pio IX, pontífice e rei,* 1860; *Instrução pastoral contra o protestantismo,* 1861; *As ordens religiosas,* 1864; *A resistência dos bispos, as suspensões extra-judiciais e os recursos à corôa,* 1866; *Resumo da história bíblica ou narrativa do velho e novo testamento,* 1872; *A maçonaria em oposição à moral, à igreja e ao Estado,* 1873; *Direito contra o direito, ou o Estado sôbre tudo,* 1874; *Deveres da família,* compêndio da civilidade cristã, 1880; e *O Amazonas e os meios de desenvolver a sua civilização,* 1883.

Da mesma forma que orador sagrado de invulgares merecimentos, D. ANTÔNIO MACEDO COSTA foi escritor correto de grande erudição e de alta elevação de idéias. Eis exemplo comprovativo dessa assertiva, eis como D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, que só se calou, na questão religiosa em que foi figura principal, invocando, com D. VITAL, a JESUS — *"Jesus autem tacebat"* — se reportava, em 1874, à solução do então efervescente problema:

"Tal é o alcance imenso do doloroso conflito, que, já agora, nenhum homem pensador e amigo de seu país pode ficar neutro. É o choque de duas doutrinas, que se encontram frente à frente.

De um lado, o catolicismo verdadeiro, apoiando-se no magistério infalível da Igreja; de outro lado, um catolicismo bastardo, apoiando-se no govêrno e na maçonaria. De um lado, a religião segundo o Evangelho e a lei eterna de Deus; de outro lado, uma religião segundo as constituições e as leis mudáveis dos homens.

De um lado, a consciência católica reclamando para si o direito de crer livremente na Igreja de JESUS CRISTO e obedecer-lhe; de outro lado, o regalismo despótico, declarando que é um crime crer na Igreja e obedecer-lhe sem o beneplácito de CESAR.

De um lado, o direito de DEUS, o direito da consciência humana, o verdadeiro e eterno direito; do outro lado, um pretenso "direito constituído", "um falso direito", que não é outra coisa senão o árbitro dos políticos.

Eis aqui a questão.

Qual o meio de resolvê-la? Prosseguir no caminho das violências, das opressões e das tiranias? Povoar as gemonias de bispos, de sarcedotes, de católicos fiéis? Condená-los aos horrores do ostracismo, ou ao horror, inda maior, de um chisma? Isto é impossível. Não, repito com tôda a convicção de minha alma, isto é impossível!

Não estamos na Alemanha de BISMARCK, nem na Suiça de CERELOSE. Estamos no Brasil, terra católica e livre. Pertencemos a uma nação pia, mansa e generosa, a cuja índole repugna os excessos daqueles despotas revolucionários.

A solução da questão religiosa resume-se numa só palavra: Liberdade! Daí liberdade à Igreja de JESUS CRISTO! Ela não vos invade, ela não vos violenta; deixa-vos seguir o vosso regalismo, ou quaisquer doutrinas ou seitas que queirais abraçar. Deixai-a também livre de regular-se conforme suas leis.

Ó bemaventuradas cadeias, que darão de si a liberdade da Igreja do Brasil! Bemaventuradas opressões e injustiças, que estão despertando em tantas almas o fervor, que andava tão amortecido, das verdadeiras crenças católicas!

O que parece um pôr de sol é uma aurora! A Cruz núa do Calvário está anunciando uma ressurreição! Esta crise dolorosa, que a muitos se afigura mortal, é a passagem para a vida! A Cruz irá seu caminho para o futuro, para um futuro esplêndido e glorioso, apesar das trevas e desfalecimentos do presente.

Ruja a tormenta embora, cerre-se a noite sôbre êste triste mundo, que parece querer voltar para o paganismo! Os faróis estão acesos, a costa tôda iluminada! A doutrina católica se afirma em tôda a sua fôrça, em tôda a sua beleza..

Havemos de transmitir a todos esta luta da verdade, que faz a felicidade da nossa vida. Á fôrça de sofrimentos, de esforços, de sacrifícios, meneando as armas pacíficas da oração e da palavra, conseguiremos chamar nossos irmãos desviados à sua comunhão da Igreja de JESUS CRISTO.

Quanto a mim, apesar de minhas cadeias, sinto-me feliz de viver para lutar e sofrer, de viver para dar um testemunho da fidelidade com que devemos servir à pátria do céu. Condenem-me os homens como um facinora e um rebelde. Quando, com a mão trêmula, êles tiverem lavrado e assinado minha sentença, firme na minha consciência, certo de ter feito o meu dever, olharei tranquilo para o céu e direi: "Apelo para a justiça de DEUS"!"

Dado o seu alto valor como sacerdote e escritor, atribui-se a D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA a autoria da notável pastoral coletiva do episcopado brasileiro, em 1890, aceitando a República e aconselhando o clero e os fiéis a agir por essa mesma forma.

Nomeado, já proclamada a República, arcebispo da Bahia, foi D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, depois de receber o pálio arquiepiscopal a Roma, daí regressando com a males físicos agravados. Seguiu, então, para Barbacena, onde ficou os seus dias êste apóstolo do catolicismo ortodoxo, independente das sanções de outro poder temporal, que não seja emanado diretamente da cura prontifícia, da Santa Sé, intrépido e valoroso paladino da separação dos poderes temporal e espiritual, abnegado batalhador da doutrina que manda dar a CESAR o que é de CESAR, reclamando, porém, com o coração e com lógica, com razão e com sinceridade, para DEUS o que de DEUS é".

Em 12 de abril de 1891, foram ordenados padres, em Mariana, pelo Bispo titular de Camaco, D. SILVESTRE GOMES PIMENTA, durante o episcopado do oitavo Bispo daquela diocese, Dão ANTÔNIO CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, os barbacenenses FIRMINO RIBEIRO MENDES e SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO.

De SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO escrevemos em *Barbacenenses de Prol*:

"SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO, natural de Barbacena, onde nasceu no segundo meiado do século XIX, descendendo dos PITA DE CASTRO, fidalgos portuguêses que vieram, no segundo meiado do século XVIII, para Minas Gerais, estabelecendo-se na Borda do Campo, foi inteligência esclarecida e espírito que procurava adquirir cada vez mais amplos e mais sólidos conhecimentos.

Tendo realizado estudos de primeiras letras no seu torrão natal, SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO foi, depois, para Mariana, onde se dedicou ao curso teológico. Em 12 de abril de 1891 recebia o jovem barbacenense ordens de presbítero, sagrado pelo bispo titular de Camaco, quando se achava à frente da diocese marianense o seu oitavo diretor, o saudoso bispo D. ANTÔNIO DE SÁ E BENEVIDES.

O padre SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO foi sacerdote de atuação deveras eficiente à causa da religião católica. Êle não se cansava de estudar essa religião, a sua doutrina e a sua história, adquirindo, assim, grande erudição nessa matéria, que versava com segurança, não só invocando argumentos de autoridades que lhe eram familiares, como os próprios, pois

que, dotado de raciocínio pronto e seguro, era dialeta em que a sã razão imperava. Meu pai, que se dedicou, por muito tempo, ao estudo de história eclesiáástica, sobretudo a relativa à fundação, organização e desenvolvimento de ordens, confrarias e associações religiosas e seu estabelecimento no Brasil, assim procedendo com o objetivo de estudar e classificar, na sua maravilhosa coleção de medalhas, as medalhas religiosas nacionais, não se cansava de louvar a contribuição do padre, depois monsenhor SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO, aos seus estudos sôbre essa matéria.

O padre SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO, em homenagem aos seus bons serviços à Igreja romana, foi agraciado pela Santa Sé, em julho de 1909, sendo papa PIO X, com o título honorífico de monsenhor.

Monsenhor SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO é do patrimônio das tradições de Barbacena pelo seu alto valor intelectual e pelas suas excepcionais qualidades de sacerdote da religião cristã".

Em 3 de agôsto de 1891, foi designado, pelo Govêrno do Estado de Minas, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS para reger a cadeira de latim, separada da de grego, do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Ainda em agôsto de 1891, deixou o padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO o Conselho da Intendência Municipal de Barbacena, de que fazia parte com o dr. JOVIANO RODRIGUES DE MORAIS JARDIM e ANTÔNIO DE AZEREDO COUTINHO, aos quais sucederam os drs. CAMILO FERREIRA DE ASSIS FONSECA e JOÃO AUGUSTO RODRIGUES CALDAS e o coronel TEÓFILO BENEDITO FERREIRA.

Em 1.º de setembro de 1891, faleceu em Barbacena MARIA ROSA ALEXANDRINA DE MACEDO, que se tornou, com a fundação do Asilo de Orfãs que tem o seu nome, um dos *Barbacenenses de Prol*:

"MARIA ROSA ALEXANDRINA DE MACEDO, natural de Barbacena, foi a fundadora do Asilo de Órfãs de Barbacena, ao qual doou o edifício principal, que era, a princípio, único e de que foi a primeira diretora a irmã DEYGIN. Por êsse ato de altruismo, concedeu-lhe o govêrno imperial do gabinete de 6 de junho de 1884, presidido pelo senador MANOEL PINTO DE SOUSA DANTAS, sendo ministro do Império o senador FELIPE FRANCO DE SÁ, que referendou o respectivo ato, em 4 de abril de 1885, o título de BARONEZA DE MARIA ROSA.

Os sentimentos piedosos de MARIA ROSA ALEXANDRINA DE MACEDO se acham comprovados em inúmeros outros atos de generosidade, inclusive a contribuição, em dinheiro, que fez para a ultimação, em 1877, das obras dos altares laterais de SANTANA e de Nossa Senhora DO PARTO da Igreja de Nossa Senhora da BOA MORTE, de Barbacena.

A baroneza de MARIA ROSA faleceu a 1.º de setembro de 1891, tendo o *Leste de Minas,* de 3 dêsse mês e ano, assim registrado o seu passamento:

"BARONEZA DE MARIA ROSA

Faleceu no dia 1 do corrente, depois de um mês de sofrimento, a exma. sra. MARIA ROSA ALEXANDRINA DE MACEDO, baroneza de MARIA ROSA.

Era filha legítima de JOSÉ DE MACEDO CRUZ e de d. FRANCISCA ANGÉLICA DE MOURA. Nasceu e foi batisada na freguesia de Chapéu d'Uvas. Era irmã de JOSÉ DE MACEDO MOURA e de ANA GUILHERMINA DE MACEDO. Foi casada nas primeiras núpcias com FRANCISCO HERMENEGILDO VALE e, em segundas, com PATRÍCIO JOSÉ DA SILVA MOURA. Não teve filhos.

Senhora respeitável e muito caridosa, a baroneza de MARIA ROSA procurou sempre fazer o bem. É assim que fundou nesta cidade de Barbacena o Asilo de Órfãs, socorrendo destarte a milhares de crianças sem proteção, sem arrimo. Era muito esmoler, por isso a pobreza a idolatrava. Em seu testamento contemplou a todos os seus afilhados, deixando os remanescentes ao Asilo de Órfãs, doando-o assim com quase 100 contos de réis.

O Ministro F. FRANCO DE SÁ, em atenção a tão grandes e relevantes serviços prestados à orfandade, agraciou-a, no dia 4 de abril de 1885, com o título de "BARONEZA".

A sua morte deixa consternada tôda a sociedade barbacenense, da qual era um dos ornamentos pelas suas virtudes e nobreza d'alma. A seu cunhado, o sr. LUÍS GOMES BRAGA, e a sua senhora, apresentamos sinceras condolências".

Deve-se registrar que o presidente do Estado de Minas Gerais FERNANDO DE MELO VIANA foi proclamado, pelo então deputado federal JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, "Cidadão de Barbacena", por haver adicionado ao Asilo de Órfãs MARIA ROSA o edifício a êle anexo ao seu lado direito, aumentando, assim, a capacidade da instituição para melhor desempenhar os nobres fins que lhe determinaram a criação e a que tem correspondido magnificamente, graças, sobretudo, ao devotamento com que o dirigem as admiráveis irmãs de S. VICENTE DE PAULA, atualmente sob a direção da devotada Irmã MARGARIDA MACHADO, que acresce de novos títulos de benemerência a obra piedosa de suas predecessoras nesse posto, em que amam mais ao próximo do que a si mesmo, dando às órfãs sob a sua proteção o permanente carinho de seus generosos corações".

Em setembro de 1891, os alunos do Internato do Ginásio Mineiro fundaram grêmio literário denominado CORREIA DE ALMEIDA, em homenagem

ao Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO, natural de Barbacena e que viria a ser padre, terminou, em 1891, o curso primário no Colégio LEIRI SANTOS.

Em 22 de janeiro de 1892, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS foi nomeado reitor do Internato do Ginásio Mineiro em sucessão a VIRGÍLIO MARTINS DE MELO FRANCO. Em 5 de abril de 1892, faleceu em sua fazenda, na Sapucaia de Minas, o cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO, antigo vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena.

De JOAQUIM CAMILO BRITO escrevemos em *Barbacenenses de Prol*:

"JOAQUIM CAMILO DE BRITO nasceu na província de Minas Gerais, em 1813, em Congonhas do Campo, aí fazendo os seus primeiros estudos no Liceu de Congonhas do Campo, onde se matriculou em 1829.

Tendo terminado o curso de humanidades, JOAQUIM CAMILO DE BRITO partiu para a Côrte, a fim de ordenar padre, o que fez por se achar, então, vaga a diocese de Mariana com a morte, em 1835, do Bispo D. Frei JOSÉ DA SANTÍSSIMA TRINDADE.

Tendo-se ordenado em 1839, o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO foi logo nomeado vigário de Barbacena. Nessa cidade, gosou de grande estima dos seus paroquianos, tornando-se amigo do padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA e do padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, que o considerava homem de alto saber e sacerdote respeitável pelas suas acrisoladas virtudes e de cujo curso de humanidades foi professor. O padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO teve como seus coadjutores, na paróquia de Barbacena o padre JOÃO JOAQUIM MENDES, falecido em 1840, o padre JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO, natural de Prados e falecido em 1846, e o padre JOAQUIM GONÇALVES BARBOSA, falecido em 1855.

O padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO ingressou na nossa política, filiando-se ao partido liberal local. Participando da revolução de 1842, ao que narra o Cônego JOSÉ ANTÔNIO MARINHO, na *"História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais"*, " a 27 de julho pôs-se em marcha a coluna de Barbacena, à qual acompanhavam os reverendos vigário da freguesia BRITO e padre MIGUEL", comentando, em seguida: "E quem com efeito recuaria à voz de marcha, vendo nas primeiras fileiras um JOÃO GUALBERTO e seus irmãos, que abandonavam ao acaso e ao vandalismo da legalidade de 1842 uma grande casa de negócio, uma linda e bem decorada propriedade, uma grande fazenda de cultura; um dr. CAMILO, um vigário BRITO, um ALVARENGA, que também ao acaso deixava o meneio de um considerável negócio, e que nem ao menos tomara o tempo preciso para passar pela cidade de São João d'el-Rei, onde

deixara sua senhora, seus pequenos filhos, suas propriedades e negócios? Se quatro homens sòmente, como diziam os chefes da facção, puderam resolver a êstes extraordinários sacrifícios uma tão considerável porção de respeitáveis cidadãos, êsses quatro indivíduos seriam então os mais respeitáveis homens da província".

Relatando o que ocorreu no dia 20 de agôsto de 1842, das 3 às 16 horas da tarde, no arraial de SANTA LUZIA, o cônego MARINHO informa que "OTONI estava na casa em que ao depois fôra prêso, acompanhando-o de perto PEDRO TEIXEIRA e seu irmão ANTÔNIO TEIXEIRA, também com as faces tintas de sangue, o Vigário BRITO e outros, trazendo todos a notícia de que tudo estava perdido, depois de estar tudo ganho", acrescentando que às "oito horas da noite, o arraial de Santa Luzia, estava saqueado, o general da legalidade ocupava a mesma casa que deixara o presidente interino; os insurgentes que se quiseram retirar o fizeram pela ponte grande, procurando a Lagoa Santa; OTONI, porém, JOSÉ PEDRO Vigário BRITO, JOÃO GUALBERTO e seus irmãos eram guardados como presos d'Estado, na mesma casa em que se haviam alojado".

Informa, posteriormente, o cônego MARINHO: "Recolhi-me pois resignado à casa em que habitava o meu amigo senhor JOÃO GUALBERTO DE CARVALHO e encontrei aí outro amigo e colega, o senhor JOSÉ PEDRO DIAS DE CARVALHO, que já anteriormente me havia anunciado a resolução de não procurar esconderijos e, no caso de qualquer revés, entregar-se à discrição. Esta opinião foi igualmente abraçada pelo senhor GUALBERTO, por seus estimáveis irmãos os srs. PEDRO e ANTÔNIO TEIXEIRA DE CARVALHO, pelo venerável vigário de Barbacena, o senhor JOAQUIM CAMILO DE BRITO, e pelos senhores padre MANOEL DIAS DO COUTO GUIMARÃES e FRANCISCO FERREIRA PAES". Depois de narrar como se entregaram os chefes da revolução, o cônego MARINHO registra a condução dos prisioneiros, assinalando que "pouco antes de chegar no pouso dois oficiais, compadecidos do cansaço e fadiga dos senhores JOÃO GUALBERTO e vigário BRITO, ousaram pedir licença para ceder-lhe seus animais".

É ainda do cônego MARINHO esta narrativa: "As profanações de que foi teatro a igreja de Bonfim são imemoráveis. É em si inqualificável o desacato de serem arrastados com algemas e correntes para o templo da oração um pároco e dois sacerdotes respeitáveis; mas o desacato em si é nada comparado com as circunstâncias de que foi acompanhado. Quando os "novos musulmanos" experimentavam a têmpera das espadas, e as arrastavam pela igreja de DEUS, cometendo tôda a casta de irreverências, o grito do dever sufocava no espírito do respeitável vigário de Barbacena tôdas

as considerações humanas de terror. Ainda algemado, o senhor JOAQUIM CAMILO DE BRITO não cessou de protestar contra as profanações, e se lhe coube em resposta a irrisão e o escárneo, nem por isso menos aplaudirão sua energia os homens religiosos. Que diria CHATEAUBRIAND, que com tanta eloqüência estigmatizou no "Gênio do Cristianismo" os revolucionários da França, porque edificaram casas de correção sôbre o jazigo dos mortos, o que diria CHATEAUBRIAND se visse o santuário de Deus convertido em calabouço dos seus ministros!"

O padre JOAQUIM CAMILO BRITO não chegou a ser pronunciado pela sua participação na revolução de 1842, segundo o testemunho do padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, no *"Jornal do Comércio"*, de Juiz de Fora, de 13 de maio de 1898.

O vigário JOAQUIM CAMILO DE BRITO foi, na 6.ª legislatura de Assembléia Legislativa da Província de Minas, de 1846 a 1847, para ela eleito e durante o exercício do seu mandato político regeu a freguesia de Barbacena, como pro-paroco, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. Mais tarde, em 1856, desgostoso da política, dela retirou-se, resignando, também, a direção da paróquia de Barbacena. Foi, então, residir em fazenda da sua propriedade, na Sapucaia de Minas.

Voltou, tempos depois, o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO à atividade política como propagandista da República, colaborando na imprensa, principalmente em *"O Apóstolo"*, de Ouro Preto, a primeira fôlha republicana que se editou na província de Minas, em a *"Nova Fase"*, de Pirapetinga, e em *"O País"*, da Côrte. Em janeiro, de 1889, o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO fez excursão de propaganda republicana pela província de Minas, em companhia do dr. CÂNDIDO BARATA RIBEIRO e de LEAL DA CUNHA, tendo, por essa ocasião, estado em Barbacena, onde, no Club Republicano, presidido pelo dr. HENRIQUE AUGUSTO DE OLIVEIRA DINIZ, realizou, perante grande auditório, uma conferência.

Em 16 de abril de 1892, faleceu, na sua propriedade da Sapucaia de Minas, o padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO, que foi sepultado no cemitério da cidade fluminense de Sapucaia.

Barbacena consagra o nome do seu saudoso pároco na rua em que se encontram a Casa Paroquial, o Asilo de Órfãs MARIA ROSA e o edifício da Agência do Banco do Brasil, no local onde faleceu, em 1891, o bispo do Pará d. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA. Na sacristia da igreja matriz há o retrato a óleo do padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO, cujo nome foi dado pelo Congresso Mineiro ao distrito de Ilhéos, do município de Barbacena.

Guarda Barbacena com grande carinho a memória do vigário JOAQUIM CAMILO DE BRITO, que sempre soube interpretar com bravura os sentimentos de amor ao direito e de culto à justiça e os irreprimíveis anseios de liberdade dos seus paroquianos".

Sôbre a *Rua Vigário Brito* publicou, há tempos, a *Cidade de Barbacena*:

"Há aqui umas ruas interessantes. Não têm mais que alguns poucos metros. A Padre BRITO, por exemplo. Vai de uma ponta a outra da igreja Matriz. Contam-se nela apenas cinco prédios: a Capela do Asilo, o novo prédio que vai servir para o dormitório das órfãs, a Casa Paroquial, mais um prédio pertencente ao mesmo Asilo e o Bazar Moderno.

Em todo caso, tem seu nome lembrado na cidade o Padre JOAQUIM CAMILO DE BRITO, nascido em Congonhas do Campo, onde fez seus estudos preparatórios. Ordenou-se no Rio de Janeiro. Era sacerdote de virtudes e inteligência esclarecida.

Foi dos revolucionários de 42, tendo tomado parte muito ativa no movimento que irrompeu nesta cidade naquele ano.

"Com denodo e abnegação, sem se intimidar com as consequências que lhe poderiam advir — escreve o ilustrado professor SOARES FERREIRA — êle acompanhou a grande coluna de Barbacena, que, sob o comando de FRANCISCO JOSÉ ALVARENGA, daqui se pôs em marcha a 27 de julho".

Em Santa Luzia, derrotados os insurgentes, foi prêso e algemado o padre BRITO. Uma vez restituído à liberdade, voltou a dirigir os negócios de sua freguesia — Barbacena — à frente da qual estava desde 1839.

Foi Deputado a Assembléia Provincial de Minas, exercendo o mandato de 1846 a 47. Desgostoso da política, retirou-se de Barbacena em 1856, indo residir na sua fazenda na Sapucaia de Minas. Espírito liberal, democrata por índole e temperamento, mais tarde voltou à ativa, fazendo-se republicano e colaborando em jornais da época.

Em 1889, pela última vez, esteve êle em nossa cidade, tendo vindo aqui em companhia de BARATA RIBEIRO e LEAL DA CUNHA que no Clube Republicano de Barbacena, de que era Presidente o Dr. HENRIQUE DINIZ, realizaram notável conferência de propaganda política.

Faleceu o Padre BRITO na Sapucaia de Minas, a 16 de abril de 1892, com 79 anos de idade.

O Congresso Mineiro, em certa época, mudou o nome do distrito de Ilhéus, neste Município, para Vigário BRITO, como homenagem ao revolucionário de 42 e ao republicano de serviços à Pátria".

Em 24 de abril de 1892, foi ordenado padre, em Mariana, pelo oitavo Bispo da diocese d. ANTÔNIO CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA, que residiu, exerceu funções sacerdotais e faleceu, e onde foi lente de inglês do Internato do Ginásio Mineiro. Em 25 de abril de 1892, foi exonerado, a pedido, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS da reitoria do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Em 13 de julho de 1892, faleceu o padre barbacenense ANTÔNIO PAULINO PEREIRA LIMA, natural do Ribeirão de ALBERTO DIAS. No ano de 1892, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA publicou *Semsaborias métricas*.

Em 13 de maio de 1893, o Padre-Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA escreveu sôbre o cônego JOAQUIM CAMILO DE BRITO no *Jornal do Comércio* de Juiz de Fora. Em 17 de agôsto de 1893, faleceu, em Barbacena, o padre JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, que figura entre os *Barbacenenses de Prol*:

"JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, natural de Barbacena, depois de aí fazer os seus primeiros estudos, ingressou no seminário de Mariana, onde foi ordenado padre, pelo bispo D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, sétimo diretor da diocese (1844-1875), a 5 de maio de 1872.

De 1877 a 1888, o padre JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, que aí foi pro-paroco em 1881, foi coadjutor do vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, tendo falecido nessa cidade, a 17 de agôsto de 1893".

Em homenagem ao Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA organizou-se em Barbacena, em 1893, a Corporação Musical CORREIA DE ALMEIDA. Ainda neste ano, Dão ANTÔNIO CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, oitavo Bispo de Mariana, mandou buscar em Barbacena SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO para matriculá-lo no seminário da diocese.

Em 1894, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA publicou *Decrepitude metromaniaca* e, neste mesmo ano, foi o padre TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA nomeado cura da catedral de Mariana. Em 8 de maio de 1895, realizou-se a abertura pela irmã PAULA BOISSEAU do Colégio da Imaculada CONCEIÇÃO no prédio da Santa Casa de Barbacena. Em novembro de 1895, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS foi transferido da cadeira de latim para a de geometria elementar do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena.

Em 2 de fevereiro de 1896, o Conselheiro INÁCIO DA CUNHA GALVÃO fundou a Conferência de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena. Em junho de 1896, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS, professor do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena, foi eleito deputado ao Congresso Mi-

neiro. No ano de 1896, o Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida publicou *Produções da caducidade*. Neste ano de 1896, assumia a presidência da Conferência de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena o dr. Raul Penido, que a exerceu durante sete anos. Ainda neste ano, foi o padre Luís Gonzaga Boavida nomeado capelão do Asilo de Órfãos Maria Rosa, em Barbacena.

Em 31 de março de 1898, faleceu, em Barbacena, monsenhor José Augusto Ferreira da Silva, sepultado na capela de Nossa Senhora das Dôres, ao lado direito da igreja matriz da paróquia, de que era então vigário. Com a morte de monsenhor José Augusto Ferreira da Silva assumiu a direção da paróquia, por ordem do nono Bispo de Mariana, Dão Silvério Gomes Pimenta, o pro-pároco monsenhor José Maria Ferreira Velho, que não aceitou a nomeação de vigário feita por êsse Bispo.

Tem relêvo entre os *Barbacenenses de Prol* a figura de Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva:

"José Augusto Ferreira da Silva, mais conhecido, nos últimos anos de sua existência, tôda dedicada à religião e ao bem, apenas por monsenhor José Augusto, foi, por muitos anos, o 24.º vigário encomendado da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

Filho do capitão Antônio Maria Vicencia Dantas, parente de José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu José Augusto Ferreira da Silva na então vila de Tamanduá, que foi depois a cidade de Itapecerica, no oeste da província de Minas Gerais, em 13 de fevereiro de 1814, sendo batizado, na matriz da localidade de seu nascimento, em 19 de março do mesmo ano em que nasceu.

José Augusto Ferreira da Silva, depois de iniciar os seus estudos na sua terra natal, foi para Congonhas do Campo, onde se matriculou no colégio dos reverendos padres lazaristas, modelado pelo do Caraça e então dirigido pelo padre Leandro Rebelo Peixoto de Castro. Contava José Augusto Ferreira da Silva dezenove anos de idade quando se deu em Ouro Preto a sedição contra o govêrno da província, sob a orientação de Manoel Soares do Couto, primo e cunhado de Honório Hermeto Carneiro Leão, que viria a ser Marquez do Paraná, depondo o presidente da província, Manoel Inácio de Melo e Sousa, depois Barão de Pontal, e prendendo-o, assim como ao vice-presidente Bernardo Pereira de Vasconcelos, que, sôlto, instalou govêrno em Barbacena, transferindo-o, em seguida, para S. João d'El-Rei. Ao passar por Congonhas do Campo, em março de 1833, o batalhão da guarda nacional de Tamanduá, enviado para dar combate aos revolucionários, a êle se agregou José Augusto Ferreira da Silva, com o consentimento, senão a conselho, do padre Leandro Rebelo Peixoto de Castro, cabendo-lhe as funções de corneteiro da unidade militar em que passou a servir. Rendendo-se a capital da província, em 19 de maio do mesmo ano da sedição, às fôrças legais do general José Maria Pinto Peixoto, o jovem José Augusto Ferreira da Silva voltou ao colégio de Congonhas do Campo, onde concluiu o curso de humanidades.

De Congonhas do Campo, José Augusto Ferreira da Silva transferiu-se para Mariana, onde se matriculou no seminário da diocese e nele fez o curso teológico. Em 28 de março de 1835, José Augusto Ferreira da Silva recebeu ordens menores ministradas pelo bispo marianense D Frei José da Santíssima Trindade, que faleceu em 28 de setembro dêsse mesmo ano, ficando vaga a direção da diocese mineira.

Esta circunstância determinou o recebimento de ordens por José Augusto Ferreira da Silva na sede do arcebispado do Rio de Janeiro, ministradas por D. Frei Antônio de Arrabida, bispo titular de Anemuria, na Matriz da freguesia de S. Salvador do Mundo de Guaratiba, as de diácono a 2 de fevereiro e as de presbítero a 5 do mesmo mês do ano de 1837.

O padre José Augusto Ferreira da Silva foi, por muito tempo, vigário da freguesia de Campo Belo e, mais tarde, em 1857, da freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Raposos, tendo sido, também, esmoleiro-mór do bispo d. Viçoso, cooperando, então, eficientemente, para a vinda das primeiras Irmãs de Caridade, que se estabeleceram no Brasil, em 1849, e para a instituição das Missões perpétuas da diocese.

O padre José Augusto Ferreira da Silva teve o seu nome ligado ao movimento revolucionário de 1842 na província de Minas Gerais, entre os 29 sacerdotes que, segundo se dizia, revoltosos ou simpatizantes da causa revolucianária, nela se comprometeram. No trabalho em que historía êsse movimento, o cônego José Antônio Marinho assinala que "na cidade de Mariana foram lançados na cadeia, entre outros cidadãos, o presidente da Câmara Municipal Manoel Francisco Damasceno, o vereador Padre Mestre José de Sousa Rossin, (e êste foi pôsto em enxovia), o secretário do bispado padre Bemfica, e a êste fez o delegado de polícia marchar a pé para a cadeia de Ouro Preto, bem como o padre José Augusto Ferreira da Silva, os quais, tendo prontos os seus cavalos, foram, contudo, obrigados a marchar a pé, e assim entraram na Capital da província, no meio da numerosa escolta de pedestres, que lhes não poupa insultos". Submetido ao juri da comarca de Ouro Preto, foi o padre José Augusto Ferreira da Silva absolvido.

Como esmolador para a manutenção do Asilo de Órfãs instituído em Barbacena pela Baroneza Maria Rosa tornou-se monsenhor José Augusto deveras conhecido em tôda Província e, depois, Estado de Minas Gerais. Como escreveu com propriedade o professor Soares Ferreira, "o Asilo dos Sagrados Corações de Jesus e Maria foi o último dos castos amores de Monsenhor José Augusto, que em viagem trazia sempre no peito a célebre bôlsa vermelha, que ainda se conserva no Asilo, e ela lhe trouxe muitos contos de esmolas". Referindo-se em "Figurões vistos por dentro", a Monsenhor José Augusto, escreveu Simão de Mantua: "Monsenhor José Augusto, velho bonancheirão, de inseparável sacola, que a todos tratava por tu e jamais pagava passagem nas estradas de ferro do Brasil, fôssem do govêrno ou de emprêsas particulares. "Viajo para o asilo dos meus orfãozinhos; ando a pedir e quem pede não pode dar", dizia invariàvelmente o bom do Monsenhor, e não pagava. Era assim uma espécie de irmã Paula; todos o queriam e lhe prestavam bom agasalho, ia vivendo e ajudando viver aos outros".

Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva foi deputado à Assembléia Provincial de Minas Gerais em quatro legislaturas — a sétima, em 1848 e 1849; a vigésima primeira em 1876 e 1877; a vigésima segunda, em 1878 e 1879; e a vigésima terceira, em 1880 e 1881. Dessa data em diante, preferiu monsenhor José Augusto dedicar-se exclusivamente aos interêsses da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, cujo vicariato exerceu de 1882 a 31 de março de 1898.

Foi deveras profícua a direção da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena por monsenhor José Augusto Ferreira da Silva, investido, simultaneamente, nas funções de vigário encomendado dela e foraneo da respectiva comarca eclesiástica. Para a Igreja Matriz da paróquia êle foi todo solicitude, dela cuidando com especial carinho.

Deve-se-lhe a completa substituição de todo o assoalho, carcomido pelo tempo e pela abertura de sepulturas, por finos ladrilhos matizados, não só no corpo da igreja como na capela do Santíssimo Sacramento e na sacristia. Foi durante o vicariato de monsenhor José Augusto Ferreira da Silva que se inaugurou em uma das tôrres da igreja Matriz de Barbacena o relógio a ela ofertado por D. Pedro II, no qual se inscreveu êste exâmetro latino, redigido pelo padre mestre José Joaquim Correia de Almeida — "*Hora sonans hic admonet urbem munera* Petri" — a hora soando aqui lembra à cidade o presente de Pedro. Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva, além da dignidade eclesiástica dêsse seu título, mereceu do govêrno imperial a comenda da Ordem de Cristo e o título de conselheiro.

Monsenhor José Augusto, baixo, gordo, ostentava sempre o hábito sacerdotal de côr roxa e era dotado de espírito jocoso. De uma feita, em uma de suas habituais excursões, encontrou-se, durante a quaresma, em localidade onde se hospedou em casa de um conhecido, na qual, à noite, quando ali chegou, estenuado e com fome, só havia para alimentação paca assada, desculpando-se o hospedeiro por êsse fato. Monsenhor José Augusto tirou o bom hospedeiro do embaraço com o lhe assegurar que "paca não é carne e pode ser comida na quaresma ..."

Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva faleceu a 31 de março de 1898, véspera do dia de Nossa Senhora das Dôres, de que era grande devoto, à hora do setenário dessa santa, tendo solenes funerais, sendo formidável o acompanhamento de tôda a população de Barbacena e de várias partes do Estado ao seu feretro, após missa, encomendação e a oração fúnebre triunfal pelo padre Dr. Júlio Maria, que desenvolveu o tema — "*Per Matrem, palmam victoriae*". Foi êle sepultado na capela do lado direito da matriz, sendo colocado sôbre o seu túmulo lapide de mármore em que se lê, sob a mitra de monsenhor: "Aqui jaz o Exmo. Conselheiro Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva, Vigário de Barbacena, nascido a 13 de fevereiro de 1814 e falecido a 31 de março de 1898. Gratidão do município de Barbacena na presidência do Cel. José Máximo de Magalhães. 1898".

Dessa figura do clero de Barbacena esta cidade guarda a melhor recordação pelo muito que lhe deve na formação religiosa dos barbacenenses. Além de abnegado sacerdote, foi monsenhor José Augusto animado do mais intenso espírito público, do mais acendrado amor à nossa terra e à nossa gente, sendo cidadão intrépido nas suas atitudes em defesa dos interêsses da coletividade e do bem comum, advogando, como verdadeiro democrata, os benefícios do Estado em prol não de alguns, mas da totalidade daqueles de que promana a sua soberania.

De monsenhor José Augusto Ferreira da Silva os barbacenenses têm a maior saudade, tributando-lhe extraordinária admiração pelas suas excepcionalíssimas qualidades de sacerdote virtuosíssimo e de cidadão exemplar".

Em 22 de maio de 1898, faleceu, em Barbacena, monsenhor José Maria Ferreira Velho, sepultado na capela de Nossa Senhora das Dôres da Ferreira Velho, sepultado na capela de Nossa Senhora das Dôres da matriz da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

José Maria Ferreira Velho é um dos *Barbacenenses de Prol*:

"José Maria Ferreira Velho nasceu em Barbacena a 27 de novembro de 1841, sendo primo do Padre Mestre José Joaquim Corrêa de Almeida, pois era filho de uma prima-irmã do Padre Mestre — Joaquina de Almeida Borges, D. Dadá. Destinando-se à carreira sacerdotal, José Maria Ferreira Velho ingressou no seminário de Mariana, onde se ordenou padre, em 19 de junho de 1864, quando se achava à frente da diocese marianense o seu sétimo bispo, D. Antônio Ferreira Viçoso, cujo bispado se prolongou de 1844 a 1875.

José Maria Ferreira Velho tomou a si a iniciativa da fundação do Asilo de Órfãos de Barbacena, conseguindo de Maria Rosa Alexandrina de Macedo, que se tornou, por isso, baroneza de Maria Rosa, tomasse a seu cargo essa fundação, proporcionando-lhe, como fez ela, sede e instalação. Dêsse educandário foi êle, enquanto viveu, o capelão.

Pela sua dedicação à vida sacerdotal foi o padre José Maria Ferreira Velho agraciado pela Santa Sé com a dignidade de monsenhor.

Monsenhor José Maria Ferreira Velho, que foi proprietário da chácara sita atrás da igreja da Boa Morte, que é, atualmente, o horto de floricultura da Casa Flora, do Rio de Janeiro, era irmão do coronel Teófilo Benedito Ferreira, fazendeiro nos arredores de Barbacena, que foi vereador à sua Câmara Municipal.

Monsenhor José Maria Ferreira Velho, homem de viva inteligência e dos mais profundos sentimentos pios, faleceu a 22 de maio de 1898, sendo inhumado na capela das Dôres da Matriz de Barbacena, onde se acha lápide de mármore com esta inscrição: "Monsenhor José Maria Ferreira Velho. Nasceu a 27 de novembro de 1841. Faleceu a 22 de maio de 1898. Gratidão de seus irmãos Teófilo Benedito Ferreira e Flávia Josefina Ferreira".

Em 8 de outubro de 1898, iniciou-se o vicariato do padre Marcos José de Oliveira Lopes, o vigésimo vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, e que exerceu essas funções até 4 de fevereiro de 1900. De 1898 a 1900, foi o padre barbacenense Silvino Ferreira de Castro pró-pároco da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

Em 30 de maio de 1899, o Padre-Mestre José Joaquim Correia de Almeida escreveu, em Barbacena, publicando-a no *Jornal do Comércio* de Juiz de Fora, "análise deliciosa sem agressividade", na expressão de Max Fleiuss, da letra do hino de Guimarães Passos, aprovado em concurso,

para comemoração do quarto centenário da descoberta do Brasil. No ano de 1899, foi colocada a pedra fundamental do Colégio da Imaculada Conceição, tendo paraninfado o ato Bernardino de Sena Figueiredo.

Em 4 de fevereiro de 1900, terminou o vicariato do padre Marcos José de Oliveira Lopes, iniciado em 8 de outubro de 1898, na paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, passando êsse sacerdote a exercer as funções de capelão do Asilo de Órfãos Maria Rosa, de Barbacena. Em 8 de maio de 1900, foi inaugurado o edifício do Colégio da Imaculada Conceição de Barbacena, construído a expensas de sua fundadora, a irmã Paula Boisseau. De 1900 a 1902, o padre Antônio Carlos de Castro foi pro-pároco da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

* * *

1901 — 1950

O século XX apresenta, na história eclesiástica de Barbacena, a figura extraordinária da Irmã ANTOINETTE, que assim figura na galeria, por mim organizada, de *Barbacenenses de Prol*:

"Irmã ANTOINETTE, que foi, no século, nascida ANDRELINA LOBO, esta notável filha de S. VICENTE DE PAULO teve por berço Recife, capital de Pernambuco, onde nasceu em 1845.

Filha de família austera e de princípios católicos inabaláveis, desde a mais tenra infância desejou ANDRELINA LOBO alistar-se nas fileiras das noivas de CRISTO. No arrebol da mocidade, quando a maior parte das jovens anda em busca dos prazeres do mundo e dos enganos falazes do século, começa ANDRELINA a percorrer conventos. Como a perfeição era o traço predominante daquele caráter inquebrantável, sondou várias comunidades e convenceu-se de que a disciplina rígida das Irmãs de Caridade era a que se adaptava ao seu temperamento austero e dinâmico.

Desde então, traçou Irmã ANTONIETTE o seu destino de integrar-se, com tôda a fé, no cumprimento do voto de missionária de JESUS. E vem então o momento de dizer eterno adeus aos penates paternos, à cidade natal, aos parentes e amigos.

A cidade de Diamantina, então no apogeu da prosperidade, devido a situação auspiciosa das suas lavras e conseqüente alta do brilhante, vivia dias de faustosa grandeza. As figuras mais representativas da rica cidade mineira reclamavam, insistentemente, a fundação de um educandário, que reunisse tôdas as condições de ordem intelectual, moral e técnica para aprimorar a educação da sua mocidade.

Chegou, então, a grande hora da jovem Irmã de Caridade e ei-la a caminho da lendária cidade montanhosa, componente de lusida caravana de religiosas, a maior parte francesas. Como superiora, a Irmã MANTEL, de imperecível memória, filha de ilustre e nobre família e que, seria, anos depois, como superiora da Santa Casa do Rio de Janeiro, condecorada com a Legião de Honra por altos e relevantes serviços prestados à humanidade. Como guião e mentor, o venerando Padre SIPOLIS, da Congregação da Missão, encarregado pelos superiores de velar pelas religiosas itinerantes e levá-las ao compentente destino.

Era, então, a viagem penosíssima, feita sôbre o dorso de cavalos, por caminhos ínvios e agrestes; as refeições limitadas e frugais como o acaso permitia obter; os pousos raros e desconfortáveis. Como, porém, os caminhos de DEUS são floridos, com o coração em festa chegaram as irmãs de Caridade a seu destino.

Instalado o colégio, tornou-se, logo, Irmã ANTOINETTE da absoluta confiança da Superiora. O estabelecimento regorgitava de alunas e a sua fama emparelhava com o nome da jovem religiosa. Aí, passou largos anos, formando espíritos e corações, abrilhantando inteligências. Educou mais de uma geração e as famílias mais representativas do Norte de Minas confiaram-lhe suas filhas.

Um dia, Irmã MANTEL é chamada, por ordem superior, a Paris. Olha em tôrno, precisa escolher uma companheira para viagem além-mar e o seu pensamento pousou sôbre Irmã ANTOINETTE. Era uma alta distinção, uma prova de confiança, uma recompensa por anos de trabalhos ininterruptos na seára do Senhor.

Ao regressar da Europa, Irmã ANTOINETTE volta, novamente, a Diamantina. Estava, porém, destinado que a sua permanência seria de curta duração neste já tão querido torrão, onde passara tôda a sua mocidade e vira aproximar-se as primeiras horas crepusculares. As irmãs de Caridade são soldados de DEUS e o seu quartel é o mundo. Ordens superiores transferem-na para Barbacena.

Já ao entardecer da vida, novas tarefas lhe são impostas. Ei-la, novamente, a lidar com crianças, agora num pequeno e humílde externato anexo à Santa Casa de Misericórdia de Barbacena, creado e custeado por essa grande Irmã PAULA, a benemérita, de tão gratas recordações. Dotada dêste magnífico espírito de fé e caridade, apanágio das almas de eleição, não esmorece, não desdenha as suas modestas e pequenas alunas para as quais é tôda solicitude e carinho.

Entretanto, estava escrito no livro do destino, que Irmã ANTOINETTE seria fundadora de colégios. Irmã PAULA DE BOISSEAU pensava em crear, a expensas exclusivamente suas, um colégio modelar, calcado em pedagogia moderna, em edifício adequado e com todos os requisitos de confôrto e higiene. Estava, assim, Irmã ANTOINETTE indicada, pelas suas excepcionais qualidades de educadora emérita, a liderar o novel educandário.

Construído o edifício do colégio, de conformidade com a pedagogia da época, sóbrio, elegante e higiênico, foi, imediatamente, lotado, sendo necessário suspender matrículas, por falta de espaço. Filhas das mais ricas e destacadas famílias montanhesas corriam às matrículas do modelar

estabelecimento. Já então Irmã ANTOINETTE, na idade provéta, se considerava a Vóvó do Colégio e, apesar disso, mantinha sempre, com rara energia, o seu dinamismo e amor à perfeição do trabalho. Vivendo em perpétuo contáto com as suas alunas, tinha uma diplomacia especial para dirimir questiúnculas e manter sempre em elevado nível a disciplina do colégio. A mais absoluta ordem e a mais rigorosa observância aos regulamentos eram integralmente mantidas.

Severa, quando o momento requeria, possuia, em alto gráu, o espírito de justiça, que tanto impressiona a creança, e era êste um dos segredos do seu grande prestígio. Intransigente, em assuntos de moral e educação, exercia vigilância contínua sôbre maneiras, atitudes e comportamento das suas educandas. E um gesto brusco, uma frase mal ajustada, qualquer atentado à boa educação, eram, logo, reprimidos. Em todos os momentos da vida colegial, — na Capela, nos dormitórios, nos refeitórios, nos corredores e nos recreios — podia-se apreciar o trabalho educativo de Irmã ANTOINETTE: — a disciplina já era um hábito e ninguém se atrevia a infringi-la.

Dirigia Irmã ANTOINETTE os cursos de costura e trabalhos de agulha: saíram das suas oficinas verdadeiras obras de arte, dignas de figurar nas mais exigentes exposições.

O colégio realizava, anualmente, duas festas muito interessantes e bonitas: a do aniversário da Irmã PAULA e a do encerramento do ano letivo. E era Irmã ANTOINETTE a principal inspiradora e animadora dos números mais artísticos e expressivos. Causava admiração aquela pequenina e frágil anciã numa dobadoura, num fremente entusiasmo, animando suas pequenas artistas. Adaptava músicas e canções ao piano, ensaiava pequenas peças teatrais, compunha quadros vivos, calcados sempre sôbre assuntos religiosos. E tudo se apresentava perfeito, irrepreensível.

Foi durante muitos anos Diretora espiritual das Filhas de MARIA e gozava do mais alto prestígio e da mais fervorosa veneração entre as moças congregadas. Depois de tão assinalados serviços, foram-lhe minguando as fôrças e já entrevia, anciosa, o dia do eterno repouso, a suprema hora da imortalidade festiva e floriosa. E santamente morreu a Irmã ANTOINETTE LOBO.

E LEONINA MORAIS DE OLIVEIRA TAVARES, — a quem tôda Barbacena conhece, estima e admira com êsse nome, e conheceu, estimou e admirou como NENEN GOIANO — e que foi preciosíssima aluna e, depois, prestimosa colaboradora da santa Irmã ANTOINETTE, escreveu, a meu pedido, êsse belo e fiel retrato dessa filha de São VICENTE DE PAULO, a quem Barbacena tanto deve e cuja memória merece as bênçãos dos que conheceram em vida tão divinal creatura".

Em 4 de fevereiro de 1900 deixou o padre MARCOS JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES o lugar de vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, no qual foi sucedido, interinamente, pelo padre ANTÔNIO CARLOS DE CASTRO, pro-vigário. Em 5 de maio de 1901, foi nomeado vigário da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena o padre JÚLIO JOSÉ FERREIRA, que se não empossou no vicariato. Em maio de 1901 foi efetivado como vigário da paróquia de Nosas Senhora da PIEDADE de Barbacena o padre ANTÔNIO CARLOS DE CASTRO, que exerceu essas funções até 8 de dezembro de 1908.

Em 18 de setembro de 1901, o padre JOÃO PIO DE SOUSA REIS, devido às suas sucessivas reeleições para o Congresso Mineiro, exonerou-se, a pedido, do lugar de professor do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena.

Aos *Barbacenenses de Prol* assim incorporamos JOÃO PIO DE SOUSA REIS:

"JOÃO PIO DE SOUSA REIS, o padre JOÃO PIO, como era aí conhecido, residiu, por longo tempo, em Barbacena, onde teve grande destaque pela sua atuação no magistério e pelas suas atividades cívicas. JOÃO PIO DE SOUSA REIS ordenou-se padre no seminário de Mariana, a 5 de novembro de 1882, quando dirigia a diocese o seu oitavo bispo, D. ANTÔNIO BENEVIDES.

JOÃO PIO DE SOUSA REIS aparecendo em Barbacena, quando ainda funcionava aí o Colégio ABÍLIO, candidatou-se ao lugar de professor nesse Colégio. Levava êle carta de recomendação para JOSÉ RODRIGUES DURÃES CASTANHEIRA, que era professor de matemáticas no estabelecimento de ensino de propriedade e direção do BARÃO DE MACAÚBAS. Contou-me JOSÉ RENAULT DURÃES CASTANHEIRA, que seu pai, ao receber, pela primeira vez, o padre JOÃO PIO, estava examinando vários cálculos matemáticos, interrogando ao apresentado se poderia êle lecionar aritmética e algebra, obtendo resposta afirmativa. CASTANHEIRA, pretextando sair, para atender a um compromisso, solicitou do padre JOÃO PIO, que deveria submeter-se a uma prova de habilitação para ocupar lugar de professor, que lhe ultimasse as operações matemáticas que estava fazendo. O padre JOÃO PIO realizou logo tôdas as operações, de modo que, ao regressar CASTANHDIRA, lh'as entregou, declarando-se pronto para a prova de habilitação, que lhe estava marcada, ao que CASTANHEIRA lhe obtemperou: — A prova já está feita.

Confiei-lhe, para isso, a realização dêsses cálculos, que acaba de fazer, e que estão perfeitos, demonstrando que o senhor pode lecionar a cadeira de matemáticas a que se candidata.

Em 12 de fevereiro de 1891, o Padre João Pio de Sousa Reis foi nomeado para reger a cadeira de latim e de grego do Internato do Ginásio Mineiro, sendo designado, em agôsto do mesmo ano, para exercer as funções de vice-reitor. Ao deixar Virgilio Martins de Melo Franco a reitoria do Internato do Ginásio Mineiro, que ocupava desde a sua fundação e instalação, sucedeu-o nele, em janeiro de 1892, o Padre João Pio de Sousa Reis, que se conservou no exercício dêsse cargo até 25 de agôsto do mesmo ano, quando se exonerou, a pedido.

Tendo-se separado, em virtude da lei n.º 41, de 3 de agôsto de 1891, a cadeira de latim e de grego, passando a constituir cada uma dessas matérias disciplina separada, continuou o Padre João Pio de Sousa Reis a reger a primeira delas. Em novembro de 1895, foi o Padre João Pio de Sousa Reis transferido da cadeira de latim para a de geometria elementar.

O padre João Pio de Sousa Reis, que figurava com brilho no meio intelectual de seu tempo, em Barbacena, era um dos elementos de grande destaque nas justas cívicas de então, ao lado de Bias Fortes, de Henrique Diniz, de Mendes Pimentel, de Rodrigues Caldas, de Sampaio Ferraz, de Carlos de Sá Fortes, de Artur Joviano, de Antônio Carlos, de Virgilio de Melo Franco, de Camilo Ferreira da Fonseca, de Gonçalves Ramos, de Galdino de Abranches, de Pereira Continentino, de Martim Francisco, e de tantas personalidades do escol barbacenense dos primeiros anos após a proclamação da República, quando o idealismo de uma mocidade referta de anseios democráticos dava à nação brasileira vigorosa vibração patriótica. O padre João Pio de Sousa Reis foi, por isso, eleito deputado ao Congresso Estadual, em junho de 1896, sendo reeleito em outras legislaturas, o que o obrigava a interromper as suas funções no magistério e lhe determinou solicitar, em 18 de setembro de 19[illegible]1, exoneração do lugar de professor do Internato do Ginásio Mineiro.

Tendo, mais tarde, deixado de ser reeleito para o Congresso Mineiro, o padre João Pio de Sousa Reis foi exercer o sacerdócio católico na mata de Minas, onde teve uma atuação eficientíssima, por ocasião da campanha civilista, em prol da causa que se orientava pela palavra crisostômica de Rui Barbosa. Por ocasião de excursão, em propaganda eleitoral, pelo distrito eleitoral de Minas que o elegeu, por duas vêzes, para a Câmara dos Deputados, de Irineu Machado, o padre João Pio de Sousa Reis o saudou em Saúde, no fim da linha da Estrada de Ferro Leopoldina, em praça

pública, produzindo eloqüentíssima oração, que mereceu os maiores elogios daquele notável parlamentar.

O padre João Pio de Sousa Reis foi, durante longo tempo, figura de grande relêvo na vida social, na vida política, na vida do magistério, na vida da imprensa, na vida do clero, em Barbacena. Era êle de inteligência agudíssima, de sólida cultura, de grande coragem cívica e de sinceras convicções democráticas".

Em março de 1902, estreiou no púlpito, em Barbacena, no sermão do encontro da procissão dos Passos, o padre Sinfrônio Augusto de Castro, o que fez mediante licença especial do arcebispo Dão Silvério Gomes Pimenta por não ser ainda sacerdote. Em 5 de dezembro de 1902, faleceu, em Barbacena, o ex-vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre Marcos José de Oliveira Lopes, que era, então, capelão do Asilo de Órfãs Baroneza Maria Rosa.

Na minha galeria de *Barbacenenses de prol* foi incluído o padre Marcos José de Oliveira Lopes com estas referências:

"Tendo-se ordenado padre, no seminário de Mariana, pelo bispo D. Antônio Ferreira Viçoso, a 3 de maio de 1875, Marcos José de Oliveira Lopes depois de ter sido, em 1878, vigário do Sumidouro, foi provisionado vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena. O padre Marcos José de Oliveira Lopes foi o 25.º vigário dessa paróquia, tendo sucedido nesse alto encargo eclesiástico a monsenhor José Augusto Ferreira da Silva e sendo nele sucedido por monsenhor Antônio Carlos de Castro. O padre Marcos José de Oliveira Lopes exerceu o vicariato da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena de 8 de outubro de 1898 a 4 de fevereiro de 1900, recebendo as funções do cargo de monsenhor José Maria Ferreira Velho, que as exercia, dada a morte de monsenhor José Augusto, por designação do bispo d. Silvério Gomes Pimenta.

Deixando as funções de vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, o padre Marcos José de Oliveira Lopes nela permaneceu, até a sua morte, exercendo, então, as funções de capelão, no Asilo de Órfãs Baroneza Maria Rosa, dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Falecendo a 5 de dezembro de 1902, em Barbacena, o padre Marcos José de Oliveira Lopes foi sepultado no cemitério da Boa Morte e o seu enterramento teve grande acompanhamento, dando lugar êsse passamento a muitas demonstrações de pesar, que significaram a alta estima que o sacerdote conquistou entre os seus antigos paroquianos e entre quantos o conheceram como virtuoso ministro de Cristo, digno do apreço dos que lhe apreciavam o espírito e o coração.

Jaz na mesma sepultura do padre MARCOS JOSÉ DE OLIVEIRA LOPES aí inhumado mais tarde, em 20 de fevereiro de 1915, o padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA, que foi, também, capelão, no Asilo de Órfãs Baroneza MARIA ROSA, dos Sagrados Corações de JESUS e MARIA".

Sôbre a Igreja da BOA MORTE escreveu, em 1922, o professor SOARES FERREIRA:

"Os últimos mesários, eleitos em 1902, e cujo mandato se tem prorrogado à espera da reorganização da Irmandade, recebendo apenas o saldo de 60$, conseguiram fazer o soalho da capela-mór de frisos de pinho de Riga, igual ao do corpo da igreja, o soalho da sacristia e outras obras de segurança e limpêsa, que reputaram inadiáveis, despendendo até dezembro de 1903 2:5870355. Além dêsses trabalhos de maior vulto, têm executado vários reparos, embora esteja o templo a reclamar novos outros mais dispendiosos e já orçados, que as atuais circunstâncias não permitem serem agora realizados, como era de desejar".

No ano de 1902, SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO foi mandado lecionar no Colégio do Caraça pelo então Bispo de Mariana Dão SILVÉRIO GOMES PIMENTA por não ter ainda idade para exercer a clericatura.

Em 1903, assumiu a presidência da Conferência de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena o professor JOSÉ CIPRIANO SOARES FERREIRA, que nela permaneceu, durante trinta e seis anos, até 1939.

Em 24 de janeiro de 1904, foi ordenado padre, em Mariana, pelo nosso Bispo da diocese, Dão SILVÉRIO GOMES PIMENTA o barbacenense SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO.

Em janeiro de 1905, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA publicou *Delicadezas grossas ou versos inversos*. Em 4 de março de 1905, o padre TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA foi aprovado em concurso para a cadeira de inglês do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena, e nomeado para suceder na sua regência ao professor LEONARDO CARLOS PALHARES, que falecera no ano anterior. Em 25 de março de 1905, foi levado o sagrado viático da matriz da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena ao Padre-Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. Em 26 de março de 1905, monsenhor ANTÔNIO CARLOS, vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, administrou a extrema unção ao Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. Em 5 de abril de 1905, o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, agonizante, foi visitado pelo professor JOSÉ CIPRIANO SOARES FERREIRA, a quem presenteou com o *Dicionário Bibliográfico da Língua Portuguêsa* de INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, e pelo padre SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO, a quem ofereceu

as *Obras oratórias* de BOSSUET, que lhe haviam sido doadas pelo CONDE DE PRADOS. Ao cair da noite dêsse dia, o padre JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA recitou o salmo 30 — *In manus tuas commendo spiritum meum*. Em 6 de abril de 1905, faleceu, em sua residência, em Barbacena, às cinco horas e dez minutos da manhã, o padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, que foi vestido de sagrados paramentos violáceos pelo padre SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO e foi sepultado no cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte.

Eis como figura em *Barbacenenses de Prol* o padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA:

"O Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA é uma das mais legítimas glórias de Barbacena, onde nasceu, antes da independência do Brasil, a 4 de setetmbro de 1820, sendo filho do advogado provisionado major FERNANDO JOSÉ DE ALMEIDA E SOUZA e de d. BÁRBARA MARCELLINA DE PAULA CORREIA.

Fez JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA os seus primeiros estudos na sua cidade natal; os de humanidades, de música e de filosofia, fê-los, porém, na visinha cidade de São João d'el-Rei. Em 1841, iniciou CORREIA DE ALMEIDA o professorado, sobretudo do latim, de que manteve, por muitos anos, aula, em Barbacena, freqüentada por várias gerações de barbacenenses, entre os quais figuram personalidades de destaque na vida da cidade, do município e do país, e na qual se jubilou, após trinta anos de magistério oficial. O Padre CORREIA DE ALMEIDA conquistou a cadeira de latim, em Barbacena, por concurso feito, em 1846, na capital da província de Minas Gerais, Ouro Preto. Mais tarde, tendo o dr. PEDRO VICTOR RENAULT renunciado à cadeira de francês, que regia, foi anexada essa àquela. De sua autoria é a inscrição do mostrador do relógio da igreja matriz de Barbacena, doação de PEDRO II: *Hora sonans hic admonet urbem munera* PETRI — quando aqui soa a hora lembra à cidade o presente de PEDRO.

Em 1842, tendo, então, vinte e dois anos, assistiu JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA o deflagrar do movimento revolucionário, que explodiu no província de Minas Gerais, irrompendo em Barbacena, e, conquanto não participasse dêle, direta e ostensivamente, foi dos seus apologistas, tendo sido, por entender de arte tipográfica, o impressor da proclamação do chefe da revolução.

Pouco depois de findo o movimento revolucionário, sentindo vocação para a vida eclesiástica, prestou JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA exames sinodais no seminário, que não freqüentou, de Mariana, em 1844, quando foi ordenado presbítero, a 3 de março, com letras dimissórias do

Cabido marianense, no Convento de Santo ANTÔNIO do Rio de Janeiro, por D. ANTÔNIO DE ARRABIDA. Durante a sua vida eclesiástica, exerceu várias capelarias, principalmente a do Asilo de Órfãos de Barbacena, fundado pela Baronesa MARIA ROSA, e coube-lhe, ainda, exercer as funções de chefe da paróquia, como pro-paroco, em 1846 e 1847, quando o vigário JOAQUIM CAMILO DE BRITO, de quem era muito amigo, exerceu o mandato de deputado provincial, e, interinamente, em 1857, sendo, ainda, em certa ocasião, o único padre existente na sua cidade de nascimento. Foi o padre CORREIA DE ALMEIDA, num período de trinta anos, o encarregado dos atos religiosos da capela da fazenda da Borda do Campo.

Notabilizou-se o Padre CORREIA DE ALMEIDA como escritor e, sobretudo, como poeta. Da sua produção literária em prosa só editou a *Monografia da cidade e do município de Barbacena,* que lhe abriu as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como poeta, segundo escreveu um crítico, "cultivou, além do satírico, os mais gêneros de poesia e notabilizou-se como sonetista", sendo "correto no verso, que lhe saía fácil, correntio e espontâneo". Mereceu o Padre CORREIA DE ALMEIDA os gabos de ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO e de CAMILO CASTELO BRANCO. Escreveu CAMILO CASTELO BRANCO, no *Cancioneiro Alegre*: "Não está o sr. padre CORREIA no número dos elogiados caprichosamente por CASTILHO. Tem graça, metrifica nìtidamente, folheia o seu TOLENTINO e é mais erudito do que o que se espera". A sua produção, sobretudo humorística, tendo por lema *ridendo castigat mores,* a recordar o verso horaciano — *ridendo dicere verum quid vetat?* — funda-se no pensamento de RENAN de que só a tolice humana dá exata sensação da idéia do infinito e deu-lhe grande notoriedade e reputação, sendo considerado o NICOLÁO TOLENTINO brasileiro". Colaborou o poeta em jornais locais, no *Itacolomi,* de Ouro Preto, no *Correio Mercantil,* do Rio de Janeiro, e na *Gazeta do Povo,* de Lisboa. Em volumes, deixou o Padre CORREIA DE ALMEIDA o poema heroi-cómico, em dez cantos, *República dos tôldos,* 1881; sete volumes de *Sátiras e epigramas,* o primeiro em 1854 e os demais em anos diversos; dois volumes de *Sonetos e sonetinhos,* em 1884 e em 1887: *Sensaborias métricas,* 2 volumes, 1892; *Decrepitude metromaníaca,* 1894; *Produções da caducidade,* 1896; *Puerilidades de u mmacróbio;* e, por último, *Delicadezas grossas ou versos inversos,* 1905.

AURELIANO PIMENTEL escreveu sôbre a produção litetrária do Padre CORREIA DE ALMEIDA: "Por alvo de suas invectivas tomou êle os vícios e bobagens do viver comum, que escapam à punição legal. Mostrou indignação contra o que se afasta da retidão, de que êle tem cabal conceito como sacerdote católico, respeitável pela sua pureza de costumes. E, enfim, nunca feriu pessoa em particular, nem ofendeu o pudor e a bôa educação". Daí, êstes conceitos de um biógrafo do Padre Mestre: "Como poeta satírico, só se lhe pode apresentar no Brasil um êmulo — GREGÓRIO DE MATTOS — tendo-o, porém, excedido na maneira de fazer a sátira em estilo muito mais elevado e sem injúria a pessôa alguma."

OLAVO BILAC assinalou que "as sátiras do Padre CORREIA DE ALMEIDA sempre tiveram mais alegria do que maldade. Há, em tôdas elas, uma inocência infantil, uma ingenuidade cativante. Se houvesse vivido no século XVI, entre os selvagens que então habitavam o Brasil, êste poeta escreveria *Hinos à virgem,* como ANCHIETA — e, como êle, metrificaria o catecismo dos botocudos; — mas, vivendo no século XIX, entre gente de sobrecasaca e chapéu alto, a sua catequese tinha que tomar outro rumo ... Foi um caturra alegre e inofensivo, indulgente e manso, que nunca poude maltratar os homens, porque sempre amou a vida. Padre tolerante, sem hiprocrisias, e homem alegre, sem ambições, êste poeta, apezar das suas caturrices, sempre teve um otimismo quasi igual ao de Pangloss ..."

Em *Degeneração* está exemplo da lira poética do Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA:

Dos homens de civismo a pura raça
No torrão Brasileiro degenera;
A uberdade tornou-se tão escassa
Que o terreno parece que não gera.

Por mais irrigação que se lhe faça,
Os frutos já não há como os houvera;
A lavoura de outrora hoje é fumaça
Cultivada fazenda hoje é tapera.

A indústria nacional é quase nula
E é só de *cavalheiro* a que regula,
Consistindo nas trocas e baldrocas.

A terra, enfim, não é como era dantes:
Depois de produzir muitos gigantes,
Produz agora lesmas e minhocas.

O Padre CORREIA DE ALMEIDA retratou-se, ao escrever sob uma sua fotografia:

Esta é a figura sediça
Do tal Correia de Almeida:
Padre que apenas diz missa
Vate que não faz Eneida.

A um galeno, médico seu conterrâneo e ainda jovem, de quem se dizia não ser feliz no exercício da sua profissão, mas amador de cinegética, o Padre CORREIA DE ALMEIDA dedicou esta quadrinha venatória:

Um galeno foi à caça
E encontrou um passarinho:
— Espera lá que eu te curo ...
E matou o coitadinho.

Dos epigramas do Padre CORREIA DE ALMEIDA vai aqui uma amostra:

Vossemecê inda ignora
Que sou um homem de bem?
— Ficarei sabendo agora.
Que data a promoção tem! ?

Tendo-se envolvido na política, o Padre CORREIA DE ALMEIDA foi processado e condenado a quatro meses de prisão, que não cumpriu graças ao indulto de D. PEDRO II. Ao advogado adverso, de nome MALHEIRO, e ao juiz do feito, de nome FARIA, o Padre Mestre brindou com estas duas quadrinhas:

Deixando a lei no tinteiro
Todo o direito transtorna
O juiz, quando é bigorna,
Sob a pressão do *malheiro*.

Se escolher sentidos latos
Contra o réu se não consente,
P'ra condenar o inocente
Só o *faria* PILATOS.

O Padre CORREIA DE ALMEIDA era enamorado de seu torrão natal, que assim decantava, em 1852:

A CIDADE DE BARBACENA

Da corruta atmosfera cortezã
De putridos miasmas,
Peregrino viandante, vens fugindo,
E já percorreste
As sombrias florestas do P'raíba,
E galgaste a soberba Mantiqueira,
Teatros de infortunios
Para o triste Mineiro, que buscara
A estrada que ao empório o conduzia.

Toma alento, descança da fadiga;
Já não tens de subir, e estás bem longe
Da corruta atmosfera cortezã
De putridos miasmas.
Nesta imensa chapada que deslisas
Não parece que as raias do horizonte
Amplíssimas excedem teus olhares?
Acaso não respiras docemente
O plácido favonio?
Como teu coração não se dilata
Enérgico batendo
De inefável prazer dentro do peito!
Não vês além, nas bordas da campina,
Alvejante cidade sobranceira?
Vês, repara! E' a altiva Barbacena,
Erguido Capitólio inacessível
Aos botes de ridículos mandões.

Baependi, setembro de 1852.

O Padre CORREIA DE ALMEIDA assim aludiu, de uma feita, ao nome que Barbacena possúe:

Uma rua na alegre Barbacena
Chama-se — "Pau de Barbas",
E a origem deste nome
E' secular, gigante, excelso tronco
De uma árvore crínita
Que tem pendente a barba veneranda,
Qual ancião maduro
Curvado ao peso dos anos que passaram.

Resiste ao tempo
Tão firme e quedo,
Como se fôra
Duro rochedo.

Mas quando sopra
A brisa amena,
Move-se a barba,
A *barba acena*.

Dessa árvore crínita, de que não tiveram a visão os barbacenenses da minha geração em deante, fez o professor JOÃO MASSENA, há tempos, crônica de saudade deveras evocativa.

Cioso das condições de Barbacena, que julgava credencia-la para capital do Estado, o Padre CORREIA DE ALMEIDA estava sempre alerta e

atento ao problema da transferência da capital de Minas da sua séde, em Ouro Preto.

Quando, em 1891, na administração do governador BIAS FORTES, o assunto ficou intensamente em fóco, o Padre Mestre escreveu:

Quem quer os fins põe os meios,
E assim vae a cousa avante,
Sendo a idéia triunfante,
Dissipados os receios.

Sisuda, sem galanteios,
Propaganda se levante
E abale, à força, bastante,
De Vila Rica os esteios.

Se pessoa escrupulosa
Dis que a empreitada é custosa,
Direi eu que não é tal.

O *capital* da mudança
Se alguem der, logo se alcança
Mudança da capital.

Mais tarde, quando os partidários da mudança da capital foram denominados "mudancistas", o Padre CORREIA DE ALMEIDA glosou assim a denominação:

A CASTRO LOPES e outros exemplares
Deviam consultar, por segurança,
Os tais apologistas singulares
Da injusta e *capitalica* mudança.

Mas eu noto que sábios luminares,
Fitando *capitais* de mais chibança,
Tão amplamente estendem seus olhares
Que a linha visual o infindo alcança.

No seu entusiasmo forte e ardente,
Se neologísmo querem, *mudancistas*
Êles podiam ser portuguesmente

Ou, *mutatis mutandis*, mutandistas
Ficavam sendo assás latinamente,
Se a pressa os não fizesse *mudantistas*.

Quando o governador AUGUSTO DE LIMA propoz, em mensagem, a mudança da capital, par ao local em que ora se acha, declarando DIOGO DE VASCONCELOS que a terra, aí, era propícia ao desenvolvimento do papo, o Padre CORREIA DE ALMEIDA aproveitou a oportunidade para escrever:

Ao Congresso propõe-se, na mensagem,
Que lá para o Curral d'el-Rei se mude
A velha capital, que, bronca e rude,
Em si reune tôda a desvantagem!

Congressistas é certo que reagem,
Si nisto o meu bestunto não se ilude:
Apesar da beleza da altitude,
Tem seu "que" de ruindade essa paragem.

A proposta, portanto, há de ir abaixo,
Depois que a discussão atice o facho
De voraz caloroso e ardente fogo.

Conforme está provado por estudos,
Os curraleiros todos são papudos,
O que êles todos devem ao DIOGO ...

Ao deliberar o Congresso Mineiro a mudança da capital, o Padre Mestre voltou ao assunto:

O Congresso de Minas fêz decreto,
Tirando a capital de Vila Rica,
E em Vila Rica emprega-se arquiteto
E paço do Senado se edifica!

De que vos admirais, povo concreto?
Cae-vos o queixo e a boca aberta fica!?
Não vedes que por tramite discreto
Hoje o ser e o não ser se identifica?

Perfeitamente casa a transferência
Com a mais arraigada permanência,
Conforme se conclue da sábia lei!

E aquêles que no absurdo forem práticos
Não façam paralelos esquipáticos,
Enquanto reinam roques e não rei.

Ao ser conhecida a preferência de Aarão Reis pela Várzea do Marçal para localisar-se a nova capital de Minas, o Padre Mestre cantou em versos o que denominou *Imparcialidade aaronica*:

O engenhoso engenheiro, nomeado
Juiz da *capitalica* mudança,
Lançou Juiz de Fóra para um lado,
Barbacena excluiu da contradansa!

No espaço de três anos limitado
Cidade afiançou de tal chibança,
Que à América do Sul não será dado
Possuir outra igual! Ó que esperança!

Nesta fina pilheria de bom gosto
A mancheias parece que êle há posto
A mais grossa ou maior dose de sal!

E, por honra de nossa ingenuidade,
O centro descobriu de gravidade!
Sabem onde? Na Várzea do Marçal!

Quando, afinal, reuniu-se, em Barbacena, o Congresso Mineiro, de que faziam parte vinte e dois médicos, escreveu o Padre Correia de Almeida em "A Folha", editada por Artur Joviano e redigida por Mendes Pimentel:

"Minha sensata opinião. — Desta vez escrevo em prosa, por falta de rimas adequadas. A questão da mudança da Capital de Minas Gerais está afeta ao Congresso Mineiro reunido nesta nobre e muito leal cidade de Barbacena, e, como entre os congressistas avulta a classe médica, suponho que não deixará de haver todo o cuidado afim de evitar-se o abôrto. Para que o feto chegue a ponto de gosar dos foros de criança, com todos os requisitos ou condições de viabilidade, não fôra mao que logo em princípio se tivesse nomeado uma comissão especial e idônea, que natural e cronològicamente exprimisse as tres notáveis fazes da procreação. Esta comissão, a meu ver, deveria ter sido composta dos seguintes congressistas: Costa Sena, representando a conceição; Monte Raso, representando ao dores da boa esperança; Mariano de Abreu, representando o bom sucesso."

Em *Recordando*... escreveu, de uma feita, no *Jornal do Comércio*, Max Fleiuss sôbre os padres que encontrou em 1900, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

"Aliás o Instituto sempre os possuiu, dos mais respeitáveis, em seus quadros sociais, desde seu grande fundador, cônego Januário da Cunha Barboza.

Um dêles era meu conhecido velho, desde Barbacena, — o Padre Correia, José Joaquim Correia de Almeida, que sob as aparências de extraordinária modéstia, ocultava um homem profundamente ilustrado, conhecedor dos fatos sociais e de seus protagonistas, apreciando-os com um tato especialíssimo.

Numa carta que me dirigiu de Barbacena em 1902, agradece uma referência que lhe fiz, agradece-a, dizendo que "compensava sobejamente o pouco caso que os nossos imparciais críticos costumam liberalisar-me—".

Sua longa existência, 4 de setembro de 1820 a 1 de abril de 1905, — servirá de exemplo de um homem que aos primores do espírito aliava as opulências do coração.

Fernandes Figueira descreveu-o num belíssimo soneto:

"O pobre padre ancião que humildemente passa
Entre a turba feliz dos príncipes da Igreja
De honraria, a menor, não mereceu a graça:
Há de padre morrer, e nada mais deseja.

Mas a morte ao chegar, transmuda-se a desgraça.
O rebanho de anões, que hoje provoca a inveja,
— a púrpura ou a murça, o báculo que seja
Tudo em pó se fará, e é justo que se faça.

E o pobre padre velho, o sacerdote obscuro
O nome salvará do esquecimento humano,
Há de a mitra cingir no templo do futuro.

Na ironia — primaz, o verso veterano,
Êle soube fundir em o molde o mais puro
O estro de Juvenal na língua de Herculano".

Quando, por ocasião das festas do Quarto Centenário do descobrimento do Brasil, foi aberto concurso para a letra de um hino, cabendo o prêmio a Guimarães Passos, o Padre Correia fez-lhe pelo *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra uma análise deliciosa sem agressividade, digna de ser novamente apreciada:

"Passo a transcrever o hino composto pelo simpático Sr. Guimarães Passos e preferido pela respeitável Associação, intercalando-lhe ligeira

análise, sem o perverso intuito de abalar o crédito do autor, mais que suficientemente firmado em outras obras.

— I —

Mar em fúria ... e no mar caravelas ...
Ruge o vento; dos raios à luz,
Vê-se o sangue de Christo nas veias,
Derramado nos braços da cruz.

Côro

Há perigo de alguem naufragar?
Marinheiros não temem o mar.

O poeta começa esta primeira estância com duas reticências, hesitações que não se coadunam com a presteza entusiástica de um hino patriótico.

Sem temer a contestação de algum discípulo de ALEXANDRE HERCULANO, menciona o fato do sangue de CRISTO visto nas velas dos navios! Essa inaudita afirmação deve causar assombro aos mais crentes e fiéis christãos, que ajoelhados batem nos peitos, quando se eleva o calix nos tres vêzes santo sacrifício da missa.

O côro do hino sustenta que marinheiros não temem o mar! Isto seria verdade se não se desse a constante necessidade de recrutamento para a marinha.

— II —

Formidável redobra a tormenta,
Mas às náus santa idéia conduz;
Sua audácia o perigo acrescenta,
Tem de CHRISTO na velas a cruz.

Côro

Há perigo de alguem naufragar?
Marinheiros não temem o mar.

Não deixa de haver cacophonia, ainda que simples, na junção destas tres palavras — *mas as náus.*

A oração — *sua audácia o perigo acrescenta* — não escapa ao vício da amfibologia, pois, dos dois nomes que aí se acham não se sabe qual é o sujeito, nem qual é o complemento direto do verbo transitivo — acrescentar.

A colocação destas palavras — *de* CHRISTO *nas velas a cruz* está algum tanto baralhada, parecendo que o poeta diz — *velas de* CHRISTO, quando sua intenção, se não me engano, era dizer — *cruz de* CHRISTO.

— III —

Nuvens negras e vento bravio
DEUS a um gesto, sereno, reduz;
E das ondas a frol o navio
Vai soberbo, nas velas a cruz.

Côro

Há perigo de alguem naufragar?
Marinheiros não temem o mar.

Parece que o poeta pretendia dizer que DEUS, empregando um gesto sereno, diminuiu, ou dissipou nuvens negras e vento bravio; porém o verbo *reduzir* ordinàriamente pede complemento terminativo que nesta oração não podia ser senão o mencionado gesto sereno, ao qual ficaria reduzida tôda a tempestade!

Quando o escritor figura personagens antigas, a discorrerem lá nesses tempos idos, é mui natural e produz belo efeito o emprêgo de palavras ou frases antiquadas, conforme se observa, por exemplo, nas interessantes sextilhas de frei ANTÃO (de GONÇALVES DIAS) ou nas deliciosas manuelinas do Sr. Visconde JÚLIO DE CASTILHO.

O autor, porém, do hino do centenário escreve para uma festa da atualidade, devendo por isso empregar têrmos que hoje estejam em voga. Se os escritores antigos dizem — fról — e os modernos dizem — flor — não acertou êle usando aquêle vocábulo incorreto, e desprezando êste, que é correto, pois a derivação vem do latim — *flos, floris.*

O saudoso Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, poeta e prosador brasileiro da melhor nota, na 6.ª página da *Nebulosa,* exprime-se assim:

"Ninguem da maga diz que o corpo exanime boiasse *à* flor das águas".

— IV —

Ai! já sopram as vagas fagueiras!
Ah! já terra se avista! Eia! Sus!
Verdes frondes ali, altaneiras,
Já contemplam das velas a cruz!

Côro

Adeante, adeante, avançar!
Marinheiros não temem o mar.

O primeiro e o segundo verso desta estância começam por trocadilho, e até parece que o autor ia dizer: *haja terra,* que descobridores não faltam! Porém, não, o que êle diz é: *já terra se avista.*

Dizendo-se — *já terra se avista* — claro é que ainda se está longe, e a distância impede que *frondes ali altaneiras contemplem das velas a cruz.*

A figura gramatical dêste maravilhoso trecho traz à memória um fato histórico. Disse NAPOLEÃO BONAPARTE, na campanha do Egypto: "Do alto daquelas pirâmides 40 séculos vos contemplam". Tomou o terrível conquistador o efeito pela causa, e na sua sua imaginação as pirâmides representavam o trabalho colossal de seculares gerações humanas, certamente dotadas de atenção, comparação e raciocínio.

Com arrojo mais que napoleônico, o eloquente autor do hino tomou o continente pelo conteúdo e eis que as verdes frondes, para contemplarem devidamente as velas da frota cabralina, pedem emprestados os olhos e a atenção e a comparação e o raciocínio das gitiranaboias, das taturanas, dos bichos cabeludos e das perérécas!

— V —

Marinheiros! Joelhos em terra!
(E hasteando o padrão de JESUS)
Tenha a bênção que o símbolo encerra,
Diz CABRAL, eis aqui Santa Cruz!

Glória a DEUS, que nos fêz aportar.
A *esta terra,* no mundo sem par.

Esta quinta e última estância sobrepuja as quatro antecedentes.

Ainda não tinham desembarcado, quando capitão CABRAL ordena aos marujos *joelhos em terra!*

O maestro que se aventurar a compor a solfa para o hino galardoado, se quizer observar as regras da melopéia, tem de se ver em calças pardas; pois, quando há parentesis, é preciso mudar de tom, ou pelo menos, empregar notas mais graves.

E, observando-se o preceito, esta quinta estância, por causa do segundo verso, não poderá acomodar-se à música da primeira, na qual não há parêntesis; assis como a música da primeira não se acomodará às subseqüentes estâncias, nas quais não há reticências.

Interrogado, o mais inteligente estudante de gramática portuguesa não dirá imediatamente qual é o sujeito do verbo *tenha*: mas, enfim, depois, de ter bem meditado, responderá que é — *Santa Cruz.*

Atribuindo-se a PEDRO ÁLVARES CABRAL estas expressões — *eis aqui Santa Cruz,* parece indicar-se que tinham os intrépidos marinheiros a antecipada e fixa idéia de haver uma terra cujo nome, antes dêles a descobrirem, já era *Santa Cruz!*

Isto, porém, é anacronismo, pois êsse nome deu-se-lhe posteriormente, por ter sido descoberta no dia ou nas aproximações do dia 3 de Maio.

Se o descobrimento se efetuasse, por exemplo, na dominga ou na vigília ou na oitava de Pentecostes, o nome seria *terra do Espírito Santo!*

Como chave de ouro, o hino premiado traz no fim êste verso duro:

A esta *terra,* no mundo sem par!

Verdade é que o nosso CASEMIRO DE ABREU dirigindo-se a FAUSTINO XAVIER DE NOVAES, disse:

Bemvindo sejas, poeta,
A *estas praias* brasileiras.

Porém, um senão em versos feitos ao correr da pena, ou talvez improvisados, merece desculpa, que se não deve conceder ao escritor de concurso, com alguns mezes de espera.

Relativamente a êste ponto consulte-se o tratado de metrificação do respeitadíssimo visconde de CASTILHO, e ver-se-á que tão sábio mestre considera duro o verso quando faz sinalefa ou absorção de um ditongo ou vogal longa em outro ditongo ou vogal longa.

Concluo esta inocente análise, sem respigar, isto é, sem aproveitar algumas espigas, que ainda restam; e fico certo de que o retumbante hino galardoado há de ser lido em Portugal, onde há muito quem entenda do riscado.

Praza a DEUS que lá não se riam de nós.

Barbacena 27 de junho de 1899. *Padre* CORRÊA DE ALMEIDA."

Escrevendo *in memoria* sôbre *A morte de um Padre — Poeta,* o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO descreveu-a, na *Santa Cruz,* revista do Lyceu do Sagrado Coração, de S. PAULO, em número de agôsto de 1913, nêstes têrmos:

"*Electi mei non laborabunt frustra.* (ISAIAS, cap. 65, v. 23).

Admirei-o em vida pelas irradiações do seu florido talento, pela formosura de seu caráter intemerato, pelo brilho das virtudes excepcionalmente raras, que nêle prefulgiram acrisoladas.

Mais ainda, admirei-lhe, na morte, a resignação invejável, a paciência sobrehumana, com que o vi afrontar, animoso e sereno, as dores cruciantes que sobremaneira o torturaram, no periodo martirisante da penosa enfermidade, a que sucumbiu.

Coube-me a fortuna inapreciável de acompanhar com muito carinho e amor, em os seus derradeiros dias, o ilustre ancião, cujo nome, constelado de glorias, é uma pagina rutila nos fastos da historia mineira.

Não vão rodados muitos mezes, dês que o tumulo, inexoravel e atro, acolheu imaculo o venerando presbitero e saudoso vate.

Transcorriam os ultimos dias do mez de março do ano vigente.

Alquebrado pela velhice, vergado ao peso de seus oitenta e cinco janeiros, sobremodo abatido por mortífera astenia cardiaca, o Padre-Mestre já não acalentava fagueiras esperanças de prolongar a vida.

Aos numerosos amigos, que lhe perguntavam com vivissimo interesse pela saúde preciosa, o augusto velho manifestava, com admiravel grandeza de ânimo, a convicção, que êle varonilmente mantinha, de que fatal lhe seria a pertinaz enfermidade.

E na verdade, o anjo do extermínio já esvoaçava implacavel por sobre o této do consagrado silógrafo. Nesses dias de angustia, que se escoavam dolorosos e tristes, o exímio e primoroso poeta deu ainda à estampa o pequeno opusculo, chistosamente intitulado — *Delicadezas grossas ou versos inversos* — onde se enfeixam as ultimas e admiraveis produções daquele genio peregríno, finamente mordaz, galhofeiro e culto. Sacerdote austero e puro, cuja fronte veneranda aureolava um formosissimo estema das mais raras prendas morais, para a urna funerária êle se aparelhará como a vitima resignada que se enfeitasse para o sacrifício. Todas as demonstrações de uma alma piedosa e santa, de modo edificantissimo, lhe foram solenizar os derradeiros momentos.

Na manhã de 25 do mencionado mês, aparatoso prestito religioso desfilára da igreja-matriz em demanda da residência do ilustre enfermo: — o Sagrado Viatico, pabulo salutifero, cibo celeste e divíno, supremo conforto das almas privilegiadas, que se despedem deste val de pranto e se vão alegres, felizes, bem afortunadas, para a região da eterna paz, era publicamente, e com toda a pompa, levado ao piedoso moribundo, que essa graça inefabilissima, reiteradamente, reclamára.

Radiosa e imponente era a figura respeitavel do bonissimo sacerdote, nesse momento de solenes emoções. Assentava-se em uma cadeira, descansando os pés em pequena almofada; vestia sobrepeliz; pendia-lhe do colo a estola sacerdotal, branca como a sua alma candida; a fronte levemente inclinada, mãos erguidas em atitude suplicante, o seu exterior, manso e tranquilo, revelava a angelica pureza e a meiga bondade de um coração inocente. Transparecia nêle a doçura de um anjo.

Foi a ultima comunhão do padre Corrêa de Almeida tocante espetaculo de edificação que me produziu no espirito inenarraveis impressões e (porque não dizê-lo?) santa inveja.

Terminadas que foram as cerimonias, prescritas pelo ritual, sacerdotes e fieis retirámo-nos encantados com a lição salutar, com o exemplo, belissimo e frisante, que vinhamos de receber, comovidos.

Nada mais de notavel se realisou nesse dia, de que guardo imarcessiveis recordações.

Desde então, nos quatro angulos da cidade cresceu, momento a momento, inexprimivel ansiedade, que ninguem sopitava, por noticias do idolatrado enfermo, cuja casa era procurada por grande numero de pessoas de todas as classes sociais, não raro iludidas por fugitivas aparencias de melhora.

Não assim acontecia ao meigo velho moribundo, que se não iludiu, uma só vez. Estorcendo-se nas vascas da morte, té aos paroxismos tetricos da agonia, se lhe não ofuscou, um só instante, o fulgor da inteligência, sempre inalteravel e vivaz e luminosa e lucilante.

Presagioso foi o caír da tarde, do dia seguinte. Feneceram, quais flores candidas estioladas por temerosa rajada, e sumiram-se nas trevas da noite de 26, todas as doiradas esperanças de ver restituido ao cenaculo da religião e à republica das letras o padre-poeta, a quem asado pareceu o momento para pedir a santa Extrema-Unção. Administrou-lhe esse derradeiro e grande Sacramento o ilustre Monsenhor Antonio Carlos, devotado pároco desta cidade. Cada vez mais admiravel e edificante era a piedade, que inflamava o coração do moribundo; aumentavam-se-lhe os sofrimentos atrocissimos, crescia-lhe a evangelica realisação.

Uma circunstancia momentosa, para mim motivo do mais honroso desvanecimento, é muito para registrada, nesta narração singela e tosca:

O querido enfermo, que, dias antes, me havia recomendado que eu o não deixasse, em os seus derradeiros momentos, com insistencia, reclamava a minha presença, quando percebia, aflito, que me havia retirado do seu aposento.

É que, a cada segundo, êle via estender-se sobre si a grande sombra da morte, e então lhe era consolador o orvalho, almo e opimo, da remissão cristã — a absolvição sacramental, que muitas vezes lhe eu dei, té as la-

grimas enternecido porquanto eu o respeitava e queria com extremos de amor.

Desapontara formoso o mez de abril. Nos arreboes de uma linda manhã, o padre CORRÊA DE ALMEIDA sentiu-se demasiadamente mal, e então era já desesperador o seu estado. Inopinadamente, eu vi estranha palidez cair-lhe de chofre sobre as faces macilentas, descoradas, lividas: era o palor mortal, que o desfigurara. Os que lhe cercavamos, desvelados e mestos, o leito de agonia, pensavamos que chegado era o termo daquela vida preciosissima. Nesse instante, o meigo moribundo pediu-me o adoravel crucifixo, osculou-o resignadamente, e desde então o não deixou mais: ora o apertava amoravelmente contra o peito, ora o chegava aos labios com sinais visiveis do mais inefavel afeto. Dos labios lhe colhi, por essa ocasião, estas palavras, que bem manifestam a nobreza de seus sentimentos e a magnanimidade daquela alma generosa e boa: *"Perdôem-me alguns agravos ... Eu perdôo ..."*. À fé um pranto copioso, ardente irreprimivel, rociou-me a face, nesta hora torva de lancinante angustia.

Chegado não era, entretanto, o trespasse lacrimabilissimo do santo sacerdote e excelso poeta moralista.

E assim se foram amarissimos os derradeiros dias do vate generoso, que se entretinha em repartir os livros da sua excelente e florea biblioteca com os amigos que o visitavam amoraveis, a quem chistosamente narrava sonhos que lhe haviam perturbado o sono.

De uma feita, o padre-mestre me disse que sonhara ter morrido e entrado no purgatorio. Outro sonho, que eu sei de quanto conforto e lenitivo lhe serviu, foi que JESUS CRISTO lhe havia aparecido, e que de seus labios dulciloquos ouvira estas palavras: *"Hodie mecum eris in paradiso"*. "ANTES FOSSE REAL", acrescentou docemente o moribundo, com visos de quem anciosamente desejava a paz supra-terrestre, termo das suas mais fagueiras esperanças.

Outra vez, sonhara ter dado o nome à sociedade maçonica. Numa ironia, finamente picante, sorriso zombeteiro brincando-lhe nos labios, a quem quer que o visitasse narrava ledamente esta ficção, esquipatica e ridicula.

Lição frisante e laudabilissima, que nunca se admira assaz, é a prática da caridade, alma rainha das virtudes cristãs, que, si florejante o foi sempre nos longos dias de CORRÊA DE ALMEIDA, mais brilhante lhe ressumbrou no grabato da morte. A cada instante, no seu torturante penar, o generoso sacerdote se lembrava dadivosamente dos pobres a quem, DEUS o sabe!... quantas lagrimas enxugara, espontaneo e bom.

Não raro, eu o ouvi manifestando formais determinações de que se levassem a creanças desherdadas e a familias pauperrimas otimos auxilios pecuniarios. Creio todas essas deliberações ultimas foram religiosamente cumpridas pela virtuosa senhora d. MARIA OZORIO, do grande brasileiro digna sobrinha, que, como anjo tutelar e heroina do bem, de carinhos inefaveis lhe cercou o anoitecer da vida.

É que para CORRÊA DE ALMEIDA a caridade não era, nunca o foi, pura ideia bruxoleante e inane, que se esvaisse em fogo fatuo. Era antes uma virtude altissima, que o padre-poeta cultivou carinhosamente. E note-se que os doirados dons da fortuna jamais lhe favoreceram a bolsa, sempre caroavel de grandes benemerencias e rescendente dos suaves perfumes da caridade, em que foi inexcedivel.

No proprio exercicio nobilissimo do magisterio, onde tanto se distinguiu e brilhou, lhe não faltaram sobejas oportunidades de acepilhar essa preciosissima joia evangelica, essa finissima perola sem preço — a caridade, que, no epilogo da vida, lhe foi um ornamento especioso e puro, guiando-o, como a lampada do mineiro, no caminho do bem fazer.

Na antevespera da morte, visitado pelo venerando padre LUIZ BOAVIDA, que lhe dirigiu palavras de amor, confortando-o e despertando-lhe a paciencia com estas palavras de CRISTO — *in patientia vestra possidebitis animas vestras* — de pronto lhe acudiu o bondoso enfermo nestas expressões, que harto manifestam as santas disposições, com que aceitava a morte: *"Não me tem faltado, graças a* DEUS..." E com efeito lhe não faltou nunca, nos lances aflitivos da enfermidade séva, paciencia admirabilissima.

Era vindo o penultimo dia da existencia terrena de CORRÊA DE ALMEIDA.

Lembro-me de que foi afetuosamente visita-lo, nesse dia lacrimosissimo, o poeta SOARES FERREIRA, que lhe presta hoje a mais amoravel vassalagem póstuma, escrevendo-lhe os traços biograficos e estudando-lhe com o esmeril da critica desembaraçada, imparcial e justa, o admoravel e brilhante perfil literario. *"Tristis est anima mea ... Estou sofrendo muito ..."* foram as comoventes palavras com que o acolheu o vate agonisante, que ainda se entreteve em ligeira palestra, cheia de muita gracilidade. Momentos depois, retirava-se do seu aposento o Snr. SOARES FERREIRA, a quem obsequiou com o *Dicionario Bibliografico Portuguez* de INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Conscio do seu estado letal, o padre agonisante me pediu, duas vezes, que rezasse os salmos penitenciais, repetindo-os êle em voz clara e forte, embora grandemente abatido, quasi nas ansias extremas da morte.

Penhorado com a dedicação que lhe eu mostrava, como muito mimosa lembrança, deu-me então as obras oratorias de BOSSUET, que lhe eram carinhosa dadiva e dileta recordação do grande brasileiro Conde de PRADOS, notabilissimo patricio e estremecido amigo do poeta satirico.

Ao cair da noite, derradeira que foi daquela vida querida, o salmo 30 foi por êle recitado, crebas vezes, pausadamente, com muita piedade e unção, tomando detença nos seguintes versiculos:

In manus tuas commendo spiritum meum: redemisti me Domine DEUS *veritatis* . . .

Ego autem in te speravi, Domine; dixi: DEUS *meus es tu, in manibus tuis sortes meae* . . .

Quam magna multitudo dulcedinis tuae Domine, quam abscondisti tementibus te . . .

Benedictus Dominus: *quoniam mirificavit misericordiam suam mihi in civitate munita* . . .

Não raro, eu o vi beijando o crucifixo, olhos mareados de lagrimas, dizendo com manifesta compunção: *Domine* JESU, *accipe spiritum meum!* . . .

Não será demais acentuar aqui a devoção, que êle consagrava a Beatissima VIRGEM MARIA. Já moribundo, me fez celebrar missa, por sua intenção, em honra da preexcelsa Virgem das DORES, em cujo gracioso altar, na igreja matriz, todos os dias, por longos anos, êle celebrara devotissimamente.

Não há dúvida: a piedade e o amor de DEUS, a fé acendrada e a devoção solida refulgiram de feição admirável e muito para imitada na grande carreira do padre CORRÊA DE ALMEIDA, e maxime nos ultimos dias que na terra generosamente lhe concedeu o Senhor.

Às cinco horas e dez minutos da manhã de 6 de abril deste ano de 1905, sobreveio-lhe alfim o transito suave e doce: ao cabo de muito sofrimento intenso, calmamente suportado, o padre CORRÊA DE ALMEIDA tranqüilamente rendeu o espirito ao Creador.

Si "o segredo da vida espiritual está em bem acabar", como ensinam os asceticos, certo, para o velho padre poeta não foram segredos os encantos do celeste amor e as alegrias inalteraveis e purissimas do santuario: fazendo-se exul do mundo, fez-se celicola imortal. *Obdormivit in Domino* . . .

De pranto madidas as minhas faces, trajei-lhe o corpo inanimado dos sagrados paramentos violaceos, que, cerca de um ano antes, adrede êle

havia, com evangelica fortaleza, adquirido para esse dia temeroso e mesto e letifero.

Imaculado foi na longa carreira sacerdotal, que por mais de doze lustros perlustrou, abnegado e forte, sempre inflexivel na firmeza de suas convicções. Eu, que lhe recebi o ultimo alento, o senti puro e santo, na "hora suprema da suprema angustia", quando lhe voltejavam o leito, implacaveis e negras, as sombras letais.

Si a vida de CORRÊA DE ALMEIDA foi entre nós uma lição de dignidade, porque, sempre composto nos costumes, extremoso nos afetos, intemerato na lealdade, candido no sentir e no dizer, mereceu apontado como arquetipo da religião e da moral, incontaminado até de suspeitas, impondo-se à admiração de todos como emblema de virtudes e poema de refulgentes e raras prendas morais, quais hoje já não há, o transito, tranqüilo e cheio de suavidade, foi-lhe egualmente uma estrofe de devoção e fé, em que se lhe exalçou a alma aos aditos da sempiterna gloria.

Sempre juvenil e jovial, té sumir-se no ocaso sombrio do sepulcro, conservou inextinguivel e viva a flama do amor às idéias e às aspirações, que lhe haviam enflorado os verdes anos, notando-se que êle nunca teve espelho em cujo reflexo apreciasse as proporções de sua própria grandeza, tornando-se em condição e virtudes maior do que dêle apregôa a fama."

Ainda escreveu no trabalho invocado, o Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO:

"Vem a talho de foice entalhar aqui um fragmento brilhante das produções cintilantes do inolvidavel silógrafo. Revelação incontestavel da sinceridade das suas crenças, prece incendida a JESUS CRISTO, e a um tempo farpa satirica e mordacissima aos espinhos fortes da quadra contemporanea, é o magistral soneto que se lê à pagina 66 do 4.º volume das *Satiras*, dadas à estampa em 1868.

Ei-lo:

SONETO

Voluntário seguindo a pura crença
De um DEUS que se encarnou para remir-me,
Eu espero viver e morrer firme,
Pensando como a Santa Igreja pensa.

A fé sincera e viva e sempre intensa
Em mim, ó JESUS CRISTO, se confirme,
Até que enfim a luz venha sorrir-me
De tua beatífica presença.

Spírito forte e incrédulo discuta
Na insensatez da mente pervertida
Aquilo que mistério se reputa.

De vã filosofia exposto à lida,
Si êle aspira às vitórias desta luta,
Eu só quero alcançar a eterna vida.

Si o padre CORRÊA DE ALMEIDA na tribuna nunca brilhou, nem enramou jamais, pequenos que fossem, louros oratorios, porque havia nêle certa timidez notavel e muita modestia inexcedivel, incriveis em um homem tão culto e sabio, que hesitava embaraçado e titubeante a cada enunciação do pensamento, enloirou-lhe o nome a satira, que era para êle flama sagrada, que se não apagou té a morte.

Não foi, não podia ser orador; mas, a sua pena era o latego dardejante de finos epigramas, com que castigava inexoravel os erros em que se encastelam densamente sobre a sociedade contemporanea. E realçando-lhe o formosissimo engenho, foram dotes peregrinos de CORRÊA DE ALMEIDA o bom senso, o amor da justiça, a probidade sem jaça, a casta inocencia dos costumes, a bondade extrema do coração, a piedade sincera a uma impoluta honradez, em que jamais se lhe apontou um eclipse".

É o Padre CORREIA DE ALMEIDA patrono da 19.ª cadeira da Academia Mineira de Letras, para isso escolhido pelo seu primeiro ocupante – FRANCISCO LINS.

Barbacena tem acendrado culto pela memoria do seu saudoso cantor. Em setembro de 1891, os alunos do Internato do Ginasio Mineiro fundaram gremio literario denominado Club CORREIA DE ALMEIDA. Dadiva de OLINTO DE MAGALHÃES, a sua herma, em bronze, magnifico trabalho de CARPENTIER, depois de figurar ao centro do jardim da Praça dos ANDRADAS, aí permanece, agora, defronte da casa onde sempre residiu e onde se finou o Padre CORREIA DE ALMEIDA, a 6 de abril de 1905, nela residindo, atualmente, a excelentissima senhora d. OLIVIA DE MORAIS BRITTO. A principal e a mais antiga filarmonica de Barbacena é a Banda CORREIA DE ALMEIDA. Sociedade de Beneficencia, de proteção aos indigentes, dá-lhe, aí, relevo ao nome bem querido e nunca olvidado.

Traçando estas linhas sobre o saudoso Padre Mestre, guardo-lhe na retina a figura veneranda, a passeiar, apoiado em bordão e a assoviar baixinho, metrificando os seus versos. De uma feita, aluno do GINASIO MINEIRO, ia em companhia de DANIEL DE CARVALHO, meu colega, que era, então, mais usualmente, DANIEL SERAPIÃO. Apresentei-o ao Padre, que,

presto, nos interrogou: – "Será pião? Não será piorra?" Como essa brincadeira, era assim toda a produção de CORREIA DE ALMEIDA: espontanea, inofensiva, simples, delicada, ingenua, como a sua alma bôa, nimiamente bôa, infinitamente bôa".

Em 10 de novembro de 1906, decreto consistorial do papa PIO X elevou a arcebispado o bispado de Mariana, ao qual pertence a paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena.. Foram Bispos da diocese: 1.º. D. Frei MANOEL DA CRUZ, de 1748 a 1764; 2.º. D. JOAQUIM BORGES FIGUEIROA, de 1772 a 1773; 3.º. D. Frei BARTOLOMEU MANOEL MENDES DOS REIS, de 1773 a 1793; 4.º. D. Frei DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO DE PONTEVEL, de 1779 a 1793; 5.º. D. Frei CIPRIANO DE S. JOSÉ, de 1798 a 1817; 6.º. D. Frei JOSÉ DA SANTÍSSIMA TRINDADE, de 1820 a 1835; 7.º. D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, de 1844 a 1875; 8.º. D. ANTÔNIO MARIA CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, de 1877 a 1896; 9.º. D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA, que foi o primeiro Arcebispo da nova arquidiocese, Bispo de 1897 a 1922. O segundo e o terceiro dêsses Bispos não estiveram na séde da diocese, tendo governado por procuradores. A Sé Episcopal esteve vaga de 1835 a 1844 e nêsse periodo foram nomeados Bispos o padre DIOGO ANTÔNIO FEIJÓ, que não aceitou o cargo, em 1840, e o padre CARLOS PEREIRA FREIRE DE MOREIRA, que, em viagem para o Rio de Janeiro, onde deveria sagrar-se, enfermou e veio a falecer, em 1841, em São João del Rei, onde foi sepultado. O cônego JOÃO HYGINO BITTENCOURT não aceitou a sua nomeação para suceder ao Bispo D. ANTONIO FERREIRA VIÇOSO. Ao Arcebispo D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA sucedeu, em 1922, o atual Arcebispo D. HELVECIO GOMES DE OLIVEIRA. Neste ano de 1906, BERNARDINO DE SENA FIGUEIREDO foi eleito provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena, promovendo êle, então, a iluminação elétrica do templo.

Em 8 de dezembro de 1908, foi nomeado vigário da paróquia de Nossa Senhora DA PIEDADE de Barbacena o padre FRANCISCO LOPES DE ARAÚJO, que sucedeu ao padre ANTÔNIO CARLOS DE CSATRO e foi sucedido pelo padre RAUL DE AZEREDO COUTINHO, interinamente, em abril de 1932 e efetivamente em 9 de abril de 1934.

Em fevereiro de 1909, a Congregação Salesiana tomou posse, representada pelo padre ALEXANDRE FIA, de chácara que MATILDE VIEIRA lhe doou, em Barbacena. Em julho de 1909, o papa PIO X agraciou o padre Barbacenense SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO com o título de monsenhor. Ainda neste ano, exerceu a provedoria da Santa Casa de Barbacena o juiz de direito da comarca, JOSÉ JACINTO DE AZEVEDO BAÊTA.

Em 4 de outubro de 1910, foi o padre SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO nomeado para reger a cedeira de lógica do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena.

Cabe aqui esta referência ao padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO, como figura entre os *Barbacenenses de Prol*:

"Filho primogênito de JOÃO BIBIANO FERREIRA DE CASTRO e de JOSEFINA DE ARAÚJO FERREIRA DE CASTRO, SILVINO FERREIRA DE CASTRO dedicou-se à carreira eclesiástica. Depois de estudar as primeiras letras na sua cidade natal, Barbacena, SILVINO FERREIRA DE CASTRO foi para Mariana, onde matriculou-se no seminário do bispado, fazendo o seu curso e ordenando-se padre a 11 de maio de 1879, quando era o episcopado exercido por D. ANTÔNIO BENEVIDES, oitavo bispo da diocese, por êle regida de 1877 a 1896.

Tendo tomado ordens sacras, voltou o padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO para Barbacena, onde exerceu o sacerdócio até a data do seu falecimento, tendo, além disso, exercido, aí, funções outras, inclusive políticas.

O padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO foi coadjutor da freguesia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, cabendo-lhe, em 15 de abril de 1888, nessa qualidade, proceder à bênção da Colônia RODRIGO SILVA, por ocasião da sua instalação com a presença do Ministro da Agricultura que a criou e a instalou.

Em 1891, fez êle parte da Intendência Municipal de Barbacena, juntamente com JOVIANO RODRIGUES DE MORAIS JARDIM e ANTÔNIO DE AZEREDO COUTINHO.

O padre SILVINO FERREIRA DE CASTRO, irmão de monsenhor ANTÔNIO CARLOS DE CASTRO e de EMÍLIA, NINICA e AMÉLIA, senhoras, respectivamente de JOSÉ CARLOS DUARTE, CARLOS PEREIRA DA SILVA e FRANCISCO ALVES DA COSTA, faleceu no primeiro decênio do século XX".

Em 1912, inaugurou-se, no Jardim Municipal de Barbacena, o busto em bronze do Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, obra do escultor francês CHARPENTIER, oferecida ao município de seu nascimento pelo ministro OLINTO DE MAGALHÃES.

Em agôsto de 1913, a revista *Santa Cruz*, do Liceu do Sagrado Coração, em São Paulo, publicou *A morte de um padre poeta* de autoria do padre SINFRÔNIO AUGUSTO DE CASTRO sôbre o Padre Mestre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA. Neste ano, o padre TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA participou de peregrinação brasileira a Roma, em companhia do Arcebispo D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA e curou-se de antiga rouquidão.

Em 20 de fevereiro de 1915, faleceu, em Barbacena, o padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA, que era, então, capelão do Asilo de Órfãs Baroneza MARIA ROSA. Assim figura o padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA na galeria dos *Barbacenenses de Prol*:

"O Padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA, que conheci em Barbacena, onde residia na Casa Paroquial, ao lado do Asilo de Órfãs Baroneza MARIA ROSA, era, ao que me parece, de naturalidade portuguêsa. Aí o conheci já na chamada idade proveta, senhor de grande experiência da vida e aproveitando essa experiência para ser útil ao próximo.

Recordo-me dos grandes conhecimentos do Padre BOAVIDA como agricultor e como fabricante de vinhos, entretendo com meu tio CARLOS MASSENA fecundas palestras sôbre êsses assuntos, como ainda me recordo das recomendações que fazia à minha boa mãe quanto à confecção de iguarias, ou de biscoutos e de confeitaria. A sua habilidade para as artes mecânicas era inexcedível, tendo êle conseguido, em pouco tempo, restaurar órgão existente na matriz da cidade, que se achava completamente inutilizado.

Dizia-se que o Padre BOAVIDA era fenômeno quanto ao aparelho circulatório, estando o seu coração, ao contrário do que ocorre em todo o mundo, situado ao lado direito do corpo, havendo quem sustentasse que êle era dotado não de um, mas de dois corações. Acrescentava-se que o seu corpo fôra, em vida, destinado a uma associação científica, a fim de ser convenientemente examinado. Tudo isso, ao que creio, era pura fantasia, a não ser a existência de coração excepcional, pela sua bondade, nesse grande e virtuoso sacerdote.

Eu sabia o quanto os irmãos SALES — EFIGÊNIO, JOAQUIM e JOSÉ, o primeiro meu saudoso padrinho de casamento, — apreciavam e estimavam muitíssimo o Padre BOAVIDA, tendo, por isso, recorrido ao segundo dêles, jornalista dos mais brilhantes que possuímos e figura de vultoso relêvo no meio social carioca, a fim de que me fornecesse alguns dados sôbre êsse eminente prelado, dados que para aqui traslado sem qualquer modificação, apesar de solicitado a modificá-los como entendesse por terem sido redigidos "currente calamo" e destinados a nova redação.

Eis o que JOAQUIM DE SALES escreveu, a meu pedido, sôbre o Padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA:

"O Padre LUÍS GONZAGA BOAVIDA foi superior do Caraça duas vêzes. Da primeira creio que em 1886 ou 1887 e nesse pôsto permaneceu até outubro de 1894, quando deixou o lugar e foi para Petrópolis descansar, seguindo depois para a Europa onde passou alguns mêses, também de férias, em Portugal e em Paris. Ao regressar ao Brasil, foi novamente man-

dado para superior do Caraça, creio que em 1896, não completando dois anos nesse segundo período de seu Superiorato. Finalmente deixou o colégio definitivamente e foi nomeado capelão e diretor espiritual das Irmãs de Caridade, em Barbacena.

Era, por todos os títulos, um extraordinário sacerdote. O seu saber era igual às suas virtudes e estas, como padre e como homem, foram sempre acrisoladas. Conhecia a fundo as ciências eclesiásticas. Era filósofo, teólogo, canonista, mestre em exegese, conhecedor exímio do latim e do grego, para quem a língua portuguêsa não tinha segredos, falando e escrevendo corretamente o francês e o espanhol. Conhecia também a história universal, e mais de uma vez teve oportunidade de apontar senões, equívocos e até erros de historiadores de reputação firmada, com o que os autores concordavam.

Senhor da arte musical, compunha com a maior facilidade e admirável inspiração e no órgão quase sempre improvisava, com insuperável maestria, os efeitos que os seus dedos tiravam dêsse admirável instrumento.

Artífice dos mais hábeis, realizava no seu torno coisas incríveis. Fazia nêle o que queria, e acabou construindo o órgão da capela do Caraça, tido merecidamente como dos mais perfeitos que existem no Brasil.

Tôda a sua vida e o seu coração estavam concentrados naquêle santuário por onde passaram tantos mineiros ilustres: Afonso Pena, pai e filho, Artur Bernardes, Raul Soares, Costa Sena, Sabino Barroso, Melo Viana, D. Pedro Maria de Lacerda, D. João Antônio dos Santos, D. Silva, arcebispo do Maranhão, e tantos e tantos mais estadistas, prelados, professores, artistas, que fizeram a fama nacional do venerável educandário mineiro.

Todos êstes que citamos passaram pelas mãos do Padre Boavida e receberma dêsse sacerdote piedoso e santo os influxos de seu saber e de sua direção espiritual.

Era um coração de ouro, espírito de intranzigente retidão, mas humano e compreensivo.

Os estudantes adoravam-no, os menores principalmente. Usava, no inverno, uma capa de roda quase infindável. Cerca de 20 meninos se abrigavam folgadamente sob o manto do "Padre Superior", e era quando o santo lazarista se julgava mais feliz, vendo aquêles filhinhos procurar o seu aconchego paternal como um lugar seguro onde, protegendo-se do frio, afugentavam da imaginação qualquer idéia do perigo.

Com que alegria era êle recebido em tôdas as três divisões do colégio: os grandes, os médios e os meninos, sobretudo êstes que faziam uma algazarra infernal quando despontava na porta a gigantesca figura do superior (quase 2 metros de altura) trazendo nas mãos a correspondência da petisada. Êle não nispirava medo aos garotos, mas um respeito cheio de afeto; e quando os regentes mandavam ao seu quarto para ser repreendido algum rebelde, êste não o temia, mas chorava pelo desgôsto que ia causar ao coração sensível do Padre Superior.

O Efigenio conta que o encontrou em Barbacena. Abraçando-o efusivamente e chorando copiosamente, lembrava ao antigo discípulo a vida caracense.

— Que saudades, meu Efigenio! Que saudades!

— Meu maior desejo, disse então a Efigenio, era poder acabar os meus dias entre aquelas montanhas austeras e familiares, prostrado aos pés da Senhora Mãe dos Homens; mas estou vendo que a Santa obediência me privará dessa consolação suprema e será em Barbacena que entregarei o meu corpo sem vida à sua bondosa, cortez e acolhedora população.

— Que há que se possa, Efigenio, comparar ao silêncio místico do nosso Caraça?... Bem mais feliz do que eu foi o Padre José Dorm. Quando o santo missionário regressava ao colégio depois de sua última e frutuosa pregação, sentiu, no último dia de viagem, que seus últimos momentos se aproximavam. E não pediu a Deus que lhe conservasse a saúde, mas que o deixasse morrer em terras do Caraça...

Pôde chegar ainda à Chácara de Santa Rita, onde passávamos com os apostólicos as nossas férias. E o nosso Irmão Pedro teve apenas o tempo de desapeiar o Padre Dorm, que, cinco minutos depois, entregava a Deus a sua alma pura.

O Padre Boavida disse estas palavras e de seus olhos as lágrimas corriam em abundância. Seus irmãos de religião — os lazaristas — deveriam promover a ida de seus ossos, que são relíquias, para repousarem até o fim naquela cripta da capela sob cujas abóbadas a sua voz grave tanta vez entoou o "*Dies Irae*", o "*De profundis*", o "*In exitu Israel de Aegypto*" e outros salmos e cânticos próprios das cerimônias fúnebres".

Em 11 de setembro de 1915, foi transformada, pela lei estadual n.º 657, a cadeira de lógica do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena, em cadeira de filosofia, e nela foi provido o padre Sinfronio Augusto de Castro.

Em agosto de 1918, o padre Francisco Lopes de Araújo transferiu residência de Barbacena para Caratinga, onde não residiu por muito tempo, regressando a Barbacena.

Em 1921, houve, na imprensa de Barbacena, polêmica sôbre a intervenção eclesiástica na administração da Santa Casa de Barbacena, da qual participou o padre Sinfronio Augusto de Castro, cujo ponto de vista foi homologado em decisões judiciais. Nêste mesmo ano, o padre Pedro Nogueira da Silva, natural de Barbacena, foi agraciado pelo Arcebispo Dão Silvério Gomes Pimenta com as honras de cônego catedrático do cabido da arquidiocese de Mariana. A êle assim nos referimos em *Barbacenenses de Prol*:

"Pedro Nogueira da Silva nasceu no município de Barbacena nos últimos anos do século XIX. Depois de realizados os seus estudos primários na terra do seu nascimento, Pedro Nogueira da Silva foi para Mariana, onde matriculou-se no Seminário episcopal, realizando o curso teológico.

Dirigia a diocese marianense o seu oitavo titular, o bispo D. Antonio Benevides, a quem coube essa direção de 1877 a 1896, quando ali tomou ordens sacras êste barbacenense, que foi, mais tarde, em 1921, agraciado pelo arcebispo D. Silverio Gomes Pimenta com as honras de Cônego Catedrático do Cabido de Mariana.

O Cônego Pedro Nogueira da Silva, barbacenense de muito merecimento e que honrava o clero mineiro pelas suas virtudes sacerdotais, faleceu na sede da arquidiocese de Mariana, quando, na frase do padre Sinfronio Augusto de Castro, que bem o conheceu, "se distinguia, por sua grande bondade, entre os primicérios do clero".

Em 6 de setembro de 1922, celebraram-se soleníssimas exéquias, em Barbacena, por iniciativa do clero local, em sufrágio da alma do Arcebispo de Mariana Dão Silvério Gomes Pimenta, sendo o elogio fúnebre feito pelo padre Sinfronio Augusto de Castro, cuja oração foi editada, no mesmo ano, pela tipografia Moreira Franco.

Em 7 de maio de 1923, faleceu, em Barbacena, monsenhor Antônio Carlos de Castro, que havia sido vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, e é um dos *Barbacenenses de Prol*, nestes têrmos.

"Barbacenense, filho do major João Bibiano Ferreira de Castro, que foi, por longos anos, coletor das rendas estaduais do municício de Barbacena, e de Delfina Eulalia de Castro, nasceu Antonio Carlos de Castro a 11 de novembro de 1866. Era, portanto, Antonio Carlos de Castro irmão do padre Silvino Ferreira de Castro, de Emilio Ferreira de Castro e de João Bibiano Ferreira de Castro Junior, de Emilia de Castro Duarte, casada com Antonio Carlos Duarte, de Ninica, casada com Carlos Pereira da Silva, e de Amelia, casada com Francisco Alves da Costa.

Antonio Carlos de Castro, depois de feitos os seus primeiros estudos, foi aluno do Colégio Providência, de onde seguiu para Mariana, a fim de seguir o curso eclesiástico no seminário daquela sede de episcopado. Tendo, porém, interrompido êsse curso, dedicou-se, por algum tempo, ao magistério, indo lecionar latim e português no afamado Colégio Andrés, de Juiz de Fora. Voltou, mais tarde, Antonio Carlos de Castro ao seminário de Mariana, onde se ordenou padre, em 24 de abril de 1892, sendo sagrado pelo bispo titular de Camaco, D. Silverio Gomes Pimenta, quando se achava a diocese sob a direção do seu oitavo bispo, D. Antonio Benevides, que aí foi bispo de 1877 a 1896.

As qualidades cívicas de Monsenhor Antonio Carlos de Castro fizeram-no representante, como vereador, dos seus co-munícipes na Câmara Municipal de Barbacena, onde representou os distritos de Santa Barbara do Tugúrio e de Ressaquinha.

De monsenhor Antonio Carlos de Castro, 26.º vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, escreveu o professor Soares Ferreira em *Párocos da atual paróquia de Barbacena*, na *Imprensa* de 15 de março de 1942:

"Monsenhor Antônio Carlos de Castro, filho do Major João Bibiano de Castro e D. Delfina Eulália de Castro, nasceu em Barbacena, a 11 de novembro de 1866.

Fez o curso de humanidades no "Colégio Providência", aqui fundado pelos Padres João Ferreira de Castro, seu parente, e Marcelino José Ferreira, o qual foi inaugurado a 6 de janeiro de 1874.

Manifestando decidida vocação para o estado eclesiástico, foi para Mariana, em cujo Seminário estudou as matérias do curso teológico; aí recebeu êle sua sagração sacerdotal a 24 de abril de 1892, ministrada por D. Silverio, então Bispo titular de Camaco e coadjutor de D. Antônio Benevides.

Em Barbacena, durante seis anos, foi êle auxiliar do bom velhinho Monsenhor José Augusto, que com razão o considerava "seu braço direito".

Ao asilo de Órfãos desta cidade, por ocasião da morte do seu benemérito fundador Monsenhor José Maria, prestou gratuitamente seus serviços sacerdotais como capelão por espaço de dois anos.

Assim, de 1900 a 1902 serviu Monsenhor Antônio Carlos na qualidade de Pró-vigário, e em 1901 teve a provisão de Vigário de Barbacena, cargo que êle exerceu com louvável dedicação à Igreja, de que sempre foi devotado ministro. Seu paroquiato foi dos mais fecundos: tratou logo da restauração e embelezamento da Matriz, para o que despendeu cêrca de 16 contos, angariados entre os católicos da cidade e do município, aos quais em boa hora recorrera. reorganizou as irmandades do Santíssimo Sacramento e dos Passos, que então estavam decaidas, promoveu a aquisição da bela coroa de ouro, que em dias solenes cinge a fronte da Virgem Imaculada, cujo qüinquagésimo aniversário da definição dogmática êle assinalou com êsse monumento, a 8 de dezembro de 1904.

Além disso, deve-lhe a Matriz sua primeira instalação elétrica e muitos outros melhoramentos materiais. Foi, também, em seu tempo que a Câmara Municipal, depois de obtida a necessária autorização episcopal, mandou cortar o grande adro que circundava a Matriz e serviu de primeiro cemitério. Feito o desaterro de mais de 2 metros de altura, todo o edifício como que se soergueu, perdendo o feio aspecto de acaçapado, que todos lhe notavam. Recebendo êsse corte novos muros, sua balaustrada e iluminação as ruas laterais, de Vigário Brito e Conselheiro Lima Duarte, com seu alargamento e jardins, tudo concorreu para melhorar a parte central da cidade.

Como Vigário Forâneo da comerca eclesiástica de Barbacena, que, então, também abrangia os municípios de Palmira e Lima Duarte, êle a percorreu tôda e apresentou minucioso relatório, que mereceu francos elogios de D. Silvério.

Por todos êsses bons serviços à Igreja, a Santa Sé o agraciou com o título de Monsenhor e Camareiro Secreto de Sua Santidade.

Em 8 de dezembro de 1908, por se achar fatigado, exonerou-se das funções paroquiais; e, depois de alguns anos de repouso, pediu a D. Silvério lhe confiasse uma paróquia do campo perto de Barbacena e em 1915 obteve a provisão de pároco do Desterro do Melo, onde, apesar de já estar com a saúde combalida, sua operosidade sacerdotal produziu fecundos benefícios às almas e à igreja.

Em princípios de 1923, sentindo-se gravemente doente, Monsenhor Antônio Carlos recolheu-se a Barbacena; e, depois de três meses de martirizante enfermidade, confortado com todos os sacramentos da Igreja, aqui faleceu a 7 de maio de 1923."

Monsenhor Antônio Carlos de Castro foi sepultado no cemitério da Boa Morte, onde o professor José Concesso Nogueira Campos lhe disse o último adeus dos que choravam sentidamente a sua morte. A 11 de novembro do mesmo ano do seu passamento foi inaugurado na sacristia da igreja matriz de Barbacena o retrato dêsse saudoso vigário da paróquia barbacenense, de quem se lembram com saudades todos os que o conheceram."

No ano de 1923, exerceu a provedoria da Santa Casa de Barbacena o padre Sinfronio Augusto de Castro. Ainda neste ano, D. Olivia Herdi Cabral Peixoto fez o donativo de um conto de reis para os serviços de maternidade da Santa Casa de Barbacena. Em 1924, foi o padre Francisco Lopes de Araújo, vigário da freguezia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, agraciado por Sua Santidade o Papa com o título de monsenhor.

Em 1925, o padre Tobias José Gomes da Silva foi capelão do Colégio da Imaculada Conceição e da igreja de São Francisco, que então existia em Barbacena, no Páo de Barbas, e que foi, mais tarde, demolida.

Em 5 de março de 1926, o padre Sinfronio Augusto de Castro foi designado para reger a aula de instrução moral e cívica e de filosofia do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Em 8 de março de 1926, foi lavrada escritura de doação, pelos irmãos Andrada, de terreno da Borda do Campo, para a instalação do Instituto Missionário São Miguel pela Congregação do Verbo Divino. Em 9 de agosto de 1926, foi lançada a pedra fundamental do Instituto Missionário São Miguel, em terrenos da fazenda da Borda do Campo, pelo Arcebispo D. Helvécio Gomes de Oliveira. Em 28 de dezembro de 1926, faleceu, em Barbacena, a irmã Paula Boisseau, fundadora do Colégio da Imaculada Conceição.

Eentre os *Barbacenenses de Prol* figura assim a irmã Paula Boisseau:

"A irmã Paula Boisseau é um dos nomes mais caros a Barbacena, que lhe guarda a san memória com a melhor veneração.

O Reverendo Padre Sinfronio de Castro, magnífico ourives da palavra oral, ou escrita, a 29 de junho de 1928 retraçou admiràvelmente a figura dêste anjo de bondade na romaria de saudade e de glorificação feita ao esu túmulo por iniciativa de d. Olivia Herdy Alves Cabral Peixoto. Pertencem a êsse "Elogio da Irmã Paula Boisseau", lapidarmente realizado, êstes magníficos períodos:

"Oriunda de alta progenie, nobre e opulenta, Irmã PAULA, que no século se chamava CATARINA AMÉLIA BOISSEAU, nasceu na pátria de SÃO LUIZ, a 9 de fevereiro de 1846.

Primores de esmerada educação lhe enriqueceram o espírito vivaz, nutrindo-se sua infância risonha do doce leite da doutrina cristã, em que se formou e se lhe aformoseou o caráter.

Educou-se em Paris. Nos dias formosos de sua juventude radiosa de esperanças, começou a desabrochar, no jardim mimoso de seu coração de virgem cristã, a delicada flor da vocação religiosa.

É que a grinalda das virgens do Senhor sempre se peroliza de graças estelantes e excepcionais.

A princípio, luziu-lhe a esperança de ser recebida no Carmelo, mas, dadivosa a Providencia, nos seus arcanos insondáveis, tinha sôbre esta alma eleita outros desígnios, chamando-a à Congregação das Filhas de São VICENTE DE PAULO, entre as quais ela deveria brilhar como o sol, iluminando os cimos das montanhas, consoante a pitoresca frase bíblica: a honra da mulher de bem é esplendor de sua casa, que brilha como o sol nas cumiadas do mundo de DEUS. *"Sicut sol oriens mundo in altissimis* DEI, *sic mulieres bonne species in ornamentum domus ejus.* (Ecc. XXVI, 21)".

Fazendo, então, a apologia da Irmã de Caridade, o Reverendo Padre SINFRONIO DE CASTRO, no rendilhado de sua maravilhosa linguagem, escreveu:

"O ideal evangélico dessa Congregação sorriu à alma generosa de CATARINA AMÉLIA BOISSEAU. A paixão da caridade fascinou-a. Ela desprezou faustos e luxos, brocados e opulências, alegrias e esperanças de futuro venturoso na sociedade de sua pátria querida, entrando na Comunidade de São VICENTE DE PAULO, em 1870, precisamente aos 24 anos de sua vida, no esplendor da mocidade sorridente e presaga de fortunoso porvir.

O espírito de tão grande sacrifício revela, de pronto e a primor, a grandeza de sua alma privilegiada, fortalecida por mimosa graça superna.

Um mancebo opulento, cheio do ardor de sua idade, perguntou um dia a JESUS que havia de fazer para conquistar a eterna vida. O DIVINO MESTRE lhe recomendou a observância dos mandamentos, e o moço retrucou que todos êles os praticava à justa. Acudiu-lhe JESUS nestas palavras soleníssimas: "si vis perfectus esse, vade, vende quae habes, et da pauperibus, et habetis thesaurum in coelo; et veni, sequere me".

Se tu queres ser perfeito, vai, vende quanto tens e o dá aos pobres, e terás no céu tesouro; e vem, e segue-me. (Math. XIX, 21).

Êste conselho evangélico, sublime no seu ideal, heróico pelo desapego das coisas terrenas que aponta à maravilha, foi cumprido pela formosa donzela CATARINA AMELIA BOISSEAU, que, feita Irmã de Caridade, esplendeu pelo heroismo de seu espírito de pobreza".

Passa, então, o Padre SINFRONIO DE CASTRO a narrar a atuação da Irmã PAULA BOISSEAU no Brasil:

"Apenas recebido o hábito religioso, Irmã PAULA exerceu o magistério em um estabelecimento de ensino em Paris. Como ardentemente suspirasse pelo trabalho das missões estrangeiras, a voz da obediência a fez partir para o Brasil, onde foi aproveitada como enfermeira na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Que dizer aqui, Senhores, dos extremos de dedicação, de desvelos e de carinhos, com que enfermeira tão caridosa se enriqueceu de merecimentos, no serviço dos doentes? O hospital é sempre um ambiente saturado de misérias e de dores, mas não deixa de ser, para os que nele servem, cadinho de amargas tribulações, em que se apura a virtude das almas privilegiadas".

Do Rio de Janeiro, através de Mato Grosso, a Irmã PAULA BOISSEAU chega à terra a que o seu coração reservaria todas as suas palpitações, como continúa a expor deliciosamente o seu fulgurante panegirista:

"Por dez anos, permaneceu na Santa Casa do Rio de Janeiro a veneranda Irmã PAULA, até que depois de caridosa excursão a Mato Grosso, por aso de flageladora epidemia, que havia explodido naquelas paragens, a que ela fôra prestar seus serviços evangélicos, lhe confiaram seus superiores hierárquicos o cargo de Superiora da Santa Casa de Barbacena.

Era o ano de 1888. A Provedoria do Hospital de Barbacena, aliás cumprindo uma disposição testamentária de ANTONIO FERREIRA ARMOND, o pio fundador da Santa Casa, celebrara um contrato com a Congregação das Filhas de São VICENTE, pelo qual a parte interna dêste estabelecimento hospitalar ficaria a cargo dessas heroinas de caridade.

Durante cinco lustros e três anos, exerceu Irmã PAULA o delicado ofício de Superiora da Santa Casa de Barbacena. Dizer o que foi sua ação benéfica, no árduo exercício de sua administração, é contar os benefícios que ela derramou a flux, pelo dobrar dos dias dêsse longo período.

Santa Casa paupérrima, desprovida de recursos materiais para fazer face às despesas que acarreta o serviço hospitalar, a dadivosa bolsa de Irmã PAULA foi, por vêzes inúmeras, a fonte que saciou as prementes necessidades materiais da Casa. Dos relatórios publicados anualmente pelas provedorias que se sucederam no tempo em que Irmã PAULA exercia as

funções de Superiora, se colhe que "mão oculta" sempre abasteceu os celeiros do estabelecimento, desafogando-o de apertura financeiras. (O patrimônio da Santa Casa, representado pelo prédio com sua montagem hospitalar e por apólices inalienáveis, não excede a quinhentos contos de reis). Era outra feição admirável de Irmã PAULAS — fazer a caridade muda, como cega deve ser a justiça.

"Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua" é intimativa de JESUS, preceituando a esmola. (MATHEUS, VI, 3).

Eu posso dar testemunho, Senhores, de que foi uma odisséia de serviços inarráveis e um poema de grandes benemerências a fase feliz, que atravessou a Santa Casa, sob a orientação, extraordinariamente benfazeja, da excelsa criatura, a que, hoje, se rendem êstes preitos de saudade. Nem lhe faltaram, em seu afanoso lidar pelo bem, os agros, cruciantes e amargos, em que se purificam almas eleitas".

Do lenir os males físicos a cuidar da formação moral e da cultura intelectual da juventude feminina não foi mais do que um passo na jornada do bem que foi a vida da Irmã PAULA BOISSEAU, como no-lo reconta o verbo cintilante do Padre SINFRONIO DE CASTRO:

"Cuidando desveladamente dos pobres, não descurou Irmã PAULA de concorrer com o contingente de seu esfôrço, generoso e homérico, para a solução do magno problema educativo da adolescência feminina.

Preceptora que fôra em Paris, como já disse, cedo lhe madrugou no espírito o ideal nobilíssimo do magistério. No posto de Superiora do Hospital, concebeu o plano de fundar um colégio destinado a ser um foco de luz e uma escola de virtudes para a juventude feminina.

Tenaz e enérgica, mas docílima e obedientíssima, perfeitamente exata no cumprimento de seus deveres de religiosa, Irmã PAULA solicitou de seus Superiores a indispensável licença para lançar as bases de seu colégio. Munida das faculdades que pedira para levar a efeito o belo projeto de sua obra educativa, depois de obter permissão da Provedoria da Santa Casa, feitas todas as despesas de instalação à sua própria custa, abriu logo o Colégio IMACULADA, no próprio prédio hospitalar, a 8 de maio de 1895.

Senhora de alto tino administrativo, inflexível em suas deliberações, Irmã PAULA foi a um tempo modêlo acabado de prudência, evitando sempre amargurar as Provedorias. Temperava de doçura a energia da ação. Delicadíssima, tinha o condão de governar grangeando a estima, sem haver nunca recorrido ao QUOS EGO... da retirada. No posto de Superiora da Santa Casa, jamais será excedida e dificilmente poderá ser igualada.

Assim se iniciaram então seus labores educativos, em Barbacena. E nesta jornada, modestamente empreendida, mimosas foram as bênçãos de DEUS, tão santas eram as intenções de sua serva, de tal modo que o colégio, apenas iniciado, começou a florescer admiràvelmente, produzindo sazonados frutos para a instrução.

Pouco tempo depois, como crescessem as matrículas de alunas no estabelecimento de Irmã PAULA, o qual se foi logo tornando notável, a querida educadora, a suas expensas, construiu o suntuoso prédio em que hoje funciona florescente, qual almenara de instrução sólida, qual santelmo famoso das virtudes, que devem exornar o coração feminino, qual alfobre de abalisadas preceptoras.

Entre festas de expansões jubilosas, se inaugurou, definitivamente, a 8 de maio de 1900, o Colégio IMACULADA no majestoso edifício que todos admiramos, porque embeleza material e moralmente esta vetusta cidade, que sempre há de ser agradecida ao nome de sua Benemérita, podendo exclamar ante a lembrança de sua figura venerando, em assomos de gratidão: minha Benfeitora foi um prodígio que me transporta de orgulho: *"Dilecta mea posita est mihi in miraculum* (ISAIAS, XXI, 4)".

O Colégio IMACULADA, senhores, que foi a menina dos olhos dessa insigne batalhadora de caridade, cuja memória glorificamos, é uma dádiva de inestimável valor, uma jóia harto preciosa, um legado carinhoso, que o coração de Irmã PAULA legou a Barbacena, perpetuando o entranhado afeto que ela consagrara a esta terra feliz.

Nos dias saudosos de sua administração no Colégio, educaram-se gratuitamente, naquele santuário de instrução, mais de vinte dezenas de alunas, que hoje, ou em lares felizes ou no exercício do magistério, em variados aspectos da vida, prestam à Pátria excelentes serviços, como esposas modelares, como professoras devotadas e cultas, cantando hinos de louvor à Benfeitora insigne. Ao todo, contadas as alunas contribuintes, para mais de setecentas donzelas hão sido primorosamente educadas naquele estabelecimento de ensino, cenário do amor de Irmã PAULA".

Era ainda viva a Irmã PAULA quando o grande PEDRO LESSA, cujo pai, o Coronel JOSÉ PEDRO LESSA, residiu, com suas filhas, por longo tempo, em Barbacena, paraninfando uma turma de bacharéis da Faculdade de direito de São Paulo, consagrou-a, no seu verbo castigado e severo, com êstes conceitos entusiasticamente apologéticos:

"Há em Barbacena, no Estado de Minas, uma religiosa que é o mais admirável compêndio de virtudes cristãs, que pode existir na terra. Irmã PAULA — eis o nome pelo qual é conhecida na Comunidade, que a adora,

e no século, que ela tem enchido de benefícios. Descendente de uma das mais nobres e ricas famlias de Paris, no esplendor da mocidade e da opulência deixou a moderna Babilônia, a deliciosa "capital do pecado" e veiu refugiar-se nos arredores da vetusta e amena cidade mineira, para onde conseguiu, através de mil fraudes pias, transportar uma parte de sua grande fortuna; e aí fundou as duas melhores coisas com que a sua régia munificência nos poderia presentear: um colégio para educar meninas e um hospital para curar doentes".

"Aos domingos e dias santificados, em horas anciosamente esperadas, a Irmã PAULA faz uma prática sôbre as virtudes cristãs. De cada uma dessas admiráveis conferências é objeto uma das virtudes ou dos deveres do homem para consigo, para com os semelhantes, ou para com DEUS.

Com a mais comunicativa e quente eloqüência, feita só de naturalidade, das espontâneas cintilações de um espírito excepcionalmente vivaz e penetrante, e dos mais profundos sentimentos de amor e piedade, a extraordinária religiosa disserta como se fôsse um dêsses grandes artistas afamados da oratória sagrada.

Depois das mais convincentes demonstrações, invariàvelmente, e por uma suave e insensível transição, vai deslizando para o epílogo forçado, indefectível, de todos os seus discursos: uma calorosa apologia da amabilidade.

Assim como para o divino PLATÃO o belo é o esplendor da verdade e do bem, para essa alma, realmente divina, a amabilidade é o esplendor de todas as virtudes cristãs.

Nada mais sedutor do que a maneira intimativa com que, na tonalidade de sua voz cantante, e com uma adorável pronúncia estrangeiro, repete o infalível estribilho final das suas alocuções e práticas: "E, sobretudo, muita amabilidade".

Senhores, se o fôro continuar invadido por MANDRINS, revestidos de GAVROCHES, que no assalto aos direitos substituem as violências físicas pela virulência da linguagem, tentando fazer-se temidos exclusivamente pela repetição das baixas injúrias da ralé, será necessário reformar os estatutos das nossas Faculdades de Direito, a fim de todos os anos, à guisa dos professores de engenharia, que acompanham os seus discípulos em excursões pelo campo, e visitas a estabelecimentos industriais e obras de arte, irem os lentes de prática forense com seus alunos a Barbacena, e lá aprenderem êstes, além de alguns rudimentos de moral, a necessidade que têm os advogados, como todos os homens, de ser polidos, cortezes e amáveis".

Irmã PAULA faleceu em Barbacena, sob os céus puríssimos desta terra maravilhosa, como no-lo disse, na sua eloqüência impressionante, o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO:

"Carregada de benefícios, cheia de merecimentos, acrisolada na pira dos sacrifícios que lhe impôs a caridade, vergada ao peso de oitenta anos, iluminados por uma auréola de santidade, Irmã PAULA descançou no Senhor a 28 de dezembro de 1926. Desprendeu-se da argila dêste mundo aquela alma de bondade, que na terra se identificara com os sofrimentos alheios, deixando uma esteira luminosíssima de benefícios incomparáveis".

"Em Barbacena" – conclui o seu cintilante panegirista – "não sei que houvesse até agora criatura mais santa. Irmã PAULA entre nós se assemelhou a uma árvore dos nossos trópicos, frondosa, cheia de amplas ramagens, dando sombra e refrigério e repouso. Dos ramos lhe caíram sazonados frutos, ressumbrando aromas. Da copa, iluminada pelo arrebol da madrugada, ou pela claridade da terra, qual música de pássaros, canta, ternamente, canções imortais a voz, melodiosa, suavíssima, da gratidão.

Honorificada diante de DEUS e diante dos homens, jamais lhe será esquecida a memória bem amada, "*Immortalis est enim memoria illius, quoniam et apud* DEUM *nota est, et apud homines.* (Sap., cap. IV, v. 1)".

Irmã PAULA BOISSEAU. Êste nome não comporta elogios; basta pronunciá-lo. Porque não há elogios que o atinjam. Êle paira acima de qualquer oblata. Só mesmo uma expressão pode representar o valor exato dessa personagem ímpar, como espírito e como coração, na vida de Barbacena: o nome PAULA BOISSEAU, o nome da Irmã PAULA, como São VICENTE DE PAULO divinal *amica humani generis*".

Em 20 de julho de 1927, foi o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO designado para substituir o lente de latim do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Em 29 de junho de 1928, em romaria feita ao túmulo da irmã PAULA BOISSEAU, feita por iniciativa de D. OLIVIA HERDI ALVES CABRAL, o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO fez o elogio daquela irmã. Ainda em 1928, o padre MANOEL HOCHNER foi reitor do Instituto Missionário SÃO MIGUEL, na Borda do Campo.

Em 5 de janeiro de 1929, desabou, devido ao formidável temporal que então desabou, a capela de São GERALDO, no bairro de Páo de Barbas.

Em 6 de janeiro de 1929, faleceu, em Barbacena, o padre TOBIAS JOSÉ GOMES DA SILVA, lente de inglês do Ginásio Mineiro, sepultado no cemitério da BOA MORTE.

Assim figura, entre os *Barbacenenses de Prol,* o padre Tobias José Gomes da Silva:

"O padre Tobias José Gomes da Silva, que, como sacerdote, como professor e como homem de grande coração, sempre aberto a iniciativas generosas e altruísticas, a tudo o que representava filantropia e solidariedade humana, ligou o seu ao nome de Barbacena, onde viveu por longo tempo, nasceu do consórcio de José Luciano da Silva e Brigida Candida de Jesus, em Passagem de Mariana, a 15 de outubro de 1869. Seu progenitor, comerciante e, posteriormente, funcionário da Câmara Municipal de Mariana, foi revolucionário de 1842, participando de batalhão, formado em Ouro Preto, que tomou parte no combate de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Tobias José Gomes da Silva fez os seus primeiros estudos no Externato episcopal de Mariana, onde se habilitou para matricular-se no Seminário dessa metrópole eclesiástica, tendo sido aí colega de turma do saudoso professor José Concesso Nogueira Campos, cuja amizade sempre cultivou. O Padre Tobias, como era, vulgarmente, conhecido, foi ordenado sacerdote, ainda na flor dos anos, a 24 de abril de 1892, quando Bispo da Diocese Marianense D. Antonio Benevides, por D. Silvério Gomes Pimenta, então Bispo de Camaco e auxiliar daquele chefe diocesano. Da brilhante turma de colegas de ordenação de Tobias José Gomes da Silva fizeram parte, entre outros, para só falar nos mortos, D. Antônio Augusto de Assis, bispo titular de Beirute, D. Prudencio Gomes da Silva, que foi bispo de Goiás, e monsenhor Antônio Carlos de Castro, o distinto barbacenense a quem tanto deveu, como seu diretor, a paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena.

O Padre Tobias José Gomes da Silva viveu, nos primeiros anos de seu sacerdócio, em companhia do Bispo D. Antônio Correia de Sá e Benevides e, sendo estimadíssimo de seus superiores, foi, em 1894, nomeado cura da catedral de Mariana, onde participou da direção de *"D. Viçoso"*, órgão oficial da diocese. Pouco depois, foi nomeado pároco da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto, onde se encontrava quando se realizou a mudança da capital do Estado de Minas para Belo Horizonte. Em Ouro Preto iniciou a sua vida de magistério, lecionando, entre outras humanidades, as línguas inglesa, francesa e latina, ao mesmo tempo que prestava exames de preparatórios, a fim de matricular-se na Escola de Farmacia ali existente, intuito de que desistiu para atender ao apêlo do então Bispo de Mariana, D. Silvério Gomes

Pimenta, que lhe solicitou não trocar as vestes sacerdotais por profissão leiga.

Antigamente, eram muito endiabrados os estudantes de Ouro Preto. Muito sofriam com êles os Padres, que se dirigiam à Metrópole Eclesiástica, ou de lá regressavam, dado que a via férrea terminava na então Capital de Minas. Como acentúa Brito Machado, em seu livro sôbre Ouro Preto, sendo o Padre Tobias estimadíssimo dos estudantes, era êle quem, com sua intervenção, obstava, às vezes, maiores importunações aos seus colegas por parte dos pândegos estudantes da época.

O Padre Tobias José Gomes da Silva, que sucedeu a Leonardo Carlos Palhares na regência da cadeira da língua inglesa do Internato do Ginásio Mineiro, conquistou-a em concurso. Por título de 4 de março de 1905, sendo presidente do Estado o Dr. Francisco Antônio de Sales, foi o Padre Tobias nomeado professor catedrático, tomando logo posse e entrando no exercício das funções dêsse magistério. Esteve o Padre Tobias José Gomes da Silva na regência da cadeira de inglês do Internato do Ginásio Mineiro até quando se verificou o seu falecimento.

Em 1913, em companhia de D. Silvério Gomes Pimenta, seu padrinho e amigo, tomou o Padre Tobias José Gomes da Silva parte na Peregrinação Brasileira ao Velho Mundo, havendo visitado, por essa ocasião, as principais cidades da França, Portugal, Italia, Espanha, Bélgica e Terra Santa. Em Roma, conheceu pessoalmente o Papa Pio X. Foi dessa feita que, na Europa, conseguiu o Padre Tobias curar-se de rouquidão de que há muito sofria.

O traço mais vivo da vida sacerdotal do Padre Tobias José Gomes da Silva foi a devoção a S. José, prática que não se cansava de aconselhar aos fiéis. Em Barbacena, na Igreja de N. S. da Boa Morte, fundou a Irmandade de S. José, sodalício que ainda existe e de que é encarregado Monsenhor Francisco Lopes de Araújo. A imagem daquêle santo, que se vê no belo templo barbacenense, foi adquirida pelo padre Tobias com o concurso dos irmãos. Também a imagem de S. José existente na capela do então Ginásio Mineiro, hoje Colégio Estadual, foi oferecida pelo Padre Tobias, sendo para lá trasladada em solene procissão poucos meses após sua morte, no Govêrno Antônio Carlos, que forneceu a necessária licença para ali se exercer o culto religioso.

Foi o Padre Tobias José Gomes da Silva, em Barbacena, capelão do Colégio Imaculada Conceição, em 1925, e, também, da igreja, hoje inexistente, de S. Francisco, situada no bairro do Pau de Barbas. No fim de seus dias, exercia o ministério sacerdotal na capela de S. Geraldo, hoje

a cargo dos Padres da Congregação do Verbo Divino. Estava o Padre Tobias em agonia, no dia 5 de janeiro de 1929, quando, pela madrugada, desabou essa capela, em meio de forte temporal, nada sofrendo os altares cujas imagens ficaram ilesas. No dia 6, às 11 e ½ da manhã, falecia o ilustrado sacerdote, sobrevivendo-lhe sua veneranda irmã D. Generosa Isabel da Silva e seu sobrinho Gerardo Majela da Silva Moreira, que viveu em sua companhia durante nove anos e que teve todos os preparatórios para estudos superiores estipendiados pelo saudoso morto.

Os funerais do Padre Tobias José Gomes da Silva foram dos mais solenes e suntuosos. Às oito horas do dia seguinte ao do seu falecimento realizou-se o saimento, partindo da residência do morto à rua Padre Manoel Rodrigues. Irmandades religiosas ,associações pias, clero, representantes de todas as classes e grande massa popular formaram imenso préstito em demanda da Igreja da Boa Morte. Êste templo achava-se entrajado de luto, tendo no centro da nave modesto cadafalco onde foi colocado o ataúde, que encerrava o corpo do saudoso sacerdote vestido de paramentos violáceos. Oficiou nas cerimônias fúnebres o Padre Sinfronio de Castro, acolitado pelos Padres Francisco Dias, Germano Ossokopp e José Torquato. Houve missa solene, ouvindo-se o côro do Asilo de Órfãos na execução do ofício fúnebre. Após a missa, realizou-se a última encomendação solene, debaixo de religioso silêncio. De novo organizou-se o préstito com destino ao cemitério. À beira do túmulo, o professor José Concesso teceu grinalda de saudades ao inolvidável morto. Antes de encerrar-se o féretro, populares à porfia oscularam as mãos e as vestes sacerdotais do presbítero então extinto.

O Padre Tobias José Gomes da Silva, que, "como sacerdote, foi lição viva de moral, distinguindo-se pela simpliciddae, pela candura, pela bondade, pela caridade e, sobretudo, pela piedade", deixou, em testamento, quase todos os seus bens a estabelecimentos de ensino e a igrejas.

O "Jornal de Barbacena", de 10 de janeiro de 1929, abriu o noticiário sôbre a morte do Padre Tobias José Gomes da Silva com estas palavras, devidas à pena adamantina do reverendo Padre Sinfronio de Castro, seu colega de sacerdócio e de magistério na congregação do Internato do Ginásio Mineiro:

"Tomados de imenso pesar, cumprimos o doloroso dever de registrar, hoje, o passamento do reverendíssimo Sr. Padre Tobias José Gomes da Silva.

O clero mineiro perdeu um de seus belos espíritos, um de seus melhores corações, um de seus exemplos dignificantes de virtudes aprimoradas.

A sociedade barbacenense, que, apreensiva desde longos dias, acompanhava com ansiedade, a cruel enfermidade a que sucumbiu o ilustre sacerdote, recebeu com grande abalo e funda mágua a notícia dolorosa do trespasse de quem, na prática do bem, havia cativado a estima, o respeito e a veneração de todos os habitantes desta culta cidade.

Frustrados foram todos os esforços científicos com que se empenharam devotamente ilustres médicos para salvar da morte o queridíssimo presbítero. Organismo combalido, o Sr. Padre Tobias da Silva não pôde resistir ao mal mortífero de que fôra acometido. Depois de vinte dias de crudelíssimos sofrimentos, resignada e santamente suportados, faleceu às onze e meia do dia 6 do corrente, em sua residência, o exemplar sacerdote, que para a morte se havia aparelhado com o celeste conforto de todos os sacramentos, que êle pediu e recebeu com piedade edificante. Circulou célere a triste notícia e à casa do pranteado morto afluíram logo, em verdadeira romagem, cavalheiros, senhoras, senhorinhas, representantes de todas as classes sociais, sentindo-se uma geral demonstração de dor e de luto.

O "Jornal de Barbacena" ajoelha-se à beira da campa que encerra os despojos do Sr. Padre Tobias da Silva, a cuja memória abençoada rende homenagem de veneração e saudade".

Na antiga residência do Padre Tobias José Gomes da Silva, à rua Padre Manoel Rodrigues, localiza-se, hoje, o Asilo do Bom Pastor, por iniciativa do Sr. Sabino José Ferreira, o qual, à sua custa, mandou confeccionar fotografia do morto para aí colocá-la.

Do Padre Tobias José Gomes da Silva se escreveu, com justiça, que "como cidadão não deixa, de sua peregrinação pela vida, um deslise sequer, que lhe possa afear a memória bendita e feliz", sendo êle, na expressão feliz do Padre Sinfronio de Castro, "na vida e na morte, verdadeiramente Tobias, que, em hebraico, significa "agradável ao senhor". Entre os barbacenenses de prol cabe, pois, ao Padre Tobias José Gomes da Silva lugar de destaque".

De 1929 a 1933, o padre Luiz Koester foi reitor do Instituto Missionário São Miguel, na Borda do Campo. Em 14 de outubro de 1929, o Arcebispo Dão Helvécio Gomes de Oliveira partiu de Barbacena para São João del Rei como mediador entre revolucionários contra o govêrno do presidente Washington Luiz e legalistas.

Em 1931, a igreja de Sant'Ana do Barroso passou a ser capela de Nossa Senhora do Rosário e a capela de Nossa Senhora do Rosário, da

mesma localidade, passou a ser a matriz da paróquia de SANT'ANA do Barroso.

Em 17 de janeiro de 1932, o *Lar Católico* publicou produção do padre JOÃO LEHMANN, da Congregação do Verbo Divino, em que exaltou a personalidade de D. ADELAIDE DUARTE DE ANDRADA. Em 18 de março de 1932, encerrou-se, na matriz de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, o setenário das Dôres, realizando-se a procissão do Depósito dessa Nossa Senhora da igreja matriz para a da BOA MORTE. Em 19 de março de 1932, realizou-se, em Barbacena, a procissão do Depósito de Nosso Senhor dos PASSOS da igreja matriz para a do ROSÁRIO. Em 20 de março, realizou-se, em Barbacena, a procissão do Encontro, pregando ao Pretório monsenhor FRANCISCO LOPES DE ARAÚJO, no Encontro o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO e no Calvário o padre JOSÉ TORQUATO. Ainda neste mês afastou-se da direção da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena o seu vigário padre FRANCISCO LOPES DE ARAÚJO, do qual foi coadjutor por longo tempo o padre JOSÉ CUSTÓDIO BRANDÃO GUEDES. Em abril dêsse ano assumiu a direção da paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, como vigário interino, o padre RAUL DE AZEREDO COUTINHO, que, pouco tempo depois, foi efetivado no cargo. Ainda neste ano de 1932, o *Jornal de Barbacena* publicou, em seu número 858, *Tradições da Igreja do* ROSÁRIO.

Em 1934, o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO foi eleito deputado à Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Em 1935, o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO proferiu oração na Assembléia Legislativa do Estado de Minas em que defendeu o ponto de vista católico na reorganização constitucional do Estado, oração essa editada, no mesmo ano, pela tipografia Brasil, de Belo Horizonte. Em 9 de julho de 1935, o *Estado de Minas*, o *O Debate*, a *Folha de Minas* e o *Diário*, de Belo Horizonte, fizeram o elogio do padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO como orador "notável pela eloqüência e pela erudição", "de admirável eloqüência e profundo conhecimento do nosso meio social". Em 3 de novembro de 1935, o dr. EDGARD RIBAS CARNEIRO publicou *Um processo civil de 1794*, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, sôbre a ação do padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA contra a sua irmã MARIA JOANA DE OLIVEIRA, viuva de JOSÉ AIRES GOMES.

Em 1935, começou a editar-se *Imprensa*, semanário da paróquia de Barbacena, com aprovação eclesiástica, que tinha por lema "... *Et Veritas Liberavit vos* (Jo. VIII, 32)". Prestou êste órgão de publicidade relevantes serviços à Igreja, em Barbacena, sobretudo à sua história, pois em

suas colunas foram insertas preciosas informações sôbre a vida eclesiástica barbacenense.

Em 1.º de novembro de 1936, o padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO foi removido da primeira para a segunda cadeira de português, na qual permaneceu até 11 de agôsto de 1937, no Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena.

Em julho de 1939, começou a exercer as funções de capelão no Hospital Colonia, em Barbacena, o padre CICERO SALES, que as deixou em março de 1940. Ainda no ano de 1939, assumiu a presidência da Conferência de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena o vice-presidente PAULO FERREIRA CAMPOS, que se manteve nela durante cinco anos.

Em 1940, chegou a Barbacena o grande escritor católico francês GEORGES BERNANOS. De 1940 a 1945, o padre HENRIQUE SCHRADER foi reitor do Instituto Missionário SÃO MIGUEL, na Borda do Campo.

No n.º 262, em 10 de março de 1940, *Imprensa* deu publicidade a "esta pauta de sacerdotes barbacenenses" do Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, que, segundo anotação do autor, foi "*correta* e aumentada" em relação à divulgada no mesmo jornal, n.º 234, de 1939:

"PADRES BARBACENENSES

(Ordem cronológica de Ordenação)

GRUPO A

Padre JOSÉ DIAS DE CARVALHO
" MATEUS PINTO DE ANDRADE
" MANOEL DIAS DE SÁ
" LOURENÇO PINTO BARBOSA

GRUPO B

Padre JOÃO DE ALMEIDA RAMOS
" FRANCISCO PEREIRA DA CUNHA

GRUPO C

Padre JOSÉ JOAQUIM ARMOND
" JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO
" JOSÉ FERREIRA CAMPOS

GRUPO D

Padre VALERIO DOS REIS E SILVA
" FRANCISCO MENDES LINHARES
Cônego JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA

GRUPO E

Cônego JOAQUIM ANTONIO DE ANDRADE BEMFICA
Padre JOSÉ JOAQUIM CORRÊA DE ALMEIDA

GRUPO F

Padre ANTONIO JUSTINO DO NASCIMENTO
Cônego GUSTAVO AUGUSTO DA FREIRIA QUEIROZ
Padre EZEQUIEL AUGUSTO DE CARVALHO
" FRANCISCO FABIANO DE ASSIS CAIXETA
Monsenhor JOSÉ MARIA FERREIRA VELHO
Padre JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA
" MARCELINO JOSÉ FERREIRA
" LUIZ CARLOS DA ROCHA
" PEDRO FRANCISCO VIEIRA
" JOÃO FERREIRA DE CASTRO

GRUPO G

Padre PEDRO NOGUEIRA DA SILVA
" SILVINO FERREIRA DE CASTRO
" ANTONIO JOSÉ DE CASTRO
Monsenhor RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA
Padre IBRAIM COELHO DUARTE
" ANTONIO PAULINO PEREIRA LIMA
Monsenhor MARCIANO BERNARDES DA FONSECA
Padre TEODORO TEOTONIO DA SILVA CAROLINO
" FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA
" FIRMINO RIBEIRO MENDES
Monsenhor SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO
" ANTONIO CARLOS DE CASTRO
Padre ANTONIO JOSÉ DA SILVEIRA

GRUPO H

Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO
" GALDINO RODRIGUES MALTA

GRUPO I

Padre RAUL DE AZEREDO COUTINHO
" OTAVIO RODRIGUES PEREIRA
" FRANCISCO DIAS DA FONSECA
" ABEILLARD FERNANDES DE OLIVEIRA
" Dr. MAURO DE FARIA
" GERALDO MAJELLA TEIXEIRA
" GERALDO MACHADO MENDES
" ANTONIO DE ANDRADE

GRUPO J

Padre JOSÉ FERREIRA GOMES
" JOÃO PAULO DA COSTA MATOS DE ALMEIDA

GRUPO "EXTRA"

Padre SILVESTRE DIAS DE SÁ
" JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA (Inconfidente)
" MANOEL RODRIGUES DA COSTA (Inconfidente)
" MARCELINO RIBEIRO MENDES (Do *Ribeirão*)
" FRANCISCO ANTONIO ARMOND (Da *Fazenda dos Moinhos*)
" ANTONIO DE FARIA MOREIRA (Do *Faria*)
" JOSÉ DE SOUZA LIMA".

O Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO advertiu, nesse seu trabalho, que "por *barbacenenses*, só entendo os nascidos no território da primitiva paróquia de Barbacena, a partir de 1725 até nossos dias, ou os nascidos em paróquias posteriormente criadas neste município. Para clareza, explico que os padres aqui apontados nasceram todos em lugares que então pertenciam a Barbacena."

Em seguida, o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO anotou:

I — "Os quatro sacerdotes do Grupo A foram ordenados por D. Frei MANOEL DA CRUZ, primeiro Bispo de Mariana (Episcopado de 1748 a 1764). Creio que neste grupo deve figurar o Padre SILVESTRE DIAS DE SÁ, da Mantiqueira, irmão do Padre MANOEL DIAS DE SÁ.

II — É possível que fossem ordenados sacerdotes conterrâneos nos periodos episcopais do 2.º e do 3.º bispos de Mariana. Se os houve, dêles se me não depara menção alguma.

III — Os sacerdotes do Grupo B foram ordendaos por D. Frei DOMINGOS DE PONTEVEL, 4.º Bispo de Mariana (1779-1793).

IV — O Grupo D abrange os padres barbacenenses ordenados pelo 5.º Bispo de Mariana — D. Frei CYPRIANO (1798-1817).

V — Os padres do Grupo D ordenaram-se no episcopado de D. Frei JOSÉ DA TRINDADE, 6.º Bispo de Mariana (1820-1835).

VI — O Grupo E se constitui dos sacerdotes barbacenenses ordenados no longo período da "Sé Vaga" (1835-1844). — O cônego JOAQUIM ANTÔNIO DE ANDRADE BENFICA foi ordenado no Rio de Janeiro por D. Frei ANTÔNIO DE ARRABIDA, a 21 de dezembro de 1843. — O Padre Mestre CORRÊA DE ALMEIDA ordenou-se de presbítero em 3 de março de 1844, no

Convento de Santo ANTÔNIO do Rio de Janeiro. Ordenou-o D. ANTÔNIO DE ARRABIDA, bispo titular de Anemuria, com letras dimissórias do Cabido de Mariana, onde antes havia prestado exames sinodais. É para notar que CORRÊA DE ALMEIDA nunca foi aluno de nenhum Seminário, como freqüentemente forjam e erradamente publicam muitos que o biografam.

No grupo F se encontram os barbacenenses ordenados pelo santo D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO, 7.º Bispo de Mariana (1844-1875).

Os padres apontados no Grupo G são do episcopado de D. ANTÔNIO BENEVIDES, de santa e saudosa memória, 8.º Bispo de Mariana (1877-1896). — Neste grupo figura o padre PEDRO NOGUEIRA DA SILVA, que teve as honras de Cônego Catedrático do venerando Cabido de Mariana. Foi agraciado com essa dignidade canônica por D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA, em 1921. Sacerdote muito estimado por suas virtudes, faleceu em Mariana, quando se distinguia, por sua grande bondade, entre os *primicerios do clero*. — Desta turma ainda vivem dois — Monsenhor RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA e Monsenhor MARCIANO BERNARDES DA FONSECA, ambos de acentuado destaque nas fileiras do cleor mineiro. — Aos quatro últimos dêste Grupo ordenou-os o Bispo titular de Camaco.

O Grupo H, constituído sòmente de dois nomes, é o do episcopado do santo e sábio D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA, 9.º Bispo de Mariana (1897-1922).

VII — O ante-penúltimo Grupo, I, encerra os nomes dos barbacenenses ordenados no atual episcopado do insigne e apostólico Arcebispo senhor D. HELVÉCIO GOMES DE OLIVEIRA. Desta plêiade os dois penúltimos foram ordenados presbíteros por D. ARISTIDES PORTO, Bispo titular de Theveste.

VIII — Fogem à presente pauta cronológica de ordenação os nomes do Grupo J. São barbacenenses ordenados fora desta Arquidiocese: o primeiro é padre lazarista e o segundo é incardinado na Arquidiocese de Belo Horizonte.

IX — O Grupo "extra" (extra-cronológico) abrange sacerdotes barbacenenses de cuja ordenação não consegui precisar as datas, como, igualmente, não me foi possível descobrir quais os Bispos que os ordenaram. — O padre SILVESTRE DIAS DE SÁ é dos mais antigos, floresceu em tempo do primeiro bispo de Mariana. Era irmão do padre MANOEL DIAS DE SÁ. — O padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA, segundo se lê na *Arquidiocese de Mariana*, do Senhor Cônego R. TRINDADE, nasceu em CONCEIÇÃO de Ibitipoca. Ficou célebre na Inconfidência, bem como se notabilizou inconfidente o padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, nascido no Ribeirão. — O padre ANTÔNIO DE FARIA MOREIRA era nascido no FARIA. Foi êste sacerdote quem batizou ao Padre-Mestre CORRÊA DE ALMEIDA, em 8 de outubro de 1820. — O padre JOSÉ DE SOUZA LIMA, natural de Barbacena, segundo afirma XAVIER DA VEIGA e o confirma o Cônego TRINDADE, foi homem de destaque em sua época. Faleceu em Campanha, em 1841. — Ao ilustrado e venerando professor SOARES FERREIRA devo a notícia dos nomes que agora aponto no grupo "extra". Consciencioso e exato conhecedor da história barbacenense, o abalisado Mestre merece todo o acatamento, na sua exposição de cousas antigas de nossa terra.

X — São, portanto, 57, e não 47, como eu havia publicado, os sacerdotes barbacenenses."

Em 9 de julho de 1942, o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO teve a bondade de oferecer-me o seu referido trabalho, com esta observação: "A lista está atualizada, com as emendas; aí estão os nomes *todos* dos padres barbacenenses até a presente data". E as emendas, manuscritas, eram as seguintes:

No Grupo G, foi registrado o falecimento, em Herval, de Monsenhor RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA.

No Grupo I, foram acrescidos êstes nomes:

Padre ARMANDO CESÁRIO FERREIRA LIMA
" NELSON TAFÚRI.

No Grupo J, foram, também, acrescidos êstes nomes:

Padre JAIR PEREIRA
" MOZART PEREIRA

Neste grupo J anotou o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO:

"Os dois últimos — JAIR PEREIRA e MOZART PEREIRA — são congregados do Verbo Divino."

Conseqüentemente, a êsses acréscimos, retificou o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO a sua anterior conclusão quanto ao número total dos padres barbacenenses, que passou a computar como sendo de 61 e não 57.

No mesmo mês de julho de 1942, o Padre SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO teve a bondade de mander-me esta carta:

"Barbacena, 16 de julho de 1942.

Prezado amigo Dr. NESTOR MASSENA.

Afetuosas saudações.

Recebi seu delicado cartão e muito lhe agradeço a gentileza de seus dizeres.

Com especial prazer lhe respondo à pergunta sôbre o Padre Francisco Vidal de Barbosa, irmão do inconfidente Domingos Vidal de Barbosa.

No meu trabalho sôbre *"Padres Barbacenenses"*, omiti, na verdade, o nome dêsse ilustre sacerdote, que esteve implicado na Inconfidência.

Eu tive escrúpulos em o inserir na minha coleção de barbacenenses, por não ter, então, certeza sôbre a terra do nascimento dêle.

Para lhe responder agora à pergunta, dei-me algum trabalho. Na *"Arquidiocese de Mariana"*, obra histórica de relêvo, vol. II, pág. 1.083, § 6.º, lê-se: — "Padre Francisco Vidal de Barbosa Lage. Natural da freguezia de Nossa Senhora da Glória do Caminho Novo, filho do Capitão Antônio Vidal Lage e Thereza Maria de Jesus. Irmão de Domingos Vidal de Barbosa Lage. Ordenou-se em 1782. Esteve preso, sofrendo um interrogatório."

Pude mais verificar que foi êle ordenado sacerdote a 25 de maio de 1782, pelo quarto Bispo de Mariana, — D. Frei Domingos de Pontevel.

Deve, portanto, ser incluído entre os sacerdotes ordenados por êste Bispo, apontados no meu trabalho. Isto é fora de dúvida.

Quanto à terra em que êle nasceu, verifiquei que a freguezia de Nossa Senhora da Glória do Caminho Novo, pátria dos Barbosa Lage, é o velho Simão Pereira, hoje São Pedro de Alcantara, se é que ainda não foi mudado o nome pelo Estado Novo...

Convém não confundir N. S. de Chapéu d'Uvas com N. S. da Assunção do Caminho Novo.

Caminho Novo era muito comprido e foi dando nome a várias localidades que lhe ficavam às margens. Mas não há dúvida que a terra dos Barbosa Lage era Simão Pereira.

E tudo isto era de Barbacena, pelo menos até 1826 — data de um mapa estatístico da Diocese de Mariana.

Portanto, o Padre Francisco Vidal de Barbosa Lage, nascido em território que então pertencia a Barbacena, deve ser incluído entre os "Padres Barbacenenses", de acôrdo com o critério adotado por mim, em meu trabalho.

Agradeço ao nobre amigo a oportunidade que me deu de retificar a omissão praticada.

Aliás, sempre tive dúvidas sôbre êste caso, que, agora, fica esclarecido.

Como sabe, êstes assuntos de genealogia e cronologia exigem ponderação e paciência beneditina.

— Um ponto, sôbre que tenho dúvidas, ainda me resta: — Soares Ferreira falou-me, uma feita, sôbre um Padre Firmino Ribeiro Mendes, sepultado na Matriz de Barbacena, em 1844. Não consegui jamais colher notícias dêste Padre, que, pelo nome, parece pertencer à tradicional família barbacenense e de quem há um Padre homônimo, citado no meu trabalho.

Sempre com inteira estima, seu admirador e velho amigo
(a.) — Padre Sinfronio de Castro"

Ainda no mês de julho de 1942, tive o prazer de receber esta carta do Padre Sinfronio Augusto de Castro:

"Barbacena, 30 de julho de 1942.

Prezado amigo Dr. Nestor Massena.

Saudações afetuosas.

Com prazer recebi suas últimas cartas, a que só hoje posso responder.

Examinei com cuidado, dentro de minhas possibilidades, os nomes dos Padres, a respeito dos quais me pede informações.

Pouco pude obter. Pretendo escrever sôbre isto ao Cônego R. Trindade, meu distinto amigo, que é muito prestimoso. Êle exerce o cargo de Arquivista desta Arquidiocese e é o autor da obra *"Arquidiocese de Mariana"*. É possível que o Padre Trindade possa esclarecer-nos sôbre os sacerdotes de que me falam suas cartas.

Dos Padres Antônio de Lima Soares, João Lopes de Oliveira, Manoel Afonso, Manoel Alves, Manoel José de Oliveira, Domingos Rodrigues da Costa e Antônio Pereira Henriques, nada pude obter. Nem encontrei êsses nomes na lista dos Padres desta Diocese, — lista de ordenação feita Bispo por Bispo.

O Padre Jeronymo Gonçalves da Silva Macedo foi ordenado por Dom Viçoso em 14 de maio de 1848. Não consegui saber nada mais.

Na sua carta, fala-me de Padre Justiniano da Cunha Pereira, redator do *Parahybuna*. Não haverá troca de nome? Encontra-se na relação dos Padres ordenados por Dom Frei José da Santissima Trindade, 6.º Bispo de Mariana, o Padre Justiniano Pereira da Cunha. Êste foi ordenado em 3 de maio de 1824, e é natural da Vila do Principe. Isto consta da obra *"Arquidiocese de Mariana"*. Justiniano Pereira da Cunha e não Justiniano da Cunha Pereira. Uma das fontes está errada.

— Os Padres de que me fala sua carta, são para mim, na maioria, nomes desconhecidos.

ANTONIO DE LIMA SOARES pode haver sido ordenado por Dom Frei MANOEL DA CRUZ, 1.º Bispo de Mariana, mas o nome dêsse Padre não está na relação encontradiça na *"Arquidiocese"*. Conjeturo que ANTONIO DE LIMA SOARES pode ter sido ordenado por Dom Frei MANOEL, no Maranhão.

Como V. sabe, o 1.º Bispo de Mariana foi Bispo de Maranhão e lá deve ter ordenado sacerdotes. Êstes não constam das listas de ordenação dos Padres desta Diocese.

O 1.º Bispo de Mariana só começou a ordenar, neste Bispado, em 1749.

— Do Padre JOSÉ BERNARDINO OCTAVIANO DIAS só consegui saber que foi êle ordenado por Dom A. BENEVIDES, 8.º Bispo de Mariana, em 10 de abril de 1881.

Do Padre FRANCISCO ANTONIO ARMOND faço menção no meu trabalho, mas não consegui nunca saber as datas de seu nascimento, ordenação e etc.

SOARES FERREIRA tambem me falou de um Padre ANTONIO ARMOND. Não sei se é outro diferente de FRANCISCO ANTONIO ARMOND, e por isso passei em claro o seu nome. (Ultimamente SOARES FERREIRA, às vezes, dormitava. *Quandoque bonus dormitat Homerus*).

No livro de obitos de 1846, encontra-se o registro de sepultamento, na Matriz, dos Padres MARCELINO RIBEIRO MENDES e JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO. Não encontrei o nome de Padre *Firmino* RIBEIRO MENDES. Sôbre os dois registrados nenhuma moticia tenho, salvo esta do sepultamento.

Com a letra de SOARES FERREIRA, tenho a seguinte nota: "O Padre MANOEL DIAS DE SÁ, filho do Capitão MANOEL DIAS DE SÁ e ANNA MARIA DOS SANTOS, ele reinol e ela natural do Rio de Janeiro, foi batizado na Capela da Borda a 21 de fevereiro de 1734, e faleceu a 11 de outubro de 1799, sepultado na Capela da Borda. O Padre SILVESTRE DIAS DE SÁ, seu irmão, batizado a 13 de março de 1735; faleceu a 30 de agosto de 1794, sepultado na Capela da Borda. Eram irmãos maternos de MARIA IGNACIA DE OLIVEIRA, casada com o Cel. JOSÉ AIRES GOMES, o Inconfidente da Borda."

Dou-lhe esta nota, ultima que me deu o saudoso FERREIRA.

Na obra do TRINDADE há, diz-me a memória, algo sôbre um Padre irmão do Padre JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, Inconfidente. Vou verificar isto.

Estou sempre às suas ordens.

Logo que o Conego TRINDADE chegue a Mariana, tentarei obter dele as notas que V. deseja.

Abraços

a) Pe. SYMPHRONIO DE CASTRO.

N.B. Reenvio-lhe seu trabalho sobre o P. FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA. Creio que nada mais se poderá descobrir ou conhecer a respeito deste nome histórico. Seu trabalho está ótimo e muito bem feito."

De pesquizas a que me dediquei, então, cheguei à conclusão de que os padres SILVESTRE DIAS DE SÁ, JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA, MANOEL RODRIGUES DA COSTA e ANTONIO DE FARIA MOREIRA foram ordenados durante o episcopado do 1.º Bispo de Mariana, D. Frei MANOEL DA CRUZ e o padre JOSÉ DE SOUZA LIMA durante o episcopado de D. Frei JOSÉ DA TRINDADE, 6.º Bispo de Mariana.

Em setembro de 1942, recebi esta carta do Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO:

"Barbacena, 25 de setembro de 1942.

Prezado amigo Dr. NESTOR MASSENA.

Afectuosas saudações.

Com prazer lhe envio hoje as informações que pude obter do meu ilustre amigo Conego TRINDADE, a respeito dos Padres de que V. me pediu noticia.

Dos 15 nomes enviados, vieram informações sobre 8. Isto quer dizer que não é fácil, segundo penso, conseguir mais minuciosas notas acerca desses Padres desaparecidos na caligem do passado.

O TRINDADE, cuja carta a mim escrita tambem aqui vae, é muito correto, competente e verdadeiro. Conhece a fundo o Arquivo da Diocése em que trabalha ha vinte anos. Se ele afirma que no Arquivo nada mais se encontra, além do que nos forneceu, inutil será qualquer outra pesquisa entre papéis históricos da Diocese.

Tenho toda a confiança no TRINDADE, a quem costumo dizer que ele tem dois microbios: — o microbio do pecado original como todos nós, e o microbio de pesquizador de cousas velhas, para não dizer que ele é *traça roedora de cousas antediluvianas...*

Estimarei que lhe agradem as notas obtidas."

A carta do Senhor Conego RAIMUNDO TRINDADE, a que alude o Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, é vasada nestes termos:

"SYMPHRONIO amigo.

Abraços cordiais.

Aí vão as notas, que consegui com relação aos padres da lista que me mandou.

Dos que não constam destes apontamentos nada encontrei no nosso arquivo.

O CERQUEIRA LEITE deve ser do Rio.

Fiz tudo para satisfazer ocmpletamente a seus desejos.

Creio poder afirmar que nada mais ha por aqui relativamente a esses padres da sua relação.

Mais abraços do
velho am.º
TRINDADE.
21-IX-42"

As informações do Conego RAIMUNDO TRINDADE, retro-referidas são as seguintes.

"Pe. DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA, natural de São Miguel das Marinhas, arcebispo de Braga; filho de MIGUEL RODRIGUES DA COSTA e de INÁCIA PIRES. Compatriotado na diocese. Ordenado em Mariana a 24-IX-1762.

Pe. FRANCISCO ANTONIO ARMONDE. Armonde em tôdos os documentos, aliás ALMONDE, talvez de *Almonda*, povoação portuguesa.

O seu nome na matricula e processos é, por extenso — FRANCISCO ANTONIO FERREIRA ARMONDE: filho do alferes FRANCISCO FERREIRA ARMONDE, natural de Barbacena, e de FELIZARDA MARIA FRANCISCA DE ASSIS, de SIMÃO PEREIRA; neto paterno de FRANCISCO FERREIRA ARMONDE, natural de São Sebastião da ilha Terceira, bispado de Angra, e de ANGELA CAMELO, do mesmo lugar; neto materno do cap. FRC.º GONÇALVES LAGE, de SIMÃO PEREIRA, e de TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO, do Engenho do Mato.

Era sobrinho materno do padre MANOEL INÁCIO DE BARBOSA LAGE.

Foi batisado na capela de N. Sa. da CONCEIÇÃO da Cachoeira, filial da Borda do Campo, oito dias depois de nascido, a 6-VII-1777.

Não descobri a ordenação sacerdotal, que terá sido em *séde vacante*.

Seu irmão germano JOSÉ JOAQUIM ARMONDE ordenou-se de presbítero a 21-XII-1805.

Pe. JOSÉ BERNARDINO OTAVIANO DIAS foi ordenado a 10-4-1881. E nada mais, por enquanto.

Quanto a este, *por enquanto;* porque espero descobrir mais alguma cousa. É que neste ano, 1881, o arquivo está baralhado.

Pe. JUSTINIANO PEREIRA DA CUNHA. Nat. da Vila do Principe, nascido de pais incógnitos (exposto); batisado a 8 de abril de 1798. Ordenado a 3-V-1824.

Pe. ANTONIO PEREIRA HENRIQUES. Era beneficiado em 1760, quando se propoz a outros benefícios vagos, como CONCEIÇÃO de ANTONIO DIAS (V.ª Rica), etc. Não declara em suas petições de que benefício era proprietário. E nada mais se sabe aqui deste padre.

Pe. MANUEL AFONSO? Encontrei os autos de habilitação do Pe. MANUEL AFONSO DINIZ. Era natural de Mariana; o pai, de Sabará, e a mãe, de ANTONIO DIAS Abaixo. Será este?

Pe. ANTONIO RODRIGUES DE ARAUJO. Matriculado ANTONIO RODRIGUES DE ARAUJO LOBATO. Nascido na Borda do Campo, onde foi bat. a 25-III-1785; filho do cirurgião-mór LUIS RODRIGUES DE ARAUJO e de JOAQUINA MARIA DA ASSUNÇÃO, também naturais da Borda.

Foi batisado pelo Vigário Dom AGOSTINHO PITA DE CASTRO.

Este AGOSTINHO (sacerdote do hábito de S. PEDRO) foi apresentado para a igreja da Borda por Carta da Rainha, D. MARIA I, datada de 21-1-1785. Foi colado por dom fr. DOMINGOS DA INCARNAÇÃO PONTEVEL por sentença de 7-IV-1786.

Era natural de Caminha, arcebispado de Braga.

Padre LUÍS JOSÉ DE FREITAS BELO.

Com o nome de Luís José é que foi matriculado, processado *de genere et de moribus*, e ordenado.

Recebeu o subdiaconato em São PAULO, séde vacante em Mariana — 1797. Provavelmente lá mesmo terá sido ordenado de presbítero.

Nasceu em Paraíba do Sul, onde, na capela de seus pais, foi batizado a 6-VI-1775.

Era filho do cel. LUÍS ALVES DE FREITAS BELO e de ANA QUITÉRIA JOAQUINA DE OLIVEIRA; neto paterno de ANTONIO FRC.º BELO e de MARIANA DOMINGUES; neto materno do tenente coronel JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA e de BERNARDINA CAETANA DO SACRAMENTO.

Foi seu padrinho de batismo o marquês do Lavradio Dom LUÍS DE ALMEIDA PORTUGAL SOARES E ALARCÃO EÇA MELO E SILVA MASCARENHAS.

Seus avós paternos e seu pai, eram naturais de São João da Póvoa de Monte Real, bispado de Leiria; os maternos, o avô era de Santa MARIA do Ilival, bispado do Porto, a avó era de Nossa Senhora da VITÓRIA de SIMÃO PEREIRA.

A mãe era de "N. Sa. da PIEDADE do arraial da Igreja Nova" (Barbacena).

Foi compatriotado (incardinado) na diocese de Mariana por sentença de 5-IX-1797.

Habilitado *de genere* por sentença de 15-IX-797."

De acôrdo com as pesquisas que realizei, juntamente com o Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, parece que, salvo retificação, ou acrescimo ,deve ser esta a relação dos padres nascidos no municipio de Barbacena:

GRUPO A

1 ANTONIO DE FARIA MOREIRA
2 DOMINGOS RODRIGUES BARBOSA
3 DOMINGOS RODRIGUES DA COSTA
4 JOÃO LOPES DE OLIVEIRA
5 JOSÉ DIAS DE CARVALHO
6 JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA (1.º)
7 JOSÉ LOPES DE OLIVEIRA (2.º)
8 MANOEL ANTONIO DE FARIA MOREIRA
9 MANOEL DIAS DE SÁ
10 MANOEL RODRIGUES DA COSTA
11 MATEUS PINTO DE ANDRADE
12 SILVESTRE DIAS DE SÁ

GRUPO B

13 ANTONIO RODRIGUES DE ARAUJO LOBATO
14 FRANCISCO RODRIGUES DE ARAUJO
15 FRANCISCO VIDAL DE BARBOSA
16 FRANCISCO PEREIRA DA CUNHA
17 JOÃO DE ALMEIDA RAMOS
18 JOSÉ DE SOUZA LIMA
19 MANOEL MARIA DE BARBOSA LAGE

GRUPO C

20 JOSÉ FERREIRA CAMPOS
21 JOSÉ JOAQUIM DE CARVALHO
22 JOSÉ JOAQUIM ARMOND
23 JOSÉ JOAQUIM FERREIRA
24 MANOEL FERNANDES DA SILVA

GRUPO D

25 FRANCISCO MENDES LINHARES
26 JOSÉ PEDRO DA SILVA BEMFICA
27 VALERIO DOS REIS E SILVA

GRUPO E

28 JOAQUIM ANTONIO DE ANDRADE BEMFICA
29 JOÃO MARCIANO DE CERQUEIRA LEITE
30 JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA

GRUPO F

31 ANTONIO JUSTINO DO NASCIMENTO
32 EZEQUIEL AUGUSTO DE CARVALHO
33 FRANCISCO FABIANO DE ASSIS CAIXÊTA
34 GUSTAVO AUGUSTO DE FREIRIA QUEIROZ
35 JOÃO FERREIRA DE CASTRO
36 JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA
37 JOSÉ MARIA FERREIRA VELHO
38 JULIO ENGRACIA DE ASSIS
39 LUIZ CARLOS DA ROCHA
40 MARCELINO JOSÉ FERREIRA
41 MARCELINO RIBEIRO MENDES
42 PEDRO FRANCISCO VIEIRA

GRUPO G

43 ANTONIO CARLOS DE CASTRO
44 ANTONIO JOSÉ DA SILVEIRA
45 ANTONIO JOSÉ DE CASTRO
46 ANTONIO PAULINO PEREIRA LIMA
47 FIRMINO RIBEIRO MENDES
48 FRANCISCO DE ASSIS NOGUEIRA
49 IBRAHIM COELHO DUARTE
50 JOSÉ BERNARDINO OTAVIANO DIAS
51 MARCIANO BERNARDES DA FONSECA
52 PEDRO NOGUEIRA DA SILVA
53 RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA
54 SILVESTRE FERREIRA DE CASTRO
55 SILVINO FERREIRA DE CASTRO
56 TEODORO TEOTONIO DA SILVA CAROLINO

GRUPO H

57 GALDINO RODRIGUES MALTA
58 SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO

GRUPO I

59 ABEILLARD FERNANDES DE OLIVEIRA
60 ANTONIO DE ANDRADE
61 ARMANDO CESARIO FERREIRA LIMA

62 Francisco Dias da Fonseca
63 Geraldo Machado Mendes
64 Geraldo Majela Teixeira
65 Mauro de Faria
66 Nelson Tafuri
67 Otavio Rodrigues Pereira
68 Raul de Azeredo Coutinho

GRUPO J

69 Jair Pereira
70 João Paulo da Costa Matos de Almeida
71 José Ferreira Gomes
72 Mozart Pereira

Em 4 de julho de 1941, foi o padre Symphronio Augusto de Castro aposentado como professor do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena. Neste ano de 1941, foram ordenados padres, em Mariana, os barbacenenses Armando Cesario Ferreira Lima e Nelson Tafuri.

Em 15 de janeiro de 1942, o escritor católico francês Georges Bernanos escreveu, em Barbacena *"Le Brèsil ... c'est mon foyer, c'est ma maison"* e *"Vous avez donné au monde un peuple libre, formé pour la liberté"*. Em 25 de março de 1942, faleceu um dos vultos de relevo no mundo católico de Barbacena — o professor José Cipriano Soares Ferreira, em cujo enterramento oficiaram os padres Raul Coutinho, Symphronio Augusto de Castro e Pedro Sarneel. Em 1.º de maio de 1942, exonerou-se das funções da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena o padre Raul de Azevedo Coutinho. Em 20 de abril de 1942, Nestor Massena publicou, em a *Cidade de Barbacena, Barbacenenses de Prol* — José Cipriano Soares Ferreira:

"José Cipriano Soares Ferreira. Natural de Mariana onde fez os seus primeiros estudos para depois prosegui-los no Colégio do Caraça. Daí, transferiu-se, nos ultimos anos do Império, para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina, de que cursou os tres primeiros anos, não podendo concluir o curso médico por ter sido assaltado por tuberculose pulmonar, que o obrigou a vir buscar no clima de Barbacena o prolongamento de sua existencia.

Soares Ferreira deve ter sido, desde criança, de costumes sobrios. Da sua passagem pela Faculdade de Medicina dá-nos disso indicação o fato de terem sido recolhidas ao seu Museu Anatomico várias peças de anatomia humana por ele preparadas, o que só se dava com os trabalhos dignos de serem assim, selecionados e premiados. Aristoteles Dutra, médico distintissimo e professor da Escola Superior de Agronomia, que foi, em Barbacena, seu discipulo, guarda recordações desses trabalhos academicos de Soares Ferreira, que viu e apreciou.

Vindo para Barbacena, Soares Ferreira ingressou no corpo docente do Colégio Abilio, instalado no edifício e mque existira o Colégio Providência e que devia, depois, ser o Ginásio de Barbacena e, mais tarde, desde 1891, o Ginásio Mineiro, para ser, em seguida, Colégio Militar e voltar a ser o atual Ginásio Mineiro. Lente de português, de literatura e de lógica desse Ginásio, foi, também, Soares Ferreira lente do português da Escola Normal Municipal, de que foi o primeiro diretor, tendo sido, igualmente, reitor do Ginásio, após Augusto Avelino de Araujo Lima e Leonardo Carlos Palhares.

Todos os que o conheceram sabem o que foi Soares Ferreira como professor e diretor e reitor daqueles estabelecimentos de ensino: a mais perfeita linha de conduta, a maior dedicação ao ensino, o desejo permanente da eficácia dos seus esforços.

Foi Soares Ferreira eximio cultor das belas letras. *Euripo Carmense* subscreveu vasta produção poética, esparsa pela imprensa mineira, sobretudo *O Arauto*, de Navantino Santos e Rebeldino Batista, de Cataguazes, e enfeixada no poemeto *O Itamonte* e no poema *Tiradentes*, no qual deixou a marca do seu profundo amor às cousas de nossa terra, de cuja história foi infatigável estudioso, e do seu fervoroso culto à figura do protomártir da nossa independência política. A bagagem literária de Soares Ferreira em prosa é também, deveras valiosa, sobressaindo nela os estudos históricos sobre Barbacena, as suas famílias e os seus pro-homens, e conferência sôbre *O coração*, editada pela Imprensa Oficial de Minas, quando seu diretor Abílio Machado, no govêrno Antônio Carlos. A Prefeitura local editou opúsculo com erudita notícia da fundação e desenvolvimento do povoado, depois vila e hoje cidade de Barbacena, elaborado pelo erudito professor.

Espírito eminentemente religioso, de destacado realce entre os paroquianos de N. S. da Piedade de Barbacena, o professor Soares Ferreira foi, em vida, paradigma do chefe de família afetivo e virtuoso, do professor orgulhoso dos seus discpulos e do cidadão íntegro e verdadeiramente imbuído de espírito público, embora sempre adstrito à sua atuação professoral.

O passamento deste tão relevante vulto da nossa terra, que elegeu Barbacena para a sua vitalícia atividade no magistério, no qual se afirmou, entre nós, *primus inter pares*, traz as mais saudosas evocações àqueles que,

orientados nos seus estudos de humanidade pelo saudoso, pelo grande, pelo inesquecível Mestre, lhe devem, por isso, cordial gratidão e a mais reconhecida saudade."

Desde maio de 1942 até abril de 1943, foi delegado paroquial na paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena o padre ARISTIDES CLEMENTE TEIXEIRA. Em 5 de junho de 1942, os alunos do Grupo Escolar BIAS FORTES, de Barbacena, realizaram solenidade comemorativa da Páscoa. Em 14 de junho de 1942, foram inauguradas nas enfermarias da Santa Casa de Barbacena placas com os nomes de PORFÍRIA MAGALHÃES, na de senhoras, BENJAMIN FERREIRA GUIMARÃES, na de homens, PAULO FELISBERTO PEIXOTO, na de meninos, e ALICE WIGG, na de meninas. Em 15 de junho de 1942, faleceu no Rio de Janeiro e sepultou-se no cemitério de São João Batista, o coronel JOSÉ MÁXIMO DE MAGALHÃES, antigo provedor da Santa Casa de Barbacena. Em 22 de junho de 1942, NESTOR MASSENA publicou *Barbacenenses de prol*, JOÃO GONÇALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO, na "Cidade de Barbacena". Em 26 de junho de 1942, a "Cidade de Barbacena" publicou *Barbacenenses de prol*, FELICIANO PITA DE CASTRO, de NESTOR MASSENA. Em 13 de julho de 1942, realizaram-se, na capela da Santa Casa de Barbacena, exéquias solenes pela alma do coronel JOSÉ MÁXIMO DE MAGALHÃES, mandadas celebrar pela Mesa Administrativa da Santa Casa.

Por ocasião do vicariato do padre RAUL COUTINHO na paróquia de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena, fundou-se nessa cidade orgam jornalístico denominado *Imprensa*, dedicado à defesa e à propaganda da fé católica. ANITA COUTINHO, irmã do padre RAUL COUTINHO e a caçula do casal ANTONIO DE AZEREDO COUTINHO e HENRIQUETA MOREIRA COUTINHO, ligou o seu nome a essa publicação, o que lhe valeu, em setembro de 1942, por motivo da interrupção da existência dessa folha religiosa, este artigo de GEORGES BERNANOS, assim aparecido na *Cidade de Barbacena* de 17 do referido mês:

"A propósito da interrupção da publicação da "Imprensa", semanário católico local, o insigne escritor GEORGES BERNANOS dedicou à senhorinha ANNITA COUTINHO o seguinte e belo artigo, que abaixo transcrevemos, com sua respectiva tradução:

"A mon cher confrère ANNITA, dont j'ai lu tant de fois avec plaisir les chroniques si spirituelles et si sensibles:

."*"Imprensa"* fait aujoud-hui ses adieux au public. Je voudrais pouvoir lui répondre au nom de tous ses fidêles lecteurs, mais je dois modestement me contenter de lui répondre en mon propre nom. Un des thèmes

les plus emouvants de la pensée helénique est que ne saurait plus être anéanti ce qui a été une fois, ce qui a passé une fois du néant à l'être. Ainsi la plus hardie et la plus pure des philosophies humaines traduit en son langage une vérité que les collaborateurs d'*"Imprensa"* péfereront sans doute que j'exprime dans un langage plus simple — le plus simple des langages — c'est à dire, dans le langage chrétien: Leur journal disparait, mais le bien qu'il a fait demeure.

Tout ce qui vit ici-bas court le risque de mourir, et ce risque augmente à mesure que le vivant s'élève dans l'échelle des êtres, les espéces inférieures sont aussi les moins fragiles. Beaucoup de gens ne comprennent pas le sens de cette loi mystérieuse, ou ils font semblant de ne pas le comprendre. Ils se croient três malins parce qu'ils refusent les risques. Ils haissent le risque, sans s'apercevoir qu'ils repoussent ainsi la vie — la vie surnaturelle comme l'autre, car elle est aussi un risque, et même un risque absolu. Les Saints sont des gens qui ont tout risqué. Prétendre servir DIEU selon la prudence et la sagesse du Monde serait le plus grand des scandales, si ce n'était d'abord la plus grande des sottises. Ainsi la douce Pitié de DIEU prépare secrètement les voies de la miséricorde. Il condamnera le scandale, et il pardonnera aux imbéciles...

Les rédacteurs de l'"Imprensa' jugeront certainement dans leur modestie qu'ils ne méritent pas qu'on évoque à leur sujet des vérités si générales. Il n'est pourtant nullement déplacé de parler de risque à propos de journalistes catholiques. Oh' sans doute il s'agit d'un risque três humble, on pourrait presque dire sans gloire puisque le rôle paradoxal qu'on leur attribue est de dire la vérité sans compromettre personne — proposition terriblement contradictoire, car la proclamation de la plus petite des vérités est précisement capables de compromettre tout le monde. Il est clair qu'une profession pareille doit rapporter plus de déceptions que d'honneurs ou d'argent ... Au temps de ma jeunesse, chaque petite ville française avait san journal catholique. Ils ont été absorbés depouis par l'énorme entreprise officielle de la Bonne Presse que dispose de capitaux immenses. Que pouvaient faire, em face de cette organisation gigantesque, les pauvres directeurs "pris entre l'enclume et le marteau" comme nous disons chez nous? A chaque rapprochement momentané de l'Eglise et de l'Etat ils faisaient les frais de la reconciliation. Je veux dire que dês que les vérités qu'ils proclamaient devenaient trop desagréables aux grands et aux puissants de ce monde, faute de pouvoir publiquement désavouer la vérité, on désavouait les directeurs, et c'était un petit drame de plus, un de ces petits drames dont DIEU seul connait et bénit l'amertume.

J'ai été jadis témoin de quelques uns de ces drames obscures, et — c'est pourquoi, après tant d'années écoulées, je ne puis lire sans un serrement de cœur ces formules — les mêmes dans toutes les langues — par lesquelles un journal annonce qu'il va bientôt disparaitre. L'importance de son tirage, le nombre de ses abonnés ne saurait rien ajouter ni retirer à mon émotion. Je suis français. Je ne suis donc pas né pour être dupe des fausses grandeurs, le colossal ne m'en impose pas. Les grandes entreprises de presse ne sont, après tout, que des machines. Au lieu qu'un modeste petit hebdomidaire comme l'"Imprensa" qui ne doit sa modeste existence qu'au dévouement et à la charité à ce même caractêre de simplicité, d'authenticité que les collectionneurs modernes s'emerveillent de trouver dans les moindres objets sortis des mains de nos ancêtres. C'est par de tels instrument que l'Evangile á été jadis répandu dans le monde, et ceux qui rêvent naivement de dépasser S. PAUL grâce aux ressources de la techinque publicitaire moderne ne feront, helas, qu'ajouter aux désordres un désordre nouveau.

Je m'excuse d'avoir parlé si longuement de l'"*Imprensa*", alors que ses rédacteurs eussent souhait' disparaitre aussi discrètements de la vie quotidienne, un français ne saurait s'inspirer de ce que PASCAL appelle "l'esprit géométrique". Le génie de ma race est celui de la sympathie. C'est par la sympathie que já communié avec la chère et gracieuse ville où je ne suis pourtant qu'un étranger, presqu'un nouveau venu. L'"*Imprensa*" du dimanche m'était chère, come m'est cher chaque aspect de nos paysages familiers — beaucoup plus chère encore, pouisqu'elle était l'un des aspects du paysage spirituel dont je fait moi-même modestement partie, comme un vieil arbre français transplanté sur le sol barbacenais.

Barbacena, 14 de setembro de 1942.

G. BERNANOS"

TRADUÇÃO

(À minha presada colega ANNITA, de quem li tantas vezes com prazer as crônicas tão espirituais e tão sensíveis):

A "*Imprensa*" diz hoje seu adeus ao público.

Bem que eu desejava lhe responder em nome de todos os seus fiéis leitores, mas devo modestamente me contentar de escrever sòmente no meu próprio nome.

Um dos temas mais expressivos do pensamento helênico é o que diz que não mais poderá ser aniquilado aquilo que já existiu uma vez, que passou uma vez do nada para a vida. Assim a mais intrépida e a mais pura das filosofias humanas traduziu em sua linguagem uma verdade que os colaboradores da *Imprensa* preferirão sem dúvida que eu exprima numa linguagem mais simples — a mais simples das linguagens — isto é, na linguagem cristã: Seu jornal desaparece, mas o bem que êle fez perdura.

Tudo o que vive na terra corre o perigo de morrer, e este perigo aumenta à medida que a criatura se eleva na escala dos sêres; as espécies inferiores são assim as mais resistentes. Muita gente não compreende o sentido dessa lei misteriosa, ou faz que não compreende. Eles se creem muito espertos porque fogem dos riscos a enfrentar.

Odeiam os riscos sem se aperceberem que assim eles repelem a própria vida, tanto a vida sobrenatural como a outra, porque também a vida não deixa de constituir um risco e um risco absoluto.

Os santos são as criaturas que mais se arriscaram.

Querer servir a DEUS segundo a prudência e a sabedoria do Mundo seria o maior dos escândalos, se não fosse primeiro a maior das idiotices. Assim a doce companhia de DEUS prepara secretamente os caminhos da misericórdia. Ele condenará o escândalo e perdoará aos imbecis ...

Os redatores da *Imprensa* certamente devem estar pensando em sua modéstia que êles não merecem que por sua causa se recordem verdades de ordem tão geral. Não há nada entretanto de extraordinário em falar de perigos e riscos a propósito de jornalistas católicos.

Oh ! sem dúvida que se trata de um risco de uma responsabilidade muito humilde, quasi que se poderia dizer sem glória, uma vez que o papel paradoxal que se lhes atribue é de dizer a verdade sem comprometer a ninguém. Incumbência esta terrivelmente contraditória porque a simples enumeração da menor das verdades é capaz justamente de comprometer a todo o mundo.

É claro que uma profissão dessa natureza há de render mais lucros de decepções do que de honras e dinheiro...

No meu tempo de moço cada pequenina cidade da França tinha o seu jornal católico.

Mais tarde foram eles absorvidos pela enorme empresa oficial da Boa Imprensa, que dispõe de grandes capitais. Que poderiam fazer, em face dessa organisação gigantesca, os pobres diretores "apertados entre a bigorna e o martela", como se costuma dizer entre nós? Cada vez que se dava uma aproximação momentânea da Igreja com o Estado, eles arcavam com as despezas da reconciliação. Quero dizer que, desde que as verdades por eles proclamadas eram verdades desagradáveis aos grandes

e poderosos do mundo, não podendo condenar-se a Verdade, condenavam-se os diretores, e era então uma pequena tragédia a mais, um dêsses pequeninos dramas de que só DEUS conhece e abençôa a amargura.

Fui outrora testemunha de alguns dêsses dramas obscuros, e eis porque, decorridos tantos anos, não posso ler sem um apêrto de coração essas fórmulas — sempre as mesmas em tôdas as línguas — pelas quais um jornal anuncia que muito breve ele vai desaparecer. A importância de sua tiragem, o número de seus assinantes, não aumentam e nem diminuem em absoluto a minha emoção. Eu sou francez. Não nasci para ser enganado por falsas grandezas, as cousas colossais não me impressionam. Aliás, as grandes emprêsas jornalísticas não passam quasi sempre de maquinarias.

Ao passo que um modesto e pequenino hebdomadario, como a *Imprensa*, que só deve sua existência à caridade e ao devotamento, guarda êste mesmo caráter de simplicidade, de autenticidade, que os colecionadores modernos se maravilham de encontrar nas menores preciosidades saídas das mãos de nossos ancestrais.

Foi por intermédio de tais instrumentos que o Evangelho outrora se espalhou por todo o mundo, e aquêles que sonham ingênuamente em exceder a S. PAULO, graças aos recursos da técnica da publicidade moderna, nada mais fazem do que ajuntar uma nova desordem às desordens já existentes.

Peço perdão por ter falado tão longamente da *Imprensa,* uma vez que seus redatores desejariam desaparecer tão discretamente como discretamente trabalharam. Mas na apreciação dos acontecimentos da vida quotidiana, um francez não saberia se inspirar naquilo que PASCAL chamava "o espírito geométrico".

O espírito da minha raça é o da simpatia. Foi pela simpatia que eu me identifiquei com a querida e graciosa cidade, onde não passo entretanto de um extrangeiro, de um quasi recém-chegado. A "Imprensa" de domingo me era tão preciosa como precioso é cada aspecto de nossas paisagens familiares, bem mais preciosa ainda, pois que representava um dêsses aspectos da paisagem espiritual, de que eu mesmo modestamente faço parte, como um velho tronco francez transplantado para o solo barbacenense.

Barbacena, 14 de setembro de 1942.

G. BERNANOS"

Sôbre RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA publicamos, na galeria dos *Barbacenenses de Prol*:

"Filho do Dr. RICARDO ANTONIO DE LIMA e de GUILHERMINA AUGUSTA DE LIMA, sendo, portanto, irmão do dezembargador do Tribunal de Apelação do Distrito Federal LEOPOLDO AUGUSTO DE LIMA, RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA nasceu na cidade de Barbacena.

Depois de ter realizado os seus primeiros estudos na sua terra natal, RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA matriculou-se no seminário de Mariana, onde, após curso brilhante, ordenou-se padre quando se achava à frente da diocese marianense o seu oitavo bispo, D. ANTONIO BENEVIDES, cujo episcopado se prolongou de 1877 a 1896.

RODOLFO AUGUSTO DE OLIVEIRA LIMA foi sacerdote de grandes qualidades como ministro da religião catolica, tendo, por isso, ascendido à dignidade de monsenhor. Esse ilustre prelado faleceu em Herval, no nosso Estado, quando ali exercia os misteres de seu sacerdócio, deixando saudosa recordação a quantos o conheciam e lhe apreciavam as qualidades de espírito e de coração."

Em 6 de janeiro de 1943, teve lugar a posse de nova mesa da Irmandade do Santissimo Sacramento da matriz de Barbacena: provedor, capitão ESTEVAM DO NASCIMENTO; tesoureiro, CARLOS DE CASTRO; secretário, ERNANI MARQUES. A Mesa cujo mandato findou era a seguinte: provedor, JOSÉ EDUARDO RIBEIRO; tesoureiro, JANUARIO RASO; secretário, DURVAL TEIXEIRA. Em 17 de março de 1943, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — FRANCISCO LOPES DE ARAUJO, de NESTOR MASSENA:

"Muito embora nascido em Pará de Minas, FRANCISCO LOPES DE ARAUJO tornou-se barbacenense pela estima que conquistou em Barbacena, cuja paróquia dirigiu com grande carinho. FRANCISCO LOPES DE ARAUJO, oriundo de duas ilustres famílias mineiras — CANÇADO e ARAUJO — é filho de FRANCISCO DE ARAUJO LOPES CANÇADO e de MARIA CANDIDA DE ARAUJO, tendo nascido a 17 de março de 1876.

Depois de estudar as primeiras letras na sua terra natal, FRANCISCO LOPES DE ARAUJO foi para Mariana, matriculando-se no seminário aí existente, no qual ingressou a 14 de janeiro de 1891. E em 4 de abril de 1899 recebia êle ordens sacras de D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA.

Sagrado sacerdote, o padre FRANCISCO LOPES DE ARAUJO seguiu para Belo Horizonte, onde foi coadjutor do reverendo FRANCISCO MARTINS DIAS. Dedicando-se ao magistério, o padre FRANCISCO LOPES DE ARAUJO

foi professor de francês no Colégio Imaculada e de filosofia e historia no Asilo do Patrocinio, para o qual foi nomeado pelo arcebispo D. Silverio, nele permanecendo durante oito anos.

Tendo a saúde combalida, o padre Francisco Lopes de Araujo veiu buscar lenitivo para os seus males no clima saudavel de Barbacena, sendo nomeado paroco dessa cidade em 13 de Novembro de 1917, em substituição a monsenhor Antonio Carlos.

O valor intelectual do padre Francisco Lopes de Araujo manifestou-se, também, na imprensa, tendo sido muito apreciada a sua colaboração no *Jornal Catolico* e na *Tribuna Catolica.*

Em Agosto de 1918, foi o padre Francisco Lopes de Araujo para Caratinga, não se demorando, porem, alí, pois que regressava, logo no mês seguinte, a Barbacena. Em 10 de outubro de 1918, D. Silverio Gomes Pimenta, que lhe conhecia o valor e muito o estimava, nomeou-o seu consultor. Em 26 de fevereiro de 1919, o arcebispo D. Silverio o nomeou diretor do Recolhimento de Macaúbas, onde permaneceu durante dois anos e sete meses.

O padre Francisco Lopes de Araujo voltou a residir em Barbacena a 27 de outubro de 1921, sendo nomeado vigário forâneo da sua paróquia de Nossa Senhora da Piedade a 19 de março de 1923. A 11 de janeiro de 1923, foi êle agraciado por Sua Santidade o Papa Pio XI com as dignidades de monsenhor e de camareiro de honra da Corte Pontificia. Por essa ocasião foram-lhe tributadas excepcionais homenagens e as mais cordiais demonstrações de estima pelo povo de Barbacena.

Monsenhor Francisco Lopes de Araujo foi substituido no vicariato da paróquia barbacenense pelo padre Raul Coutinho, guardando, porém, os seus paroquianos a maior estima por êsse sacerdote exemplar, que possui as mais altas virtudes de ministro da religião católica e que sabe, na sua modéstia e na sua humildade, crescer no coração dos que o sabem um santo homem.

A S. Revma. se deve em grande parte a permissão do ensino religioso nos institutos de ensino público, iniciativa de alto alcance, pleiteada ao tempo em que era Presidente de Minas Gerais o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Monsenhor Francisco Lopes de Araujo foi ainda Vereador à Câmara Municipal, cuja presidência exerceu, tendo prestado relevantes serviços à coletividade barbacenense".

Em 24 de março de 1943, monsenhor Francisco Lopes de Araujo escreveu a Nestor Massena carta de agradecimentos pelo que publicou a seu respeito na *Cidade de Barbacena*, nestes termos:

"Caxambú, 24 de março de 1943.

Prezadíssimo Dr. Nestor Massena.

Deus nos guie sempre.

Muito grato por me haver colocado entre os *Barbacenenses de Prol.* O que se sente é que para isto foi preciso forçar à mão. Em todo caso, meus sinceros parabens por seu incontestável talento de historiador a ponto de surpreender os próprios biografados com suas acuradas pesquisas e datas. Aliás, seu formoso talento já enriquecido, fartamente, de tão largos e variados conhecimentos, vi-o, aqui no Parque, e com grande prazer meu, elogiado por um médico do Rio, Dr. Raul Hargreaves, que ainda assinalou a biblioteca ali frequentada pelo generoso amigo que é um de Prol entre os que mais o sejam.

Aqui não forço à mão. A prova está nesse interesse e fervor com que procura realçar sua terra, através de tantos trabalhos e esforços. Estou contente e agradeço ao Bom Deus por haver, o ilustre biografo, achado em mim alguma coisa que beneficie e não deslustre essa querida terra barbacenense.

Com a gratidão aí vai o abraço muito amigo de Monsenhor Francisco Lopes de Araujo."

Em abril de 1943, o padre José da Silveira Lobo tomou posse, como vigário efetivo, da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, que regeu duarnte cinco anos, tendo falecido em Conselheiro Lafaiete, sua terra natal, em 6 de janeiro de 1949. Em 18 de maio de 1943, inaugurou-se na Santa Casa de Barbacena, por iniciativa de sua Mesa Administrativa, o retrato do coronel Gelasio de Souza Pereira, em solenidade sob a presidência do capelão padre José Ferreira Gomes e com a presença do provedor José Campos Junior, tendo falado o professor José Alves Possas, que ressaltou os serviços prestados àquela instituição pelo homenageado.

Em 27 de maio de 1943, o padre Sinfronio Augusto de Castro escreveu *Razões dêste folheto,* prefácio a Bias Fortes, *traços biográficos,* de Nestor Massena. Em 1.º de junho de 1943, escreveu o padre Sinfronio Augusto de Castro *Argumento* sôbre os versos elegíacos de José Concesso Nogueira Campos no monumento a Crispim Jaques Bias Fortes. Em 26 de julho de 1943, a *"Cidade de Barbacena"* publicou *Barbacenenses*

de Prol — SINFRONIO AUGUSTO DE CASTRO, de NESTOR MASSENA. Em 1.º de dezembro de 1943, a *"Cidade de Barbacena"* publicou *Barbacenenses de prol* — PAULA BOISSEAU, de NESTOR MASSENA. Em 5 de dezembro de 1943, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publicou *Barbacenenses de prol* — JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA, de NESTOR MASSENA.

Em 13 de fevereiro de 1944, foi inaugurado, em Barbacena, pavilhão do Asilo Bom Pastor, fundado por SABINO JOSÉ FERREIRA. Em 12 de março de 1944, publicou COSTA RÊGO, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, sob a epígrafe *O libelo*, sôbre livro de GEORGES BERNANOS, que *"Le chemin de la Croix des Âmes*, com seu título inspirado pela colina brasileira (Cruz das Almas), onde o autor viveu horas trágicas e solitárias, propõe-se a decifrar o enigma do marechal PETAIN". Em março de 1944, o *Mensário* do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publicou *Barbacenenses de prol* — MANOEL RODRIGUES DA COSTA, de autoria de NESTOR MASSENA. Em 1.º de maio de 1944, a Conferência de Nossa Senhora das GRAÇAS, em Barbacena, comemorou as bôdas de prata da vida religiosa da irmã ANGELA DUARTE. Em 1.º de agosto de 1944, terminaram as Missões Redentoristas na primeira paróquia de Barbacena, tendo falado, em manifestação aos missionários, a senhorita ANITA COUTINHO e dizendo versos MARIA DA SILVA MAGALHÃES. Em 2 de agosto de 1944, tiveram início na segunda paróquia de Barbacena as Missões Redentoristas. Em 12 de agosto de 1944, foi inaugurado, em Ouro Preto, o Museu da Inconfidência, no qual foram recolhidas as religiosas da capela de Nossa Senhora do PILAR do Registro Velho, que pertenceram ao padre MANOEL RODRIGUES DA COSTA. Em 9 de outubro de 1944, a *Cidade de Barbacena* publicou *O Padre Mestre*, de RISORIO SILVA. Em 16 de dezembro de 1944, o *Diario Mercantil* de Juiz de Fora publicou *Tradições mineiras — Semana Santa em Barbacena*, do professor JOÃO MASSENA.

Em 25 de dezembro de 1944, realizou-se sessão civico-religiosa no Hospital Central de Alienados, em Barbacena, promovida pela Conferência de Nossa Senhora das GRAÇAS, tendo falado GELASIO DE OLIVEIRA PINTO. Nessa mesma data, realizou-se o Natal dos presos na cadeia de Barbacena, relizado por iniciativa de ZORAIDE MACHADO PEREIRA, esposa do delegado de polícia HAROLDO PEREIRA DA SILVA. Ainda neste ano de 1944, foi publicado o trabalho de GEORGES BERNANOS *Le Chemin de la Croix des Âmes* (*articles de guerre*, 1940-41), Editora Atlantica, Rio de Janeiro.

Em 4 de fevereiro de 1945, foi publicado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, *Instituto Missionário São Miguel*, na *Borda do Campo*, de JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA. Em 22 de fevereiro de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — D. Frei ANTONIO DE GUADALUPE, de NESTOR MASSENA. Em 25 de fevereiro de 1945, teve lugar a posse da irmã ANGELA DUARTE no cargo de primeira superiora da Casa de São VICENTE destinada exclusivamente ao tratamento de religiosas enfermas. Em 10 de março de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *carta da irmã* MARIA ROSITA DO CORAÇÃO DE JESUS (*O. P.*) a CONCEIÇÃO JARDIM, sôbre a Casa de São VICENTE. Em 20 de maio de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — MANOEL RODRIGUES DA COSTA, de NESTOR MASSENA. Em 4 de outubro de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — ANTONIO DE FARIA MOREIRA, de NESTOR MASSENA. Em 25 de dezembro de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — AGOSTINHO PITA DE CASTRO, de NESTOR MASSENA. Em 20 de dezembro de 1945, a *Cidade de Barbacena* publicou *Barbacenenses de prol* — ANTONIO PEREIRA HENRIQUES, de NESTOR MASSENA.

Em 9 de janeiro de 1946, a *Cidade de Barbacena* publicou, em *Barbacenenses de Prol*, de NESTOR MASSENA, dados sôbre os padres MANOEL DA SILVA LAGOINHA e MARCELINO JOSÉ FERREIRA. Em 2 de fevereiro de 1946, comemorou-se o cinqüentenário da fundação da Conferência de Nossa Senhora da PIEDADE de Barbacena na matriz da paróquia, conforme notícia da *Cidade de Barbacena* do dia 10 do mês. Em 20 de março de 1946, a *Cidade de Barbacena* publicou, na galeria dos *Barbacenenses de prol*, de NESTOR MASSENA, dados biográficos do padre JOSÉ JOAQUIM FERREIRA ARMOND.

O Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO é um dos *Barbacenenses de prol*, ao qual assim nos referimos:

"SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO tem no nome a indicação de sua ascendência como barbacenense, como sacerdote, como homem da maior fidalguia. Os CASTRO barbacenenses remontam aos PITA DE CASTRO, fidalgos portuguêses, dos quais dois sacerdotes, que vieram de Portugal para as Minas Gerais, na época em que o nosso ouro aguçava o espírito dos que sonhavam enriquecer-se no El-Dourado da nossa terra.

Nascido em Barbacena, a 26 de julho de 1881, SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO aí estudou as suas primeiras letras, até se habilitar à matrícula no seminário de Mariana para realizar o curso eclesiástico, que terminou quando à frente da diocese marianense se encontrava o santo d. SILVERIO GOMES PIMENTA, cujo episcopado, o nono dêsse bispado, se prolongou de 1897 a 1922. Começou êle o curso primário na escola particular da Professora LYDIA FERREIRA DE CASTRO, prosseguindo-o no "Colégio LEIRY SANTOS", que funcionava no grande prédio que mais tarde foi de proprie-

dade e residência de PEDRO MASSENA e é hoje sede do 9.º B. C. M., na Praça D. SILVERIO, ao lado da Igreja do ROSÁRIO. Terminou êste curso em 1891, iniciando o estudo de humanidades no "Colégio GONÇALVES".

Em 1893, o Bispo de Mariana, D. ANTONIO BENEVIDES, que tinha conhecido SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, quando de sua passagem por Barbacena, o acolheu debaixo de sua proteção, mandando-o buscar para matriculá-lo no famoso Seminário daquela cidade. Fez, com facilidade, os dois cursos — o de humanidades e o teológico.

Já iniciado na clericatura, como não tivesse idade canônica, em 1902, D. SILVERIO GOMES PIMENTA ordenou que SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO fôsse lecionar no célebre Colégio do Caraça, que gosava das regalias oficiais da equiparação, até a época de sua ordenação sacerdotal. Aí regeu a cadeira de português. E daí regressou êle a Mariana, a fim de receber as ordens sacras.

Terminado o curso do seminário de Mariana e tendo se ordenado padre, a 24 de janeiro de 1904. com 23 anos incompletos, por D. SILVERIO GOMES PIMENTA, no velho e tradicional seminário marianense, SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO regressou à terra natal, onde começou a exercer as funções do seu sacerdócio, impondo-se, desde logo, pelas manifestações de sua inteligência brilhante, cada dia mais evidente, à medida que se avolumava a cultura, hoje profunda, do ilustrado barbacenense.

SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO conquistou o justo renome de grande orador sacro pelas magníficas pregações e admiráveis sermões a que acostumou os seus conterrâneos. A sua estréia no púlpito de Barbacena foi o sermão do encontro, na festa dos Passos, em março de 1902. Não era êle, ainda, sacerdote, mas, em tratamento de saúde, achava-se na sua cidade natal, na Semana Santa daquele ano. O então Vigário — Padre ANTONIO CARLOS — pediu ao arcebispo D. SILVERIO GOMES PIMENTA licença especial para SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO pregar nessa ocasião, embora fôsse êle simples clérigo. Ao Bispo aprouve conceder-lhe a honra de pregador, em Barbacena, como simples candidato ao sacerdócio e até hoje se recorda o êxito fulgurante dessa estréia.

Capelão da igreja de Nossa Senhora do ROSÁRIO, o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO foi o primeiro a ser investido oficialmente nessa capelania. Êle prestou, como sacerdote, graciosamente, seus serviços religiosos ao Asilo de Órfãos, durante 17 anos, abrindo mão de qualquer benesse, em favor dos cofres dêsse instituto de caridade. Foi, também, êle, Provedor da Santa Casa de Misericórdia, no ano compromissário de 1923, havendo realizado uma administração brilhante e muito eficaz e útil ao progredimento dêsse instituto de caridade.

SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO tem, na existência leiga, o mesmo brilho da sua vida religiosa. Êle fulgurou no magistério como lente de lógica do Internato do Ginásio Mineiro, cátedra que ocupou desde que para ela nomeado, a 4 de outubro de 1910, empossando-se e entrando no exercício dela a 11 do referido mês. Essa cadeira passou a ser, pela lei estadual n.º 657, de 11 de setembro de 1915, de história da filosofia, psicologia e lógica. A 5 de março de 1926, foi o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO designado, por ato do secretário do interior do governo de Minas, para reger, no referido Ginásio, a cadeira de instrução moral e cívica e filosofia. Em 20 de julho de 1927, foi o professor SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO designado para substituir, no Ginásio Mineiro, o professor de latim, sendo-lhe confiada, por portaria de 29 de março de 1928, do secretário do interior de Minas, a regência da primeira cadeira de português do curso do mesmo estabelecimento, nela permanecendo até 31 de julho de 1930.

Tendo sido eleito deputado à Constituinte Mineira de 1935, o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO foi obrigado a interromper as funções de magistério, às quais regressou, em 1936, sendo, a 1.º de dezembro dêsse ano, removido, a pedido, para a segunda cadeira de português do Internato do Ginásio Mineiro, que ocupou até 11 de agosto de 1937, quando teve de exercer o mandato de deputado à Assembléia Legislativa Estadual de Minas Gerais. No exercício das funções políticas eletivas aqui aludidas o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO acresceu de novos louros a sua fama de orador de grandes recursos, de palavra fluente e castigada e de argumentação tempestiva e feliz. Segundo o *Estado de Minas* de 9 de julho de 1935, a sua oratória é "verdadeiramente notável, pela eloqüência e pela erudição".

A 4 de julho de 1941, foi o padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO aposentado como professor do Internato do Ginásio Mineiro, quando se achava no exercício da segunda cadeira de português do curso dêsse renomado estabelecimento oficial de ensino.

O padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, além de orador sacro e político que tantos louvores provoca, é, ainda, conferencista e escritor de invulgar merecimento. O seu trabalho sôbre a irmã PAULA BOISSEAU, evocando a figura dessa santa filha de São VICENTE DE PAULO, é mais do que jóia literária, é verdadeiro mimo. Essa sua vasta produção na imprensa local, na parte editorial dos jornais, como matéria de redação, está o dedo do gigante que a elaborou.

Do seu *Elogio fúnebre de D. SILVERIO GOMES PIMENTA, Arcebispo de Mariana,* que nada fica a dever à *Oração fúnebre de* D. ANTONIO FER-

REIRA VIÇOSO do padre dr. ROMUALDO MARIA DE SEIXAS BARROSO, monumental panegírico, modêlo de eloqüência sagrada proferida na Catedral da Baía em 5 de agôsto de 1875, deve-se recordar que lhe valeu da parte de FRANCISCO MENDES PIMENTEL a justa apreciação de que se revela aí "admirado fulgor tribunício, cujo sabor clássico lembra VIEIRA e recorda MONTALVERNE".

Ficou memorável na imprensa local uma polêmica, em 1921, que SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO manteve a respeito da Santa Casa, fundada pelos ARMONDES. Sustentou SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO que a autoridade eclesiástica tinha o direito de intervir nas cousas administrativas daquele estabelecimento de caridade e era contestado por advogados que denegavam tal direito. A polêmica, que foi elevada e agitou a opinião pública barbacenense, passou da imprensa aos tribunais, havendo conquistado o Padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO, que era prestigiado por D. SILVERIO GOMES PIMENTA, então Bispo de Mariana, brilhante vitória no Juizo local, confirmada, em recurso, pelo Tribunal da Relação.

ROGERIO DE ALCANTARA (VITO LEÃO), depois de referir-se a três "encantadores" de Barbacena, assim se referiu ao padre SYMPHRONIO DE CASTRO, cujo mérito como orador, como se vê, enalteceu com justiça:

Um que vale pelos três
— Padre SYMPHRONIO DE CASTRO...
E' nada menos que um astro,
Que na oratória se fez.

E vale por mais, talvez
Pois que leva no seu rastro
Muita estátua de alabastro
Sem valor para o burguês.

Ouvindo e contando histórias
E' uma alma das mais finórias
Que sabe onde põe os pés.

E, quando a "cousa" lhe agrada,
Dá uma "bruta" gargalhada ...
E, rindo ... vale por dez.

O padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO é, na Barbacena dos dias que correm, personagem excepcional como inteligência e como cultura. Os que o conhecem de perto não se cansam de admirar-lhe a cornucópia de sua produção magnífica. Ourives da palavra oral, ou escrita, criador das mais encantadoras jóias do espírito, nababo de riqueza intelectual, o

padre SYMPHRONIO AUGUSTO DE CASTRO cintila, na constelação das figuras brilhantes de Barbacena, como estrela de primeira grandeza, que nos esclarece com luz maravilhosa e ilumina com a mais pura luz".

Em 6 de janeiro de 1949, faleceu, em Conselheiro Lafaiete, sua terra natal, o vigário da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena padre JOSÉ DA SILVEIRA LOBO, a quem substituiu, como vigário interino, nos mêses que precederam e nos que seguiram a sua morte, o padre CICERO SALES, até que, depois da Semana Santa de 1949, assumiu a regência da paróquia, como delegado paroquial, o padre MÁRIO QUINTÃO, hoje seu vigario efetivo.

*
* *

Para concluir estas achêgas sôbre o clero católico em Barbacena inserimos aqui estas comoventes páginas do professor JOÃO MASSENA sôbre a religiosidade dessa maravilhosa terra:

"O SINO

Como está eivada e rouca a voz do sino grande, outrora intérprete fiel da alma popular, condensando, em Barbacena, as emoções da cidade e lançando-as para o espaço, em vastas vibrações sonoras. Não sei se me lembro bem, ou se me engano; mas naquele saudoso tempo antigo, o velho bronze possuía várias vozes: argentina e clara para os agitados repiques de festa, solene e grave nas badaladas lentas do crepúsculo, permanentes, longamente, no ar, reondulando e gemendo.

Na hora melancólica do anoitecer, quando, na amplidão, a luz diurna lentamente ia morrendo e, ao longe, por montes e por vales, os campos adormeciam, de certo era grato ao homem da cidade e, talvez, muito mais ainda, escutar aquêle mensageiro infalível a relembrar aos crentes, sempre à mesma hora, o consolador mistério da incarnação, prometendo-lhes, ao mesmo tempo, algumas horas de repouso e de paz. Mas, nos grandes dias, nas solenidades da Paixão, aquela voz épica e grandiosa se fazia, voando para os céus em dobres funerários, em prolongados clamores de agonia.

Até hoje, ninguém soube explicar-me o motivo exato de fender-se o metal robusto do sino grande. Mas, se eiva existiu, ou existe, ela se formou, sem dúvida, durante alguma daquelas tremendas comoções. Ouvin-

do-as, a alma da gente simples estremecia. E, dos bairros mais humildes, dos recantos mais esquecidos, dos campos mais afastados, partiam todos para o centro da cidade, onde iam encontrar as ruas e as igrejas tapetadas de folhagem, rescendendo a incenso e a rosmaninho. Às vêzes, das ruas centrais partia movimento em sentido inverso. Muitas famílias se dirigiam para os campos circunvizinhos, onde iam procurar o carapiá, plantinha rasteira e humilde, que se esconde por entre as outras ervas e cujas raizes aromáticas passavam por adquirir propriedades curativas, quase miraculosas... se procuradas, achadas e colhidas em qualquer daqueles dias solenes.

E, dêsse modo, a cidade inteira não tinha outro pensamento a não ser o pavoroso drama no Calvário. As fisionomias andavam severas e compungidas, as conversas earm discretas e ponderadas. Muita gente de prol vestia luto. Nas horas mais trágicas daquela tremenda evocação, quando, no Calvário, o crime inominável se consumava, evitavam-se os rumores desnecessários; o próprio sino se calava em prolongados silêncios de desolação e de morte. Muitas senhoras paravam as pêndulas dos relógios, no receio, ingênuo e caridoso, de que, oscilando, as suas pancadas pudessem repercutir nas chagas doloridas do Salvador. Apenas se ouvia, então, a voz desconcertada das matracas, simbolizando, na interpretação imaginosa do povo, o riso diabólico dos fariseus. Era êsse, aliás, nome horrível e detestado por tôda aquela boa gente de outrora, em cujo meio não seria possível encontrar um exemplar sequer da referida raça de víboras. Todos sabiam haver JESUS criado a formidável imagem dos sepulcros caiados para aquêles infelizes.

Mas, tudo isso são cousas do passado. O velho sino, certamente, ainda soa: se, porém, todos o ouvem, ninguém, hoje, o escuta. As mulheres, agora, já não imobilizam mais as pêndulas dos relógios. Nem mesmo fazem parar o rádio, que, pela centésima vez, está repetindo brejeira canção. O rosmaninho desertou dos campos, o carapiá anda, inteiramente, esquecido e, como droga, perdeu todo o valor para a crendice popular e toda a poesia dessa crendice. Agora, só aparece, prosaicamente, nas páginas da nossa atual farmacopéia.

E, assim vão desaparecendo as nossas velhas usanças, as nossas antigas tradições: o congado, as cavalhadas, as vésperas de Reis, o bando do circo de cavalinhos, com o palhaço e os artistas montados e em roupas de meia, a se exibirem pelas ruas. Também desapareceu o teatrinho de

amadores, onde os rapazes menos feios, depois de bem barbeados, com vestidos de cauda e cabelos em coque, revivendo as jovens e infelizes amorosas dos dramalhões antigos, faziam chorar as platéias ingênuas do meu tempo.

Tudo passa, tudo morre, tudo esquece. Ao rosmaninho acho, apenas, uma fugitiva referência nas *Memórias* de ALBERTO DINIZ. Quanto ao congado, o inspirado poeta MACIEL DE OLIVEIRA se refere, pouco mais longamente, nas seguintes linhas: "As noites de congada, com o rei, a rainha e o príncipe... Vestiam trajes bizarros, cruzavam espadas, cantavam fúnebre e dansavam o congo, pulando, revirando, ágeis e emocionados".

Tudo passa, tudo morre, tudo esquece."